



O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau

Gaspar Barléu

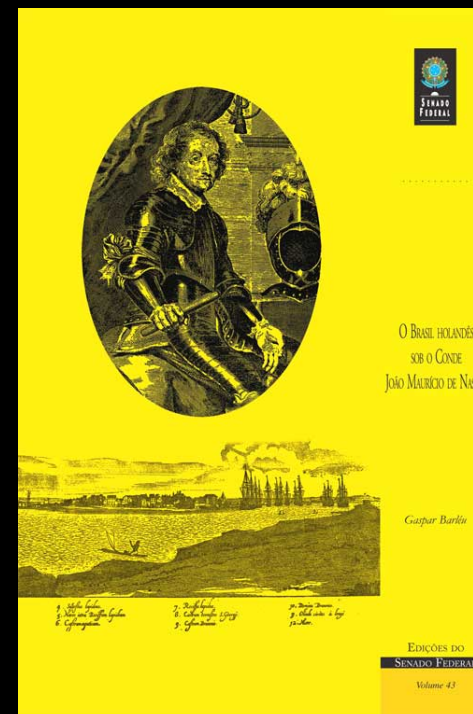
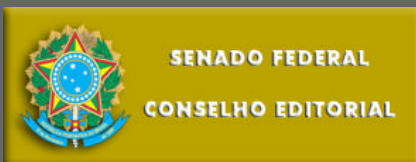
Biblioteca Básica

Classicos da Política

Brasil 500 anos

Memória Brasileira

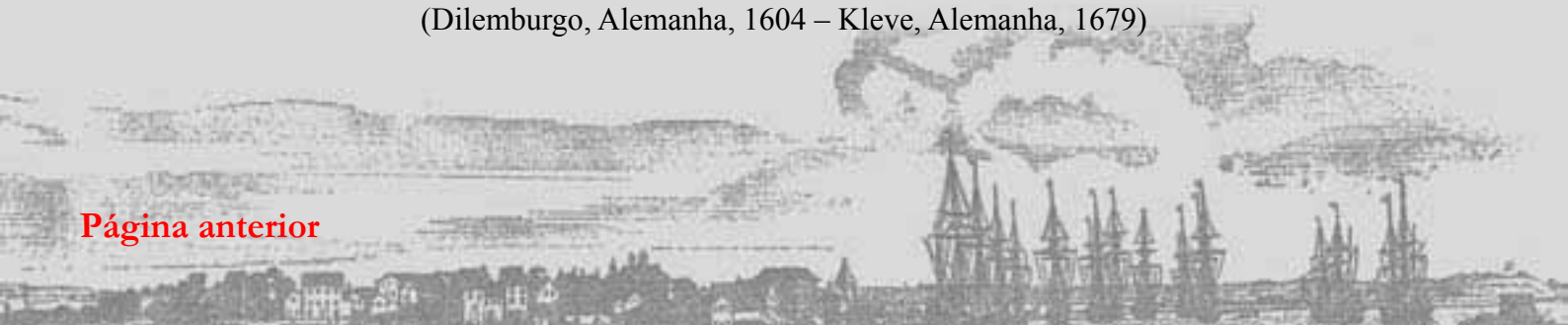
O Brasil Visto por Estrangeiros



Para visualizar esta obra é necessário o acrobat reader 4.0.
Se você não possui esta versão instalada em seu computador,
[clique aqui, para fazer o download.](#)



Johann Mauritius van Nassau-Siegen,
dito João Maurício de Nassau
(Dilemburgo, Alemanha, 1604 – Kleve, Alemanha, 1679)



.....

O BRASIL HOLANDÊS
SOB O CONDE
JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU



Mesa Diretora
Biênio 2003/2004

Senador José Sarney
Presidente

Senador Paulo Paim
1º Vice-Presidente

Senador Eduardo Siqueira Campos
2º Vice-Presidente

Senador Romeu Tuma
1º Secretário

Senador Alberto Silva
2º Secretário

Senador Heráclito Fortes
3º Secretário

Senador Sérgio Zambiasi
4º Secretário

Suplentes de Secretário

Senador João Alberto Souza
Senador Geraldo Mesquita Júnior

Senadora Serys Slhessarenko
Senador Marcelo Crivella

Conselho Editorial

Senador José Sarney
Presidente

Joaquim Campelo Marques
Vice-Presidente

Conselheiros

Carlos Henrique Cardim
João Almino

Carlyle Coutinho Madruga
Raimundo Pontes Cunha Neto

.....
Edições do Senado Federal – Vol. 43

O BRASIL HOLANDÊS SOB O CONDE JOÃO MAURÍCIO DE NASSAU

HISTÓRIA DOS FEITOS RECENTEMENTE PRATICADOS
DURANTE OITO ANOS NO BRASIL E NOOUTRAS PARTES
SOB O GOVERNO DO ILUSTRÍSSIMO JOÃO MAURÍCIO
CONDE DE NASSAU, ETC., ORA GOVERNADOR DE
WESEL, TENENTE-GENERAL DE CAVALARIA DAS
PROVÍNCIAS-UNIDAS SOB O PRÍNCIPE DE ORANGE

Gaspar Barléu

Tradução e notas de Cláudio Brandão



Brasília – 2005

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

Vol. 43

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância relevante para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país.

Projeto gráfico: Achilles Milan Neto

© Senado Federal, 2005

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – Brasília – DF

CEDIT@senado.gov.br

[Http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm](http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm)

.....

Barléu, Gaspar, 1584-1648.

O Brasil holandês sob o Conde João Maurício de Nassau: história dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o governo do Ilustríssimo João Maurício Conde de Nassau, etc., ora Governador de Wesel, Tenente-General de cavalaria das Províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange / Gaspar Barléu ; tradução e notas de Cláudio Brandão. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

432 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 43)

1. Domínio holandês no Brasil (1624-1654). 2. Holandeses no Brasil.
3. Brasil, descrição. 4. Usos e costumes, Brasil. 5. Nassau, Maurício de,
1604-1679. I. Título. II. Série.

CDD 981.03121

.....

.....



OLAUREIS que, na parte superior, encerram no centro os leões,¹ quiseram assim aludir ao seu titular.

Fulge, de um lado, a coroa mural, que se confere em recompensa das portas entradas; do outro, adorna, por cima, os esporões dos navios o prêmio com que se honram as vitórias navais.

A virgem pernambucana mira os seus olhinhos, e, graciosa, ergue a mão, a qual segura uma cana.

Próxima, a fecunda Itamaracá exhibe os seus nectários racimos e os magníficos dons do próprio solo.

Junto a ela, a Paraíba põe nas formas o dulcíssimo açúcar e o torna grato aos povos.

O avestruz, errante habitador do Rio Grande, foge correndo, e falsamente imagina que se lhe dá de comer.

Destarte se ufana o Novo Mundo com os brasões batavos, e, sob o governo de Maurício, floresce-lhe a gleba feraz. As gentes que a terra distingue defende-as um só chefe. E a Nau de Marte sulca as águas ocidentais, fazendo conhecidos os seus mercantes e os senhores do mar.

Em frente pasma-se o Sol ante as armas, ainda que violentas.

Tu, Sergipe, pões em face de tuas moradas as flamas de Febo, e sozinho queres ser chamado de el-Rei.

Teus são, Iguaçu, os caranguejos.

¹ Da casa de Nassau.

*A ti, Porto Calvo, aprazem os cimos: ali estás sobranceiro, ó tu,
que deves ser temido daquelas cumeadas.*

O género escamígero mergulha-se nas rédeas das Alagoas.²

Contra Serinhaém relincha o belicoso corcel.

*Crava a âncora na areia os dentes entravados e quer se nos dêem ali
reinos diuturnos.*

*A bússola aponta o Ocidente, mas não olha para o Levante. Por
quê? Porque reina cada um em plagas distintas.*

*A fama, que vês soprar os clarins e as tubas, mostra não o esforço
mas o ar de quem apregoa tão grandes cousas.*

G. Barléu

² Metáfora forçada e deselegante para significar que os feixes figuram no brasão das Alagoas.



.....

A O muito ilustre

Conde João Maurício de Nassau,
ex-Governador supremo do Brasil holandês, etc.

Aqui vos ofereço, ilustríssimo conde, o Brasil engrandecido pelas vossas armas. Se ele pudesse falar e firmar convosco um tratado, por si mesmo se entregaria a vós, que, com insigne galhardia, defendestes e exaltastes a Holanda e enchestes a Espanha com a fama e o temor da guerra por vós dirigida. Vingando uma, fostes o terror da outra e o assombro de ambas.

O que nem esta nem aquela podem fazer, fá-lo-ei por uma e outra, escrevendo uma história na qual nem serão esquecidos os feitos praticados, nem omitido o autor deles. Os escritores antigos que transmitiram à posteridade fatos dignos de atravessar os séculos não transpuseram os términos do Velho Mundo. Nós, audazes, buscamos convosco um mundo que, apartado de nossas plagas por um oceano inteiro, parece ter a Natureza guardado e escondido para honra vossa e glória da casa de Nassau. Atenas, Lacedemônia, Cartago, Roma, o Lácio, as Gálias e Germânia constituem o assunto dos escritores gregos e romanos. Olinda, Pernambuco, Mauriciópole, Itamaracá, Paraíba, Luanda, S. Jorge da Mina, o Maranhão, nomes desconhecidos dos antigos, serão o nosso tema. Os beligerantes de então eram os assírios, os persas, os gregos, os macedônios, os italianos, os cartagineses, os gauleses, os que-ruscos. Os de agora são os tapuias, os mariquitos, os potiguares, os caribas, os chilenos, os peruanos. No Brasil não se combate apenas entre gentes diversas, mas também entre dois continentes. Outrora o Reno, o Istro, o Ródano, o Indo, o Ganges foram testemunhas de grandes acontecimentos. Agora são os

rios Maranhão, da Prata, de Janeiro, dos Afogados, de Porto Calvo, Capibaribe, Beberibe. Não conheceu Políbio mulatos, nem Lívio patagões, nem Tácito angolenses, nem Floro mamalucos, nem Suetônio ou Justino negros. Estes nomes, porém, aparecem na nossa história. Os soldados descritos por esses historiadores iam para a guerra vestidos ou coiracados; os guerreiros de que trato vão combater até mesmo nus. Aqueles causavam terror com os seus dardos, broquéis, sarissas, bipenes e carros falcatos; os meus são temíveis pelo arco e pela clava. Aqueles mostravam o seu esforço com os assédios e com as máquinas de ataque e de defesa; estes, pelejando só com as mãos, carecem de tais cousas. Outrora os romanos venceram os lusitanos junto ao Tejo; hoje estes são no ultramar os irmãos e os aliados dos romanos.

É novo quanto se me oferece à pena: o céu, o solo, os povos, os seus costumes, a sua alimentação, as suas armas.

Afiam os bárbaros a espada contra uma raça capaz de disciplina e de costumes puros. Ela resiste a esses homens ferozes, que não somente renunciaram a humanidade, mas também intentam destruir o homem habitador dos palmares e com ele os próprios sentimentos de humanidade.

Indo para tão longe da morada da virtude, engrandecestes a vossa virtude, sendo brando entre cruéis, civil entre agrestes, manso entre sanguinários, piedoso entre ignorantes da verdadeira piedade. Fizestes fora da Pátria o que antes nela praticastes: tomastes armas em favor da Religião, da Pátria e da Igreja, da salvação dos homens e dos interesses do comércio, assim procedendo, numa e noutra parte, para a glória das Províncias-Unidas. Mostrastes-vos soldado contra os mais valorosos dos espanhóis: Bagnuolo, conde da Torre, Barbalho, Meneses, astros que surgiram no Ocidente. Não desligastes os vossos exércitos da lei, da disciplina e da ordem, mas, a exemplo dos vossos maiores, os mantivestes zelosamente nos limites do direito.

Éreis luz no reino das trevas, compatriota entre estrangeiros, guia entre os transviados, e, no meio de povos tão diversos, fostes para todos o mesmo senhor.

Com Marte que ia domar a terra levastes Cristo para domar as almas, e entre tantas vitórias que meditáveis incluiu-se a que dos erros alcançastes. Demonstrastes com brilho a vossa heroicidade e a vossa perícia militar: de tantos Nassaus que na pátria provaram sua valentia contra o inimigo, de tantos parentes conspícuos nas campanhas européias, fostes vós o primeiro que se animou a levar a guerra para além dos mares e a investir no inimigo no

seu próprio território. Certo aprendestes dos antigos estes planos estratégicos. Deles usaram os romanos contra os macedônios, Aníbal e Antíoco contra os romanos. Todos estes julgavam nada fariam de memorável, se não transportassem para outro lugar a violência da guerra. Os grandes capitães, encerrados nos estreitos confins da pátria, buscam de ordinário espaço mais amplo fora dela para ostentarem a sua bravura e mérito. Seguindo-lhes o exemplo, fostes no Novo Mundo qual Metelo nas Gálias, Mário na África, na Germânia Druso e na Panônia Trajano. Assim como estes inscreveram em suas colunas os triunfos contra os estrangeiros, assim também vós haveis de gravá-los nos ânímos e nos fastos da Holanda.

Há muito já conhecem os americanos os nomes e os títulos da vossa família, mas não tinham ainda recebido a nenhum dos Nassaus, e assim devia ser para que no Brasil vos tornásseis conhecido, não pelas narrações dos outros, mas pessoalmente e por vossas ações belicosas. Onde vós mesmo construístes fortalezas e cidades, onde vencestes os inimigos, aí deixastes impresso o nome de Maurício, merecendo sozinho, entre tantos heróis da vossa casa, o cognome de Americano. No correr das lutas, quando chegava a poderosíssima armada espanhola, edificastes, mostrando que não vos retiráveis inconsideradamente por temor do adversário e que não desesperáveis de salvar a república. Destarte, reconheceriam os antropófagos, vendo Friburgo e Boavista, o fausto de Nassau e a residência de tão ilustre personagem. De vossa indústria falarão as maravilhosas pontes lançadas por sobre os rios para a utilidade e a segurança públicas. Porto Calvo, Ceará, as costas de Itamaracá, da Paraíba, do Rio Grande, Luanda, Guiné, Maranhão, todas estas regiões, sabedoras das batalhas navais e terrestres travadas sob vós, proclamarão o vosso valor militar.

Por outro lado, serão testemunhas da vossa piedosa e prudente moderação povos discordes na religião e na polícia. Os governadores das cidades e províncias vizinhas louvarão a vossa equidade no território inimigo, e os estrangeiros exaltarão vossa clemência e humanidade.

Quando, após alguns séculos, os indígenas, o português e o bárbaro virem, por todas as províncias, os brasões que lhes destes; quando virem os domínios holandeses por vós dilatados e engrandecidos, hão de memorar o poder, a prudência e a felicidade do General. Quando, nos desertos de Copaoba, divisar o caminheiro as insígnias da Companhia suspensas em cipós e lápides, há de admirar a indefesa atividade do Administrador estrangeiro e os cometi-

mentos de um povo que penetrou em paragens ínvias, levado pela avidez do ganho. Quando os silvícolas, pejando-se de se ver nus entre os nossos, se vestirem, agradecerão ao recato dos vossos europeus os véus com que se resguardava o primitivo pudor.

A própria Olinda, cidade outrora linda no nome e no aspecto e ora afeada com o entulho de suas ruínas, achou, na sua grande calamidade, motivo de gratular-se consigo mesma: não podendo manter-se ereta e incólume, por terem-na arruinado as vitórias alheias, foi brandamente tratada pela vossa comiseração. Vendo-lhe, de contínuo, o lamentável infortúnio, condoestes-vos da sorte de tão ínclita cidade. Confronte-se o aspecto de Olinda caindo e de Mauriciópolis surgindo em vossa honra: não se hesitará em decidir qual dos dois espetáculos é mais deleitável. Se é de lamentar o tomarem-se armas contra os sagrados penates, decerto será grato e louvável o haverdes construído templos para Deus e casas para os cidadãos, primeiro, para o vosso amor refletir-se no próprio Criador; segundo para alcançar ele também os homens, imagem do mesmo Deus.

Assim, com umas virtudes intimidastes os vossos inimigos e com outras ganhastes os vossos concidadãos, granjeando daqueles uma glória imensa e destes um afeto e bem-querença geral. Encontrastes o meio-termo entre os inimigos e os nossos, entre os ferozes e os brandos para honrardes com a doçura batávica aqueles que vencestes com o denodo batávico.

Direi em resumo: chegando ao Brasil, reerguestes o que estava derruído, corrigistes o que estava viciado, reavivastes o que estava morto. Tornando para a Pátria — clama-o a realidade —, parece, a um só tempo, ter o Conselho perdido o seu defensor, o povo um pai, a república a ordem, as leis um guarda, a piedade um exemplo, o holandês o respeito, o português a lealdade.

Oferecendo estas páginas aos vossos olhos, faço reviver os serviços por vós prestados gloriosamente à Republica e à Companhia das Índias Ocidentais; sujeitando-as ao julgamento dos holandeses, impetro da estima que vos consagram um prêmio para o vosso esforço; entregando-as ao juízo dos estrangeiros, convencerei da fortuna e dos prospérrimos sucessos da guerra os que não forem de todo injustos; submetendo-as à Companhia e aos seus prudentes Diretores, mostro-lhes as causas que lhes alcançaram, no aparato de tantos cometimentos, bastante glória marcial e menor soma de proveitos.

Acolhei sob o vosso patrocínio o escritor, apesar de ter ele escrito com tão remisso espírito o que praticastes com tão vigoroso ânimo. Concedei à ver-

dade, concedei a esta história serenidade, pois toda ela trata de vós, toda é dedicada ao vosso preclaro nome. Recebei-a. Ela se funda mais no testemunho e na fé alheia do que na minha: vacilará, quando a inveja, a perversidade, a credulidade argüirem de mentira as bocas e os olhos daqueles que governastes, daquelas pelos quais lutastes e até mesmo dos inimigos que vencestes.

Amsterdã, 20 de abril de 1647.
De Vossa Excelência ilustríssima
venerador humilimo
Gaspar Barléu



SERIES TABULARUM

Quibus quae que locis inferi debeat

1 - Ciriui.	27	30 - Fl. Grandis.	179
2 - Parnambucum.	31	31 - Sinus omnium Sanctorum.	187
3 - { Parnamb. Et Tamarica.	42	32 - Sinus omnium Sanctorum.	193
4 - { Parayba et Rio Grande.	43	33 - Insula Antonij Vazij.	201
5 - Classis navium qua hinc discessit Comes Mauritius praefectus.	55	34 - Arx Principis Guilielmi.	207
6 - Praelium prope Portum Calvi.	63	35 - { Mauritipolis.	218
7 - Portus Calvus.	71	35 - { Reciffa.	219
8 - Obsidio et expugnatio Portus Calvi.	75	36 - Cap S. Augustini.	225
9 - Civitas Olinda.	83	37 - Caput S. Augustini.	227
10 - Olinda.	85	38 - Friburgum.	237
11 - Garazu.	91	39 - Friburgum.	241
12 - Serinhaim.	97	40 - Mauritiopolis Reciffa et circumiacentia castra.	249
13 - Civitas Formosa Serinhaemensis.	99	41 - Boavista.	255
14 - Pagus Alagoae Australis.	105	42 - Primum Praelium Navale.	263
15 - Alagoa Australis.	107	43 - Secundum praelium.	269
16 - Castrum Mauriti.	113	44 - Tertium praelium.	279
17 - Castrum Mauriti ad ripam A. S. Franc.	115	45 - Quartum praelium.	283
18 - I. Tamaraca.	123	46 - Incendia molarum.	293
19 - Insula Tamaraca.	125	47 - Loanda. S. Pauli.	{ 298
20 - Castrum Mina.	131	48 - Loanda.	{ 299
21 - Castrum Minae.	139	49 - Insula Thomae.	305
22 - Arx Nassovij.	147	50 - Vrbs S. Thomae.	313
23 - Arx Nassovij.	149	51 - Maragnon.	329
24 - Siara.	157	52 - Vrbs S. Lodovici.	339
25 - Arx in Siara.	159	53 - Arx Montis Calvariae Regnum.	343
26 - Fl. Parayba.	165	54 - Chili.	351
27 - Ostium fluminis Parayba.	167	55 - Classis quae in Patriam Comitem revexit.	353
28 - Parayba.	169	56 - Dillenburgum.	361
29 - Castrum Ceulianum, Rio Grande.	177		367

HISTÓRIA DOS FEITOS PRATICADOS NO BRASIL,
DURANTE OITO ANOS, SOB O GOVERNO DO
ILUSTRÍSSIMO CONDE JOÃO MAURÍCIO DE
NASSAU, ETC., EX-GOVENADOR E
CAPITÃO-GENERAL DE TERRA E MAR ALI
E ORA TENENTE-GENERAL DE CAVALARIA
DAS PROVÍNCIAS-UNIDAS DA HOLANDA,
SOB O PRÍNCIPE DE ORANGE,
E GOVERNADOR DE WESEL,
POR GASPAR BARLÉU

.....

D

ESDE que o espanhol se tornou inimigo nosso e os Estados-Gerais das Províncias-Unidas se insurgiram contra os Filipes, com fortuna vária tem-se batalhado, animosa e diuturnamente, na terra e no mar, dentro da pátria e fora dela, sob o comando de mais de um general, entre a esperança da liberdade e os riscos da servidão.

Guerra
holandesa

As causas desta guerra, expostas por tantos autores,^{1*} são assaz conhecidas, diferindo nuns e noutros, segundo as suas simpatias partidárias. O ânimo apaixonado dos homens leva-os a culpar das calamidades públicas aqueles a quem odeiam, julgando idênticos os princípios e as causas das guerras. Muitos, por ignorarem o poderio dos Países-Baixos, consolidado por privilégios reais,² emitem juízos pouco justos. Ao rei não faltaram pretextos para atacar à mão armada a República, tomando à má parte, sob calor de rebelião, os fatos ocorridos. Aos neerlandeses não faltaram razões e coragem para repelir as hostilidades de ódio contra os dominadores e vingando a liberdade, pois, ofendida esta, se tornam agastadiços e valentes.

Causas

A extensão e violência da guerra envolveu não só os Países-Baixos, mas também a Alemanha, a França, a Inglaterra, a Espanha e alguns lugares vizinhos, enfim a Europa quase toda, até que, aumentado o seu furor, desencadeou-se nos confins da Ásia, nas costas da África e no Novo Mundo. É mau costume dos príncipes o descurarem-se de atalhar os males nascentes, porque, medrados, mal o podem e, inveterados, desesperam de o conseguir.

Extensão

A fama desta guerra perdura em todas as partes por onde ela se estendeu.

Fama
Duração

* As notas do tradutor, de números 1 a 363, encontram-se arroladas a partir da pág. 385. (Nota do editor.)

A sua diuturnidade resulta dos seus próprios motivos. Insistindo o rei em recuperar o que perdeu, nós nos defendemos; usou de violência, nós o repelimos. Desde os primeiros levantes, tem-se prolongado a luta até hoje, sem esperança de fé ou de concórdia, a não ser que as tréguas dos doze anos³ tenham concedido descanso às armas e às animosidades. Duram, assim, ainda mesmo além do perigo, os ódios oriundos do descanso da liberdade oprimida e não cessam, nem depois de desaparecidos, os primeiros opressores.

Direito O direito desta guerra baseia-se todo nas leis pátrias e nos forais régios. Violados eles, esta República de tantos séculos, a exemplo dos nossos maiores, que tomaram arma contra os romanos, depôs o rei e declarou-lhe guerra, tanto mais honrosamente quanto parecia não só legítimo e necessário, mas também glorioso, defender a Pátria, a liberdade, a vida e a fazenda dos cidadãos, coisas que os homens julgam superiores a tudo.

Virtudes e vícios Durante esses tumultos dos Países-Baixos, andaram de mistura com grandes e assinaladas virtudes vícios iguais: os furores populares com o zelo da piedade e da religião, a soberba dos espanhóis com o amor ao seu rei, a licença com a liberdade, o desprezo das prerrogativas reais com o respeito da realeza, a impiedade e a beatice com a unção religiosa, a perfídia com a lealdade pública, a ferocidade infrene da soldadesca contra as coisas divinas e humanas com a bravura e a disciplina militar.

Generais Foi grande a influência dos generais: usando uns de alvitres astutos, outros de conselhos ferozes, estes de sugestões mais brandas, ou promoveram ou prejudicaram os interesses do seu rei. A principal força das Províncias-Unidas procedeu da ordem, da disciplina, do dinheiro, das alianças com os príncipes vizinhos e da fidelidade, prudência e galhardia dos capitães nassóvios. Com tais auxílios, mostraram-se os neerlandeses terríveis para os inimigos, e, entre os assombrosos infortúnios da nação em luta, deram a segurança e tranquilidade aos seus compatriotas.

Períodos da guerra No primeiro período da contenda, a situação da República foi de abatimento e de opressão, sob o despotismo do Duque de Alba. Enviado com poderes tirânicos, sendo ele próprio um tirânico, proclamava que tinha ordens do rei para encarniçar-se contra a vida e os bens da nobreza e da burguesia. Além disso, cercando-se só com o terror inspirado pela sua ferocidade, mandou-se representar pisando os nobres numa estátua insolente e indigna,⁴ e provocava, com sua antipática jactância, um renome odioso e o castigo do destino.

No segundo período, ressurgia a nacionalidade e de novo se agitava sob o príncipe Guilherme de Orange, cujas façanhas em favor dos aflitíssimos neerlandeses ainda não lograram exprimir os engenhos dos mais ilustres escritores. Sob este e o filho, herdeiro do posto paterno, hesitava a sorte sobre quem nos

daria por soberano, pois recusavam os reis o poder que se lhes oferecia⁵ e incitavam ao frenesi homens desesperados e quase vencidos simultaneamente pela fortuna e pela potência dos inimigos. Buscou-se fora quem assumisse o regimento da nascente república e não se pôde encontrar, tornando-se manifesta a doutrina de ser a autoridade outorgada por determinação divina e não humana.

As forças dos insurretos, a princípio exíguas, circunscreveram-se de preferência nos limites de Holanda e de Zelândia, verificando-se logo adesão de Guéldria, Over-Issel, parte da Frísia e toda a Groninga, até que ocuparam com fortes guarnições certos pontos do litoral do Brabante e também de Flandres. Assim, o povo, pronto para acelerar os seus triunfos, mostrou a sua força e, protegido por Deus, se engrandeceu mais do que o poderá crer a posteridade.

Guerra
doméstica

No terceiro, a República, robusta e triunfante sob os ínclitos irmãos Maurício e Frederico Henrique,⁶ príncipes de Orange, não somente se defende, mas leva também as armas para fora de suas fronteiras. Dilatando por toda a parte o nosso território, como por um fluxo crescente da fortuna, expulsando exércitos, ferindo prosperamente tantas batalhas, tolerando heroicamente tantos cercos, pondo outros mais heroicamente ainda, já livres dos temores domésticos, levamos nossa bandeira e nossas esquadras à Espanha, à África, ao Ocidente e a um mundo ignorado dos antigos, e, desta sorte, revidamos ao rei a guerra que nos fizera. Através de vastos reinos estrangeiros, divulgou-se o nome dos Estados-Gerais; construíram-se cidades e fortalezas, de um lado nas regiões da Aurora, de outro sob os tálamos de Febo; gravou-se o nome dos Oranges e dos Nassaus nas ilhas, nos promontórios, nos litorais, nos fortes, nas cidades; reduziram-se a províncias os países bárbaros; despojaram-se dos tesouros asiáticos e americanos as naus espanholas, que foram queimadas diante das próprias costas do Brasil. Revelara-se-nos, enfim, o segredo da dominação: podermos vencer o Ocidente. Já deixava de ser verdade o que de Roma escrevera outrora Dionísio Halicarnásseo: ter sido a primeira e a única que fez do Oriente e do Ocidente o término do seu poderio. Chegamos, de feito, aos tempos em que vemos, felizes, o sol, testemunha de tantas vitórias, não ter ocaso também nos nossos domínios.⁷ Demos um exemplo mais eloqüente que os dos antigos e enumerado entre as maravilhas da nossa época: um povo envolvido em tantas guerras, apenas com o dinheiro de alguns particulares, como que cotizados para a ruína do inimigo comum, vexar e abater um rei poderosíssimo numa guerra dupla, em partes do mundo separadas por todo um hemisfério, para igualar hoje a extensão do império holandês quase com a redondeza da Terra.

Guerra
externa e
ultramarina

Guerra
dupla

Poderia, sem dúvida, a nossa bravura cingir-se à necessidade de se defender, contentando-se com os limites costumados do

Causa da
navegação
para a Índia

oceano. Entretanto, vedada por ordens régias a navegação dos nossos compatriotas para a Espanha e, depois, para o Oriente, começou ela a estender-se mais. E esta raça criada entre as águas, como se partisse o freio imposto à sua ambição, demandou as plagas longínquas do orbe, ainda mesmo usurpando vias que a Natureza negou ao homem.

O espírito mercantil, frustrado na esperança do ganho, acirra-se e incita-se com os próprios perigos. Pensava-se assim: que não é lícito, por uma lei pessoal dos soberanos, impor servidão ao mar, franqueado a todos; que se carecerá no país das coisas necessárias, se não se forem buscar a outras partes; que ainda mesmo na Índia engendra o Criador produtos úteis aos neerlandeses; que são sempre mais altos os preços das mercadorias vindas de longe; que, estabelecido o comércio com o Oriente, seria de proveito ir-se ter às terras inimigas; que, com a nossa navegação, se arruinaria a opulência do rei da Espanha; que, ocupado ele em outros lugares, ficaria mais quieto no seu reino e, assim, o bom nome do povo holandês se espalharia amplamente entre os estrangeiros, e o do rei seria verberado.

Dos exemplos alheios tinham aprendido os holandeses a descobrir mundos novos com o auxílio das naus e a levar a povos distantes e vivendo sob outros céus a religião, as riquezas, as leis, os bons costumes e a polícia.

Causas justas e equitativas A liberdade comercial foi sempre o baluarte de uma grande potência. Com ela cresceram os tírios, os cartagineses, os persas, os árabes, os gregos e os romanos. Por isso, os nossos navios mercantes, comboiados pelas nossas armadas, navegavam primeiro para o Oriente, depois para o Ocidente, fundando fora da Europa, como que dois impérios, sustentados por duas companhias. O holandês tentou no Oceano derrotas tanto mais extensas quanto mais enclausurado se sentia nas acanhadas fronteiras de seu país, espalhando o seu tráfico e poderio por toda a parte onde brilha o sol. Discutiram os castelhanos e os portugueses se era isso jurídico, como se, após as batalhas e a guerra, houvesse lugar para as leis e para as incertas controvérsias dos jurisconsultos. Não obstou a tais empreendimentos nem a doação feita pelo papa Alexandre VI aos portugueses e aos espanhóis, pois é permitido a alguém ser liberal do seu e não do alheio; nem a prescrição aquisitiva, inaplicável às coisas pertencentes a todo o gênero humano; nem o descobrimento, o qual foi para nós tão justo contra os portugueses quanto o foi para estes contra os índios. Fomos para onde nos chamava o direito natural e o das gentes e a carência mútua de produtos, porquanto o ganho é poderoso incentivo para se tentarem os mais arrojados cometimentos. Uma plebe faminta e desprovida dos regalos e comodidades da vida ignora o que é temer: o desejo de ter e de dominar impele a coragem humana aos mais arriscados lances. Por onde abre caminho a cobiça das riquezas, por aí também o abre a ambição do mando; onde encontra aquela a sede da sua mercância, acha esta

a da sua dominação. É fato antigo que são renhidas e certas as lutas onde são mais crescidos os despojos e os lucros.

É parecer das pessoas sensatas que péssimos conselheiros ouviu o rei, quando proibiu aos holandeses o acesso à Espanha e às Índias. Sempre lhes foi fácil tolerar os medidores da terra, mas nunca os do mar. Portanto, propelidos pela necessidade, rumaram para donde as incertezas do mar, as distâncias imensas e mais ainda a novidade do tentame os dissuadiram de ir, para trazerem eles mesmos as mercadorias que estavam acostumados a comprar, primeiro aos venezianos e depois aos espanhóis e portugueses. Alegavam-se exemplos da idade antiga e da moderna, nos quais se mostrava haverem sido perniciosos aos imperantes os mares fechados e o tráfico dificultado, pois a audácia e o desespero não respeitam semelhantes obstáculos e franqueiam aos navios a entrada nos portos. Aos cretenses, senhores do mar, não os sofreram os lídios, nem os pelasgos aos lídios, nem os ródios aos pelasgos, nem os frígios aos ródios. A dominação destes provocou a rivalidade dos círios e a destes a dos fenícios. Enquanto este povo se apropria do mar inteiro e da pesca e com editos exclui os outros, conquistam o senhorio das ondas os egípcios, depois os milésios, os cários, os lébios, os focenses e os coríntios. Arrogando-se os lacedemônios o predomínio do mar circunjacente, navegaram-no mais audazes os atenienses, impondo leis a Lacônia assim como a Egina. Como sujeitassem os tírios ao seu poder não só o mar que com eles vizinhava, mas também todo aquele que suas frotas tinham percorrido, os cartagineses, donos do mar da Sicília e da África, estimulados, freqüentaram as mesmas paragens que os tírios. Destruíram os romanos a potência marítima de Cartago. Tinham com eles pactuado os cartagineses não ultrapassassem o *Promontorium Pulchrum* na África. Envergonhou-se, porém, aquele nobre povo de que, tirando-se-lhe o mar e sendo-lhe arrebatadas as ilhas, pagasse tributos que costumava exigir. E quando senhoreou o mar inteiro, assim o que se estende aquém das Colunas de Hércules, como todo o Oceano onde fosse navegável, dele receberam leis marítimas Antíoco e Aníbal.

Impedida a navegação e o comércio por mau conselho

Contendas dos antigos sobre o domínio do mar

Consta de narrações verídicas que, por causa da interdição dos portos e do comércio, surgiram guerras entre israelitas e amoreus, gregos e misos, megarenses e atenienses, bolonheses e venezianos, cristãos e sarracenos. E quase a mesma razão, isto é, serem privados do uso comum dos portos e das costas, tiveram os próprios castelhanos de atacar à mão armada os habitantes da Índia Ocidental. Injusta não é a censura de Tácito aos romanos, dizendo que eles estorvavam o intercâmbio das nações e de certo modo impediam a utilização das ondas e dos ventos, franca a todos. Já se pode, pois, admirar essa casta de homens aos quais apraz o bárbaro costume de proibir aos estrangeiros a hospitalidade das praias. Mas, por um revés, por uma contravolta da fortuna, acontece que, reclamando só para si a

terra e a água, são privados de ambas, porque se irrita a ousadia dos menos poderosos com a ambição de mando dos mais poderosos. Nem tolera o Criador do universo que um só povo desfrute e poucos potentados repartam entre si as águas criadas para o bem de todos e destinadas à utilidade geral.

A relação destes exemplos me trouxe a esta digressão para não se queixarem os reis da Espanha ou de termos tentado alguma novidade ou de lhes ter acontecido uma coisa inaudita. Passam os séculos e os homens, mas repetem-se os fatos e suas causas.

Volto agora ao meu assunto.

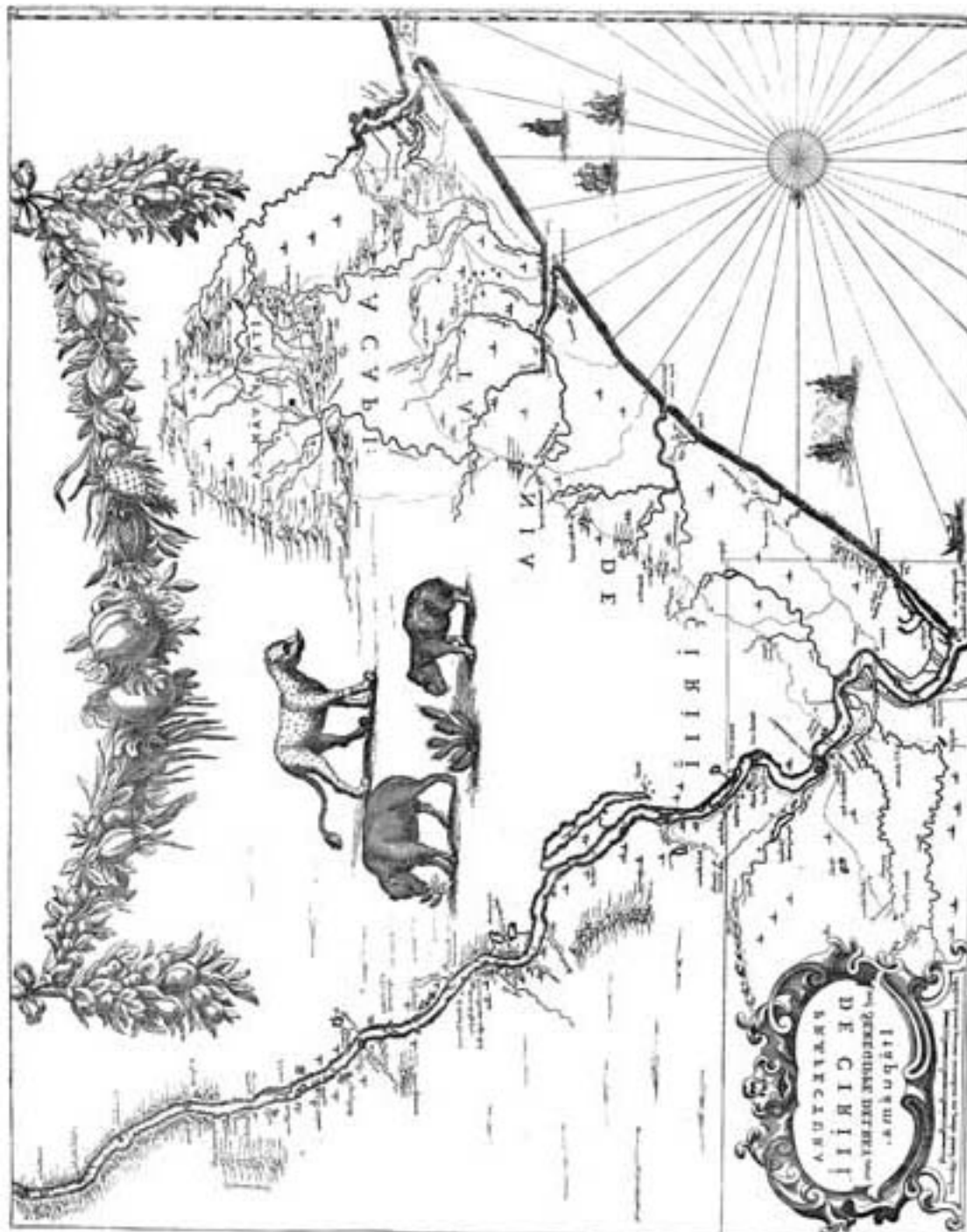
Após algumas viagens incertas e isoladas ao Oriente, constituiu-se enfim uma companhia com capitais particulares, e, no ano de 1602, decidiu-se ir até lá.

Navegação da
COMPANHIA
ORIENTAL
para as Índias

Nestas expedições precederam-nos os portugueses e castelhanos, e a estes os venezianos, que durante cento e tantos anos foram os senhores da navegação das Índias através do Mar Vermelho até os empórios de Alexandria. Sabe-se, porém, com certeza, que anteriormente os árabes, os persas e os chineses, de vários séculos atrás até hoje, têm comerciado com os indianos, e antes destes povos, já o faziam Caratago e Roma. Estrabão, escritor asiático, e os mapas de Ptolomeu mostram a derrota de Hanão desde Gades até os extremos da Arábia, as embaixadas dos índios aos imperadores Augusto e Cláudio e a viagem descrita por Plínio. Não é preciso invocar para tão grandioso feito o testemunho do poeta venusino,⁸ em cujo tempo um mercador ativo chegou aos confins da Índia através dos mares, de pedregais e sob os ardores do sol.

Nas primeiras expedições, nem sempre tivemos fortuna próspera, e ficaram duvidosos os resultados dessas audazes empresas, à conta dos trabalhos, despesas e perigos. Entretanto, aumentando com os próprios prejuízos a coragem dos mercadores e buscando-se esperança no próprio desalento, venceram-se as dificuldades que os estorvavam, e cresceram desde então os lucros a tal ponto que as ações de cada um dos sócios da Companhia subiram a mais do quádruplo. Não é também a temeridade e a confiança dos mercantes que já tornam vendível a colheita do ano, quando ainda é objeto das esperanças e dos temores?

Despenseiros agora e distribuidores de tantas riquezas, vendemos a outras nações as mercadorias dantes compradas aos venezianos e espanhóis, e monopolizamos algumas que foram antes a veniaga de outros. E não é insignificante hoje o nosso tráfico e domínio no Oriente. Navegamos o Golfo Arábico e Pérsico e as costas da Pérsia. Fizemos nossas as mais das Molucas. Edificamos em várias ilhas: Taprobana, hoje Samatra,⁹ Java, a maior, Tajovana ou Formosa e outras. Ficamos sabendo quais são as Sindas e Baruças de Ptolomeu. Entabulamos relações comerciais com os chins e japões. Mandamos frotas para aquém e para além do Indo e do Ganges. Conquistamos a Áurea Quersoneso ou¹⁰ Malaca.



Amplitude do comércio no Oriente Comerciando ali, damos notícia dos reinos de Cambaia, Narsinga, Malabar, Orixá,¹¹ Bengala, Pegu, Sião e Camboja. Visitamos ou admiramos Ormuz, Ispaão, Coromandel, Goa, Calecute, os empórios de Aiderabade¹² às margens do Indo, de Bengala junto ao Ganges e de Bantão noutra parte. Afizemo-nos a ouvir os títulos dos soberanos asiáticos: “sufis”¹³ ou reis da Pérsia, o “grão-mogol”, o “micado” ou imperador do Japão. Ligados, em muitos lugares, aos reis por laços de amizade e por tratados, defendemo-lhes as cidades e as fortalezas da violência e ciladas de inimigos mais poderosos.

Mercadorias do Oriente Os tesouros e o dinheiro da Companhia, força e nervo do comércio, já em localidades do litoral, já do interior, ocupam agentes, institores e contabilistas, para que o Oriente inteiro, dominado pelo tráfico dos nossos patrícios, se desenvolva com os capitais dos holandeses e se enriqueça com os seus negócios. E assim, fundando colônias, já não seremos tidos por estrangeiros, mas por nacionais. Nos armazéns e trapiches da Holanda, vemos todos os produtos das vastas plagas orientais, e nós, filhos do Norte, comemos os frutos nascidos no Levante. São veniagas nossas a pimenta, o macis, a noz-moscada, a canela, o cravo, o bórax, o benjoim, o almíscar, o estoraque, o sândalo, a cochonilha, o índigo, o bezoar, o sangue de drago, a goma-guta, o incenso, a mirra, as cubebas, o ruibarbo, o açúcar, o salitre, a goma-laca, o gengibre, o diamante, muita seda bruta e tecida, tapetes, porcelana da China, que talvez sejam os vasos mirrinos¹⁴ dos antigos. Carregamos anualmente as nossas naus com esses produtos e os transportamos para as terras às quais negou o autor da natureza esses temperadores dos frios dos nossos climas. Admire-se nisto a sabedoria de Deus: – quis que nascessem as drogas quentes nas regiões tórridas, e as frias nas regiões frígidas, sem dúvida para que, trocando-se os produtos necessários aos homens, se aproximassem os povos, obrigados pela mímica comum a tornarem-se amigos.

Interessa à força, à glória da República navegar-se para o Oriente Destas expedições adveio à República não pequena força e lustre, no momento em que combatia contra o inimigo fortíssimo; porquanto, desbaratando-se no Oriente os exércitos do rei, se lhe arrebatarem ilhas, portos e fortalezas, e se desfizeram tratados que celebraram com povos e soberanos. Nossos mercadores se fizeram guerreiros, e nossos guerreiros se fizeram mercadores, defendendo uns o seu bom nome e segurança, e os outros os seus interesses. E fica em dúvida quem alcançou maior glória, se os mercantes, se os batalhadores, pois **A Companhia comercial e guerreira** Mercúrio e Marte prestaram-se mútuos auxílios, aquele com o dinheiro, este com as armas. De fato, não se abriu sem armas a via para o comércio livre, nem se pôde defender este sem o valor militar. Diferimos dos gregos e dos romanos nisto: aqueles dirigiram para a glória os seus principais esforços, e estes para a utilidade; em nós se reúne o desejo da celebridade e do proveito. Somos cúpidos onde o inimigo é rico; inofensivos, onde é pobre; vito-

riosos, onde é belígero. Outro era o caráter dos germanos e gauleses, entre os quais não tinham acolhida os mercadores. Entre nós, o comerciante não só mantém o Estado, mas ainda participa do governo. Temiam aqueles dois povos que as superfluidades quebrantassem os ânimos e afrouxassem as virtudes. Nós, talvez por sermos mais firmes contra os vícios, pela nossa doutrina e hábitos de inteireza, não detestamos esses sustentáculos do Estado, mas, ao contrário, julgamo-los capazes de praticar notáveis atos de virtude. Os romanos consideravam indecoroso para os senadores qualquer negócio. Mas aos senadores neerlandeses se permite, pois neles a ambição é condenada pela liberdade, e a sovínice pela magnificência, e a vulgaridade da mercancia é compensada pela aprovação dos governantes e pelo respeito do povo. Não vivemos em uma monarquia, mas numa república aristocrática, onde, por serem menos numerosos os nobres, assumem a governança os cidadãos mais honrados, muitos dos quais dados à vida comercial. Como os venezianos, florentinos, genoveses, crescemos também nós pelo comércio. A quem disso duvidasse, aí estão para o provar as imensas riquezas assim de particulares, como de cidades, sobretudo marítimas, cujos perímetros mais de uma vez já se alargaram. Portanto, não reputamos injusto obtermos o ouro mediante guerras legítimas, nem espantoso buscarmos-lo pelos mares em fora, nem vergonhoso ganharmos-lo comerciando, nem desagradável tomarmos-lo ao inimigo.

Em que diferem os
mercadores holandeses
dos gregos e
romanos

Em que diferem dos
governos os gauleses.
Por que aqui o mercador
participa do governo

O fato seguinte exprime bem a grande importância que o rei da Espanha dava às nossas expedições para a Índia. Discutindo-se o tratado das tréguas, nada reclamaram os embaixadores espanhóis com maior empenho que o abstermo-nos de relações comerciais com os indianos, para que, só com a esperança disto, se pudesse acreditar que ele renunciava seus direitos sobre os Países-Baixos, onde a realeza já era uma ficção, e nos tratava como províncias independentes. Já antes, Filipe II, encanecido no ofício de reinar, reservara para si, como um segredo de domínio, a navegação da Índia; porquanto, transferindo para sua filha, a infanta Clara Isabel, que ia casar com o arquiduque Alberto d'Áustria, as províncias neerlandesas vedou expressamente que, de modo algum, nem ela, nem o arquiduque, nem seus sucessores mantivessem quaisquer relações mercantis com os povos da Índia Oriental ou da Ocidental, nem as permitissem aos seus súditos. Se procedessem de outra forma, seriam privados do seu domínio sobre os Países-Baixos, conforme declara, em termos claros, o solene instrumento de cessão.

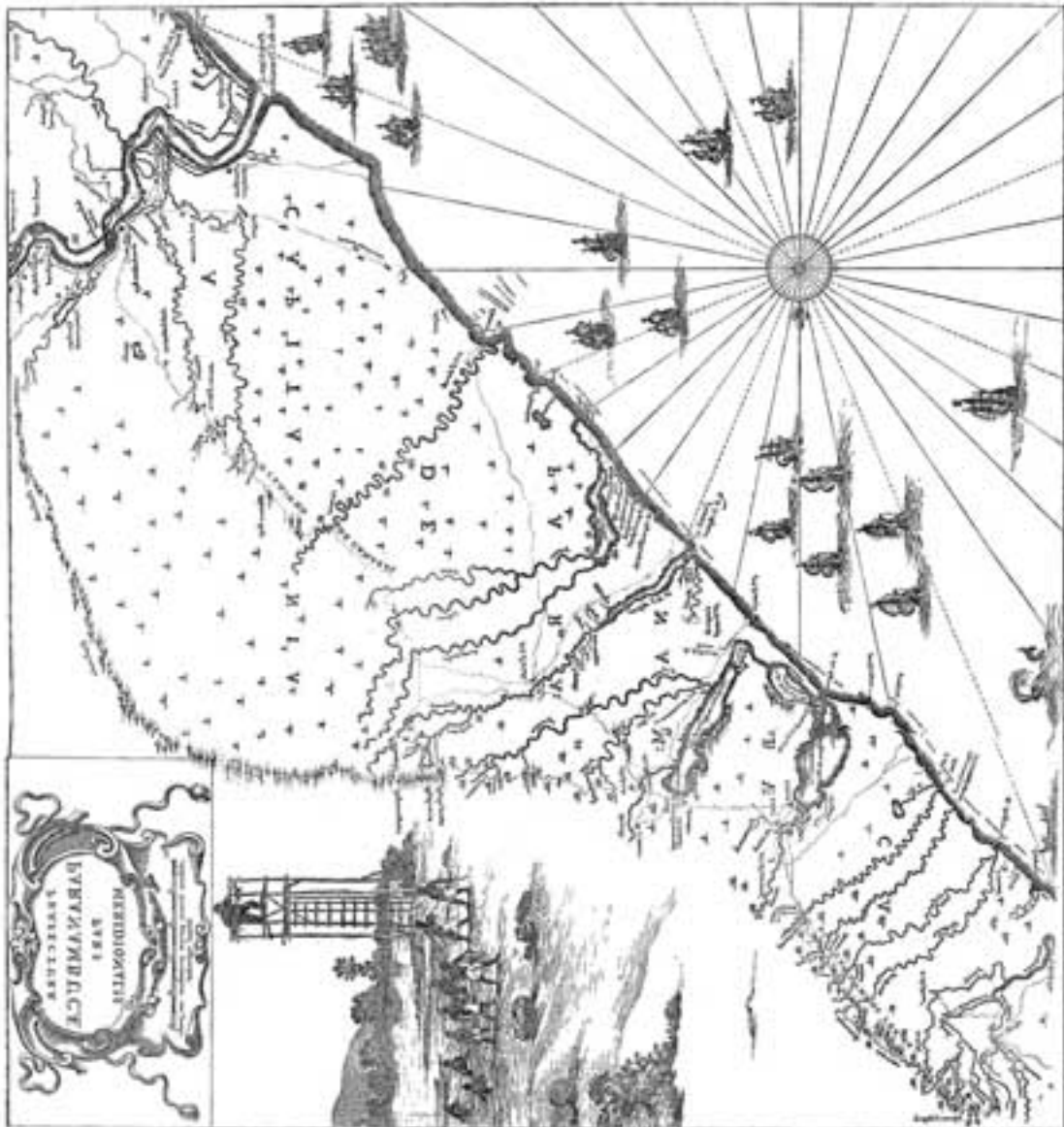
Importância da
navegação da Índia

Ninguém melhor que os inimigos sabe quanta força, grandeza e prestígio deu à nossa república o trato das Índias Orientais e quanto perdeu com isto a coroa espanhola. Muitas vezes aprenderam, à custa de ingentes prejuízos, da pilhagem de suas naus, da perda de suas fortalezas, o que pode, com o denodo marcial, a força naval de batavos.

Grande e invejável conquista foi que uma sociedade particular de comerciantes haja sujeitado ao seu poder vastíssimas regiões do Oriente; que ali dependam da sua vontade os cabedais de tantos indivíduos; que cause ela as alegrias e as tristezas dos povos; que, sob o seu império, cresçam umas nações e caiam outras; que a umas se conceda a liberdade, e a outras se arrebate ou cerceie.

Por muito tempo tranqüilo, não tinha ainda o Ocidente experimentado, num desbarato notável, as armas holandesas. Entretanto, o povo neerlandês, estimulado pelos seus prósperos sucessos no Oriente, constituiu uma nova companhia com os cidadãos mais opulentos e também mais infensos à Espanha. Denominou-se “Companhia das Índias Orientais”, porque se propunha tentar no Ocidente a sorte da guerra e do comércio. Reuniu-se para esta empresa soma considerável de capitais, superior àquela que inspirara confiança para se realizar no Oriente idêntico objetivo.

Os defensores da iniciativa aduziam estas razões: que as costas do Brasil estavam abertas e sem proteção contra o inimigo externo; que, apartadas das outras terras e atemorizadas com a fama dos nossos guerreiros, poderiam devastar-se com a improvisa chegada de nossas armadas; que as naus do rei, conduzindo no Pacífico os tesouros do Peru, bem como as da Nova Espanha e da Terra Firme, seriam do primeiro que delas se apoderasse. Que as guerras européias eram feitas pelos espanhóis com essas riquezas, e por isso, espoliados delas, se tornariam aplacáveis e menos terríveis; que os percalços e despojos esperados bastariam para remir as despesas da guerra e dos mercadores; que só os réditos do açúcar já poderiam aliviar os gastos; que a natureza não era para os ocidentais mais madrastra que para os levantinos; que os silvícolas, impacientes com o poder e o domínio português, sacudiriam o jugo do rei; que a derrota para as plagas do Novo Mundo nem era demorada nem de tanto risco, que não havia mais numerosas razões contra a navegação americana do que contra a asiática; que, no apresto de tão importante empresa, se poderiam utilizar milhares de homens os quais, pela sua indigência e planos sediciosos, seriam de temer, se não fossem desviados da ociosidade e das revoluções por trabalhos dessa espécie; que é útil, numa população densa, fazer-se o expurgo da ralé e afastarem-se os elementos nocivos, como nos corpos enfermos cumpre retirar o sangue vicioso, já por ser excessivo, já por ser de má qualidade. Insistiram em que as Províncias-Unidas se sustentavam com o comércio, fazendo-se, pois, mister alargar para todos os lados, em favor dos mercadores, as áreas onde pudessem granjear os seus proventos. Isto haviam tentado e conseguido os ingleses. Os gregos e os romanos tinham invadido assim os territórios inimigos para do solo pátrio afastarem as guerras. Tínhamos soldados e marinheiros aparelhadíssimos para os trabalhos da mareagem e das campanhas. Nenhum outro feito daria maior glória e renome às Províncias-Unidas que o terem ligado o Velho e o Novo Mundo pelos laços do comércio e da navegação. Não se devia desprezar essa liberdade comum de comerciar, concedida a todos por uma lei



natural e defendida com tantas vitórias brilhantes e desbaratos infligidos aos inimigos.

Além destes, traziam-se os outros argumentos aptos para persuadirem aos espíritos ávidos de lucros. Os mais religiosos pediam suas razões à religião e à convivência de se propagar uma doutrina mais pura, alegando se deveria acender o facho da fé para guiar os povos que tateavam no reino das trevas; que não se deveria estender só o império humano, senão também o de Cristo; que era necessário e possível associar às vantagens dos comerciantes o cuidado de se salvarem tantas nações; que assim os negócios seriam pios, e a piedade útil.

Os opugnadores da iniciativa levantavam estas objeções: ^{Razões dissuasórias} que a companhia ia ser de guerra e não de comércio; que o interior do Ocidente, invencível por causa de seus fortes e guarnições, desdenharia do inimigo externo; que o litoral brasileiro poderia ser conquistado, mas defendido nem tanto, à conta da multidão dos selvagens e da continuidade da terra; que não havia ali ilhas para se expugnarem, como no Oriente, protegidas pelo mar circunjacente, e sim um continente exposto às incursões dos habitantes do sertão; que os bárbaros, havia mais de um século, tinham aceitado a conveniência, os costumes e a religião dos portugueses, e por isso mostrariam ânimo hostil contra nós; que tais empreendimentos seriam danosos à Companhia das Índias Orientais, dispersando os seus marinheiros e armamentos por várias esquadras e partes do mundo; que entre uma e outra Companhia seriam fáceis as rivalidades, suscitadas pela inveja dos lucros, e bem assim por algumas mercadorias comuns e por idênticas necessidades da guerra e do tráfico, a saber, armas, soldados, petrechos náuticos e marujos; que do Ocidente não se poderiam esperar réditos bastantes para proteger-se militarmente a boa fortuna, ainda quando ela se alcançasse; que não convinha irritar com mais lutas o poder de rei tão forte, nem era tão prudente mostrar os pontos em que somos desiguais; que semelhantes tentames, feitos pelos ingleses, tinham tido êxito mais de temer que de desejar.

Diziam os escrupulosos que cumpria pôr freio à paixão de dominar e conter a ambição de chamar tudo a si; que era tentativa estulta e contrária à religião despojar o rei da Espanha de todas as suas possessões; que os batavos tenham cobiça bastante para se apropriarem de tudo, mas não forças para o guardarem; que uma grande potência provoca, a princípio, a inveja e logo os ódios dos vizinhos e que, portanto, devia ser a fortuna tratada com respeito por aqueles que, de uma situação humilde, se haviam elevado ao fastígio da segurança; que valia mais decidir onde nos fixaríamos do que ficarmos sempre procurando para onde ir; que estão em terreno mais resvaladio os que mais conquistaram, e mais em seguro os que traçam limites às suas forças; que os neerlandeses, afeitos

ao trabalho e ao sofrimento, iriam corromper-se e embotar-se com o contágio dos deleites exóticos e com a ociosidade.

Os versados em História e nos exemplos da Antiguidade declaravam serem estas as palavras dos povos bárbaros: “Guardar o que é seu basta a um particular; ser honroso aos reis o pugnarem pelo que é dos outros; julgarem estar a sua máxima glória num vastíssimo império.”¹⁵ Um povo prudente deve acautelar-se de perder, por uma cobiça desmarcada, o que ganhou, e mormente um povo cristão, para não lhe quadrar o que dos romanos disse Gálcago,¹⁶ capitão dos britanos: – não os haver saciado nem o Oriente, nem o Ocidente, a eles que tinham por magnífico tudo quanto lhes era desconhecido, e que, depois de lhes faltarem as terras velhas para vencerem, iriam descobrir novas, ainda mesmo além dos mares. Ambição assim exprobaram-na os citas a Alexandre, porque forcejava para segurar com uma das mãos o Oriente e com a outra o Ocidente. Também Sêneca julga infelizes aqueles que aspiram a levar além do mar o direito de soberania.

Tais eram as considerações que ocorriam tanto na conversação do vulgo, como na prática das pessoas avisadas, no grêmio de uma Sên. 113
nação em extremo zelosa dos seus interesses e empenhada nos danos do seu inimigo.

Depois de longas deliberações, prevaleceu o sentir dos que aconselhavam a expedição à América. Ratificou-a um edito solene dos Estados-Gerais, dispondo que a nenhum súdito holandês seria lícito, dentro de vinte e quatro anos, demandar com objetivos comerciais o Novo Mundo e as costas fronteiras da África, exceto os sócios da Companhia. Obtiveram-se para a empresa autorização e auxílios públicos, adstrita a expedição às condições fixadas na patente expedida pelos Estados-Gerais.

Edito dos E.-Gerais
que permitiu a
navegação do
Ocidente durante
24 anos

A América ficou oculta aos antigos, que no curso de tantos séculos, nem mesmo a notícia dela nos transmitiram. O que diz Platão no *Crítias* e no *Timeu*,¹⁷ segundo a descrição do Sólon, que, por sua vez, a ouviu dos sacerdotes egípcios, refere-se à Atlântida, situada além das Colunas de Hércules. Distaria da Espanha poucos dias de viagem e igualaria em tamanho à Europa e à Ásia. Teria possuído pelas armas a África até o Egito e a Europa até o mar Tirreno. Era feraz de ouro e de prata. Esta ficção, misto de fábula e de exuberância de imaginação, indica dubiamente a América, e com mais certeza algum reino da Utopia,¹⁸ sonhado pelo gênio fantasioso de Platão. São opiniões de intérpretes e não uma séria inferência da verdade ser a América a grande ilha de que fala Diodoro Sículo,¹⁹ situada para oeste, aonde foram ter, segundo ele, os fenícios, arrasados por uma tempestade, quando percorriam o litoral africano. Em verdade, não havia receio de que os cartagineses, mais civilizados, abandonando Cartago, emigrassem para o meio de povos antropófagos e

Teria sido conhecida dos antigos a América?

Diod. Sículo.
L. IV.

Na Medéia

de nações de índole feroz, a ponto de se tornar preciso proibir-se-lhes, por editos dos sufetas, a emigração para aquela ilha. Os versos em que Sêneca,²⁰ o trágico, diz que, alargados os limites do Oceano, se descobririam novos mundos, deixando de ser Tule²¹ a última terra, contêm apenas uma profecia poética e votos adulatários dirigidos ao imperador Cláudio. A história contada por Lúcio Marieno Sículo,²² em sua *Crônica de Espanha*, acerca de certa moeda mostrando a efígie do imperador Augusto e achada numa mina de ouro de um lugar qualquer da América, é uma narrativa graciosa, mas por ingenuidade se lhe daria crédito. Tal é também a seguinte lenda muito agradável aos espanhóis: — que numa província do Chile, chamada Cauten, há uma cidade de nome Imperiola, assim designada por se encontrarem, em quase todas as suas casas e portas, águias bicípites, quais ainda se vê nos estandartes do Império Romano. Sem dúvida, fato assim notável não o envolveriam no silêncio quantos escritores narraram com diligência os fastos de Augusto e dos romanos, nem Tácito, ilustre senador e cônsul da república romana, teria julgado extraordinário haverem os usúpios²³ custeado a Britânia, se realmente já se houvesse chegado à América. Demais, não teria ele chamado à Britânia e ao Mar Glacial os confins da Terra e o término da natureza: “ILLUC USQUE ET FAMA VERA, TANTUM NATURA”.²⁴

Liv. 17 Não merece maior fé o que traz Amiano:²⁵ verem-se esculpidas nos obeliscos egípcios aves e feras e muitas espécies de animais pertencentes a um outro mundo. Foi-lhe fácil designar com o nome de outro mundo os africanos transmarinos, os europeus ou os mais longínquos indianos. Deve-se também negar crédito a Arias Montano,²⁶ autor noutros pontos criterioso e sério. Ele diz que a frota de Salomão navegou de Heziongaber para a América e que a demora trienal da navegação, a variedade das mercadorias e a posição de alguns lugares e das ilhas interjacentes convêm à situação daquele continente. Entretanto, os conhecedores da arte náutica não podem compreender como teria sido possível atravessar os imensos espaços oceânicos, sujeitos a fluxos e refluxos, sem o emprego da bússola. As mercadorias a que se refere o escritor sacro poderiam ter sido buscadas à Áurea Quersoneso, hoje, Malaca, ou à costa austral da África.

É conjectura frágil identificar-se Parvaim,²⁷ de que fala a Bíblia, com o Peru ou a Nova Espanha. Se uma comunidade de letras tem importância em tão grave assunto, prefiro acreditar que Salomão foi ter à África, seguindo-lhe o litoral, pois as palavras Ofir e Afer divergem menos do que Peru e Parvaim. Isto, porém, me está cheirando a controvérsia de gramáticos.

Arist., De admiran. L.8; De coelo II, c. IV A descrição de Aristóteles a respeito da ilha descoberta pelos cartagineses além das Colunas de Hércules, a qual tinha rios navegáveis e selvas e dali distava alguns dias de derrota,²⁸ parece quadrar mais à Britânia e às Canárias que à América.

Não posso negar que os cosmógrafos antigos, mais pelo raciocínio do que pela experiência ou pela fama, sabiam existia outra terra oposta àquela por eles conhecida e ser o mundo partido em dois hemisférios habitáveis, sendo um aquele onde vivemos, situado sob o pólo ártico, ao setentrão; o outro austral, a nós ignoto. Foi nisso que se inspiraram os versos de Sêneca vaticinando o descobrimento de novos mundos para não ser mais Tule a última das ilhas, e estoutros de Virgílio: “... IACET EXTRA SIDERA TELLUS, EXTRA ANNI SOLISQUE VIAS...”.²⁹

Cícero, no Sonho do Cipião

Sêneca³⁰ também se mostra poeta e não testemunha da verdade, quando escreve estas palavras: “A humanidade porvindora conhecerá muitas cousas a nós ignotas, e muitas conquistas estão reservadas para os séculos futuros, quando nem sequer subsistir a lembrança de nós. Seria o mundo uma insignificância, se não contivesse em si o que o mundo inteiro procura.”

Livro VIII, Quest. Nat. S. C. 31

E noutra parte: “Como poderia eu saber agora se o senhor de uma grande nação, estanciada nalguma região oculta, já não quer, arrogante com o favor da fortuna, conter suas armas dentro das próprias fronteiras e, maquinando planos ignorados, não equipa uma armada? Como posso saber se é este ou aquele vento que me trará a guerra?”

Quest. Nat. S. C. último

Entretanto, não só muitas circunstâncias atestam que a América tenha sido habitada desde a Antiguidade, mas principalmente um sistema de governo determinado e constante, a soberba construção de cidades e de vias, a magnificência dos edifícios, a densidade das populações e os seus costumes, os quais nada apresentam de modernos. Só poderiam os americanos chegar a este grau de civilização num longo lapso de tempo.

A América foi habitada desde a Antiguidade

O primeiro que, segundo a memória dos nossos antepassados, descobriu com certeza terras e povos além do Atlântico, para o ocidente, foi o genovês Cristóvão Colombo. Homem de agudíssimo engenho, observou, navegando para lá do estreito de Gibraltar e de Gades, serem freqüentes os ventos do oeste, os quais, segundo aprendera com grande tino, somente sopram da terra. Depois de baldadas solicitações a diversos príncipes, enfim, sob os auspícios dos reis Fernando e Isabel, chegou em 1492, depois de percorrer o vasto oceano, às ilhas ocidentais de Espaniola, Cuba e Jamaica. Seguiu-o o florentino Américo Vespúcio, que ligou o seu nome à América. Fez ele, a mandado de D. Manuel, rei de Portugal, a mesma viagem, e foi o primeiro que abicou ao golfo de Pária³¹ e ao Brasil no Novo Continente. Após estes, Magalhães, Drake, Cavendish, Van der Noort, Raleigh, Forbischer e outros argonautas deram a conhecer outras regiões americanas, freqüentadas posteriormente por mercadores portugueses, castelhanos, holandeses, ingleses, e franceses, dando-lhes não só farta esperança de lucros, mas ainda a matéria destes. Possuindo, tantos anos mediante suas colônias, armas, fortalezas, quase toda a América, aí encontrou o

Primeiros descobridores. COLOMBO

VESPÚCIO

MAGALHÃES e outros

rei das Espanhas a grande força do império austríaco, e, pelos rendimentos anuais das imensas riquezas que ela lhe dava, tornou-se o terror e o flagelo de tantos povos europeus.

Determinação dos
limites da navegação
do Ocidente

Os limites traçados à nova Companhia pelos Estados-Gerais foram os seguintes: quanto às costas da África, o trópico de Câncer e o Cabo da Boa Esperança; quanto à América, o lado austral da Terra Nova e o estreito de Anian,³² sendo concedidos aos que iam para o Ocidente os mares aí compreendidos, ao norte e ao sul, os estreitos de Magalhães e de Le Maire e todas as ilhas, assim como a costa da Terra Austral, que se estende desde o citado cabo africano até os confins orientais da Nova Guiné.

Primeira expedição
da Companhia ao
Brasil sob JACÓ
WILLEKENS

Corria o ano de 1623, quando partiu para o Brasil, onde é mais fácil o acesso da Europa ao Novo Mundo, poderosa armada, sob o comando de Jacó Willekens, homem valente sem ostentação e apto para sérios cometimentos. Dentro de poucos meses, fundeou na própria Baía de Todos os Santos, a qual dá o seu nome venerável a toda a capitania. Aterrados com a imprevista chegada dos holandeses, sentiram os baianos fundados temores dos males que os ameaçavam e refugiaram-se nos matos e florestas. Acoroçados os nossos com a esperança de glória e também de presa, desembarcaram alegres. A tomada de S. Salvador, metrópole da capitania, que custou pouco trabalho, e bem assim a dos fortes circunjacentes, fadaram a empresa com felizes auspícios, divulgando entre os bárbaros a fama do povo ultramarino, já tão firme com os primeiros sucessos. Comandava as tropas o coronel João van Dorth, militar experimentado e valoroso, que, com sorte igual à de Protesilau,³³ apenas se afastou até as cercanias da cidade, foi visto e morto pelo inimigo.

Os vencedores não se defenderam com a mesma coragem com que triunfaram. Efeminando-se e entregando-se à licença, engolfaram-se em insólitos prazeres tanto mais avidamente quanto mais bravamente se haviam portado. Perdeu a lascívia a cidade ganha pelo valor e fez para os nossos uma Canas desta Cápua voluptuosa, como outrora para Aníbal a Cápua da Itália.

Sem perda

Enquanto se cuidava mais das delícias do que da utilidade, quebrantados, na ociosidade e na intemperança, os ânimos dos chefes e dos soldados, o espanhol recuperou a cidade com um rápido cerco, efetuado pelo general D. Fadrique de Toledo.³⁴ Vencidos os holandeses mais pelos vícios do que pelas armas, voltaram para a sua terra inúteis à Companhia, vergonhosos para a Pátria, desprezados pelo inimigo, sofrendo, assim, o infamante castigo de seu desleixo e perfídia.

Segunda expedição
ao Ocidente sob
BALDUÍNO
HENRIQUE.
Ano de 1625

Seguiu-se, em posto mais elevado, Balduino Henrique, marítimo experiente, que, por toda a parte, espreitava ocasiões de praticar façanhas. Combateu com fortuna vária na América Setentrional, depois de atacar as costas do Brasil em expedições

incertas, dirigidas para onde as levava a sorte e a prudência. Morreu próximo do porto de Havana, e a sua esquadra, tão bem apercebida, inspirando grandes esperanças de danos contra o inimigo, não correspondeu com proveito algum às despesas com ela feitas. Voltou para a Holanda pelas desinteligências dos comandantes, motivadas pela discórdia e rebeldia dos piores elementos da marinhagem. Entretanto, recebeu-se uma lição nova: ser difícil manter-se dentro da ordem uma multidão distante da Pátria e do respeito da autoridade suprema, a qual é a que, em maior grau, pode conter a fidelidade da soldadesca.

Brilhou depois mais venturoso o astro Pieter Heyn, tão célebre pelos seus sucessos faustos e infaustos. Com felicidade única, refez o tesouro exausto e restabeleceu o crédito abalado da Companhia. Antes, num extraordinário exemplo de bravura, investiu, com hercúleo esforço, a armada espanhola, incendiando-a na própria Baía de Todos os Santos, para que não se jactasse a antiguidade sozinha de Temístocles, Duílio, Atílio e Xantipo.

Exercendo já o almirantado com admirável exemplaridade, sob o seu comando dirigiu-se para o Oriente a fortuna da guerra. Como primeiro e oportuníssimo despojo, caíram-lhe nas mãos diversas naus grossas, carregadas de ouro, prata e preciosas mercadorias da Nova Espanha. Ofereciam-lhe os fados a opima tamadia, reunidas as frotas no porto de Matanzas, não de propósito, mas pelo ímpeto da maré. Desde então, mais tranqüila se tornou a situação da Companhia e mais certa a sua boa fortuna, amparada por imensas riquezas. Logo, porém, aluíram-na a cobiça e a desconfiança do futuro, que se insinuara no espírito de muitos. Com efeito, o dinheiro consumido em gastos intempestivos e imódicos, quando a Companhia, no nascedouro, ainda não firmara o seu poder nas terras estrangeiras, enfraqueceu-a e fê-la inapta para combater por muito tempo o inimigo. Assim, enquanto se tratava de aumentar o patrimônio privado, faltou o público, e a precipitada avidez de possuir e de recuperar sacrificou a esperança de futuros lucros.

Quero, de passagem, consignar aqui algumas palavras em louvor do almirante Pieter Heyn. Nenhum homem de qualquer nação perpetuou o seu nome por mais famosas tomadias, fazendo que sua Pátria jamais deixe de se ufanar de tal filho. Dificilmente se poderá encontrar alguém cuja sorte se iguale à de Heyn. Depois de ter sido grumete, de ter sofrido algemas e cárceres do inimigo e naufrágios, alcançou honras elevadíssimas, triunfos notáveis e, sob o Príncipe de Orange, a mais alta patente da marinha. Morreu vitorioso, pelejando gloriosamente pela salvação da Pátria. Foi sepultado a expensas públicas, havendo o governo mandado erigir na catedral de Delft uma lápide, que testemunhasse perenemente o seu destino e subidos méritos. Nascido em Delft, fez conhecer a dois mundos a fama do solo pátrio. Ultrapassando pela grandeza do ânimo a humilde condição dos pais, ensinou que os homens não nascem heróis, mas se tornam tais pelo próprio esforço.

Navegação de
PIETER HEYN
para o Ocidente

Felicidade do
Almirante

Toma-se a frota da
Nova Espanha
próximo ao porto
de Matanzas

Elogio do
Almirante

A Companhia
auxilia a Pátria
em dificuldades

Por essa época (1629), a Companhia Ocidental provou eloqüentemente o seu poder e a sua fidelidade à Pátria (o que fez também a Oriental), quando o inimigo invadiu Veluwe³⁵ e ocupou Amersfoort.³⁶ Perturbando-se um pouco a situação no canal do Issel, pela improvisada passagem dos inimigos, quando todo o exército das Províncias-Unidas se empenhava no cerco de Bois-le-Duc, ela empregou as suas milícias, destinadas para a expedição do Brasil, em guardar as localidades fronteiriças, e acudiu fartamente às necessidades públicas com o dinheiro então abundante em consequência da presa recente ganha por Heyn. Todo o direito assiste, pois, à Companhia, ora em situação precária, para receber da Pátria incólume os serviços que antes, quando as suas condições estavam sólidas e garantidas, prestou à nação oprimida.

Expedição de
LONCQ ao
Brasil

Após Heyn, partiu para a América, investido no comando supremo, Henrique Loncq, veterano da marinha de guerra e companheiro dos labores e das honras de Pieter Heyn. Atacando o Brasil pela segunda vez e tomando Olinda, capital da capitania de Pernambuco, deu à Companhia este refúgio para a esquadra e esta nova base de operações para a guerra americana. Sucedeu-lhe, em igual posto e mostra de valor, o almirante A de ADRIANO PATER. Adriano Pater, célebre pelas muitas derrotas que, no Ocidente, infligiu aos espanhóis. Ousando pelejar – tamanha é a confiança inspirada pela bravura! – com a poderosa armada sob o comando de D. Antônio Oquendo, confundiu-se, na cruenta refrega, com os mais ardorosos combatentes; mas, abandonado pelos seus e repartindo quase a vitória com o adversário, tombou gloriosamente, infeliz somente por não sobreviver à batalha. A fortuna salvou a Oquendo para que ele desse ensejo assaz brilhante à glória futura dos holandeses. Foi dele, com efeito, que triunfamos alguns anos depois, na batalha ferida por Tromp junto às Dunas da Inglaterra,³⁷ quando ainda era recente a fama da sua vitória sobre nós.

No tempo intercorrente e no imediato a esses acontecimentos, diversos comandantes, em portos diferentes, praticaram na América façanhas notáveis, na terra e no mar, no continente e nas ilhas, e bem assim nas costas fronteiras da África. Já foram publicadas, com a devida justiça, em livros de outros JOÃO DE LAET, historiador dos feitos praticados no Brasil até o ano de 1636 e por isso nelas tocaremos de vôo. Escreveu-as o eminente e autorizado João de Laet, dizendo livremente a verdade, não de simples outiva ou com fácil credulidade, mas segundo a relação dos que participaram dos sucessos e segundo os diários respectivos. Para imortalizar-se foi bastante a cada um o ter triunfado de uma partezinha do Novo Mundo. Ali ainda os mais remissos ânimos encontravam estímulos a grandes arrojados. Cada qual aspirava a celebrar-se com aquelas proezas, para as quais se diria em toda parte haver nascido, pagando com elas o preço do nascimento. A emulação alimenta as mais luzidas galhardias, e aquele fastígio de glória que alguém não pode galgar vencendo, pode ultrapassar ousando.

Elogio de outros
comandantes

Difícilmente se poderia avaliar se tão perfeita milícia mais acertadamente viu nascer no Ocidente tamanha coragem ou se mais eficazmente a inflamou. E

porque era odioso às Províncias Unidas o nome espanhol, esforçaram-se todos por arrancar um pedaço ao poder da Espanha, sem se contentarem com ações mediócras. Alguns, já ilustres nas campanhas neerlandesas, entrelaçaram os troféus da América com os da Europa, sendo os primeiros em mostrar aos bárbaros a nossa soldadesca e o aspecto das batalhas.

Lendo esses feitos, virão ao pensamento os antigos capitães que passaram às terras inimigas para desviarem da pátria a violência da guerra. Régulo, Cipião, Mânlio, Paulo Emílio, Metelo, Pompeu foram como os Willekens, os Heyns, os Loncqs, os Balduínos, os Paters daqueles tempos, e assim como, a conselho dos primeiros, foram os antigos guerrear no ultramar, assim também, a conselho dos últimos, fizeram o mesmo os nossos contemporâneos. Antigos embora, a eles muito nos avantajamos, assim pela imensa distância dos lugares aonde fomos, como pela fereza e barbárie dos homens com os quais combatemos.

Por assunto da minha história escolhi os feitos que, em favor do povo holandês, foram praticados durante o governo do ilustríssimo conde João Mauricio de Nassau, em outro continente, entre bárbaros e espanhóis, adversários duvidosos ou declarados. Como dependem as guerras da fama que delas corre e como não é de pequena importância o seu generalíssimo, despachou-se Nassau para o Novo Mundo como comandante supremo do exército de terra e mar. Parece que na sua estirpe colocou a Providência Divina a dignidade e a força dos Estados Neerlandeses.

Assunto desta
História: os feitos do
Conde MAURÍCIO
durante oito anos

É-me livre calar ou falar. Feitos assinalados provocam-me a não calar, e ordena-me a falar a felicidade pública, a qual não quer sejam fraudados do seu louvor aqueles a quem ela é devida. As guerras domésticas arrastam-nos à admiração, e quanto mais as externas, consumadas sob outros céus e com insigne denodo. Negue-se a Nassau o seu prêmio – a memória da posteridade –, e esta se entibiará, sucumbindo por causa do silêncio guardado pela inércia dos escritores. Onde tem ela ante os olhos os exemplos dos maiores, cresce com singular emulação e procura imitar com ardor as ações gloriosas que lê. Nada concederei à adulação, cujas causas desprezo, nem tampouco, por desafeição a ninguém, nada tirarei à verdade, para não ser tachado de inverídico por ódio igual. Quem pretender versar este mesmo assunto para granjear renome literário e fama de talento, ostente a sua eloquência. A mim bastará uma narração singela, inspirada na realidade dos fatos. Escrevem-se mais livremente os feitos praticados séculos atrás, quando já desapareceram seus autores e testemunhas. Eu, porém, vivo entre aqueles mesmos que obraram os atos por mim referidos ou neles intervieram, e eu escrevo para os seus olhos.

Motivos e escopo
do historiador

Aos documentos públicos dou o crédito que lhes dão os amigos da verdade, e não desejo para mim crédito maior: relato aqui, não o que viram vagamente os olhos, mas o que escreveram, durante a paz, espíritos serenos e acalmados. Farei uma seleção no enorme acervo dos fatos e nos numerosos maços de documentos para evitar aos curiosos destes assuntos a fadiga de uma longa inda-

gação; mas usarei tal brevidade que não furte aos sucessos nada de relevante ou memorável. Julguei inútil tratar de minúcias. A diligência ansiosa é um erro de diligência, e tanto mais se prejudica o assunto principal, quanto mais se desce a pontos menos necessários.

Antes de entrar no meu assunto, devo recordar o que é e como é o Brasil, qual foi, nessa época, o estado da nossa República e do nosso exército, quais as vantagens e desvantagens nossas e do inimigo, quais os intentos da Companhia e do espanhol. Assim conhecer-se-ão não só os eventos e a sua sucessão, mas também o sistema, as causas e o teatro das guerras, bem como os portos, as cidades, as populações da Província, que se celebrizaram pelos seus infortúnios e prosperidades.

Descrição do
BRASIL. Situação
e limites

É o Brasil limitado ao oeste pelas ínvias terras dos caribas, e pelo Peru, a mais nobre província de todo o Novo Mundo, e de longe por elevada cordilheira; ao sul, por ignotas regiões, ilhas, mares e estreitos. O Oceano Atlântico banha-lhe as costas orientais, e o Oceano Setentrional as do norte. Demarcam-nas os portugueses com o rio Maranhão e com o estuário do rio da Prata.

Forma

Tem o Brasil a configuração de um triângulo, cuja base, voltada para o Equador e para o Setentrião, se dirige em linha reta do Oriente para o Ocidente, até o cabo Humos³⁸ ou até o Maranhão, ou se cremos a Nicolau de Oliveira, até o Pará. O vértice morre nas regiões austrais.

População

Não é de crer que a população do Brasil, como também a da América inteira, seja aborígine, pois é de fé que toda a humanidade provém de países asiáticos. Não se sabe com certeza quais os primeiros que ali chegaram, nem como, se pelo estreito de Anian, se através das terras contínuas situadas ao norte da Europa e entre ela e a América, se pela passagem das ilhas setentrionais, se pela Atlântida, outrora vizinha do estreito de Gibraltar e fronteira a ele (a qual dizem ser propriamente a América, conforme a *Crítias* e o *Timeu* de Platão), nem a época de tal migração. Cada um, na medida do seu engenho, aceite ou rejeite tantas opiniões. Quanto a mim, não tenciono tomar partidos e, em tamanha caligem da verdade, impugnar ou defender uma conclusão de preferência a outra.

Como do Velho
Mundo se chegou
a ele

Vicente Pinzón e Diogo López foram os primeiros que, sob os auspícios dos reis católicos Fernando e Isabel, deram a conhecer o Brasil, e depois Cabral e Américo Vespúcio, a mandado do rei de Portugal.

Primeiros
descobridores

A região é ameníssima e salubérrima pela brandura do clima, e é disto indício a longa vida dos naturais, a qual atinge às vezes cem anos. Nem o frio, nem o calor são excessivos. Há extensos períodos de seca e de chuva. Mal se distinguem das noites os crepúsculos, e do dia os dilúculos, porque o nascer e o pôr-do-sol são mais verticais do que entre nós. O inverno começa em março e acaba em agosto. As noites, quase iguais aos dias, conhecem, de uma a outra estação, apenas a diferença de uma hora. A temperatura hibernal assemelha-se à estival nossa.

Os habitantes são antecos dos espanhóis, mouros e etíopes, e periecos dos africanos mais orientais e dos javaneses, e antípodas dos povos da Áurea Quersoneso.

Conquanto sujeita a nevoeiros, é a terra recreada com os bafejos placidíssimos dos ventos mareiros, que dissipam os vapores e névoas matutinas, fazendo brilhar um sol límpido e esplendoroso. Durante o inverno, sopram os ventos do sul e do sueste, e durante o verão cursam o nornordeste e o lesnordeste. É a região numas partes vestida de matas, noutras plana e tapizada de pastagens e noutras ergue-se em colinas. Chuvas freqüentes regam-lhe a gleba feraz e sempre verdejante. Por isso é mais para admirar que, sendo-lhe tão fecundos os campos e tão salubre o clima, tenha a sua gente caráter cruel e fero. A principal riqueza é o açúcar e o pau-brasil, próprio para tingir panos. Entretanto, a diligência dos portugueses para ali transportou quase todos os cereais e frutas da Europa. Escondeu a natureza esse açúcar em canas elevadas, de que se extrai um suco muito doce e agradável, melhor que o mel da Ática.³⁹ Fervido em caldeiras e tachas de cobre, cristaliza-se em pães à semelhança de medas ou pirâmides, ou, estilado o mel, deixa-se em lascas.⁴⁰ Para esta indústria há por toda a parte oficinas a que os portugueses chamam ENGENHOS, porque tais maquinismos e construções foram inventadas por engenhos agudos, e contam-se entre as novidades dos últimos séculos. Desses engenhos tira o mercador ativo, com o trabalho dos negros, o máximo lucro, e anualmente vende, na Europa inteira e por muito dinheiro, o açúcar que as naus atulhadas dele transportam.

Todas as colônias que existiram antes da nossa chegada eram portuguesas. A sede do bispado e do governo geral é a Baía de Todos os Santos e a cidade de S. Salvador. Atualmente, o Brasil espanhol obedece a uns governadores, e o holandês a outros. Uma é a sede do governo lusitano e outra a do batavo.

A língua dos indígenas é difícil de aprender e mostra-se quase a mesma para todos os que ali até hoje se conhecem, ainda que para certas cousas existam vocábulos diferentes, usados uns pelos homens e outros pelas mulheres.

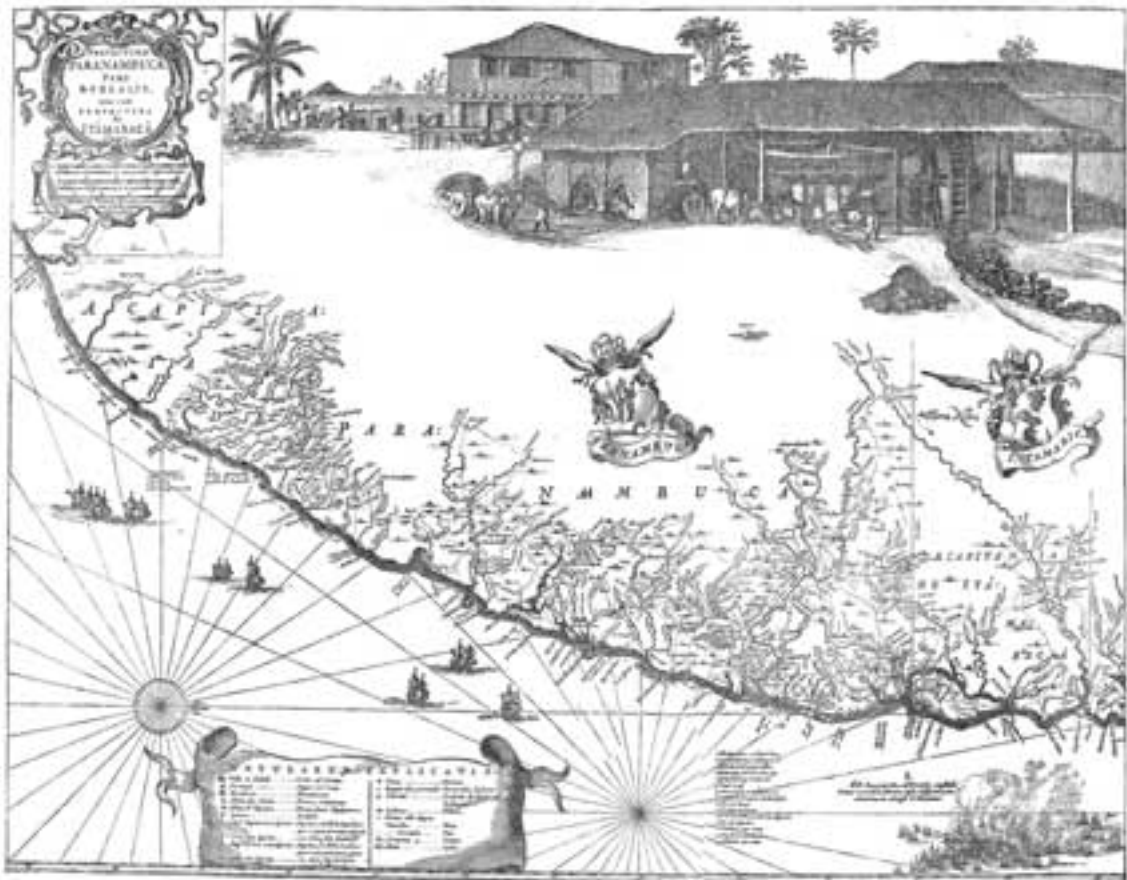
Os costumes, o caráter, o trajar dos brasileiros ou são comuns a todas as nações ou peculiares a algumas, conforme a sua diversidade. Se damos crédito a Maffeu, falta a essas línguas o uso das três letras F, L, R,⁴¹ porque, segundo observam alguns com agudeza, carecem de fé, de lei e de rei. Alguns dos íncolas têm gênio mais bravio, e outros o possuem mais brando, uns são claros, outros escuros. Andam nus homens e mulheres, exceto os moradores da capitania de S. Vicente, que, mais civilizados, se cobrem com peles de animais. Pintam a cores o corpo assaz robusto ou o afeiam com o suco negro do jenipapo e o enfeitam com penas de aves variegadas. Do alto da cabeça deixam cair somente um negalho de cabelo, depilando as mais partes do corpo. O nariz é chato como o dos chins.

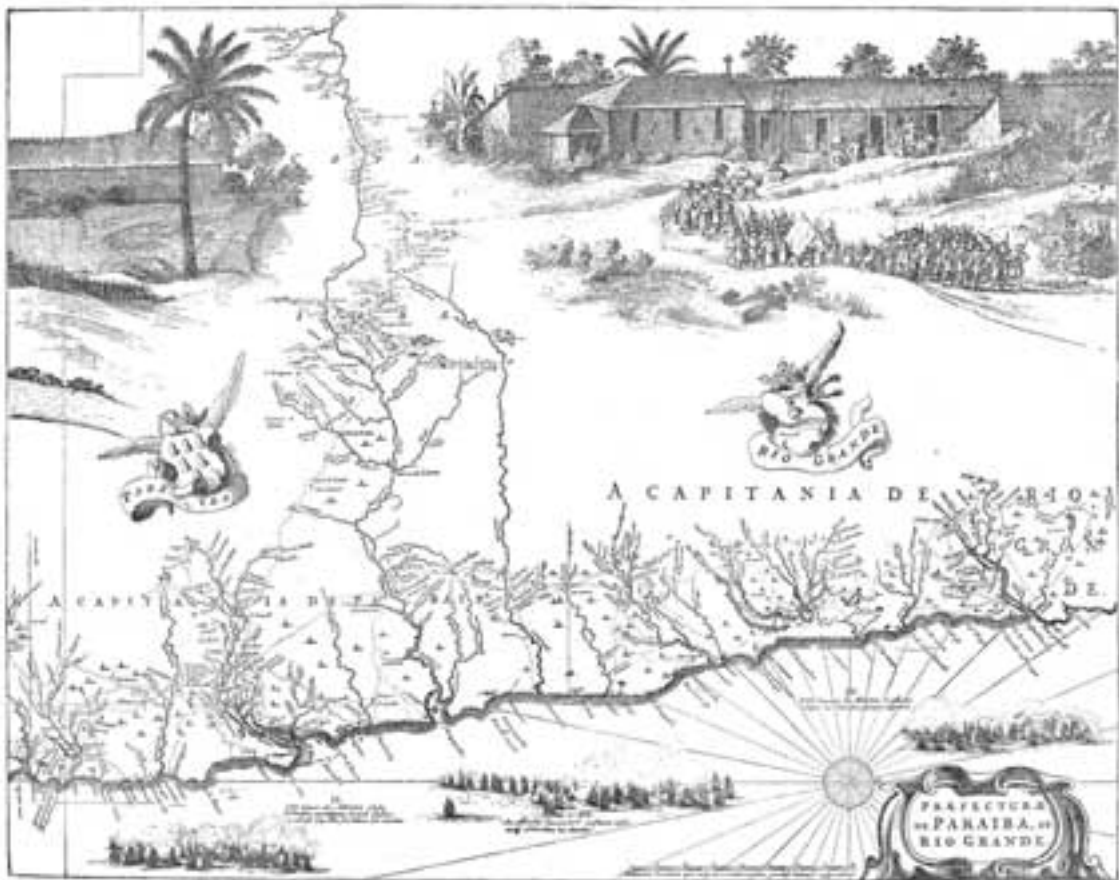
Colônias. Sedes do bispado e do Governo

Línguas

Costumes

Traje





O modo de cortar o cabelo é diferente para os homens, para com ele se distinguirem as tribos. As mulheres trazem cabeleira comprida, menos durante o luto ou na ausência do marido.

Religião Não honram nenhuma potências sobrenaturais, nenhuns deuses, a não serem os trovões e os raios, aos quais votam grande veneração. Têm horror dos espíritos malignos. Dados aos presságios, agoiros, sortilégios até à loucura, envolvem numa treva lucrativa o espírito leviano e ignorante dos seus com a mentirosa interpretação dos prognósticos. Prezam os feiticeiros. Gostam da poligamia e do divórcio. Não tratam mal as esposas, antes as cortejam, menos quando embriagados, o que também é freqüente com os holandeses. Em público, comprazem-se em tê-las por companheiras, usando esta ordem: se vão para o campo, precede o homem, pronto para investir uma fera ou enfrentar o inimigo; se estão de volta, caminha à frente a mulher, seguindo-a o homem, para ela escapar mais depressa de um perigo que sobrevenha. Em casa, têm-nas sob os olhos, receosos dos amores dos outros.

Alimentação Não conhecem hora certa de se alimentarem. Na mesma casa, muito comprida, em forma de uma querena virada e coberta de palma, vivem juntas muitas famílias. Dormem tranquilos e descuidosos em redes suspensas bem acima do chão para evitarem de noite os animais daninhos, assim como os vapores maléficos que sobem da terra. Antes desconheciam o trigo e o vinho. Alimentam-se com uma raiz nativa, à qual, reduzida a farinha, chamam MANDIOCA. Os brasileiros são nadadores, pescadores, atiradores de flechas Nadam admiravelmente, e, às vezes, ficam horas inteiras a mergulhar na água com os olhos abertos. Atiram flechas com estupeza habilidade e são destros pescadores.

Bebedores Vivem dia por dia, bebendo valentemente e entregues a desordenada alegria, sendo depois muito tolerantes do trabalho e da falta de comer. Na caça atingem velocidade igual à dos próprios animais bravios.

Cruéis Com grande tripúdio matam os prisioneiros, tendo-os engordado cuidadosamente por alguns dias, e comem-nos assados em espetos. Marcham alegres para a morte aqueles a quem está reservado tal destino, e, publicando, como de uma resenha, as façanhas praticadas contra os seus próprios verdugos, ufanam-se de não morrer sem vingança.

Habitações Moram em habitações esparsas e viajam em ranchos, numa só fileira e em admirável silêncio, belicosos e sanguinários.

Hospitais São muito afáveis com os hóspedes e estrangeiros e de excessiva cortesia. Lançando-lhes os braços ao pescoço e apertando-lhes a cabeça ao peito, recebem-nos com lágrimas e suspiros, lastimando-lhes os incômodos e embaraços da jornada. Depois, com o semblante já exercitado para isto, enxugam os olhos e tomam o ar e os gestos de quem se alegra.

As mulheres grávidas não sofrem muitas dores com o parto, porque a temperatura quente lhes ajuda os trabalhos. Não gostam absolutamente de passar

em casa o prazo decorrido desde o puerpério, como fazem as nossas patrícias, mas, ao contrário, levantam-se logo fortes e firmes e se ocupam sem preguiça dos serviços caseiros. Amam muito aos filhinhos, amamentam-nos durante um ano e negam-lhes outros alimentos. Sempre que saem, levam-nos pendurados às costas numa redezinha a que chamam TIPÓIA.⁴²

As armas dos homens são clavas de pau, arcos e setas. Põem nestas uma ponta de ossinhos ou de estrepes muito duros para elas atravessarem os escudos e as rodela de coiro. Armas

Não admitem haja para as boas ou más ações prêmios ou castigos depois da morte. Crêem que os mortos descem aos infernos com o corpo inteiro, ou com os membros mutilados, ou traspassados de feridas. Assim, enterram os cadáveres sem queimá-los, colocando junto deles uma rede para dormirem e alimento para alguns dias, pois estão persuadidos de que as almas dos defuntos comem durante esse tempo. Choram imoderadamente a morte dos seus, passam em pranto um mês inteiro, atiram-se ao chão como loucos, terminando estes trágicos transportes com um festim e com danças. Deveres para com os mortos

Propensos à melancolia, procuram dissipá-la com cantilenas e instrumentos músicos, que têm próprios, e, tanto quanto os outros homens, intercalam os entretenimentos com as cousas sérias.

O gentio do sertão é todo aquele que conserva os costumes pátrios aproximam-se, na crueldade, mais das feras que dos homens. São avidíssimos de vingança e de sangue humano, temerários e pressurosos para os combates singulares e para as batalhas.

Depois de se haver introduzido entre esses selvagens a religião e os estudos das artes liberais, foram distribuídos em aldeias e vilas os que moram à beira-mar, e adotaram os costumes dos europeus, de sorte que também aqui se aplica esta observação de Tácito: À ORLA DO OCEANO VIVE-SE COM MAIS DOÇURA. Misturando-se aos europeus, tornaram-se mais brandos

Onde, porém, a barbaria, que, para vergonha do gênero humano, não se peja da sua nudez, embruteceu o espírito dos naturais, sem temperá-los com boas leis algumas, com cultura alguma, obstinam-se os povos selvagens em guardar o caráter conforme aos costumes e ao natural dos seus maiores. Consideram inimigos os desconhecidos que com eles vão ter, julgando-os, as mais das vezes, uns como insidiadores da liberdade. Não falta a espíritos tão rudes astúcia para o mal, e não raro a crueldade e a perfídia substituem neles a valentia e a prudência. Tudo isto são observações dos europeus, que a esperança de enriquecer leva lá.

O caráter desses povos ministra-nos matéria para utilíssima consideração e para admirarmos a sabedoria da natureza, a qual cobriu, com a mesma semelhança de membros, tão diversos temperamentos, tão diversas inclina-

ções de almas. Isto nos ensina a darmos tratamento diferente a nações diferentes e a conhecermos o que se pode esperar de bom ou temer de mau em qualquer povo. Nenhum se poderia achar de índole tão perfeita que não descobrisse alguma falha, nem tão rude que se não recomendasse por alguma boa qualidade.

À força de armas defendem os indígenas do sertão as suas terras contra os portugueses. Os do litoral vivem misturados com eles e sujeitos ao seu domínio.

Com extraordinária variedade de formas, produz a região gêneros próprios de quadrúpedes, serpentes, aves, peixes, árvores e plantas, cuja descrição, deixada aos especialistas, oferece matéria agradável de versar. Brotam ali fontes e

Rio da Prata rios notáveis. Deles o mais célebre é chamado rio DA PRATA, o qual entra no Oceano quarenta léguas da foz e com tanto ímpeto que os marinheiros já bebem água doce, antes de avistarem, do alto-mar, a terra. Rio de Janeiro. R. Grande. São também rios afamados: o Real, o S. Francisco, o de Janeiro, o de Sto. Antônio Grande, o Capibaribe, o Beberibe, o das Ilhas, o das Contas, o Tinguari, o de Porto Calvo, o Camaragibe, o Formoso, o Mamanguape,⁴³ o Paraíba e outros mencionados nesta história e conhecidos pela fama dos acontecimentos desenrolados junto deles e pelas desgraças da guerra. Seria inútil citar mais por miúdo todas essas cousas já expostas por outros.

Todo o Brasil se divide em colônias e capitânias, algumas das quais reconhecem senhores próprios, outras têm o rei por senhor. São: 14 CAPITANIAS *Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande, Paraíba, Itamaracá, Pernambuco, Sergipe, Baía de Todos os Santos, Ilhéus, Espírito Santo, Porto Seguro, Rio de Janeiro e S. Vicente.*

As nações disseminadas por elas e pelo sertão diferem no natural, nos dialetos e nos nomes: *“Potigares, Viatãs, Tupinambás, Caetés, Tupiniquins, Tupiguais, Apigapigtangas, Muriapigtangas, Itatis, Temiminós, Tamoios, Carijós, e os célebres Tapuias, Tucanuços, Nacais, Cuxarés, Guaianás, Gaianás (v. nota 27), Pigrus, Canuçuíaras”* e mais algumas enumeradas em particular por outros escritores.⁴⁴

Não carregues o sobrolho, leitor: estamos fora do Lácio e da Grécia. Não foi permitido inventar palavras só para os povos do Velho Mundo. Também para as cousas da América é forçoso e justo criar termos para exprimi-las adequadamente.

Seria apenas descrever o Brasil e não historiar os fatos nele sucedidos dar-se uma relação completa de cada uma dessas cousas. Será suficiente indicar-lhe a posição, os limites, as capitânias, a população e as riquezas. Caberá talvez a outros, que falam nesta mesma história, darem, por dever de ofício, notícia mais circunstanciada de tais matérias.⁴⁵

Há muito a ciência dos geógrafos dividiu o Brasil em capit- Divisão recente do Brasil nias do norte e do sul. A divisão recente é, porém, a que o distingue em Brasil Espanhol e Brasil Holandês. A primeira dessas divisões é a natural; a segunda é feita pela força e valor dos homens. Aquela é a do Criador; esta a da partilha entre os príncipes. Uma é perpétua e imutável; a outra passageira e variável, segundo a fortuna da guerra. Os quatro mapas juntos, devidos à munificência de Nassau, representam o Brasil Holandês. Nem a MAURÍCIO mandou representar o Brasil Holandês em quatro mapas América, nem a Europa viram até hoje outros mais completos. O primeiro estende-se do rio Potipeba até o S. Francisco abrangendo o Sergipe del-Rei, anexado ao domínio da Companhia pelas armas de Maurício. Chama-se Capitania do Cirií, à conta do nome do rio. Neste Oliveira inclui o Sergipe entre as capitânias mapa, o rio de S. Francisco, celebrado nos livros dos espanhóis e dos nossos patrícios, afamado pelas suas ilhas, penedos e vaus, abre a sua barra e penetra, com vários rodeios, pelo sertão do Brasil. O segundo e o terceiro mapa põem ante os olhos toda a capitania de Pernambuco, bem como a de Itamaracá. O quarto mostra a Paraíba e a capitania do Rio Grande. Em cada um deles encontram-se, marcados com sinais próprios, os engenhos de açúcar, os currais, as cidades, vilas e aldeias, os fortes, os rios, as baías, os cabos, sinais esses que trazem luz e fé à narração.

Os portugueses e os holandeses possuíam o país com governos distintos e contrários. Quatro capitânias eram da nossa jurisdição: Rio Grande, Paraíba, Itamaracá e Pernambuco. As demais obedeciam a Portugal. Nós as garantíamos com fortificações tomadas ao inimigo ou construídas pelos nossos contra os generais espanhóis Albuquerque e Bagnuolo, célebre pelo seu renome militar.

Aquele defendia as suas próprias terras, este as do rei.

A capital da capitania de Todos os Santos havia de novo Estado do Brasil e da posseção antes da chegada do Conde passado para os portugueses, mais pelos vícios dos nossos do que pelo valor dos portugueses. Entretanto, estavam em poder dos holandeses as principais terras da colônia de Pernambuco, assim como todos os fortes destinados a presidiá-la.

O comércio da Nova Holanda nem diminuía por derrotas sofridas pelos nossos, nem aumentava por vitórias dignas de nota. Os reinos do Peru e do México e todas as regiões que se estendem para o Oci- Estado de Guerra dente ofereciam oportuna matéria para a guerra. As partes boreais e austrais do Atlântico eram guardadas por naus e esquadras, que iam e vinham conforme as circunstâncias. O terror inspirado pelo nome batavo invadira todas as ilhas setentrionais da América – Hispaniola, Cuba, Jamaica e Porto Rico. Campeche e Trujillo no golfo de Honduras tinham experimentado as nossas armas. Com fortalezas e guarnições ocupávamos as ilhas de Sta. Margarida e de Sta. Marta, terríveis pela sua cidadela, e a de Curaçau no mar setentrional. É recente e brilhante a Curaçau

fama da batalha travada com D. Luiz Borja, mestre-de-campo dos espanhóis, saindo vitoriosos os holandeses.

De contínuo os generais da Companhia infestavam com esquadras todas as costas do continente americano. Brilhavam sob outros céus os nomes principescos de Frederico, Orange, Amélia, postos em castelos e fortalezas. Não havia descansar das hostes e dos assaltos diurnos e noturnos dos inimigos, que incendiavam os engenhos e devastavam as vizinhanças. Por toda a parte, fumegavam também, como os incêndios ateados pelos nossos, as cidades, vilas, aldeias, oficinas e lojas dos portugueses, e no mar ardiam-lhes os navios e frotas, porque a vingança, raivando, acendia o facho da guerra. Estávamos em luta com alguns dos portugueses e dos bárbaros e em paz com outros. Atraídos estes últimos ao nosso convívio e aliança, deixamo-lhes salva a religião, os lares, as leis e os costumes. Prometeu-se liberdade aos oprimidos, comércio aos negociantes, fidelidade aos aliados. Mais uma vez, porém, quebraram os lusitanos a fé do juramento, mais por temerem que por amarem ao rei.

De todos foram os tapuias os mais dedicados a nós. Com o auxílio de suas armas e forças, comandadas por Janduí,⁴⁶ pelejamos contra os portugueses.

Também os povos da Guiana⁴⁷ aceitaram pacatos o domínio holandês. Alegravam-se todos com a expectativa de que, em chegando os nossos, se preparasse não a sua segurança, mas a vindita contra os espanhóis.

Na província de Pernambuco, estava à frente da administração pública Situação política o chamado Conselho Político, que não só regia a república, mas ainda os negócios da guerra e do comércio, segundo as leis neerlandesas. Era igualmente exercido o poder dos magistrados inferiores, com jurisdição no cível e no crime. Entretanto, as leis não eram acatadas pela corrupção dos súditos e ainda mesmo de alguns dos governantes. Mudando-se a condição dos lugares, chega-se aos piores desmandos. Os indivíduos de péssima estofa, temendo transformações por desconfiança da presente república, insinuavam-se nas boas graças dos portugueses, não por escrúpulos de fidelidade, mas por esperanças de impunidade.

Padecia o povo de grande carestia, por devastarem os inimigos os lugares próximos. Com o maior gasto e diligência possível, atalhava SIGISMUNDO VAN SCHKOPPE, CRIST. ARTICHOFSKI esse mal a Companhia. Sigismundo van Schkoppe, conspícuo por suas muitas e brilhantes façanhas, comandava as forças de terra. Presidia à marinha João Lichthart, conhecido mais pelos seus serviços e insígnies proezas contra o inimigo do que pelos favores da fortuna. Artichofski, militar de vocação, já muito experimentado, era coronel de um regimento de infantaria.

A derrota sofrida por Adriano Pater era considerada um dos desastres mais graves para o nascente império batavo do Brasil.

Jol, inculto, mas arrojado e entranhadamente infenso ao nome espanhol, depois de ter aprisionado, aqui e acolá, naus inimigas, enchia, como triunfador, todo o Ocidente com a sua glória marcial. Em Serinhaém, Terra Nova, Tapeçirica, Alagoas e outros lugares, com riscos vários e êxito desigual, guerreavam os ditos comandantes Schkoppe e Artichofski com Camarão e outros capitães contrários.

C. JOL

Na Holanda achavam os diretores da Companhia que fosse parecer de todos defender-se o Brasil e as conquistas realizadas e dilataram-se as possessões, discutindo-se seriamente a quem se deveria confiar ali o governo e a quem se reconheceria capaz de tão importante província. Deliberava-se miudamente sobre abastecimento de vitualhas, sobre armas, empréstimos contraídos e por contrair, rendas e impostos, e bem assim acerca do trato africano e do transporte de escravos para a América.

Não era menor a diligência do rei da Espanha, que se aprestava para embarçar os planos dos holandeses, recuperar as possessões perdidas, munir as periclitantes e utilizar-se das fortificadas. Entrementes, um general não só prudente, senão também atrevido, preparava importante matéria para novos tentames. Direi sem receio que foram tamanhos os apercebimentos para esta guerra até o ano de 1636 que levam de vencida os em-
Importância dos feitos da Companhia Ocidental até o ano de 1636
 prendimentos dos mais poderosos reis. O vulto da empresa faz-lhe perigar o crédito nos ignorantes e nos invejosos. Foi ingente o número das naus: segundo os registros oficiais,⁴⁸ mandaram-se mais de
Número das naus
 oitocentas para a guerra e o tráfico do Ocidente, para África e outros lugares e custaram mais de 45.000.000 de florins, levando-se em conta o preço das naus, os soldos, os bastimentos. Tomaram-se ao inimigo 547 naus,
As tomadas ao inimigo
 acarretando-se-lhes um prejuízo calculado em seis milhões. Da tomadia reverteram em utilidade pública mais de trinta milhões de florins, soma muito superior à que Paulo Emílio introduziu no erário de Roma.
Soma dos despojos
 E no entanto, no dizer de Veléio,⁴⁹ essa quantia “venceu em importância a de todos os triunfos anteriores”. Os danos causados aos espanhóis e a
Danos causados ao inimigo
 nós inúteis estimam-se em mais de sete milhões. Sobem a vinte e oito milhões as despesas feitas pelo rei, os direitos alfandegários e
Preço das mercadorias
 rendas anuais que lhe tolhemos. Em mercadorias que pareceu lucrativo transportarem-se para a Guiné, Nova Holanda, Cabo Verde, Serra Leoa e rios Senegal e Gâmbia, gastaram-se mais de novecentos milhões de florins, excluídas desta conta as imensas riquezas absorvidas pelas necessidades do Brasil e outros lugares. Por esse tempo, importou-se da Guiné e da Nova Holanda para a Holanda uma quantidade de ouro, marfim, âmbar, couros de boi e peles de preço, no valor de 14.600.000 florins.

O nosso século contempla estupefato estas realizações, e o futuro, menos lembrado delas, pasmará de que tantos tesouros tenham entrado, por esfor-

ços de particulares, no território das Províncias-Unidas e de que tanta opulência e glória tenham saído das mãos do espanhol. Não bastaram tamanhos cabedais para compensar os dispêndios impostos por tantas expedições; mas, com isto, pareceria a Companhia mais possante e mais terrível aos adversários.

Era essa mais ou menos a situação do Brasil e da América, quando Nassau assumiu o governo. Todos o desejavam nesse posto, porque, Predicados de NASSAU prático na milícia européia, sob o Príncipe de Orange, reconquistara, com sua dedicação e diligência, o que antes dele ninguém conseguira, a praça de Schenken, a qual, situada no divórcio das águas do Reno, defende a Batávia. Gozava ele por isso o favor público dos holandeses, acrescentando a esses títulos o lustre de sua família, ligada pelo sangue aos imperadores e por matrimônio aos reis, além da autoridade, da galhardia, da lealdade, da boa fortuna e de outras muitas virtudes e honras. Tudo isso exigia fosse ele arrastado sem detença ao comando supremo e não consultado em longas deliberações. Demais, ostentava ele no porte e no corpo a bizarria e gentileza não só própria de idade viril, mas também congruente na dignidade com a relevância do seu alto cargo. Para auxiliar os príncipes alemães, já antes participara, como cavaleiro, da expedição que, sob Frederico Henrique de Nassau, se mandara ao Palatinado contra o Marquês de Spinola.⁵⁰ Fora alferes e comandara como capitão uma companhia, subindo logo de posto, sob Ernesto, governador de Frísia, e depois sob o príncipe Maurício de Orange, *statthouder* de Holanda, Zelândia e Frísia. Sob S. A. o príncipe Frederico Henrique, já supremo defensor das Províncias-Unidas, celebrizou-se Nassau nos famosos assédios de Groel, Bois-le-Duc, Vanloe, Maestricht (onde sustentou e repeliu com valentia o ataque contra a sua posição feito por Pappenheim,^{50-A} general das forças imperiais) e de Rheinberg. Assim, depois de desempenhar, no Velho Mundo, todas as funções militares, viria exercer outras novas no Novo Mundo. Acompanhava-o a opinião – era verdadeira – de que se lhe dava a província do Brasil, não por insinuação ou pedido seu, Entrega-se o governo do Brasil ao ilustre Conde mas por ser dela julgado digno e capaz. A voz pública não errava, antes escolhia o melhor. E o que é mais para louvar, logrou ele, por suas virtudes, fosse a Companhia antes pedir de empréstimo um governador aos alemães Ratificação dos E. Gerais e do Príncipe de Orange que escolhê-lo entre os próprios holandeses. Os Estados-Gerais e o Príncipe de Orange ratificaram os poderes a ele conferidos pelos diretores da Companhia, dentro das cláusulas seguintes, que fossem honrosas para o general e para casa de Nassau e úteis ao povo: 1) governaria com o título e poder de governador e capitão-general de terra e mar; 2) teria sob sua jurisdição todas as terras que os holandeses conquistarem ou esperassem fazê-lo; 3) superintenderia tudo o que referisse ao bem público, à boa ordem e disciplina dos cidadãos, à guerra, às alianças e pactos de justiça; 4) removeria todos os abusos e providenciaria para que não sofresse a república detrimento algum; 5) em campanha, caber-lhe-ia prover as patentes militares nos mais idôneos;

durante a paz e nos quartéis de inverno, escolhê-los-ia para tais provimentos dentre os poucos que o Conselho indicasse; 6) decidiria também sobre honras e funções civis; sobre a conveniência de construir, transferir ou demolir fortificações; sobre a sede do Governo e do Conselho; 7) regularia o trabalho e remuneração dos brasileiros e dos índios; 8) resolveria sobre a substituição dos conselheiros e dos oficiais, com a ratificação dos diretores da Companhia.

Estas e outras cláusulas foram sancionadas por fé pública, para que aos administradores supremos de negócios tão relevantes constasse uma regra certa das funções do Governador, ficando as partes adstritas a um escrúpulo de consciência.

A princípio foi prometida ao Conde uma esquadra de trinta e duas naus para ele ir tentar fortuna no Novo Mundo. Entretanto os diretores, diminuindo a sua avidez de ousadias, convieram depois em doze, que levariam 2.700 soldados. Para evitar uma delonga prejudicial, companhia das grandes empresas, Nassau, já disposto para os trabalhos e as fadigas, resolveu partir numa esquadra ainda desapercibida, como acontece de ordinário em tais circunstâncias, e com soldados mal aprestados, com os quais ia passar à América, em quatro navios somente. No outono do ano da graça de 1639, zarpou ele do porto Partida para o Brasil em
25 DE OUTUBRO DE 1636 de Texel, com o pleno assentimento e a mais firme esperança de todas as classes sociais. O navio que conduziu o capitão-general tinha o nome de *Zutphen*. Os soldados não excediam 350, que mal o garantiriam contra os ataques dos espanhóis de Flandres e de Dunquerque. À sua partida, foram dele despedir-se e levar-lhe os votos de felicidade e boa viagem Votos públicos dirigidos
ao Conde os membros dos Estados-Gerais, o Príncipe de Orange, os diretores da Companhia e os cidadãos mais considerados, persuadidos de que iria ele dar um exemplo novo de felicidade e de sabedoria política e militar. Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, era voz geral que, com semelhante general, se podiam acalentar outras esperanças sobre tão importantes cometimentos; que seria ele o sustentáculo do continente americano; que daria vigor às nossas armas e dignidade ao nosso império; que ninguém era mais moderado e prudente; que, nas campanhas pátrias, aprendera as dificuldades e os lances da milícia; que ia guerrear com o auxílio de soldados comedidos e obedientes; que, pela sua fama, seria terrível aos inimigos, caro aos seus guerreiros alemães, por serem patrícios e que aplacaria aos bárbaros com a sua brandura e mansidão.

Depois de ter navegado, com dias serenos e ventos Crê-se que as Sorlingas
sejam as Cassitérides de
Ptolomeu propícios, o Canal de Inglaterra, já próximo às Sorlingas (são as Cassitérides de Ptolomeu), o mar, turbado por furiosa tormenta, flagelou com graves incômodos os inícios da travessia. Tem-se observado várias vezes que as potências celestes recebem iradas as expedições ultramarinas. Isto sucedeu a Agamemnon, a Enéias, a Xerxes, a Germânico, a Por uma tormenta é
tangido para a
Inglaterra César e a outros que empreenderam façanhas extraordinárias, ou

porque os novos reinos devam ser sagrados com a adversidade, ou porque o desejo de poderio deva ser coibido com o temor dos perigos. Consultando os capitães das naus sobre a conveniência de se ferrar o primeiro porto, desagradaram ao Conde tais delongas, conquanto desafeito ao mar, e manda prosseguir a viagem, sem interromper a navegação. Crescendo, porém, os perigos com os mares procelosos, tornados mais formidandos com os rigores do vizinho setentrião, a prudência, condescendendo com o temor, aconselhou que se recolhessem a Falmouth.⁵¹ Já a *Zutphen* fizera água e mal emergia. Com altas vagas encontroava o mar grosso os navios, que, pelo furor dos ventos contrários, estavam a pique de encalhar nos parcéis e rochedos das Sorlingas.

Enquanto se aguarda em Falmouth tempo mais favorável para navegar,
 Detém-se em Falmouth S. Majestade Sereníssima, Carlos I da Inglaterra, tendo tido conhecimento de se achar o Conde João Maurício em porto inglês, ordena ao governador daquela cidade e à nobreza dos arredores cumprissem para com Nassau todos os deveres de cortesia e providenciassem todo o necessário aos reparos de sua frota. Tudo foi ministrado com abundância e boa vontade.

Tenha embora quase desaparecido em nossa gente a crença em augúrios
 Presságios e portentos, e não cuidem os mais sensatos que Deus se envolva facilmente nos casos fortuitos, notou-se, todavia, duplo presságio não totalmente desprezível. O primeiro um peixe que saltou do mar no convés, quando se passava perto de Dunquerque. Chamam-lhe “badejo grande” para distingui-lo do menor denominado “pescada”. O segundo foram cinco perdizes vindas das costas da Inglaterra, as quais entraram na *Zutphen* onde ia o Conde e na *Pernambuco*, servindo de prazer e presa espontânea para os marujos. Segundo a conjectura risonha dos pressagiadores, acreditou-se que esses prenúncios prometiam a obediência e o pavor do mar e da terra. Talvez queira a bondade divina, tocada pela aflição dos príncipes, revelar ainda mesmo com estes meios e com as aparências dos fatos os sucessos futuros. Tais foram outrora a serpente no rio Bragada, quando Régulo batalhava na África; a aparição salvadora duma águia ao rei Dejótaro; três corvos crocitando para Graco; um lobo, que nas Gálias tirou da bainha a espada de uma sentinela, e outros infinitos, aos quais só a credulidade supersticiosa atribuir a glória ou a ignomínia, a salvação ou a ruína dos varões de grande celebridade, segundo foram favoráveis ou infelizes os fatos acontecidos.

Transcorrem quarenta dias sem monção para a travessia. Entretanto
 Chega às Ilhas do Cabo Verde continha o Conde os tripulantes nos navios, atento em não deixar fugir o momento oportuno para a partida. Enfim, amansadas as procelas, com feliz navegação – chegou às ilhas do Cabo Verde.

O Cabo Verde, célebre entre os promontórios africanos, é coberto de
 Descrição das Ilhas do Cabo Verde verdejante arvoredos, donde procede o seu nome. Crêem muitos ser ele o cabo Arsinário de Ptolomeu. Segundo Oliveira, é o prin-

cípio da Etiópia, e se estende, por mais de cem léguas, até o cabo da Serra Leoa, chamando-se todo esse território Capitania do Cabo Verde. É limitado de uma banda pelo rio Gâmbia, e da outra pelo Senegal, ambos conhecidos pelo tráfico dos nossos. Há aí contendas freqüentes entre o rei e os chefes por causa da realeza. Quem sai vencedor defende-se com uma vindita assaz cruel, quer o rei mais poderoso dê cabo dos grandes, quer estes eliminem o rei. As riquezas régias dependem do alvedrio e liberalidade dos chefes, os quais às vezes mimoseiam a um pobre e necessitado com cavalos, vacas, cabras e legumes. Para oeste, no meio do Oceano, jazem dez ilhas a que chamam do “Cabo Verde”, por serem vizinhas deste cabo. Foram descobertas em 1440 pelo genovês Luís Cadamosto. Pensam alguns serem elas as Górgones ou Hespérides dos antigos. Há nelas abundância de cabras e de salinas, chamando-lhes por isso os nossos também Ilhas do Sal. Aí colhem os espanhóis milho zaburro. Quando se descobriram, eram inteiramente incultas e não apresentavam nenhum vestígio humano. Os primeiros que ali desembarcaram apanharam pombas com a mão ou mataram-nas com bastões, porque posavam no chão, desacostumadas dos homens. A principal e maior destas ilhas é a de “S. Tiago” com vários gêneros de árvores e um comprimento de sete léguas. Nela existe imensa cópia de sal, águas doces e inúmeras tartarugas, tão grandes que suas cascas igualam o tamanho de um escudo maior. Acima desta e mais para o norte está a ilha da “Boavista”, assim denominada por terem aí aportado a primeira vez os portugueses, dando-se uns aos outros os parabéns. Entre as menores inclui-se a de nome “Ilhéu de Maio”. Conhecida por suas salinas, costuma ser freqüentada pelos espanhóis. Tem escassa população, a não serem por acaso alguns negros fugidos ou alguns degredados portugueses, cuja morte ali é insignificante dano. Detendo-se nesta seis dias para fazer aguada, logo chegou Nassau à famosa linha do mundo, que divide o céu e a duração dos dias e das noites em duas metades. Aí, a uma distância igual dos términos do Universo, mostrou-se o valor dos Nassaus aos dois hemisférios para equilíbrio de seu grande lustre e das suas façanhas em toda a parte feitas ou por fazer.

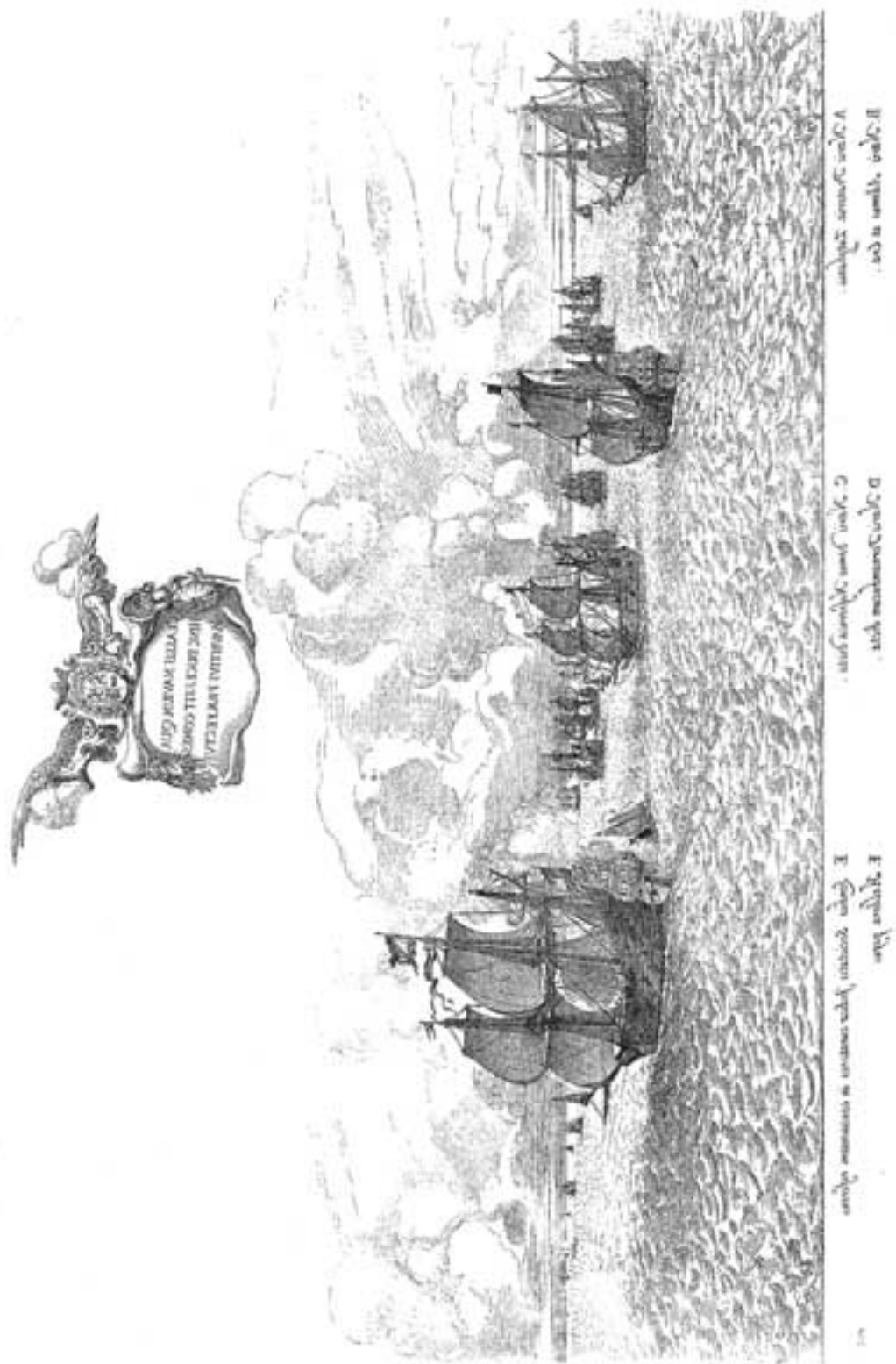
Demora-se no Ilhéu de Maio para fazer aguada. Passa a linha equatorial

Após uma derrota longa, realizada em breve espaço, Chega ao Brasil 23 DE JANEIRO DE 1637 quando já entrara o inverno para a Holanda, aportou ao Brasil, em Pernambuco, alegre de ter compensado os contratempos do mar por uma viagem próspera. Com ele arribou também Adriano van der Dussen, a quem o Conde reunira a si perto da Ilha da Madeira. Três dias após, chegaram Mateus Ceulen e Carpentier, os quais, por serem conduzidos numa nau aberta, tiveram de se demorar algum tempo na baía de S. Vicente⁵² para os reparos dela. Depois destes, veio Gisselingh, muito maltratado pelos temporais marítimos. Eram todos membros do futuro Conselho Secreto e esteios do governo. A travessia, feliz pela brevidade do tempo, levou Nassau a seu destino numa quadra do ano idônea para executar ele os seus planos. Sua chegada, com efeito, caiu em meses

próprios para a guerra e as campanhas. Pelo súbito do desembarque, não tiveram tempo os portugueses nem os governadores da Baía de Todos os Santos de enviar socorros contra o Conde e de intentar contra ele qualquer movimento hostil.

Ao saltar em terra, receberam-no as pessoas gradas do lugar e o povo, e ^{É recebido no semblante, nas homenagens, nas palavras, atestavam-lhe o seu acata-}
^{pelos seus} mento, captando-lhe os mais as boas graças, como acontece de regra com os governos novos. Com alegria igual à modéstia, recebeu ele, como testemunhos de comum benevolência, estas saudações dos circunstantes e dos que ali concorriam. Em seguida, exibindo, na reunião do Conselho, as patentes a ele entregues pelos Estados-Gerais, pelo Príncipe de Orange e pelos diretores da Companhia para assumir o comando supremo e o governo, quis aquele habilíssimo general fosse o seu primeiro cuidado conhecer quantos soldados holandeses e aliados se achavam em armas e nas guarnições, julgando prudente preparar a guerra antes de fazê-la e medir as próprias forças para não se tentar uma façanha sem resultado, e para uma audácia precipitada não diminuir o bom nome do governo iniciado. Sabe-se em verdade que as tropas aparelhadas sustentam melhor as guerras do que as leva violentas e tumultuárias.

Todo o contingente militar foi distribuído em dois corpos, um destinado às guarnições, outro às campanhas. Ficaram nas guarnições ^{O primeiro cuidado de NASSAU é informar-se do estado da milícia.} 2.600 homens, que se repartiram pelas praças de Recife, do Rio ^{Guarnições distribuídas. Reservadas para a guerra.} dos Afogados, do Cabo de Sto. Agostinho, de Itamaracá e da Paraíba. O corpo reservado para campanha foi dividido em duas tropas: a maior, para atacar o inimigo, com 2.900 homens; a menor, de infantaria ligeira, com 600. Estes surpreenderiam e estorvariam o inimigo noutras partes e espreitariam as ocasiões. Depois providenciou Nassau vitualhas e transportes, imitando nisto a previdência dos romanos. Informou-se minuciosamente da provisão de pão, biscoitos, toucinho, legumes, carnes, queijo e vinho existente nos navios e armazéns, pois sem isto a soldadesca se torna agastadiça e indisciplinada. ^{Armamentos} Começou também a recensear os armamentos, arrolando as armas brancas e as de fogo, a artilharia, os arcabuzes, os mosquetes, as espingardas, etc., a pólvora, as naus e petrechos náuticos nas costas e nos portos. Encontrei notada a escassez de morrões, lançando-se a culpa disto aos administradores europeus da companhia. Mas a necessidade, valendo-se do engenho, por uma nova arte, fabricou morrões, servindo-se de casca de árvores. Não eram, porém, de boa qualidade, porque se apagavam logo. Houve também, para dizer verdade, tal carestia de mantimentos que, depois de se abastecerem os acampamentos para dois meses, distribuindo-se aos soldados ração assaz estreita e fraca, ainda assim mal sobrou com que alimentar as guarnições, as quais tiveram de viver parcamente e com fraude do apetite. Daí queixas e murmurações dos soldados jejunos, as quais dificilmente se aquietaram com as palavras brandas e as promessas liberais dos comandantes. Porquanto os soldados holandeses, habituados a comer



Prudência do Conde à saciedade, não toleram os jejuns que facilmente suportam os soldados vindos de lugares confragosos e de terras pobres. O Conde, por edito, permitiu a cada um levar para os quartéis as provisões que quisesse, simulando-se deste modo fartura de tudo, para que nem o inimigo, informado de nossa penúria de mantimentos nos acontecesse mais audaz, nem a soldadesca se amotinasse nos arraiais.

Tomadas estas providências entre os seus, procurou Maurício conhecer as posições do inimigo, suas forças e aprestos, à maneira do capitão cartaginês,⁵³ que sabia tão bem as cousas dos seus adversários como as próprias. Por espias teve-se notícia de ocupar ele o território e a praça de Porto Calvo, donde mandava bandos predatórios a infestar, com rapinas e devastações, as terras vizinhas pertencentes aos nossos, a tal ponto que nem mesmo era seguro o trajeto entre Olinda e Recife. Os índios, abandonando suas aldeias, por medo dos inimigos, buscavam proteção sob as nossas fortalezas. As forças militares no campo do Serinhaém mal bastavam para repelir as irrupções dos nossos contrários, evitando que eles penetrassem mais no interior. Nem a estes faltavam nas brenhas os seus refúgios, através de caminhos ocultos e cegos, sendo-lhes os portugueses fáceis e favoráveis quando nos insidiavam, e a nós difíceis, se queríamos fazer-lhes o mesmo. E como não puderam ser expulsos das fronteiras, o que era nosso ficou-lhes exposto aos incêndios, esbulhos e matanças.

O Conde prepara-se para a guerra Diante disso, ordenando Nassau uma prece pública, para que não parecesse ter encetado alguma empresa sem o auxílio divino, julgou acertado atacar sem demora ao inimigo e iniciar a sua governança com as armas e a guerra, firmando o seu poder e mostrando ao adversário a sua confiança, cousas que, mormente entre os estrangeiros, são os primeiros instrumentos para consolidar um principado. Considerava que o oprimir ele o espanhol, sem delongas e com dignidade, era do maior interesse para a sua glória e a da Companhia. Protelando as hostilidades, conseguiria o espanhol força e disciplina, e ele incorreria na suspeita de insensatez ou de pachorra.

Todas as forças foram por terra para Serinhaém, menos a guarda do Conde e as companhias comandadas respectivamente por Carlos de Nassau e pelo capitão Hauss. Compostas de soldados bisonhos, tidos por incapazes das marchas mais lentas dos acampamentos por causa do caminho bastante longo, foram por mar juntar-se ao Conde. Partindo ele com o exército para o Una e transpondo o rio, que o inimigo, com uma força exígua, teria facilmente defendido, marchou para a Barra Grande, a fim de esperar a esquadra, a qual transportava, em trinta e três navios de carga e ligeiros, as provisões e todo o aparato bélico. Reuniram-se trezentos infantes holandeses, oitocentos soldados de mar e seiscentos brasileiros, aos quais se juntou uma companhia eqüestre. Com essa tropa marchou-se contra os espanhóis, que eram superiores em número. A estes comandava o Conde Bagnuolo, militar ex-

Rio e aldeia Una ou Huna. Barra Grande. Marcha contra o inimigo

perimentado, que se distinguira nas campanhas neerlandesas sob o Marquês de Spinola. Além dos índios, negros e portugueses, dispunha ele de 4.000 soldados. De antemão fortificara as margens do rio com trincheiras para as quais se retirou, informado da chegada de Nassau, seja por desconfiar dos armamentos, pois em soldados se avantajava a nós, seja com o fim de atrair os nossos para debaixo do baluarte do referido porto.⁵⁴ Junto de um ribeiro distante do forte uma légua, assentou, num monte, os arraiais, com um poder de 2.000 combatentes. Cercou o campo com dupla linha de trincheiras, fechando os desfiladeiros com toros e troncos de árvores cortados por toda a parte. O plano era conter aí o ímpeto dos holandeses para que ele Bagnuolo, mais próximo da fortaleza, pudesse defendê-la com forças armadas e ser por ela defendido.

Ao entardecer, Maurício, explorando o local e a posição Escaramuças dos inimigos, armou o acampamento no monte oposto. Sem vantagem alguma, desafiaram eles aos holandeses para as batalhas, com ligeiras escaramuças, ocupando-se, entretanto, a noite inteira, em munir com tranqueiras o seu posto. Antemanhã, quando mal clareava, disparamos contra os espanhóis algumas vezes as peças de campanha, aterrando-os e diminuindo-lhes a ousadia.

O exército seguiu esta ordem: duas companhias de ho- Ordem do Exército landeses e três de brasileiros foram mandadas marchar, pela direita, através dos lugares escusos das matas e transpor os entrincheiramentos, façanha árdua; outras tantas foram destacadas, pela esquerda, para investirem simultaneamente os inimigos. Nassau, mostrando a sua bizarria e disposição para a luta, com a sua guarda junto de si, ia-lhe à frente, pois entendia muito importar quem dirigiria o início daquela batalha, que iria dar os presságios da vitória. Comandavam a retaguarda Schkoppe e Artichofski, os quais, afamados e em voga por suas façanhas, gozavam das simpatias da soldadesca. Assim, atacando eles o inimigo, em três lugares e com três batalhões, permitiram-lhe travar o combate. Mandou Bagnuolo mil mosqueteiros atirar contra os holandeses, morrendo seis e ficando feridos trinta e seis. Nós, arrancando as paliçadas e rompendo ferozmente Expulsa das fortificações o inimigo as cercas que nos obstavam, acometemos os contrários de um e de outro lado, forçamos corajosamente os flancos e, após uma peleja renhida, obrigamo-los a debandar. Os que tinham alcançado terrenos mais planos, assaltavam facilmente; para os que tinham de atacar as trincheiras e superar os abatisses era maior o trabalho e o perigo, porque, em posição elevada, ficavam expostos a tiros mais certos.

A esperança e a coragem das partes adversas inflamaram-se com a emulação, incitando-as, de lado a lado, o desejo de fugir à ignomínia. Neste encontro tombaram quatrocentos inimigos, que se viam dispersos, errantes, sem armas. Os restantes acolheram-se à proteção da fortaleza. Morreram e caíram prisioneiros alguns que eram eminentes na milícia, e com tanto encarniçamento per-

seguiram o inimigo os holandeses e índios, que com dificuldade podiam ser chamados ao acampamento por ordem do general.

O Conde, prometendo-se com esta primeira vitória o bom êxito da seguinte, conduziu o exército vencedor pela raiz das colinas, justamente para debaixo da fortaleza. Bagnuolo, munidas as suas estâncias no monte, fez fogo contra os nossos o dia inteiro, como também o fizeram os que ocupavam o forte, mas com muito estrépito e pouco dano. Nesse mesmo dia, Schkoppe com os seus soldados e Lichthart com os seus marinheiros foram destacados pelo Conde para tomarem a ilha, facilitando-se destarte o transporte das provisões. Durante a noite, o general espanhol ajuntou a bagagem e escapuliu-se, abandonando três canhões de bronze. Temeu ficar na fortaleza para não se envolver com a rendição dela, e não se atreveu a impedir o cerco aos nossos para não desfalcarmos seu exército. No dia seguinte, Nassau, examinando novamente as fortificações dos inimigos, verificou terem-se retirado, sem se demorarem muito nas mesmas. Quando Maurício delas se aproximava, saltaram com fogos ocultos que Bagnuolo, saindo alta noite, lhes deitara por cilada. Nenhum dano, porém, sofreram os holandeses, cuja chegada mais tardia os livrou daquele desastre. Bagnuolo dirige-se para o Camaragibe para daí ganhar Alagoas. Nossos soldados acossam o inimigo, em vários encontros dão cabo dos que vagueavam e, com a precipitação dos fugitivos, apanham presa e opimos despojos. Cobra então ânimo o general holandês para atacar a fortaleza da Povoação, capital da província, sem ignorar que, conforme corressem os inícios da guerra, assim teria de ser a esperança e a fama das mais empresas.

Cerca a fortaleza da
Povoação de Porto
Calvo

A fortaleza está situada na província de Pernambuco, às margens de um rio muito acessível e de boa profundidade para navios de carga. Dista 25 léguas de Recife. Há sete engenhos nas circunjacências e dali parte uma estrada para as Alagoas e terras dos rios Camaragibe e Sto. Antônio Grande. Dois anos antes fora expugnada por Lichthart, que pôs em fuga o Conde Bagnuolo e fez afogar-se no rio diversos espanhóis. Entretanto, não muito depois, Bagnuolo, planejando reconquistá-la e aproveitando-se do ensejo para executar seu desígnio, recuperou-a sem dificuldade, graças à traição do português Sebastião do Souto, homem perfidíssimo, de cujo ótimo auxílio nos servíramos antes. Ilaqueando com mentiras a boa fé do sargento Picard, nos causou mais desvantagens e danos do que as vantagens e salvação do que nos deu. Com falsas indicações, aconselhou Picard a evacuar a fortaleza e entregá-la à invasão do inimigo, removendo-lhe a guarnição. Com esta proeza, celebrizou, pela enormidade do crime, a perfídia dos seus.

Além disso, foi condenado à morte Domingos Calabar, português que, abandonando o partido do rei pelo nosso, foi preso no forte e supliciado, pagando na forca a sua deserção e deixando os membros esquartejados por espetáculo e testemunho da sua infidelidade e miséria.

Julgando Nassau que interessava à Companhia sujeitar-lhe ^{Ordena os acantonamentos} ao poder a dita fortaleza, estabeleceu logo quatro acantonamentos. Ele chefiou o primeiro, o governador Sigismundo van Schkoppe o segundo, o coronel Artichofski o terceiro, e o almirante Lichthart o quarto. Livre do medo externo, levanta baterias em cada um dos postos, assenta a artilharia, e, jogando-a feroz e reiteradamente contra a fortaleza, recebeu do adversário mútuos disparos e danos, ficando destruídas de parte a parte as trincheiras que a pressa levantara. Entretanto, com o trabalho dos sapadores, estende sem esmorecer os aproches e as minas, arrastando-se com os operários até perto dos soldados contrários. De sol a sol, era-lhes companheiro nos perigos. Morreram, além de alguns soldados rasos e oficiais, Carlos de Nassau, militar jovem e ardoroso, mais esforçado e brioso do que afortunado, e o capitão João Tallebon, arrebatados à prática de grandes atos de valor pela súbita explosão de uma bombarda. No décimo terceiro dia do assédio, já estando as obras de acesso próximas dos fossos, e faltando aos sitiados coragem e forças para ainda se defenderem, rendeu-se a fortaleza com honrosas condições, primeira recompensa que o Conde alcançou da expedição americana, fundamento e caminho de um poderio mais amplo. Conce- ^{Expugna o forte} deu-se aos soldados da guarnição, armados segundo as praxes da milícia, a faculdade de partirem e retirarem-se de batida para a ilha do Recife e dali para a Espaniola e para os lugares das Índias Ocidentais que escolhessem ou para a Ilha Terceira. Foi-lhes permitido segundo as honras da guerra, levar um só canhão e alguma munição. Pediram a Nassau navios para a partida, com as garantias que tinham pactuado. Rumaram todos para a Ilha Terceira, que é a principal dos Açores ou Ilhas Flamengas.

Saindo da praça o vice-governador espanhol, Miguel Giberton, ilustre nas lutas contra a Holanda, oito capitães, sete alferes, quinhentos soldados, entre italianos, portugueses e espanhóis, além dos enfermos e feridos, fizeram a nossa vitória gloriosa e útil, porquanto aos despojos de guerra se ajuntaram 22 peças de bronze, 5 de ferro, 4 morteiros (espécie de canhão curto e de boca larga), grande quantidade de granadas e de balas de ferro, morrões e outros petrechos bélicos e todo o arsenal do rei ali existente.

Vagueando o nosso exército nos arredores de Muribeca e S. Lourenço, resistiu às surtidas dos inimigos em nosso território. Os saqueadores foram expulsos pelos nossos, sob o comando de Jacó Stackouwer, o qual travou combate com um troço deles, derrotou-os e pô-los em fuga, tendo então pelejado bravamente o tenente Helmich. Conseguiu-se, assim, maior tranqüilidade e quietação para os campos circunjacentes. Certamente, para exemplo, cumpriria transmitir-se aos pósteros a memória de todos os capitães que se bateram, se o saber-lhes os nomes me fora tão fácil quanto o admirar-lhes o valor.

Maurício encalçou a Bagnuolo, que fugia, pois julgava devia usar da violência e, em pouco tempo, o expulsou de toda a província de Pernambuco, já menos ânimoso e forte.

Para elucidar a presente história dos feitos praticados e a dos que de futuro se praticarem nesta província será de vantagem indicar-lhes sucintamente a posição e os lugares, sobretudo por ser ali a residência tão luzida do Conde, sede do Conselho Político e do Supremo e a principal e mais freqüentada estação naval.

Pernambuco é uma das maiores colônias do Brasil, pois tem de costa, entre a foz do S. Francisco e a capitania de Itamaracá, 60 léguas. É propriedade do português Duarte de Albuquerque, em cujo nome a governava seu irmão Matias de Albuquerque, o qual viera para Olinda pouco antes de a tomarem os nossos. São onze as vilas e povoações habitadas por lusitanos. A primeira é a capital Olinda, à beira-mar, notável por belos edifícios e templos. O sítio, por amor das colinas que ela abrange no seu perímetro, é assaz acidentado, de sorte que dificilmente o poderia munir a indústria humana. Na parte mais alta, erguia-se o convento dos jesuítas, de construção elegante e rico de rendas, levantado por el-rei D. Sebastião. Era o primeiro que aparecia, com seu aspecto agradável, a quem vinha do mar alto. Ao lado dele, via-se outro – o dos capuchos, e perto da costa o dos dominicanos.⁵⁵ Na região superior da cidade, estava o mosteiro de S. Bento, protegido pela natureza e pela sua construção. Havia também uma igreja de freiras e mais outras. Tinha duas matrizes: a de S. Salvador e a de S. Pedro. Calculavam-se em 200 os moradores, fora eclesiásticos e escravos. Distribuíam-se em quatro companhias de número desigual, como se costuma. Eram mais ou menos duzentos os mais ricos.

De Olinda estende-se para o sul, entre o rio Beberibe e o Oceano, um istmo, de cerca de uma légua, assaz estreito e arenoso, semelhante a uma costela ou linguazinha. Como noutros lugares, colocou-o a Providência Divina fronteiro a esta costa contra os assaltos do mar. Na sua extremidade existiu uma povoação chamada “Recife” ou “Abrigo”,⁵⁶ talvez porque dentro deste e de uma outra língua de terra a ele semelhante, chamado Recife de Pedra, podem e costumam as naus abrigar-se para receberem e despejarem os carregamentos. Tinha esse povoado uma população densa, e no sítio em que o mar corta ao meio o istmo arenoso é o surgidouro das naus maiores, por causa da notável profundidade. Defronte deste, onde morre o Recife de Pedra, que deixa passar as ondas aqui e acolá, existiu uma torre surgindo das vagas com o nome de Castelo do Mar, para diferenciar-se do que se via no recife de terra ou areia, denominado Castelo da Terra e pelos portugueses Castelo de S. Jorge.

Abandonada Olinda, mudaram para a povoação do Recife os mais dos cidadãos e comerciantes, dotando-a de ótimos edifícios, até que Mauriciópole en-

trou a empanar-lhe o fulgor. Recife, cingido pelas nossas estacadas do lado que olha para o Beberibe, tornou-se bastante forte, pois o rio é vadeável na vazante.

Tal era o aspecto de Olinda antes de expugnada pelos holandeses, os quais tornaram inexpugnáveis estes recifes ou angras, assim como a ilha de Antônio Vaz. Já esta brilha com o palácio do Conde – Friburgo –, ^{Ilha de Antônio Vaz} magnificamente construído, a sua própria custa, para uso dele e honra do governo –, e bem assim com a cidade Mauriciópole e as pontes admiravelmente lançadas sobre os dois rios.

A segunda vila, antes povoação do que vila, é *Iguaraçu* mais ^{Iguaraçu} distante do litoral, em frente a Itamaracá e a 5 léguas de Olinda. Habitaram-na outrora portugueses de condição mais humilde, que viviam das artes mecânicas. Caindo, porém, Olinda em nosso poder, até os seus mais opulentos moradores passaram para Iguaraçu. Tomaram-na os nossos a 1º de maio de 1632, incendiando-a e saqueando-a.

A terceira vila é o já mencionado Recife.

^{Recife}

A quarta é Muribeca, mais no sertão e mais para o sul, a 5 ^{Muribeca} léguas do Recife.

A quinta é Sto. Antônio, a 7 ou 8 léguas do Recife, no sul, ^{Stº Antônio} perto do Cabo de Sto. Agostinho.

A sexta é S. Miguel de Ipojuca, muito populosa, a 10 léguas ^{Ipojuca} do Recife. Tem 13 engenhos, que produzem anualmente grande quantidade de açúcar. Está situada às margens do rio do mesmo nome, o qual entra no mar junto ao lado meridional do Cabo de Sto. Agostinho.

A sétima é a povoação de Serinhaém, muito ampla e amena. ^{Serinhaém} Possui 12 engenhos, produzindo cada um seis ou sete mil arrobas de açúcar (1 arroba pesa 27 ou 28 libras nossas). Dista 13 léguas do Recife.

A oitava é S. Gonçalo do Una, a 20 léguas do Recife, com 5 en- ^{Una} genhos.

A nona é Porto Calvo, a 25 léguas do Recife, tendo 7 a 8 en- ^{Porto Calvo} genhos. Aí fica a fortaleza da Povoação,⁵⁷ célebre pela vitória de Maurício.

A décima é a povoação de Alagoas do Norte, a 40 léguas ^{Alagoas do Norte e} do Recife. A undécima é Alagoas do Sul, distante quase outras tan- ^{Alagoas do Sul} tas.

Além destas localidades, há outras menores chamadas *aldeias*, ^{Aldeias} onde vivem os índios.

Lugarejos com edificações em que se fabrica açúcar contaram-se 70. Alguns deles igualam aldeias na importância e no número de trabalhadores que moram nas proximidades. Dizem que rendem anualmente tanto açúcar quanto basta para carregar 80 ou 90 naus. Colhi em autores graves que num só dia zarparam do porto de Olinda 40 naus carregadas de açúcar, restando ainda nos tra-

piches quantidade bastante para carregar outras tantas. Não é possível o fabrico do açúcar sem o auxilio dos negros, que de Angola e outros portos da África se transportam em grande número para o Brasil. Dos livros da alfândega consta que nos anos de 1620, 1621, 1622 e 1623, num quadriênio, só do porto de Angola foram levados para a capitania de Pernambuco, com gordo lucro para o rei da Espanha, 15.430 peças.

Pernambuco alegra-se com a sucessão de montes e vales. É feracíssimo de cana-doce e de pau-brasil. Há também pastagens que nutrem copioso gado, de sorte que merece ser chamado a “teta do Brasil”, designação que outrora os italianos deram à Campânia.

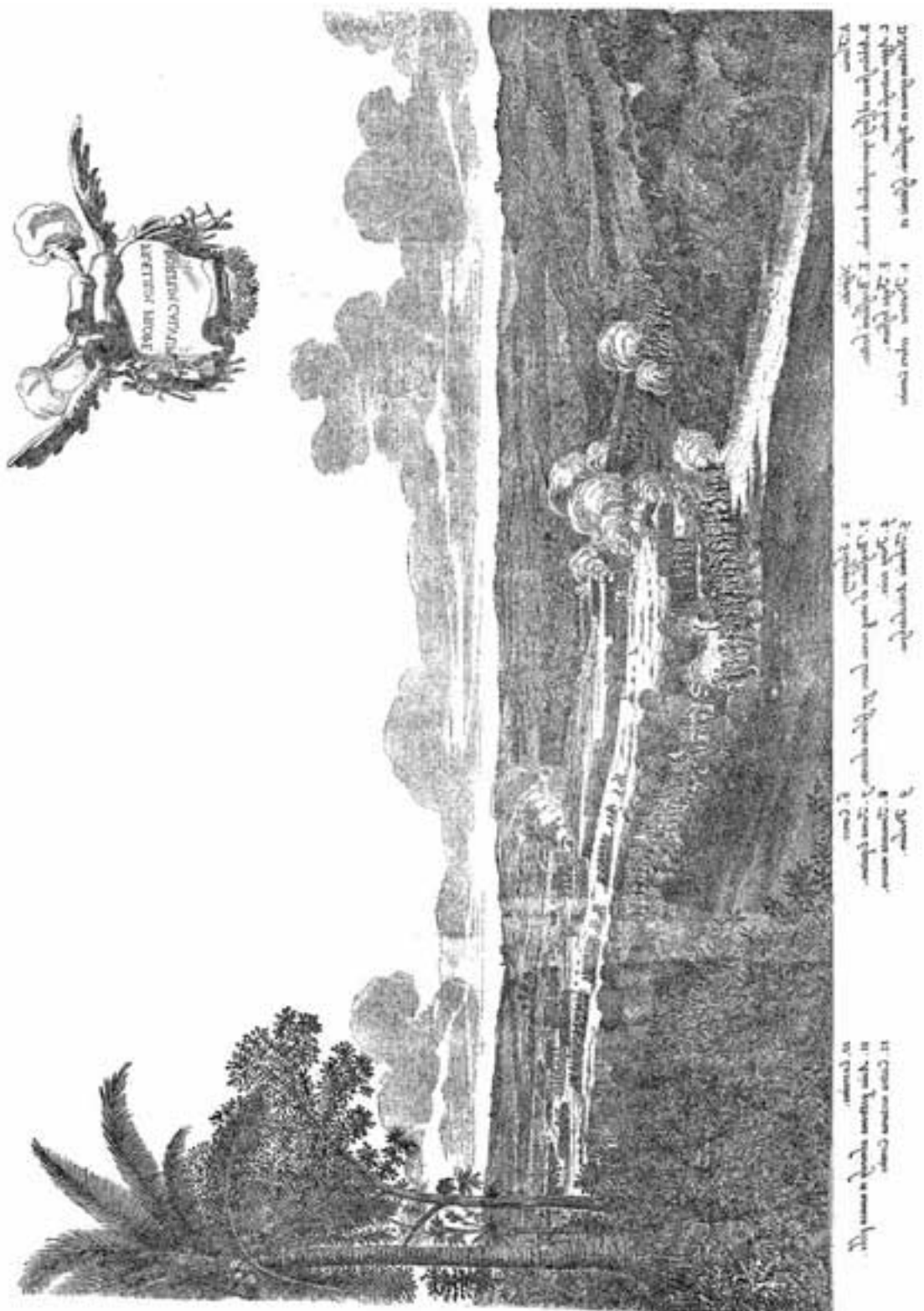
O que acabei de expor são informações topográficas e, por assaz conhecidas, não precisam de ser escritas. Cinjo-me, pois, à narração histórica.

Providenciadas as cousas necessárias à fortificação e resistência dos baluartes, foi Schkoppe enviado para as Alagoas, com forças e cavalaria, em busca dos remanescentes do exército adverso. O Conde Maurício, para aliviar os soldados fatigados da marcha, embarcando-os na Barra Grande (é uma enseada espaçosa, comportando mais de vinte naus, vizinha de Foge BAGNUOLO Porto Calvo), saltou em terra junto à ponta de Jaraguá,⁵⁸ não longe das Alagoas, e perseguiu o inimigo até o rio de São Francisco.

Durante isto, alguns indígenas, acessíveis às armas e surtidas dos nossos, pediram-nos com instância fossem aceitos sob a nossa proteção, o que alcançaram, pois Nassau não julgou generoso combater com particulares infelizes, mas sim com inimigos violentos. Obtida a garantia que tinham pedido, voltaram para as suas terras, sabendo ter nos holandeses defensores dos seus bens e não inimigos.

Perto de Cururipe,⁵⁹ tiveram-se indicações de que o Conde Bagnuolo passava, em jangadas, para a outra margem do S. Francisco, os soldados que ele tinha em Penedo. Ordenou-se por isso a Schkoppe que se dirigisse para ali com tropas de arcabuzeiros, índios e uma companhia de cavalos, para perturbar os planos dos espanhóis. Chegando, porém, ali um pouco tarde, quando atravessava a última jangada, só se ofereceram à cobiça da soldadesca dinheiro e alguns vasos de prata. Em verdade, vencida rapidamente a fortaleza, mais depressa do que esperavam Bagnuolo e os habitantes, os quais a julgavam capaz de resistir ao cerco quatro meses, não puderam eles tempestivamente olhar para os seus haveres.

Em chegando Maurício a Penedo, vilazinha às margens do São Francisco, a seis léguas do mar, julgou o lugar idôneo para fazer progressos no território inimigo. Mandou construir ali o forte que lhe tem o nome e outro junto à barra do rio. O inimigo e os moradores da vila recolheram-se ao Sergipe d’el-Rei, distante 24 léguas do rio de São Francisco. O estuário



dele tem quase a largura do Mosa próximo ao porto de Delft na Holanda. As águas correm muito agitadas. Mandou-se então aos habitantes da margem austral que, com todo o seu gado, passassem para a margem setentrional, a fim de não ir ali o inimigo abastecer-se, como antes já acontecera.

O forte de Maurício por ele construído às margens do S. Francisco

E quase só nestas expedições se gastaram no Brasil os meses do inverno e o princípio da primavera. O bom êxito delas firmou o ânimo da soldadesca e granjeou para o Conde o respeito dos inimigos.

Estas ações, relatadas minuciosamente aos Estados-Gerais e aos diretores da Companhia, auguraram venturosamente o comando do Conde, tornando-o afamado; na Pátria e nos países estrangeiros era ele enaltecido pelos elogios de muitos. Escrevendo ele próprio, de Penedo, a S.A. o Príncipe de Orange, *statbouder* das Províncias-Unidas, a respeito do que já antes fizera, exprimiu-se nestes termos:

“Depois de vos haver escrito sobre tudo quanto em benefício da Companhia fizemos até hoje, nas nações estrangeiras por meio do coronel Artichofski, com sucessos militares assaz prósperos, dirigi-me, em marcha acelerada, contra o inimigo, julgando oportuno utilizar-nos do nosso êxito e do favor divino. Impaciente da nossa chegada, partiu ele das Alagoas, atravessando certamente como fugitivo, os rios que correm de permeio, e penetrou até o Penedo, vilazinha às margens do São Francisco. Aí também, receoso dos perseguidores, não soube demorar-se para não expor ao perigo os remanescentes do seu exército, e, transposto o rio, abandonou todos os petrechos bélicos que se achavam na margem setentrional. Se não nos houvera retardado, derrubando para trás as pontes que cumpria reconstruir, haveria esperança de colhermos às mãos o próprio general Bagnuolo com muita gente de armas. Os mosqueteiros e cavaleiros por mim enviados na frente viram-no fazendo atravessar o último dos seus. Ainda assim os que mandei ganharam nas bagagens presa não desprecienda. Logo ele se evadiu, demandou com as suas tropas a capitania e cidade da Baía de Todos os Santos.

“Contentes de havermos expulsado o inimigo de toda a capitania de Pernambuco, aí firmamos a nossa vitória e demos por satisfeitos os votos da primeira companhia. Julgo esta capitania própria para prosseguirmos na luta contra as terras inimigas, mormente no sítio onde o rio de S. Francisco, de notável largura noutros pontos, estreita o seu álveo. Por esta razão levantei-lhe na margem, a 6 léguas da costa, um forte bastante sólido, cuja planta mostra o incluso mapa, resolvendo colocar outro menor na própria foç. Em outra parte não se encontra um rio tão célebre e tão vantajoso, pois em certos trechos é tal a sua largura que não o atravessava uma bala de canhão de seis libras; e é tal a sua velocidade e ímpeto, que as suas águas, impelidas longe da foç até alto-mar, se conservam doces. Sua profundidade é tal que atinge 8, 12 e 15 côvados. É de acesso difícil por causa das areias que lhe cercam a barra. Nossos navios ligeiros sobem com facilidade até o Penedo e mais além. No regime difere este rio dos demais. Durante o inverno, quando as chuvas contínuas transbordam os outros, ele não sai do seu álveo; durante o estio, baixando as águas dos outros inunda as adjacências. Perguntando a causa disto a portugueses, soube que no sertão a 6 ou 7 léguas do mar, acumula-se grande massa de ne-

ves e de gelo, a qual, fundindo-se com o calor do estio, intumesce os cursos de água. Há por estas regiões um gentio feroz, bárbaro, de costumes inteiramente rudes, da raça dos antropófagos. Chamam-lhe tapuias, dos quais há perto de 700 a duas léguas dos meus arraiais; acampam aqui alguns, enviados pelos seus para nos pedirem paz e aliança contra os portugueses. São de corpo robusto, de boa compleição e de porte elevado. Falavam uma língua que não podiam entender os portugueses, nem os brasileiros, nem os outros tapuias que estavam entre nós. Toda-via, com visagens e ademanos exprimimos mutuamente os nossos pensamentos, principalmente este: que impedissem os portugueses moradores da outra banda do rio de o atravessarem e trucidassem aqueles que o tentassem. Compreenderam estas horríveis palavras e consentiram no pedido. Despedimo-los depois, presenteados com bufarinhas e alegres com a conferência e amabilidade da nova gente. Estou que, doravante, os saqueadores dos inimigos já não ousarão transpor o rio e talar-nos o território.

“Sou de opinião que se devastem as lavouras e terras da outra margem do rio. Mandou-se aos habitantes que, de vontade ou à força, transportassem para a banda de cá famílias, haveres e gados, a fim de não ministrarem bastimentos ao inimigo. Seguindo cerca de 53 léguas, encontrei todo um país que, penso eu, dificilmente seria superado em amenidade e moderação do céu. Quando jornadeava, nem me incomodou o calor diurno, nem o frio noturno, conquanto às vezes se me arrepiasse o corpo. Rasgam-se planícies numa extensão de dez milhas a fio, regadas por cursos de água temporários⁶⁰ e por arroios que fluem tranqüilos. Aqui e ali vagueiam animais, que pastam em manadas de 1500, 5000 e 7000 cabeças. Pasmei e não acreditaria nestas maravilhas, se não as contemplasse com estes olhos. Só de habitantes carece a terra, e pede colonos para povoar e cultivar desertos.

“Escrevi ao Conselho dos Dezenove, pedindo-lhe mandasse para aqui os refugiados alemães, que, desterrados e com os bens confiscados, se acolheram na Holanda, a fim de virem para uma terra fértil e um país venturoso. Mereça isto mesmo a zelo e o coração de V. A., porquanto, sem colonos nem podem as terras ser úteis à Companhia, nem aptas para impedir as irrupções dos inimigos. Se por este modo não se puder realizar a sugestão, desejaria eu que se abrissem as prisões de Amsterdã e se mandassem para cá os galés, para que, revolvendo a terra com a enxada, corrijam a sua improbidade, lavem com o suor honesto a anterior infâmia e não se tornem molestos à República, mas úteis.”

O fortalecimento da república, assim tão felizmente conseguido, já parecia prometer mais brilhantes realizações: soldados e navios à disposição, capitães hábeis e prontos para qualquer eventualidade, um general-chefe expedito. Os votos de todos dirigiam-se para a Bahia. Entretanto, queixavam-se todos de que eram estorvadas as esplêndidas vitórias e esperanças do Conde pela falta de munições de boca e de guerra, apesar de solicitadas instante, pertinaz e continuamente em todas as cartas e representações à Companhia. Não é de admirar o encarecimento com que o governo do Brasil reclamava tais cousas, pois ao soldado ultramarino não se deve lançar à conta de vício a preocupação dos mantimentos e das armas, por mais ansiosa e antecipada que seja, tendo-se em vista as incertezas do mar e dos ventos. É sempre melhor a providência dos Prometeus do que

a imprudência dos Epimeteus. Mas nem sempre foi possível aos administradores da Companhia atender às reclamações, por causa da pobreza pública, das opiniões divergentes, das remessas freqüentes feitas por particulares e por outras razões. Li que o Conde e os Conselheiros escreveram isto: — “*Dos primeiros resultados*

Carta do Conde e
dos Conselheiros
aos Diretores da
Companhia

nasce o medo ou a confiança. Cumpre insistir agora na fama das empresas tão venturosamente iniciadas, pois a fortuna favorece a execução dos nossos empreendimentos. Quem aspira a um império colonial precisa de ser apressado, se não dá-se ao inimigo ensejo e tempo de coligir forças e perdem-se as oportunidades de o conquistar. A Companhia nos pôs a espada na mão, mas por falta do necessário, impediu-nos usar dela. Seremos mais temerosos ao inimigo, se o atacarmos desprevenido e desaperecebido, do que se pelejarmos esperados. Mandai-nos reforços, armamentos e virtualbas. A soldadesca diminui já por baixa, já por morte. E sem armas são fracas as guerras e sem víveres sê-lo-ão os militares. Camponeses forneceram farinha, insuficiente, porém, para alimentar as tropas. Gado temos apenas para uso imediato e não para as demoras e contingências das expedições marítimas. Só o respeito ao Conde mantém a soldadesca dentro da ordem, em tudo mais se mostra queixosa e irrequieta. Esperamos legumes, marrões, tambores, cornetas para chamar os soldados e acender o entusiasmo guerreiro, e também insígnias e cinturões de linho alaranjado para estimular e discernir os soldados. Se deixardes de enviar estas coisas, a empresa ruirá, e perigará neste mundo estrangeiro, entre amigos e desafetos, o bom nome da Companhia.”

Estas reclamações certo revelam um povo desejoso de guerrear e governantes cheios de energia e coragem.

Por esse tempo, ocupado o Conde com a guerra, tomou o Conselho

Providências de
ordem interna

várias e acertadas providências de ordem interna para utilidade do povo, as quais, comunicadas àquele nos acampamentos, foram por ele ratificadas.

Todos os cidadãos e colonos, senhores de si e não funcionários públicos, que, anos atrás, se haviam fixado em Olinda e Recife para comerciarem, foram conscritos em quatro companhias com seus respectivos capitães e bandeiras. Assim, por singular sabedoria, teria Maurício por amigos e concidadãos aqueles que no mesmo dia tivera por adversários e de fidelidade duvidosa. Julgava que estes mereciam mais confiança do que os não adstritos a nenhum juramento, aos quais é fácil, achando instigadores, cobrar ânimo e sacudir a dominação nova. Arrendaram-se os impostos por muito dinheiro. A desordenada liberdade dos casamentos, adstrita agora às leis matrimoniais vigentes na Holanda, permitiu coibir os desregramentos. Não se respeitavam os graus proibidos de consangüinidade, procurando-se para a celebração do casamento os sacerdotes católicos romanos.

Por consciência, deu-se aos judeus licença de descansarem do serviço da guarda aos sábados. Ordenou-se também que não se tivesse o domingo por um dia comum e profano, tendo sido ele santificado pela ressurreição de Cristo.

Suprimiram-se muitos outros abusos, porque já se ia resvalando para pernicioso desatino.

Aplicaram-se também zelosamente os dirigentes da república a converter os índios à fé cristã. Para tal fim se abriram aulas em que se formasse o caráter dos meninos, incutindo-lhes um ensino mais santo. Compuseram-se cartilhas e compêndios de doutrina cristã e nomearam-se os que os explicassem. Reprimiu-se o jogo, que destruía a fazenda dos cidadãos.

Considerando-se Olinda abandonada pelos seus primeiros moradores, deu-se permissão a qualquer um de ali construir novas casas ou restaurar as arruinadas, proibindo severamente o transporte, dali para outro sítio, de entulhos, madeiras, pedras, ferragens. Baixou o Conselho um decreto mandando vender em hasta pública os escravos que fossem nossos, quer por direito de guerra, quer por compra. Aos antigos romanos era familiar vender os prisioneiros de guerra e obrigá-los a trabalhos servis, e antes deles o foi também aos tessalos, ilírios, tribalos e búlgaros. Nas guerras dos cristãos entre si, reputa-se isso uma dureza, e os maometanos, apesar de não seguirem tal costume entre os povos da sua religião, usam essas vendas entre estes e os cristãos, desiguais em região.

Seria de escritor em extremo diligente e esquadrinhador de minúcias dar o número e os nomes das naus que, por essa época, partiram da Holanda e a ela tornaram, transportando mercadorias, mantimentos, armas, etc. Referirei apenas isto: nesta ocasião, aportou ao Recife uma nau francesa, à qual o Eminentíssimo Cardeal Armando Richelieu, em nome do Rei Cristianíssimo, concedera licença para comerciar e para hostilizar os adversários. Entretanto, assim como foram cortesmente acolhidos os capitães dela, por acatamento e amizade ao rei nosso aliado, assim também, por um mau proceder, atraíram a si os franceses que ali militavam sob nossas bandeiras, mandando-os sair do Brasil. Este é aquele Richelieu, há pouco árbitro do reino de França e dos seus destinos, sob o rei Luís. Abrangendo em sua mente capacíssima os complicados interesses da Europa, não somente firmou a fortuna da França, mas também abalou a dos monarcas e príncipes vizinhos.

Não se deve passar em silêncio a diligência e o zelo de alguns conselheiros, que julgavam importantíssimo para a conservação do nosso domínio no Brasil tomarem a direção da guerra aqueles mesmos que presidiam ao governo. Isto seria preferível a que, confiando as campanhas ao comando de outros, esperassem de votos inoperantes, dentro das fronteiras, a sua fortuna e a pública, recebendo como alheios os sucessos prósperos e sofrendo se lhes imputassem como próprios os adversos. Mereceram louvores por esse empenho Gisselingh, Mateus van Ceulen, Adriano van der Dussen, Carpentier e outros. Jornadeando, restaurando fortalezas, providenciando vitualhas e armamentos e enviando tropas e esquadras contra os adversários, tornaram-se nomes dignos de tão relevantes funções.

Elogio do Conselho
Secreto e Político

Nessa ocasião, esperanças de minas metalíferas vieram alentar os mer-
 Minas cadores e, como sói acontecer nas quadras de aperto, os lucros que em
 toda a parte se esperavam aflagavam, em suavíssimos sonhos de ouro, a cobiça da
 Companhia. Foram mandados ao sertão do Cunhaú⁶¹ Alberto Schmient e Paulo
 Semler, que, auxiliados por índios e portugueses, procuraram ali minas e encon-
 traram uma de prata. Pareceu ela opulenta, mas posteriormente enganou a ex-
 pectativa. Havia também outras, as célebres de Albuquerque. Corria a fama de ter
 ele mesmo extraído delas grande quantidade de metais, mas não haviam sido ain-
 da descobertas pelos nossos. Andavam igualmente na boca dos portugueses as
 minas da Copaoba e as do Cabo de Sto. Agostinho. As da Terra Nova, pobres de
 metais, só forneciam uma pedra que unicamente pelo brilho prometia falsamente
 muita valia.

Não duvido de que os portugueses iludiram a cupidez dos nossos e
 captaram a benevolência pública com os gabos vãos de riquezas ocultas. Em ver-
 dade, aqueles que tantos anos senhorearam o Brasil não deixariam de penetrar
 nestes arcanos, nem guardariam intactas, para a tardia necessidade dos holande-
 ses, minas de ouro ou de prata.

Chegados os meses de chuvas e expulso de quatro capitânicas o inimigo,
 Volta MAURÍCIO muniu Nassau as entradas dos rios e guarneceu as fortalezas para
 para Recife resistir às depredações dos índios e dos espanhóis. Regressando
 das campanhas para o Recife, a primeira e principal colônia do Brasil holandês,
 Organiza a aplicou-se a organizar a república e a sujeitar os cidadãos às leis.
 República Coibiu com penas os vícios que soem grassar nos primórdios das
 dominações novas. De feito, os holandeses primeiro abriram o caminho para o
 poder e depois para o desregramento, porquanto, faltando então um governador
 e achando-se longe os regedores supremos de tão relevantes interesses, facilmen-
 te se abandonou a virtude, e, enfraquecida a disciplina, os naturais e os nossos
 patrícios deixaram as armas pelos prazeres, os negócios pelos ócios, maculando,
 de maneira vergonhosíssima, a boa fama de sua nação com a impiedade, os fur-
 tos, o peculato, os homicídios e a libidinagem. De sorte que era necessário um
 Hércules para limpar esta cavalaria de Augias.

Todos os flagícios eram divertimento e brinquedo, divulgando-se entre
 os piores o epifonema: “— *Além da linha equinocial não se peca*” —, como se a morali-
 dade não pertencesse a todos os lugares e povos, mas somente aos setentrionais,
 e como se a linha que divide o mundo separasse também a virtude do vício. Mas
 tudo isto foi suprimido e emendado pela severidade e prudência do novo gover-
 nador, que coibia muitos abusos, corrigia muitos erros e punia rigorosamente
 muitos delitos, de modo que se poderá crer ter ele feito maior número de bons
 do que encontrou. A justiça, a equidade, a moderação, quase enterradas no país,
 foram restituídas às cidades, vilas e aldeias. Restaurou-se a reverência à religião, o
 respeito ao Conselho, o horror dos julgamentos e o vigor das leis. Muitas destas

foram proveitosamente emendadas e outras promulgadas. Conseguiram os cidadãos a sua segurança e garantiu-se a propriedade individual. A cada um voltou ou foi imposta a vontade de cumprir com os seus deveres. Os dignos obtinham muito facilmente as honras, como os indignos e criminosos os castigos.

Maurício como que reuniu num só corpo nações diversas – holandeses, lusitanos e brasileiros –, e lançou para o império que surgia sólidos fundamentos de progresso.

No primeiro semestre após o seu regresso da guerra, puniu os piores delinquentes com severos suplícios, e, inculcando em todos o temor, foi de poucos a pena capital. A enormidade dos delitos obrigou o governador, aliás de gênio brandíssimo, a essas medidas excepcionais e rigorosas pois de tal enormidade vinha o perigo da salvação pública. Assim procedeu, porque o doente intemperante faz o médico cruel. Recambiaram-se para a Holanda os civis e ainda os eclesiásticos que desprestigiavam a Companhia, sendo substituídos por outros ou que já se achavam no Brasil ou que foram daqui despachados. A todos eles dispensou Maurício o seu patrocínio e constante apoio, conquanto se agitasse a escória dos desocupados. Criaram-se nas províncias, cidades, vilas e aldeias magistrados chamados escabinos, escultetos e inspetores para administrarem a justiça no cível e no crime, na conformidade das leis holandesas^{61-A}. Instituíram-se também orfanatos e hospitais públicos.

Repudiavam-se as normas do costume⁶² português, em virtude das quais se tornara freqüente por essa época resgatarem-se pecuniariamente os mais graves delitos.

Fixou-se também para cada soldado e para cada empregado da Companhia a sua ração. Esta providência, motivada pela extrema carestia dos mantimentos, muito aproveitou ao bem comum, mas suscitou para o Conde não leve ociosidade da parte dos seus, a tal ponto que as reclamações iam arrebear em sedição aberta, se não reprimisse ele, com prudente autoridade, os motins que se alastravam.

Os engenhos de açúcar arruinados e desprovidos de trabalhadores, nossos por direito do fisco, foram vendidos em hasta pública, uns por 20.000 florins, outros por 30.000, 60.000, 70.000 e alguns por 100.000, rendendo à Companhia 2.000.000 de florins.

Repararam-se e consolidaram-se as fortificações por toda a parte desleixadas e impotentes contra os assaltos do inimigo, demolindo-se as que pareciam menos necessárias.

Por salutar resolução do Conde, escreveu-se aos diretores das províncias, recomendando-se-lhes permitissem aos

Fortalece-a com leis.

Pune os piores

Remove os indignos

Nomeia magistrados

Orfanatos, hospitais

Fixa para os militares e outros razões alimentares pela carestia do mantimento

Vende por alto preço os engenhos dos portugueses fugitivos

Faz os índios voltar para suas antigas aldeias

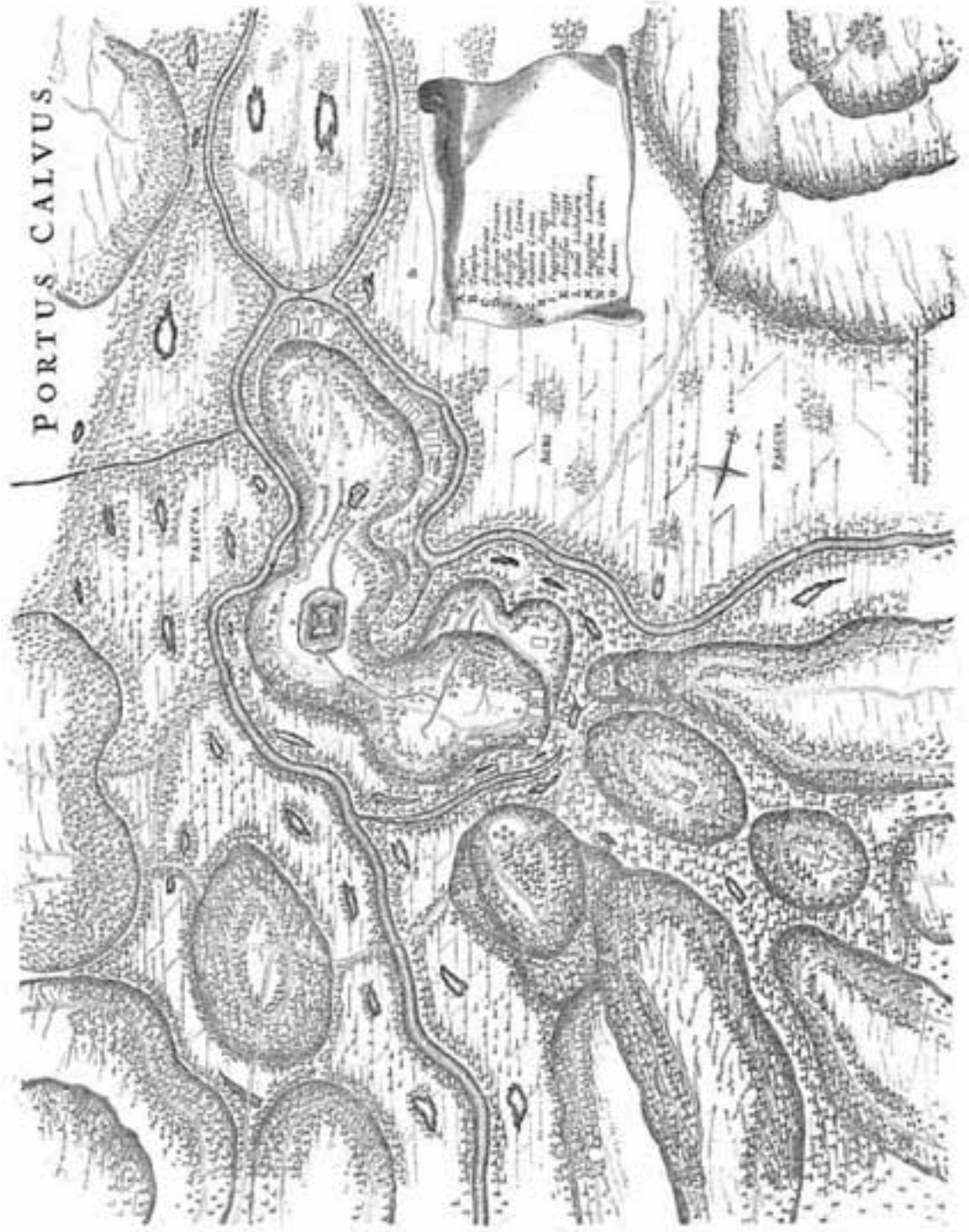
índios o voltarem para as aldeias e antigas moradas, porquanto, vivendo os nossos estreitamente, não havia terrenos bastantes para aqueles prepararem a farinha da qual se alimentavam. Iriam, por isso, necessitar do nosso mantimento e ainda em cima, habituados à ociosidade, seriam molestos aos agricultores e iriam devastar as terras que lhes cumpria defender dos devastadores. Acrescia que os holandeses se utilizavam gratuitamente dos serviços deles, tornando-os, assim, hos-

Trata os bárbaros
humanamente

tis a nós. Deu, sem dúvida, o Conde notável e raro exemplo de justiça e de equidade para com os bárbaros, cumulando-os com todo o gênero de benefícios e decretando para os seus trabalhos digna paga e para os seus serviços e misteres justa remuneração. Antes compadecido que indignado da sorte dos pagãos, favoreceu por humanidade àqueles a quem não o pudera por amor da fé e da religião. Regulou-lhes de tal modo os jornais e soldos que nem despertasse a superfluidade, nem lhes permitisse outra pobreza senão uma pobreza honesta. Assim como é honroso derribar o adversário, assim também não é menos louvável saber compadecer-se do desgraçado e fazer aos vencidos os benefícios que os vencedores lhe haviam de negar. E não lograram abalar aquela mansidão e benignidade os conselhos menos humanos de outros, os quais julgavam que se deveriam tratar os bárbaros mais duramente. Mas o Conde tinha para si que, entre os estrangeiros, haveria para ele o mínimo de ódio, se mostrasse o máximo de humanidade, virtude cujo nome deriva da própria palavra homem. Manifestando-lhes a sua benevolência com liberalidade e elevação, também tornou mais evidentes e vivas as simpatias que eles lhe dedicavam.

Aos pedidos dos portugueses que reconheciam a nossa autoridade e re-
 Responde a representações
 dos portugueses giam interesses da sua nação, respondeu Nassau segundo reclamava o bem e a justiça da República e acordemente com a dignidade das Províncias-Unidas.

1) Teriam o seu culto e religião intacta. 2) Isentos de jurar a observância de religião alheia, gozariam de liberdade de consciência, a qual é de direito divino e não humano. 3) O Conde e o Conselho velariam para que nenhum dano sofressem os seus templos, salvo em caso de agressão externa que impusesse a necessidade de muni-los e ocupá-los militarmente para a proteção dos cidadãos. 4) Não lhes seria permitido receber do bispo da Bahia visitador, pois não deveriam ser chamados, crescendo o domínio holandês, atizadores de novos motins e instigadores das piores maquinações contra a República. Era este um pedido menos prudente daqueles que haviam jurado obediência e fidelidade ao Conde. 5) Não poderiam tampouco substituir os religiosos falecidos por outros novos, quando as cerimônias do culto pudessem ser celebradas pelos sobreviventes. 6) Não poderiam ser confirmados os privilégios concedidos a eles pelos reis da Espanha, a não ser que constasse claramente o que eram e quais eram. 7) Não poderiam viver, entre um povo inimigo dos espanhóis, segundo as leis e o direito de Portugal, mas sendo as leis imperiais alemãs, as do Império Romano e as vigentes na Holanda, Zelândia



e Frísia. 8) Cada um possuiria como seus os prédios de sua propriedade sitos em Olinda, sujeitando-se, porém, aos encargos prediais em igualdade de condições com os holandeses. 9) Em vista das necessidades da guerra e do exaurimento do tesouro, não poderia o clero, naquela conjuntura, ser mantido com os dízimos, e por isso aguardassem oportunidade para solicitarem e obterem aquela concessão. 10) A autoridade pública só restituiria aos seus senhores os escravos fugidos, se a fuga se houvesse dado depois de terem jurado fidelidade aos holandeses. Se, porém, assim não fosse, não poderiam ser restituídos sem suma perfídia e perversidade dos diretores, porquanto haviam prestado proveitoso auxílio à Companhia, não somente nas ocupações da guerra, mas também revelando as terras e esconderijos do inimigo. Era ilícito submetê-los, como vítimas expiatórias, à sevícia e requintados suplícios dos senhores. Demais, tendo sido propriedade de vários, já não poderiam ser entregues aos seus primitivos donos. 11) Aos naturais do país, aos casados e aos adstritos por juramento público conceder-se-ia licença para se armarem de espada contra os assaltos dos negros que dominavam os campos. 12) Assegurar-se-ia, a juízo do Conde e do Conselho, a propriedade das casas, lavouras e prédios a quantos quisessem, com autorização escrita do Conde, voltar para Olinda e para junto dos seus. 13) Sobre assaltos e correrias de soldados nos campos já se havia decidido. 14) Não se poderia conceder perdão de pena, se não constasse especificadamente a que réus e por quais delitos. 15) Portugueses e holandeses estariam em condição idêntica quanto ao pagamento dos direitos alfandegários, tributos e contribuições em geral. 16) O Conselho Supremo designaria semanalmente dois dias de audiência para se lhes julgarem os litígios. 17) Finalmente, nada seria tão agradável aos diretores da Companhia quanto o florescerem e crescerem, dali por diante e sob a dominação holandesa, a fortuna, a riqueza, o comércio dos portugueses que deram provas de sua fidelidade e obediência.

Esta resposta branda e moderada levou os vencidos a formarem opinião mais justa do nosso domínio, falando dele com mais acatamento e obedecendo-lhe de melhor grado.

Pouco depois respondeu-se, mais ou menos no mesmo sentido, a uma representação semelhante dos portugueses que, na Paraíba, tratavam dos interesses de seus compatriotas.

Decretaram-se muitas outras providências relativas às décimas do açúcar e da farinha em Pernambuco, Itamaracá e Paraíba e também sobre pescas marinhas, pesagem de mercadorias, passagens de rios e por água, e, arrematadas estas em hasta pública, renderam consideráveis somas anuais e semestrais. Além disso, coibiram-se fraudes dos mercadores e os prejuízos dados por eles, aferindo-se os pesos e medidas com o padrão e segundo a norma da praça de Amsterdã.

Considerando Nassau que deviam pospor-se à religião todas as cousas, ainda aquelas por meio das quais quis tornar conhecida a glória do seu governo,

nunca teve os olhos desviados da escrupulosa observância daquela, ^{Maurício cuida com diligência do que se refere à religião} pois não ignorava que, pelo progresso e em defesa do seu governo, velava a bondade de Deus, por quem são observados com sério cuidado todos os movimentos da piedade. E não obstaram as seitas dissidentes que mantivesse ele seu respeito e zelo votados à religião. Seu primeiro cuidado, portanto, foi nomear em todas as províncias ministros do culto reformado, que recitassem as preces, quando se tivesse de pedir alguma coisa a Deus; que doutrinassem aos ignorantes da verdadeira religião; que, tendo-se de dar graças a Deus, as dessem em nome de todos; que, tendo-se de imprimir nos piedosos o favor divino, administrassem os sacramentos.⁶³ Além destes, designaram-se os que formassem a puerícia, ministrassem os rudimentos da fé ao paganismo obcecado e espancassem, com a centelha de melhor doutrina, as trevas de uma profunda ignorância. Para conseguir-se isto regularmente e com esperança de piedoso fruto Maurício e os predicantes públicos acharam que se deveriam tratar de maneira diversa os pagãos, os judeus e os papistas. Quanto aos pagãos, eram de parecer que se fazia mister suprimir-se o culto supersticioso de vários deuses, elevando-se-lhes o espírito à adoração de um só Deus. Quanto aos judeus, era preciso desarraigar-lhes a inveterada opinião de observarem a lei mosaica e de esperarem a restauração do reino de Jerusalém. Cumpria persuadi-los ao respeito e à fé em Jesus Cristo, filho de Maria, como o Messias prometido e havia muito nascido. Quanto aos papistas, convinha mostrar-lhes as épocas dos erros nascidos na Igreja, abolindo-se a convicção de reconhecerem a autoridade, e esta infalível, de um só chefe supremo na Terra.

Desta sorte, a piedade do Conde serviu, bem e constantemente, ao poder da Companhia, não só apoiando a religião oficial mas também tolerando prudentemente as alheias.

Por esta ocasião, era a ilha de Itamaracá grande- ^{Deliberações relativas à transferência da sede do governo para ITAMARACÁ} mente louvada e recomendada na Holanda entre os próceres do império batavo-brasileiro. Já se falava com insistência em transferir para ela a sede do governo. Significaram-lhes, porém, o Conde e os conselheiros a desvantagem e inutilidade daquela mudança. Tinham perlustrado o lugar e examinado todas as condições da ilha: tudo lhes aparecera despovoado e selvagem, com raros moradores e apenas algumas habitações. Em Recife encontravam-se casas de gêneros, arsenais, armazéns de mercadorias, e tudo isso se teria de construir em Itamaracá com grandes gastos. Recife era lo- ^{Prefere-se Recife a Itamaracá} calidade mais amena, fértil e fortificada, dando fácil acesso aos maiores navios, num porto cômodo e num excelente surgidouro. O rio de Itamaracá só poderia ser navegado por navios menores, sendo estéril e inculto o solo circunjacente, e o porto cheio de bancos e já mal-afamado pelo naufrágio de várias naus. Os dois lugares – Itamaracá e Recife – reputavam-se iguais na salubridade dos ares e em outros benefícios da natureza. Na ilha eram abundantes as águas doces, mas também no Recife poderiam ser transportadas do rio Beberibe por

negros, com um caminho de meia hora. Além disso, no Recife havia poços, que, em tempos de cerco, forneceriam água potável, e bem assim existia lenha, ainda que mais cara. Por essas razões, continuaram na sua antiga sede o Governador e os Conselheiros do Brasil.

Entretanto – para memorarmos assuntos guerreiros –, o valorosíssimo e habilíssimo almirante Lichthart, pouco havia, percorrera, em naus grossas e ligeiras, devidamente guarnecidas, o litoral da Baía de Todos os Santos, na expectativa de presa. Depois de se ter acolhido à enseada de Camamu para reparar as suas naus, e de ter incendiado casas, fazendas e lavouras dos inimigos, para destruir o abastecimento dos baianos, aportou à capitania de *Ilhéus* junto à cidade do mesmo nome, havendo sofrido uma tempestade de três dias. Se bem houvessem sido os moradores informados da sua chegada, desembarcou com uma força de 150 soldados, marchando brava e intrepidamente contra o inimigo, que se aprestava para o combate. Debandando-se este ao primeiro encontro, deu o almirante um assalto contra as trincheiras que tinha pela frente, e delas se apoderou após aceso combate. Morreram dos seus o capitão Normann e outros. Avançando em seguida contra a cidade, achou-a vazia de mercadorias, alfaias e moradores. Absteve-se de arrasá-la, pois, pobre, de nenhum proveito seria ela, e voltou para Pernambuco, sem qualquer glória de tomadias, transportando para as naus só alguns canhões de ferro tirados daquelas trincheiras.

A cidadezinha estava assentada num monte, o qual se erguia, na parte mais elevada do continente, semelhante a uma península. Era ela decente, com casas não deselegantes, feitas de pedra, tendo quatro igrejas, a casa dos jesuítas e conventos. Não deixaram os cidadãos que fosse nossa nem deles uma nau de carga que levava de Portugal azeite e vinhos, pois lhe deitaram fogo mesmo no porto.

Por esse tempo, anunciou-se a Nassau haverem os holandeses tomado *S. Jorge da Mina*, fortíssima praça no litoral da África e ali o principal reduto e guarnição do rei da Espanha. Esta vitória trouxe muita glória e prestígio a Nassau e grande proveito e força à Companhia, por causa de proteção e segurança que ofereceria ali aos mercados. Ordenou-se, por isso, uma pública ação de graças em todas as províncias, honrando-se a Deus, principal autor da vitória, e mandou-se aos comandantes locais testificar o seu regozijo com três salvas de artilharia e de mosquetaria.

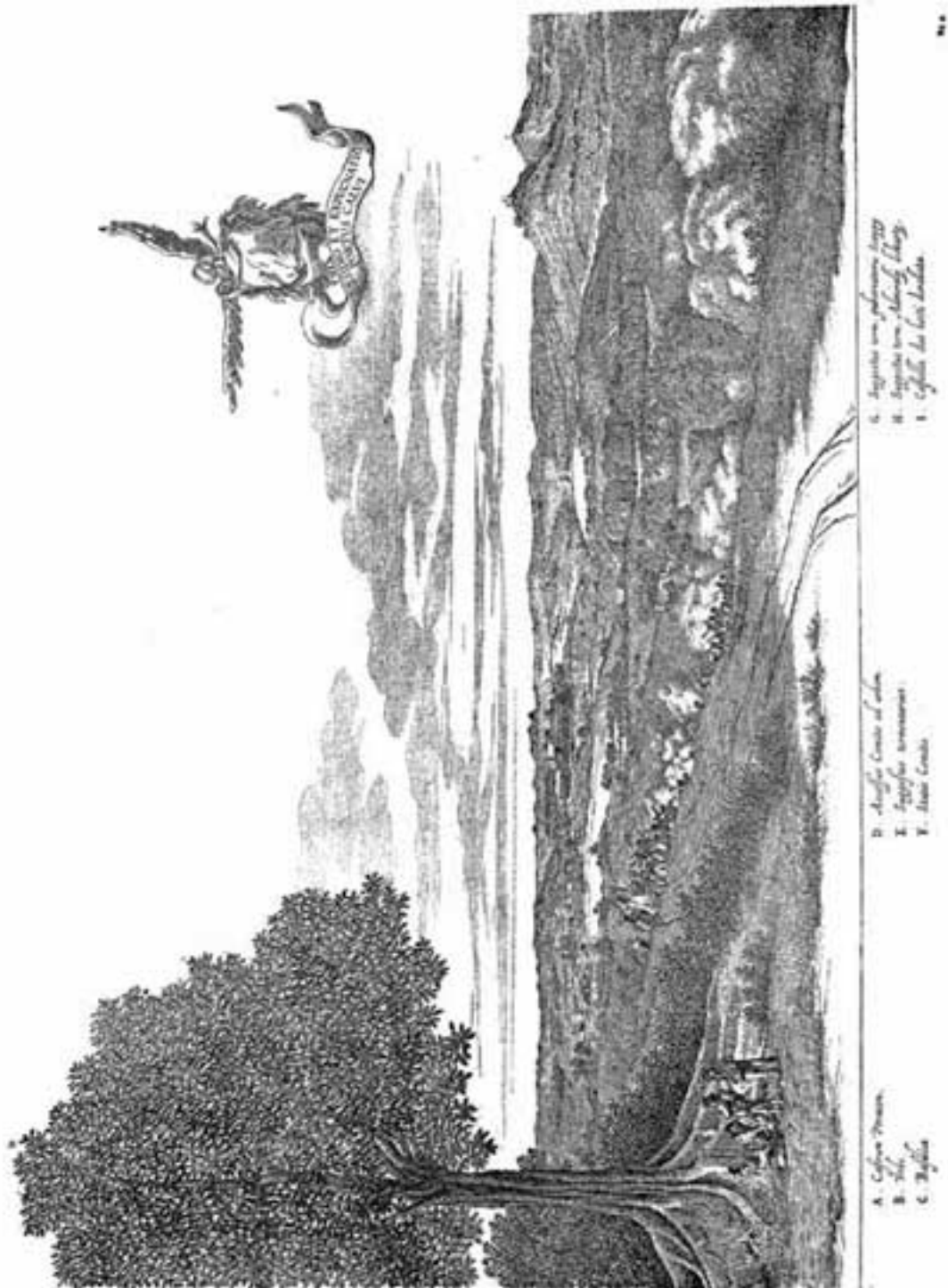
Tendo sido esta expedição empreendida a conselho e sob a direção do Conde, obriga-me a deter-me nela um pouco para dar uma resenha desta guerra encarniçada e breve.

A praça referida, vulgarmente chamada o Forte de S. Jorge da Mina, está situada na África, na costa da Guiné, a 5.4 de lat. Setentrional.

Desembarque de
Lichthart, na Capi-
tania e Ilhéus

Expedição contra a
fortaleza africana de
S. JORGE DA MINA

Sua descrição



Pela natureza do lugar, considerou-se difícil de expugnar, pois está construída num rochedo, que a resguarda, com as muralhas nele talhadas e postas sobre grandes pedras. Defendem-na quatro baluartes, dois que olham o mar e dois o continente, aterrando, de um lado, ao marinheiro e, do outro, ao inimigo vindo por terra. Do poente, fica-lhe a cavaleiro um morro, que tira o nome de uma ca-

S. Tiago pela de S. Tiago. Dali fica a fortaleza exposta à violência da artilharia. Ao sopé do morro, correndo-lhe ao longo, há uma povoação habitada por negros. Ao Oriente, rasga-se uma angra, vantajoso abrigo para os navios. Com esse forte protegem-se os portugueses contra os nossos, que, por sua vez, se defendem com outro forte, o de Nassau.⁶⁴

Os mercadores portugueses pagavam anualmente ao rei da Espanha 120.000 ducados, com a condição de terem naquelas regiões a exclusividade do Antes foi S. Jorge atacada inutilmente pelos nossos tráfico. Em 1625, procuraram os diretores da Companhia ganhar aquela praça, mas numa tentativa inútil, conquanto tivessem ali desembarcado soldadesca assaz numerosa. Vagueando esta, desprevenida e negligente, abatida com o calor, atacou-a um punhado de negros com tal celeridade, que os soldados mal acreditavam ver aqueles cuja chegada não tinham percebido. Travaram antes uma carnificina Matança dos holandeses do que uma peleja contra os nossos, sem nenhum destes resistir varonilmente. Comandantes e soldados, pondo-se em fuga como se lhes fosse incutido um pavor celeste, eram mortos como gado, aumentada pela precipitação a chacina. Em toda a parte era um espetáculo consternador e semelhante a uma carniçaria. Os bárbaros, que a nenhum poupavam, fizeram tão violenta irrupção, que muitos, sem saber nadar, se afogaram no mar, sofrendo morte horrível, e outros, num terror estúpido, lançavam fora as armas, não podendo ninguém conter o ímpeto dos africanos, o qual eles reputam valor. Como os portugueses, guardas da fortaleza, tivessem posto a preço as cabeças dos vencidos, ocupando-se nesse açougue e matança os negros, em breve espaço reduziram-se os holandeses apenas a uns poucos. E foi em verdade tão intenso o horror dos nossos soldados, que se atribuiu a milagre escapar alguém daquela hecatombe. Foram mortos 450 homens entre comandantes, soldados, marinheiros, todos decapitados e ficando os cadáveres irreconhecíveis.

Abatidos de desespero e vergonha os ânimos dos nossos, e conhecida e perfídia dos régulos, que simulavam amizade e proclamavam, em palavras vãs, a concórdia, perfídia essa que se patenteava no recente transe da República, partimos sem glória e ensinados a comerciar e a guerrear ali mais cautamente. Aquele desastre foi devido à negligência dos comandantes, e, como acontece na guerra, cada um lançava a culpa sobre o outro.

Nessa quadra assumia Nassau o governo do Brasil. O governador holandês do território africano, Nicolau van Ypern, varão digno NICOLAU VAN YPERN escreve ao Conde de memória, em carta expôs ao Conde que, em ótima ocasião

e com esperança mais certa, se poderia outra vez atacar a fortaleza, contanto que se lhe enviassem tropas auxiliares e armas necessárias para a guerra. Os soldados do Conde estavam ociosos por causa dos meses chuvosos, e o inimigo fora afugentado para longe de nossas fronteiras. Julgou, portanto, Nassau que, sem prejuízo do bem público, poderia dispensar parte do exército, temendo, além disso que a ociosidade, a maior inimiga da disciplina militar, corrompesse a soldadesca e, por deliberação do Conselho, despacha para a África o coronel João Koin (Kuhn). Partindo de Pernambuco aos 25 de Junho de 1637, em nove naus providas de soldados, armas e mantimentos, arribou ele, com feliz navegação, às costas da Guiné, vencido o mar etiópico. Sem demora comunicou por carta a sua chegada a Nicolau van Ypern, governador de Guiné e de Angola e morador em Moréia.^{64A} Era esta a substância da missiva: *“Aqui me encontro por ordem do Conde João Maurício de Nassau e de todo o supremo Conselho, dispondo de forças e de companhias militares para atacar o forte de S. Jorge. Peço-vos me indiqueis lugares cómodos para o desembarque no território inimigo e a maneira pela qual possa realizar cautamente a interpresa planeada. Solicito-vos também que me provejais de carretas de artilharia, das quais necessito. Com todo o gênero de obséquios, brilhantes promessas e prêmios, convidai os negros para se associarem à guerra. Tende consideração com os ingleses, se acaso houver algum na costa. Pretextai para a nossa chegada outros motivos, envolvendo a empresa em sagrado silêncio, o melhor e o mais seguro penhor das façanhas que se intentam, para tagarelas e traidores não divulgarem os nossos desígnios. Esperarei a vossa resposta nos surgidouros de Abina, Axem ou Moréia.”*

O chefe da expedição João Koin chega à África. 25 DE JUNHO DE 1637

Enquanto Koin anda ao pairo em frente ao litoral, chegam-se aos nossos dezoito canoas de negros, os quais perguntavam por mercadorias holandesas que tencionavam permutar por dentes de elefantes. Quando os holandeses disseram que não levavam mercadorias, duvidaram os negros da sua amizade. Depressa, porém, atestaram-na aos africanos, deixando cair nos olhos algumas gotas de água do mar. Fizeram estes o mesmo, por um rito de juramento familiar a estes bárbaros. Proejando os nossos para os surgidouros de Abina e Axem, de novo navegaram canoas em direitura deles desejosos de comerciar. Os holandeses pediram um prazo de três ou quatro dias para a negociação; mas os africanos, chamando a superstição a conselho, diziam ter sabido de Títesso, seu nume tutelar, que estavam de caminho sete naus grossas, com cuja chegada iriam depreciar-se as veniagas dos nossos. Koin, sem acreditar neles e ruminando outra cousa, escreveu outra carta ao governador de Moréia, quase no mesmo sentido da primeira. Ele respondeu que se achava no porto de Comenda,⁶⁵ onde deveriam encontrar-se, alegres de poderem resolver de comum acordo o que se tinha de fazer.

Estâncias de Abina e Axem

Comenda

Posta a soldadesca em terra, junto ao cabo Corso, o primeiro cuidado de Koin foi fazer aguada. Depois, avançando um espaço de meia hora, chegou a um rio, a um morro e a uma planície coberta de viçosa relva, própria para assentar o acampamento.

Cabo Corso

Refeitos aí o comandante e os soldados, dentro de duas horas foram ter
Os régulos dos negros a outro monte, próximo da fortaleza. Os régulos negros, alvoro-
pedem paz çados, em toda a parte, com estas novas empresas e incertos do futuro, pediram paz, a qual seria ratificada, vencendo-se a fortaleza, e seria írrita, não se vencendo. Se a situação ficasse duvidosa, também eles ficariam dúbios e não seguiriam a ninguém, por temerem aos espanhóis. Alcançando a segurança, acompanhariam o vencedor. Entretanto aprendêramos, por um exemplo recente, que não se devia fiar muito nos pactos de tal gente, pela sua ínsita falta de caráter, já outrora observada nos africanos pelos escritores de Roma, nos númidas, Ordem do nosso nos cartagineses e nos capitães Jugurta e Aníbal. Tínhamos 800 sol-
exército dados e 500 marinheiros. Marcharam em três colunas: na vanguarda ia o capitão Guilherme Latan; no meio, o sargento-mor João Godlat; na retaguar-
Koin combate da, formada pelos veteranos, ia o coronel Koin. Já se tinham os nos-
com os africanos sos aproximado da fortaleza um tiro de peça, não longe da aldeia habitada pelos africanos, quando irrompeu dos esconderijos da mata e derramou-se em torno dos nossos um exército de mil negros, com tal ímpeto e alarido que parecia pretenderem o nosso extermínio.

Com efeito, sacrificados alguns holandeses e degolados, segundo o costume daquele gentio, os que tinham prostrado, passearam com as cabeças como inequívocos sinais da morte dos inimigos, e, se um soldado veterano e experimentado não fizesse rosto àquele robusto exército, o desastre da vanguarda teria atingido as colunas seguintes. Socorreu Godlat aos combatentes. Os negros, sem se amedrontarem com os tiros de mosquetaria, não sabiam o que era retroceder. Era tanto o furor dos que afoitamente se arrojavam à luta que expunham o corpo aos próprios canos dos mosquetes. Tal ferócia mostravam contra os mortos que se deixavam matar sobre os cadáveres dos nossos e, empenhados em decapitar os holandeses, preferiam sujeitar a cerviz ao mesmo perigo a desistirem dos seus cruentos despojos. Dos nossos morreram o capitão Latan, o seu loco-tenente, três alferes e cerca de 40 soldados rasos, feridos de dardos.

Não muito depois, alguns deste mesmo gentio, obstinados até o extremo, numa grita ingente e horrível, atiravam contra os holandeses, com uma coragem nova, sem fazer caso dos mosquetes. Dispersos alguns pelas balas dos mosquetes, aconselharam aos outros a retirada, em vista do lastimável exemplo dos seus. Arrefeceu a temeridade após a primeira sanha, e desde esse momento não mostraram igual ousadia e, atendendo mais à sua segurança sob as muralhas da fortaleza, manifestaram antes prudente timidez que infrene e irrefletida audácia. Nem já se aterrorizavam os holandeses com os alaridos infernais dos africanos e
Os africanos começam os combates com alaridos, segundo o costume dos macedônios, persas, cartagineses e germanos suas horrendas cataduras por causa dos lábios grossos, dos dentes alvos, dos olhos abraçados, das narinas dilatadas e fumegantes de ira, cousas com as quais havia muito se ti-

nham habituado entre os brasileiros. Respira um quê de indômito e de feroz a índole de tal gente. Travam as batalhas soltando berros selvagens, como o faziam outrora os germanos, segundo o testemunho de César, costume também dos antigos persas, macedônios e cartagineses. Fazem tudo muito à pressa, e até para os escravos é servil a lentidão. A esses bárbaros afigura-se-lhes costume régio o executarem-se as cousas imediatamente.

Intentando Koin investir a praça, mandou por gastad^{Koin sitia a praça}ores abrir dois caminhos, cada qual em um dos dois montes: um ia ter à praia para o transporte dos petrechos bélicos; o outro guiava para o tope do morro vizinho da fortaleza. Colocando aí os soldados e a artilharia, começou a batê-la, aterrorizando os guardas.

Durante isto, os africanos nossos parciais abalaram de Comenda (é o nome da aldeia) para a aldeia da Mina, que fica sob a fortaleza, travando escaramuças com os minas. Mas, voltando logo, tangeram todo o gado destes para se aproximarem dos holandeses, se não fossem obstados pelo rio. Assim, buscando caminho pela praia, acamparam no sertão. Neste entrementes, assentando-se um morteiro no morro, lançaram-se duas balas contra o forte, que enganaram o atirador, caindo mais aquém. Contra nós faziam fogo os sitiados, por cujos canhões tombaram feridos o capitão naval Huberto e um dos marinheiros. Então saiu novamente dos seus esconderijos e de sua posição o exército dos africanos de Comenda para darem assalto contra a aldeia dos minas; mas, repelidos pela artilharia, fizeram os seus recuar.

Koin, depois de freqüentes disparos contra a fortaleza, ped^{Pede a rendição}e-lhe por um tambor a rendição para o pôr-do-sol, avisando que a apresssem a fim de não sacrificarem, urgidos pelo tempo, a vida de todos, pois ele ia, sem demora, tentar os recursos extremos. Respondeu o governador que não se atreveria a tanto, sem consultar os comandantes da milícia e os cidadãos da Mina, pedindo no máximo três dias de prazo. Segunda vez exige-lhe Koin a entrega da fortaleza, concedendo o dia imediato para termo da deliberação e ordenando-lhe peremptoriamente que detenha os seus soldados e africanos nos seus postos para não praticarem violências, do contrário faria ele Koin o mesmo. Entretanto, como ao declinar do dia e fechadas todas as portas, recusasse o capitão da praça receber o tambor naquela mesma tarde, Koin, conduzindo toda a soldadesca para o morro, arremeteu, novamente alentado, contra os sitiados, detonando os morteiros, cujas balas foram inutilmente disparadas e inóxias. Mandou-se a todos os trombeteiros presentes que entoassem nas suas trombetas o hino em louvor do Príncipe Guilherme de Orange, de bom agoiro e familiar aos cidadãos das Províncias-Unidas. Com ele o soldado, às vezes descoroçoado e remisso, se inflama em mais vivo ardor guerreiro. No dia seguinte continuou o furor da artilharia a danificar o forte, pois aí se achavam os inimigos. Pediram fosse entregue a carta da véspera, dizendo, para se desculparem, que o governador da praça pusera dificuldades em

receber o tambor, porque já caía a tarde. Koin, mostrando no semblante a sua indignação, respondeu que a carta fora rasgada e que não era honroso para ele experimentar outra vez por carta a obstinação do governador: exporia ele próprio e consignaria por escrito o seu pensamento sobre a capitulação. Vieram logo os parlamentares com quem se devia pactuar. Nesta ocasião, ordenou-se aos negros de Comenda, que planeavam agressão contra os moradores da Mina, que depu-

Rende-se a fortaleza. 29
DE AGOSTO DE 1639.
Condições

sessem as armas e desistissem de violência. Os sitiados apresentaram a Koin os artigos da capitulação que eles próprios haviam redigido, e, rejeitados os mesmos, consentiram na fórmula de Koin. Dados três reféns, o capitão Walrave Marburg e o quartel-mestre entraram na fortaleza com os soldados. O pacto, quanto às praxes de milícia mais briosa, foi assaz vergonhoso, pois se acreditava que os contrários poderiam agüentar o cerco mais tempo, por causa dos fossos duplos,⁶⁶ de 25 pés de largura, que rodeiam o forte, e das ameias que o coroam. Ainda mais dificultava o assédio o assento da fortaleza, porquanto poderia ser guardada com poucas sentinelas, sendo inacessível mediante minas à conta dos rochedos. Segundo me informei, foram as seguintes as condições da rendição: saírem todos sem intimação, nem agravo, nem injúria, com o corpo e a vida incólumes; ser-lhes livre retirar esposas e filhos, sem nada sofrerem as mulheres e as crianças; levar cada um sua roupa, mas nada de ouro nem de prata, lavrados ou não; pertencerem ao vencedor as mercadorias e escravos, menos doze, que por bondade ele concede aos vencidos; carregarem todos os objetos sagrados e demais ornamentos dos templos, menos os de ouro e prata; serem transportados em nossos navios para a ilha de S. Tomé os portugueses e mulatos com suas famílias e providos de mantimento suficiente; dar-se anistia ao desertor Hermann; saírem da fortaleza, no mesmo dia, o governador e os soldados, entregando-se ao vencedor as chaves, todo o aparelho bélico e o remanescente das vitualhas; retirarem-se os soldados sem honras de guerra, sem bandeira, desarmados, sem morrões acesos, sem usar nenhuma praxe militar aceita.

Realizada a entrega da fortaleza, nela entraram Koin e Nicolau van Despojosos Ypern, dispondo o que fosse necessário à proteção e segurança da mesma. Encontraram-se quinhentos africanos, que da aldeia da Mina se tinham recolhido ao forte com as mulheres e filhos, sendo todos despedidos, exceto os escravos, cujo resto eram 140. Na igreja se haviam asilado as famílias dos portugueses com suas bagagens e alfaías. No morro sobranceiro ao forte colocou-se uma torre, e teria Koin levantado ali fortificação maior e mais sólida, se, temendo despesas, não achasse deveria comunicar isto antes aos Estados-Gerais e aos administradores da Companhia. Assim, transmitiu-lhes uma planta do castelo por construir, bem como o desenho da praça sitiada e vencida, e pediu bastimentos que lhe permitissem conservar o que ganhara.

No forte acharam-se 30 peças de metal, 9.000 arrâteis de pólvora, 800 balas de ferro para canhão, 300 de pedra, 10 cartuchos de mosquete, 200 arcabuzes holandeses, 36 espadas espanholas, além de enxadas, machados e outros instrumentos congêneres, os mais deles enferrujados. Saindo a guarnição, que foi conduzida para a ilha de São Tomé, ficou Marburg com 140 soldados para guardar o forte. A bravura e zelo desse homem estavam acima da inveja, e por isso o reclamava, por direito e por mérito, o comando da praça, pois não é possível ocultar a brilhante valentia dos militares, e, uma vez conhecida, não se lhe dar o devido apreço.

Tendo realizado tais cousas no espaço de seis dias, dispôs Koin convenientemente o que importava à defesa do forte, julgando igualmente nobre vencer as fortalezas e, vencidas, restaurá-las. Depois retornou vitorioso para o Brasil, com a esquadra e o exército, tendo incutido o terror nas terras africanas e difundido a fama das nossas forças e da nossa guerra através dos vastos reinos dos bárbaros transmarinos. E, todavia, recebeu o governo do Brasil Elogio de Maurício esses incrementos mais pela energia e arrojo dos ânimos do que pela robustez dos corpos. Portanto, admire-se nisto mormente a discreta prudência de Maurício, dando-se-lhe acesso a uma glória semelhante à de outros capitães batavos que fizeram guerras no além-mar. Sua façanha, sem dúvida, é comparável, na celeridade e na celebridade da vitória, aos muitos e grandíssimos louvores de outros generais. A estes não desprazerá que fique ligada a uma parte da minha narração a vivacidade e a presteza vencedora de tal soldado.

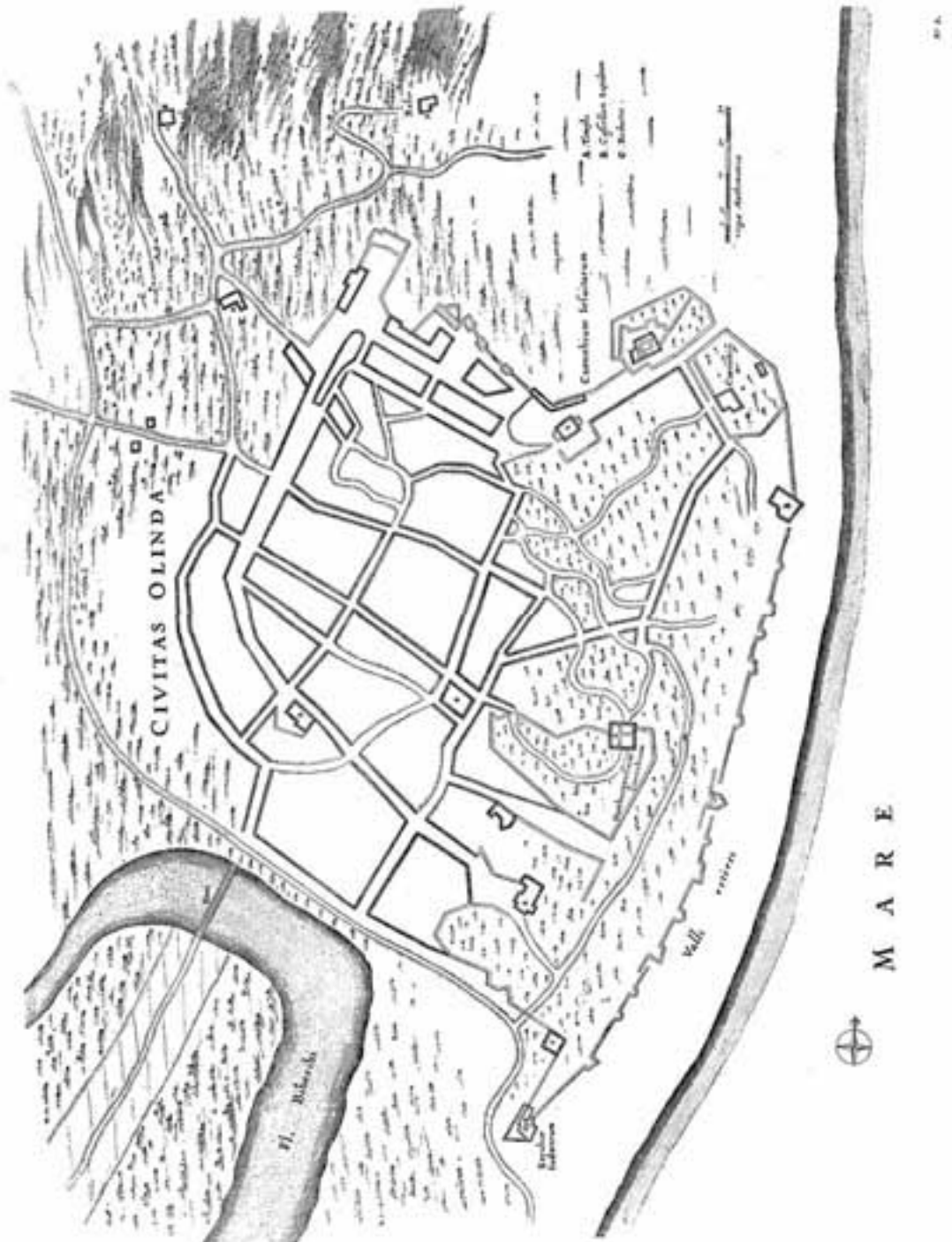
Os holandeses receberam Koin, por causa dos seus pre-claros feitos em prol da honra pública, indo-lhe ao encontro com felicitações e salvas de canhões. Agora é ele, sob o Príncipe de Orange, tenente-general de artilharia e, com os seus triunfos na África e a sua patente na Europa, ilustra a nobreza de Meissen, da qual procede.

Interessa-te, leitor, saber o seguinte: logo que se incorporou a Companhia das Índias Ocidentais, antes separada em diversas câmaras e sociedades de comércio, entraram a fazer dela parte não só o tráfico dos que navegavam para a ilha de S. Domingos, Cuba e outros, Com que direito foi levada por Maurício a guerra à África mas também o trato da África, o qual era ali exercido, assaz lucrativamente, com cerca de vinte navios. Fundeados não longe da costa, deles se aproximavam os africanos em exíguos barcos, trocando, a exemplo de Diomedes e de Glauco, ouro, marfim, ébano, produtos para nós preciosíssimos, por ferramentas, corais, espelhos, tesouras, objetos vilíssimos. Por esta razão, aquilo que nessas plagas se achava em poder dos holandeses estava igualmente sob a jurisdição de Maurício e do Conselho Supremo do Brasil.

Essa forma de comerciar, já por mim mencionada, permutando-se as utilidades, é a mais antiga e a mais simples. Fez-se assim, nos tempos de Tróia, quando o exército grego estava sempre escambando vinho de Lemnos por bron-

ze, ferro, couros de boi, bois e pelos próprios escravos. Palas, partindo para a Íta-
ILÍADA, 7 ca, diz que ali fora para trocar o bronze de Temese por ferro mais
ODISSÉIA, 1L luzente. Licurgo, rei de Esparta, decretou que nada se adquirisse
JUST. I, 3 com dinheiro, mas pela permuta das cousas necessárias. Também
os antigos britanos recusavam moedas: davam e recebiam cousas e obtinham o
SOLINO, CAP, 35 necessário, antes trocando que comprando. Tal foi ainda familiar a
outros bárbaros, mas não que o fossem por isso. Aristóteles declara esse modo
de comerciar mais congruente com a natureza e as necessidades humanas. Onde
POLÍTICA, L. I ele se usa, insinuam-se menos nas repúblicas os contágios dos
males de nações separadas, visto que é mais difícil o transporte das veniagas e
GUERRA DAS objetos e mais fácil o do dinheiro. Por essa razão guerreando César
GÁLIAS, L. I. aqui,⁶⁷ os mercadores raramente iam ter com os belgas do interior e
levar-lhes as cousas que servem de efeminar os ânimos. E segundo o testemunho
do mesmo escritor, não tinham tampouco entrada no país dos nérvios, os quais
não lhes deixavam levar ali vinho algum, nem outras superfluidades, julgando
L. II. que tais cousas afrouxavam as virtudes. Mas entre os neerlandeses de
hoje, tanto do interior como do litoral, não só têm os mercadores entrada fre-
qüente (quem dirá se numa idade mais feliz ou mais infeliz?), mas ainda, pelo de-
sejo de comerciarem, gostam de espalhar-se por todas as plagas do mundo, já
permutando utilidades por utilidades, já resgatando-as com dinheiro, já escam-
bando o próprio ouro por outras cousas. Portanto, consideram vã esta exclama-
HIST. NAT., liv. 33, c. I. ção de Plínio: “Oxalá se pudesse rejeitar totalmente da vida o
ouro, essa fome execranda, como disseram celebríssimos autores, o ouro, difama-
do pelos insultos dos melhores homens e achado para a ruína da vida.”

A respeito dos negros, porque amiúde ocorrem nesta história, convém
Descrição dos explicar o seguinte: – são povos daquela parte da África, que, após a
negros Barbária, a Numídia e a Líbia, é a quarta, e se chama Terra dos Ne-
gros, nome que tira ou dos naturais, que são de cor negra, ou do rio Níger, o
qual corta a região pelo meio, fecundando os campos vizinhos à maneira do
Nilo. É limitada ao norte pela Líbia, ao sul, pelo Oceano Etiópico, ao ocidente
pelo reino de Gualata e ao Oriente pelos reinos de Goaga. O ar, junto às costas
da Guiné, é nocivo aos nossos compatriotas, por causa do excessivo calor e das
chuvas, que geram a podridão e os vermes. É pouco verossímil ser a negrura dos
íncolas devida à adustão do sol, pois os habitantes do Cabo da Boa Esperança
são muito pretos, e os espanhóis e italianos, a igual distância do Equador, são
brancos. O sol não é menos tórrido no estreito de Magalhães, onde são brancos
os naturais, do que nos extremos da África, onde são pretos. Os súditos do Pres-
te João são trigueiros, e os habitantes da ilha de Ceilão e da região de Malabar
são muito negros, não obstante se acharem na mesma latitude. Demais, por toda
a América, até mesmo nos países intertropicais, não se encontram negros em
parte alguma, salvo uns poucos no lugar denominado Quareca. De sorte que a causa



da cor da cútis parece dever-se atribuir antes às qualidades ocultas da terra, do céu e do ar (asilos, oh! pesar! da humana ignorância) ou ao temperamento inato dos homens, recebido dos pais, ou a uma e outra cousa, principalmente quando, mesclando-se entre si brancos e negros, nascem os trigueiros, corrigida a negrura

Mulatos por uma coloração mais clara, por se confundirem os elementos geradores. É o tipo que os espanhóis denominam mulatos. Os romanos chamar-lhes-iam híbridos, isto é, gerados de pais desiguais, como os semíferos, nascidos de ferozes e de mansos. Neste sentido Suetônio, na vida de Augusto, chama híbrido a certo Epicado⁶⁸ de Temesas,⁶⁹ por ter nascido de pai parto e de mãe romana. Grégoras⁷⁰ designa esses mestiços com a denominação de gênero gasmúlico.⁷¹

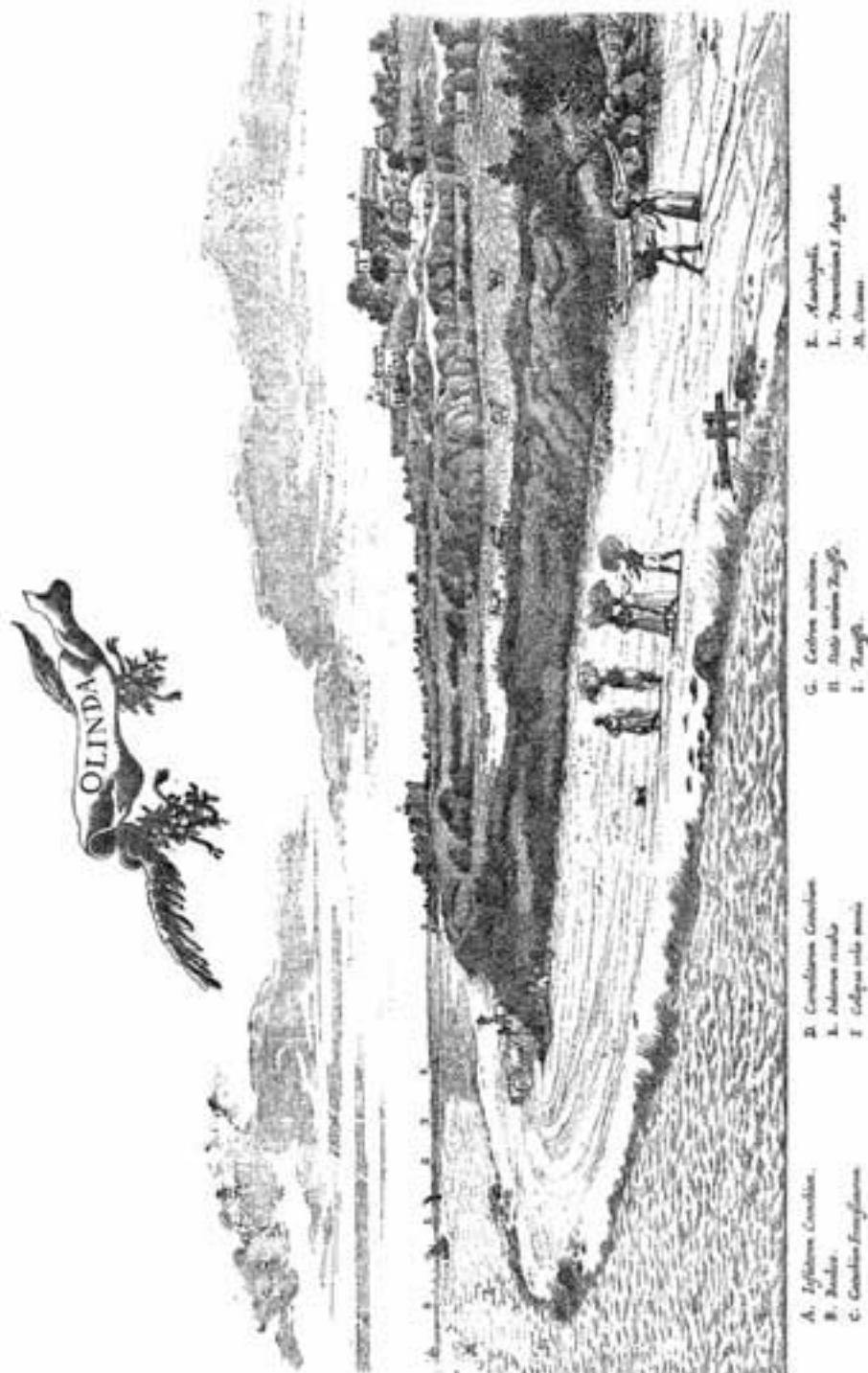
Dos negros fizeram menção Plínio, Estrabão, Estéfano:⁷² aqueles lhes **O rio Níger** chamam negritas, e o último negretas e ao rio Negreta.

Este cresce, como também o Nilo, no mês de junho, quarenta dias inteiros, durante os quais a região submersa faz-se navegável. Em consequência da cheia, cobrindo-se de pingue aluvião e limo, exubera com extraordinária produtividade. Por Claudiano, no Panegírico de Estilício, é o Níger denominado Gis ou Gir: “*Et Gir notissimus amnis Aetiopum*”,⁷³ – e em Sidônio Apolinário talvez se deva ler – “*Inaorum Ganges, Gothorum Phasis, Araxes Armeniae, Gis Aetiopum, Tanaisque Getarum*”⁷⁴ –, em vez do que ora se lê – “*Tagus Aethiopum*” –, o qual se há de procurar na Espanha e não entre os etíopes.

A língua destes negritas varia com as terras, sendo também diversa a religião. No sertão há cristãos, maometanos e gentios. Os da beira-mar são idólatras. Em certas partes adoram o Sol, a Lua e a Terra. Cuspir nesta é pecado para eles.

Sarjam eles próprios a pele e pintam-na com um unguento corado, espetáculo para eles belo e para nós feio. Enquanto almoçam, abstêm-se de beber; depois de almoçarem, bebem água ou vinho de palma. Uns há que furam o lábio superior e pelo buraco e narinas introduzem pedaços de marfim, tornando-se com isto, ao que lhes parece, lindíssimos. Alguns ainda furam o lábio inferior, deitam por ele a língua como de outra boca. Trazem outros, no próprio septo nasal, marfim ou conchas. Tingem de vermelho um dos olhos e de azul o outro. As mulheres mais ricas prendem às coxas grandes anéis de ferro, de latão ou de estanho. Enfim, comprazem-se admiravelmente em sórdida e fétida barbárie.

Com largo lucro dos espanhóis e portugueses, são transportados daquelas costas para o Brasil e para as Índias Ocidentais, a fim de naquele trabalharem principalmente no fabrico do açúcar, e nestas cavarem as minas. Tolerantíssimos dos labores, alimentam-se com pouco. Nascidos para sofrerem a inclemência da natureza e miséria da servidão, por muito dinheiro são vendidos como escravos.



Enquanto realizamos a nossa empresa na África, o Conde de Bagnuolo, com cerca de 2.000 soldados, arrastando mais propriamente do que levando a guerra ao Sergipe d'el-Rei, mandados para ali pequenos troços, infestava-nos as terras, lavouras e engenhos, queimando, talando, saqueando. Em consequência, resolveu Maurício expulsar daquela posição ao conde espanhol. Detido, porém por grave enfermidade, com as forças quebrantadas pela pertinácia de uma febre contínua, que durou três meses, confiou a ação ao coronel Schkoppe, militar ardoroso e prudente. Convocando as companhias estanciadas às margens do São Francisco, em Alagoas, no Cabo de Santo Agostinho, no próprio Recife e em Muribeca, mobilizou-as contra o inimigo. Teve Schkoppe para companheiro de armas e consultor João Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto. Já estavam armados 2.300 soldados, 400 índios, que Nassau chamara de suas aldeias, e 250 marinheiros, os quais Gisselingh, com extraordinária diligência, aprestava para a guerra. Mandou-se o almirante Lichthart andar ao paio diante da baía de Todos os Santos, a fim de atrair do interior o inimigo. Suspeitou Bagnuolo que Maurício usara aquele plano para lhe fechar o caminho e impedir aos seus o retrocederem, e, sendo informado de que Nassau fazia suas tropas passar o São Francisco, aproximando-se, conduziu o seu exército para a Torre de Garcia de Ávila, situada 14 léguas de S. Salvador, para o norte, e fê-lo com tal celeridade que arrastava os soldados, sem lhes dar descanso nem de dia, nem de noite. Ouvira dizer que as forças holandesas já se achavam presentes, tendo penetrado 20 léguas além do Sergipe, para a banda do sul.

Schkoppe, desalojando a Bagnuolo de suas primeiras posições, arrasou a própria cidadezinha de Sergipe, os engenhos dos adversários e os seus pomares. Feita esta devastação, reconduziu a soldadesca, com incrível velocidade, para as margens do São Francisco. Acampando aí, por ordem do Conde, na margem meridional do rio fez alto algum tempo, para que, apoderando-se do gado, oprimisse os contrários com os incômodos de fome certíssima, o que, segundo a praxe militar, foi ardorosamente executado pelos nossos. Encontrando três mil cabeças de gado, voltou cada um para as suas guarnições. O fato seguinte mostra a abundância de gado que tem essa região: demorando-se ali Bagnuolo, abateram-se 5.000 reses e tangeram-se 8.000 para o consumo futuro da soldadesca; por nós foram mortas 3.000, além das que se transportaram para as margens do sul.

Na mesma ocasião que Nassau levou à África a fama e o terror da guerra, chegaram-lhe notícias de ter sido expugnada por Frederico Henrique, príncipe de Orange, Breda na

O Conde Bagnuolo
devasta o Sergipe
d'el-Rei

Expedição contra o
Sergipe d'el-Rei, sob o
Coronel Schkoppe, por
estar Nassau atacado
de febre

Torre Garcia
de Ávila

Bagnuolo abandona o Sergipe

O Sergipe é
abundante
em gado

Notícias de ter sido
vencida Breda na
Holanda pelo Príncipe
de Orange. 1673

Holanda, fortíssima cidade do Brabante, aquela mesma que, arrebatada aos nossos doze anos atrás, caíra em poder do rei de Espanha com a vitória do Marquês Ambrósio Spinola.

Tinha a cidadela quinze baluartes, dois outeiros elevados, ^{Descrição dessa praça} próprios para do alto jogar a artilharia, três reparos baixos ao pé das muralhas e uma sebe de espinhos; fossos em alguns lugares com 70 e em outros com 120 passos de largura. Sobre os fossos tinham-se colocado quatorze casamatas. Havia, além disso, um parapeito de cinco pés de alto, sendo-lhe interpostos cinco hornaveques, e diante de cada um via-se uma meia-lua. Cingia-a segundo fosso e fora deste, como um cinto, a couraça das fortificações externas. Enfim a cidadela, munida de trincheiras, pontes, arsenal e duplo fosso de água, era formidável pela artilharia assestada para todos os pontos que lhe pudessem dar acesso.

A maneira que Frederico Henrique usou para ganhá-la ^{Modo de vencê-la diverso do de Spinola} feriu totalmente daquela com que a tomara o Marquês de Spinola. Este expugnou-a pela fome, desesperando de poder vencê-la pelas armas. Orange, investindo-a com possante exército, mostrou um esforço supremo, impaciente de delongas.

As operações de Spinola custaram muito dinheiro e poucas vidas. As de Orange custaram mais vidas e menos dinheiro, de sorte que a vitória de um foi cruenta e a do outro incruenta. Orange julgava que, estando o inimigo armado, era necessária pressa, por causa dos meses estivos, próprios para atacar-se o nosso território. Spinola se arreceava menos da demora, em razão do inverno, pouco idôneo para se fazer guerra. A bravura dos sitiados, que combatiam intrepidamente, dificultou o cerco daquele; o deste dificultou-o a necessidade de trazer provisões de longe. Um, para garantir o assédio chamou da Alemanha as tropas auxiliares do Imperador. O outro, contente com os soldados ordinários, venceu com mobilização menor. Tendo-se em vista o importe dos gastos, foi o italiano mais nocivo que útil ao seu rei. Fizemos guerra mais proveitosa, conquistando a cidade com menor dispêndio, mas dispêndio muito profícuo à segurança da República. Causou admiração ao mundo europeu que o Cardeal Infante, regente das províncias reais dos Países-Baixos, ilustre com a fama nova do seu governo, aparelhando o exército do qual dispunha, sem estar ainda rematada a circunvalação do acampamento de Orange, se tenha dele aproximado, contemplando-o de frente, sem nada tentar, conquanto lhe houvera sido fácil retardar o cerco, fatigando os nossos com ataques contínuos. Foi também de admirar que se compensasse a importante perda de Breda com as cidades mais fracas de Venloo e Ruremonde. Não foi menos irrelevante não ter sido possível ao inimigo, durante todo o tempo do assédio, interceptar o abastecimento, e haver sido a cidade com tanta rapidez rodeada de entrincheiramentos que o inimigo, chegando pouquíssimos dias após, considerou o campo intransitável para as forças. Enfim, foi extraordinário que, em sete semanas a partir da mobilização feita por Orange, se to-

masse uma das praças mais fortificadas da Europa, a qual Spinola vencera somente após onze meses de sítio. É esta aquela mesma cidade que antes tomara o ilustríssimo príncipe Maurício, escondendo, num barco carregado de turfa, os recrutas das suas guerras.⁷⁵ Nessa ocasião foi ela atacada dormindo; agora foi-o velando; então vencemos com uma gleba seca,⁷⁶ agora com a gleba verde;⁷⁷ tomamo-la toda então numa só investida, e agora lentamente e passo a passo. Não faltava então a falaz ousadia de algum Ulisses ou de algum Sinão,⁷⁸ e desta vez não faltou um Aquiles para expugná-la pela força. Da outra feita desempenhou o papel do cavalo de Tróia um barco de carga, e desta, néscios de ardis, mostramos que os Nassaus podem triunfar de uma e outra maneira.

Pelas suas vantagens se avaliava a importância desta vitória, porque, pertencendo aos inimigos aquela fortaleza, acometia qual uma salteadora a Holanda, a Guêldria e a Zelândia, tornando insegura a navegação nos estuários do Wahal, do Mosa e do Escalda. Assentada sozinha entre Bois-le-Duc e Berg-op-Zoom, cortava as comunicações entre essas duas cidades aliadas e impunha às cidades e praças vizinhas a necessidade de grande presidio.

No outro hemisfério, sob outras constelações, ouviram os bárbaros que Breda fora vencida sob os mesmos auspícios e pelas mesmas armas com que tinham visto a queda de Olinda, de S. Salvador, de Porto Calvo e outros praças formidáveis além do Equador. E assim, aplaudindo aqui os holandeses a felicidade comum, proclamariam lá os brasileiros, em línguas desconhecidas, a nossa glória.

Para se renderem graças à bondade de Deus, solenizou Nassau o dia da vitória, a fim de que nem a distância dos lugares, nem o renome dos holandeses reproduzido no Novo Mundo parecessem obliterar os sentimentos patrióticos no ânimo dos que se achavam longe da Pátria. Atribuíram-se a Deus simultaneamente os prospérrimos sucessos das guerras ocidentais e a vitória sobre Bagnuolo, recentemente posto em fuga.

Neste comenos, os índios moradores do Ceará pediram paz e ofereceram o seu auxílio contra os portugueses, rogando ao Conde que sujeitasse ao seu poder o forte dali, ocupado pelos lusitanos, protegendo-lhes a gente contra as injúrias e a dominação deles. Diziam que se conseguiria a empresa com pequena força, compensando-se as despesas da guerra com as veniagas – âmbar, algodão, cristal, pedrarias, madeiras,⁷⁹ salinas e outras produções da região. A fim de alcançarem fé para si e para a sua proposta, deixaram como reféns dois filhos dos principais da sua nação. Resolveu-se a expedição, aprestaram-se naus, armas, provisões e soldados, sendo comandante o major Jorge Garstman, homem calejado para os imprevistos da guerra pela sua experiência militar. Apesar de ser o referido forte assaz distante das nossas fronteiras, muitas léguas ao norte de Pernambuco, aprovou, todavia, ao Conde mandar para lá alguns navios ligeiros, não só com o fim de afastar o adversário para mais longe dos nossos confins, mas também com o

O Conde soleniza o dia da vitória de Breda e o dos seus próprios triunfos

Os habitantes do Ceará pedem paz e auxílio contra os portugueses, oferecendo o seu

desígnio de conciliar, no território inimigo, maior número de índios para a Companhia. Isto parecia conveniente por causa dos ódios diuturnos contra os portugueses e porque, com estas atenções que lhes dispensávamos, ser-nos-iam os cearenses muito favoráveis e teriam inspecionados os lugares e forças do inimigo. De fato, da parte dos ofendidos sempre se esperaram não pequenos êxitos para as empresas, por se acharem escondidos entre as partes adversas, sob aparência de fidelidade e de amizade, aqueles que podem prejudicar aos do seu partido, porque não medra nunca sólida lealdade entre ofendidos e ofensores.

Arribando Garstman ao Ceará, informou da sua chegada Vêm-lhe os cearenses ao encontro ao maioral dos brasileiros Algodão e, desembarcada a soldadesca, conduziu-a pelo litoral, vindo-lhe ao encontro os naturais que lhe significavam a paz com bandeiras brancas. Depois de falar com o morubixaba, sentindo-se mais animoso com as tropas auxiliares (pois o régulo lhe trouxera de reforço duzentos dos seus), atacou, e tomou o forte, Expugna Garstman o forte que era de pedra insossa. Defendeu-se o inimigo frouxamente, com tiros de peça e de mosquete. Foram poucos os mortos e mais numerosos os prisioneiros, e entre estes os mais graduados da milícia. Lucramos com a vitória três peças e alguns petrechos bélicos.

O Ceará se acha entre as capitânicas do Brasil setentrional, Descrição do Ceará com um âmbito somente de dez ou doze léguas, de poucos habitantes, os quais ocupavam o próprio forte. Tem porto pouco idôneo para navios de grande porte, e não é regado por nenhum rio notável. Somente à raiz do monte sobre o qual está assentado o forte, corre do continente um ribeiro. Próxima da fortaleza está a casa do governador português, a qual é rodeada de algumas habitações esparsas dos moradores portugueses, nada resistentes contra as investidas dos inimigos.

Produz a região cana-de-açúcar, o qual, entretanto, não se fabrica ali em nenhum engenho. Vivem os bárbaros dos arredores em discórdias e lutas perpétuas com os portugueses.

Aqueles que, em 1609, chegaram a esses lugares disseram que lá se viam homens de corpo avantajado, catadura deforme, Antigos habitantes cabeleira comprida, orelhas furadas e pendentes quase até os ombros, com a cutis tingida de cor negra, menos desde os olhos até a boca. Tinham alguns o lábio inferior esburacado, e outros também as ventas, em que metiam para ornato pedrinhas e ossinhos.

De volta para Pernambuco, perdeu o major Garstman um dos iates, que é incerto se pereceu por naufrágio ou por outro desastre. Este cometimento, realizado alhures, foi glorioso para o Conde e para a Companhia.

Em Pernambuco a administração dos negócios políticos Negócios internos e dos interesses públicos do comércio ocupava os governadores. Destinou-se dinheiro para se edificar a casa do Conselho. Remeteram-se para a

ASSUNTOS Holanda os minérios encontrados nas minas das montanhas, para
POLÍTICOS que, rigorosamente examinados por metalurgistas, se determinasse o seu valor e quilate. Prometeram-se prêmios para os que levassem negros aprisionados na guerra, sendo 20 rixdales⁸⁰ o preço de cada homem, e seis o de cada mulher. Concedeu-se aos abactores de gado do inimigo a décima parte do mesmo. Reprimiram-se com rigorosas penas aqueles que usavam fraude com os exatores de impostos e direitos alfandegários e contra os que não declaravam com verdade as mercadorias ou as calavam, cominada certa multa para as fraudes praticadas de dia, outra mais pesada para as praticadas de noite, e se fossem oficiais os fraudulentos, perderiam o posto. Distribuíram-se, pelas comarcas, patrulhas, cada qual com o seu comandante, contra os saqueadores e incendiários, que, por toda a parte, o inimigo introduzia em nossas terras. Empregaram-se também nisto portugueses e índios, os quais dado com um tiro de peça sinal para irem contra o inimigo, logo compareceriam armados para coibir a violência e prender os que a fizessem.

Havendo mingua de mantimento, foram obrigados por um edito todos quantos se utilizavam do trabalho dos negros a plantarem anualmente mandioca, na quadra costumada, isto é, em janeiro e agosto. Para não aumentar excessivamente para os juízes superiores a tarefa das causas forenses, vedaram-se as apelações de menor importância. Contra os homicidas, como inimigos do gênero humano, foram promulgadas leis penais, como a razão e o direito divino e humano sempre as promulgaram; porquanto, cumprindo haver porfia de virtude entre as gentes, havia-a de crimes, e se verificava serem os piores aqueles que convinha fossem os melhores.

Os predicantes e ministros da religião reformada representaram ao Supremo Conselho em Olinda os seus gravames (é este o termo próprio), colhidos pelas classes, isto é, pelas suas ordens e assembléias. O Conselho, considerando que a causa da religião não podia ser tratada com indiferença, mormente entre bárbaros e ignorantes de uma disciplina mais rígida, e também entre povos rivais no zelo religioso, isto é, papistas e judeus, respondeu com prudência a cada um dos pontos, deste modo:

“1) Devem-se castigar severamente os incestuosos convencidos de tal crime. 2) Deve-se conceder aos escravos o descanso do trabalho servil aos domingos. 3) O Conselho ia proibir aos diretores da Paraíba o permitirem procissões e cortejos solenes de papistas pelas ruas e estradas, devendo encerrar-se nas igrejas e nos claustros. 4) A estes seria defeso, sem autorização do Conselho, construir novos templos. 5) Ser-lhes-ia vedada a celebração do casamento por sacerdote católico, não precedido das denúncias usadas na igreja reformada, e bem assim a realização de cerimônias religiosas junto aos réus condenados pelos juízes. 6) Escolhessem eles (ministros e predicantes) em Olinda um templo para si, destinado aos exercícios da religião reformada. 7) Fosse permitido aos judeus



A. *Tropica e Cyfa.*
 B. *Couche e Tremor*
 C. *Stina mla*
 D. *Stila Taurus comu vifera*
 E. *Stila delenda signum ad hunc*

sua religião e seus ritos entre as paredes privadas, proibindo-se-lhes o culto público. 8) O Conselho se empenharia em refrear a desonestidade dos negros, o vício do adultério e da prostituição, último companheiro de uma fortuna em ruína. 9) Queria o Conselho que, dali por diante, sempre que os senhores de engenho desejassem pedir para os seus trabalhos a proteção de Deus, pedissem a bênção divina, não pela boca do padre católico romano, mas pela do predicante da igreja reformada.”

Para formarmos o poder, sem dúvida valemo-nos também das opiniões religiosas. Cada qual toma a que escolheu como instrumento idôneo para procurar a segurança em benefício não só da salvação dos homens, mas também da dominação.

Não foi menor o zelo que se votou ao comércio, à compra de açúcar e pau-brasil, quer fosse tomado ao inimigo, quer adquirido por dinheiro, quer cortado em nossas matas, e bem assim ao tráfico freqüente dos escravos, ao transporte do ouro americano para a terra pátria, às mercadorias importadas nas naus da Holanda, ao reparo das avariadas no mar, aos futuros carregamentos e às várias necessidades das que partiam. Tratava-se dos estipêndios, prêmios e rações dos indígenas incorporados na nossa milícia; das contínuas remessas, idas e voltas de vasos transportando armas e provisões para todos os territórios do Brasil, ora para estes, ora para aqueles; das designações de magistrados em todas as províncias e, na ausência do Conde, das suas eleições; dos pedidos dos predicadores e ministros reformados. Demais, cuidava-se da assistência aos pobres, órfãos e enfermos; do recenseamento dos cidadãos em cada uma das cidades, e inúmeras outras cousas que cumpria fazer na terra e no mar, segundo a ordem prescrita pela Companhia no interesse imediato da República. Era a constante matéria e execução destes objetivos, digo eu, que apertava o Senado Político.

O Conde, restituído a si e à milícia após moléstia assaz demorada, fortalecido contra os rigores de uma região aliás salubérrima e com o corpo já afeito às peculiaridades do ar estrangeiro e transmarino, partiu para as capitânicas da Paraíba e do Rio Grande, em longa viagem por terra, a fim de organizar as províncias, cidades e aldeias e prover os acampamentos de fortificações, soldados, armas e vitualhas. Mas, passando para estas províncias, não seria razoável ignorarmo-lhes a índole, a situação e as produções, pois elas ministraram matéria fecunda às guerras e ao tráfico dos nossos.

A Paraíba⁸¹ está entre as quatro capitânicas setentrionais. Tomou o nome de um rio que a banha, assim como um outro – o Mamanguape.⁸² Segue-lhe logo a colônia de Itamaracá. Ocuparam outrora a Paraíba os franceses e, expulsos estes, os portugueses e por último os holandeses. Não possui outras povoações senão os lugarejos dos engenhos, que, pela multidão dos trabalhadores, constituem verdadeiras aldeias. Na margem meridional do rio há uma cidadezinha – Filipéia –, assim chamada em

Partida do Conde para as capitânicas da Paraíba e do Rio Grande.

ANO DE 1638

Descrição da Paraíba

Rios

honra do rei Filipe. Agora, mudadas as partes, recebeu o nome de Filipéia, hoje Frederica Fredericópole ou Frederica, em honra de Frederico, príncipe de Orange. As regiões próximas do rio são planas; as mais distantes entrecortadas de montes e de vales, são notáveis pela sua completa amenidade. Aquelas produzem cana-de-açúcar; estas, mandioca. Constitui o açúcar uma das delícias Produções. Açúcar. Mandioca para o estrangeiro, e a mandioca é um alimento para os naturais. Das raízes desta fabricam uma farinha, assim como os mais ricos se alimentam de trigo e de pão. Os portugueses chamam “roça” aos campos que dão, e os agricultores designam com o nome de “lavradores” e de “roceiros”. Os menos abastados alimentam-se com esta farinha, assim como os mais ricos se alimentam de trigo, que costuma importar-se de Portugal e de outras partes. Produz também a Outros frutos região outros frutos: milho, batata-doce, abacaxis, cocos, melões, melancias, laranjas, limões, bananas, pacobas, maracujás,⁸³ pepinos, tudo isto para a utilidade ou dos homens ou dos animais. Os cajus são pêras silvestres, suculentas e Cajus inocentes, que se comem avidamente durante o calor. No interior da pêra cresce uma castanha, de casca muito amargosa, de miolo muito doce, quando se assa. A pêra refresca e a castanha esquenta. Mas, a todo o gênero de frutas levam Ananases a palma aquelas a que chamam abacaxis. A planta é de pouco talhe, e em seus ramos ficam suspensas pinhas muito tenras. Cortando-se estas em talhadas na sazão própria, são um alimento gratíssimo ao mesmo tempo pelo cheiro e pelo sabor, podendo-se comer imediatamente ou conservar no açúcar por largo tempo. Além disso são de ver muitas árvores frutíferas, que fora longo enumerar, pei- Animais xes, aves de cores variadas e muitas espécies de quadrúpedes, em geral bravas, em parte por nós conhecidas, em parte desconhecidas. Nelas sempre aparece em quão admiráveis e diversos modos se desdobra a sabedoria divina pela vastidão da terra. É notável a variedade dos papagaios, cuja plumagem de cores diferentes é para eles um ornamento, e, por outro lado, torna-os apreciáveis a língua, apta para reproduzir a linguagem humana. São tão numerosos ali que, voando aos bandos, escurecem o dia como nuvem negra.

Os habitantes ou são livres, como os portugueses, holan- Condição dos habitantes deses e europeus, em geral e até mesmo os brasileiros indígenas; ou escravos, os quais são ou índios, ou negros comprados já no reino de Angola, já no Cabo Verde e levados para lá. Moram em povoados, cujas casas não são pegadas umas às outras, qual entre nós se usa, mas esparsas, seja por medo de se alastrarem incêndios, seja por imperícia de edificarem. Empregam pedras e telhas, mas não ferro. Quando vão construir uma casa, levantam primeiro os esteios e escoras, estendem sobre eles um ripado sobre o qual armam o telhado, coberto de telhas ou de folhas de coqueiros. Vivem nessas habitações. O andar térreo serve-lhes de armazém e despensa. As paredes laterais são formadas de varas rebocadas, sem capricho, nem elegância. A cidade propriamente contém alguns edifícios bonitos, feitos de pedra, cujos cantos e janelas são de mármore branco, sendo o resto das paredes de alvenaria. Os habitantes, de estatura inferior à dos europeus, resistem pouco ao trabalho. Habitam os paraiba-

Sete povoações.
Pinda-Una nos sete povoações. A principal é *Pinda-Una*, que conta 1.500 almas, enquanto as outras somente 300. Cada uma destas aldeias consta de cinco ou seis casas oblongas, que se distinguem por pequeninas e numerosas portas, pelas quais se entra e se sai.⁸⁴ Os índolas andam nus, a não ser que uma tanga cubra as partes viris nos homens e uma camisa de linho resguarde as mulheres. Gostam de estar junto das esposas e não sem ciúmes. São assaz desleixados quanto à criação dos filhos e, desconhecendo disciplina e educação séria, inábeis para tudo o que é elevado, estão por isso presos a uma servidão natural. Têm aos portugueses ódio feroz, e estes lhe retribuem, como réus de perfídia, de ingratidão e de falta de caráter.

Mercadorias As mercadorias que apresentam ao comércio dos estrangeiros são açúcar, pau-brasil, tabaco, couros de boi, algodão e outros produtos. Possui a Paraíba dezoito engenhos, dos quais uns se movem à força 18 engenhos de água, outros à de boi. Vêem-se tais engenhos suceder-se nas margens setentrional e meridional do Paraíba.

Dissertação sobre o açúcar Entretanto, vindo-me água à boca com a doçura do açúcar, não será estranho aspergir com o doce suco das canas as páginas desta narração, e comparar o açúcar dos antigos com o dos modernos. Esta história, erichada de termos guerreiros, amansará, misturando-se com esta suavidade das cousas e das palavras. E é certamente admirável que não se dome com tão brando alimento a barbárie e que perdue a aspereza e ferocidade dos costumes naqueles que se nutrem com esse néctar e ambrosia.

Fizeram menção do açúcar Plínio, Dioscórides,⁸⁵ Galeno e Hesíquio.⁸⁶ Os botânicos, porém, discutem se este é o mesmo açúcar do nosso tempo. Os que sustentavam que é outro dizem que o dos antigos se cristalizava nas próprias canas, enquanto o nosso se espreme líquido e se condensa ao lume. Dioscórides informa que o dos antigos era quebradiço nos dentes e friável como sal. O nosso logo se liquefaz, convertendo-se num suco viscoso, e de modo algum quebradiço. O dos antigos era bom para o estômago, intestinos e fígado, e o nosso faz-lhes mal. Aquele aplacava a sede, este a excita. Mas os defensores dessa diversidade não esclareceriam facilmente qual seja aquele suco diferente do açúcar que se encontra numa cana da Índia e da Arábia: “Não poderia com esse suco rivalizar o doce mel”, como traz o verso de Varrão,⁸⁷ e do qual diz Lucano: “*Quique b-* ISIDORO, l. 1. *bunt tenera dulces ab arundine succos*”,⁸⁸ pois nada impede o beber-se diluído em água e licor do açúcar. Fiquem, porém, estas indagações abertas ao exame dos eruditos e dos intérpretes dos velhos textos.

A cana sacarina não atinge a altura de uma árvore, mas a do milho e de outras canas, erguendo-se em cálamos de sete a oito pés, com uma polegada de grossura. É esponjosa, succulenta e cheia de um miolo doce e branco. Têm as folhas dois côvados de comprimento, a flor é filamentosa e a raiz macia e pouco lenhosa. Desta saem rebentos para a esperança de nova safra. Gosta de solo úmido,

clima quente e ar mais tépido. A Índia Ocidental é feracíssima destas canas, conquanto também as produza a Oriental. O sumo das primeiras é de louvar pela limpidez e utilidade, e esta utilidade conhecem-na as cozinhas e as farmácias, os sãos e os enfermos, pois serve o açúcar de alimento e de remédio. É, depois da manteiga, um regalo da nossa alimentação e um grato estímulo da gula nos doces e nas sobremesas.

O processo de fabricá-lo, ignorado pelos antigos, é o seguinte:⁸⁹

Arrancadas as canas e limpas das folhas, cortam-se em peda-
ços de um palmo de comprimento. Assim cortadas, são espremidas Fabricação
do açúcar
numa prensa, recebendo-se o sumo numa caldeira de cobre diluído ele em água, ferve durante número certo de horas e vai-se escumando. Evaporada a água, despeja-se nuns vasos de barro – as fôrmas –, que têm o feitio de meda ou pirâmide, e aí cristaliza como sal. O buraco dessas fôrmas, a princípio tapado, conserva o açúcar coalhado e úmido; abrindo-se depois, deixa passar o mel para purgar o açúcar. Depois cobre-se de barro a cara da fôrma, porque se acredita que, repetindo-se várias vezes esta operação, se expellem mais completamente as impurezas, e o açúcar clareia mais. Este é o primeiro trabalho que ele reclama. Entretanto, há mister novas manipulações e cozeduras para se obter um açúcar mais puro e clarificado. Assim, derrama-se no açúcar mais impuro uma lixívia de cal viva e claras de ovo, e, mexendo-se sem parar, escuma-se o caldo, limpando-o das impurezas, e, quando ele, fervendo, ameaça entornar-se, impede-se isto com deitar-se-lhe um pouco de manteiga. Coam-no depois num pano grosseiro ou numa estopa, não estando ainda absorvida toda a lixívia, para se apanharem as fezes que por acaso restem, deixando-o ferver de novo até consumir-se a lixívia. Em seguida o viram, como que renascido, nas fôrmas, cobrem-se as caras destas com barro puro, e, secando este à maneira de crosta, põe-se outro mais algumas vezes, com o mesmo fim que dantes, escorrendo de novo um mel mais grosso e mais impuro.

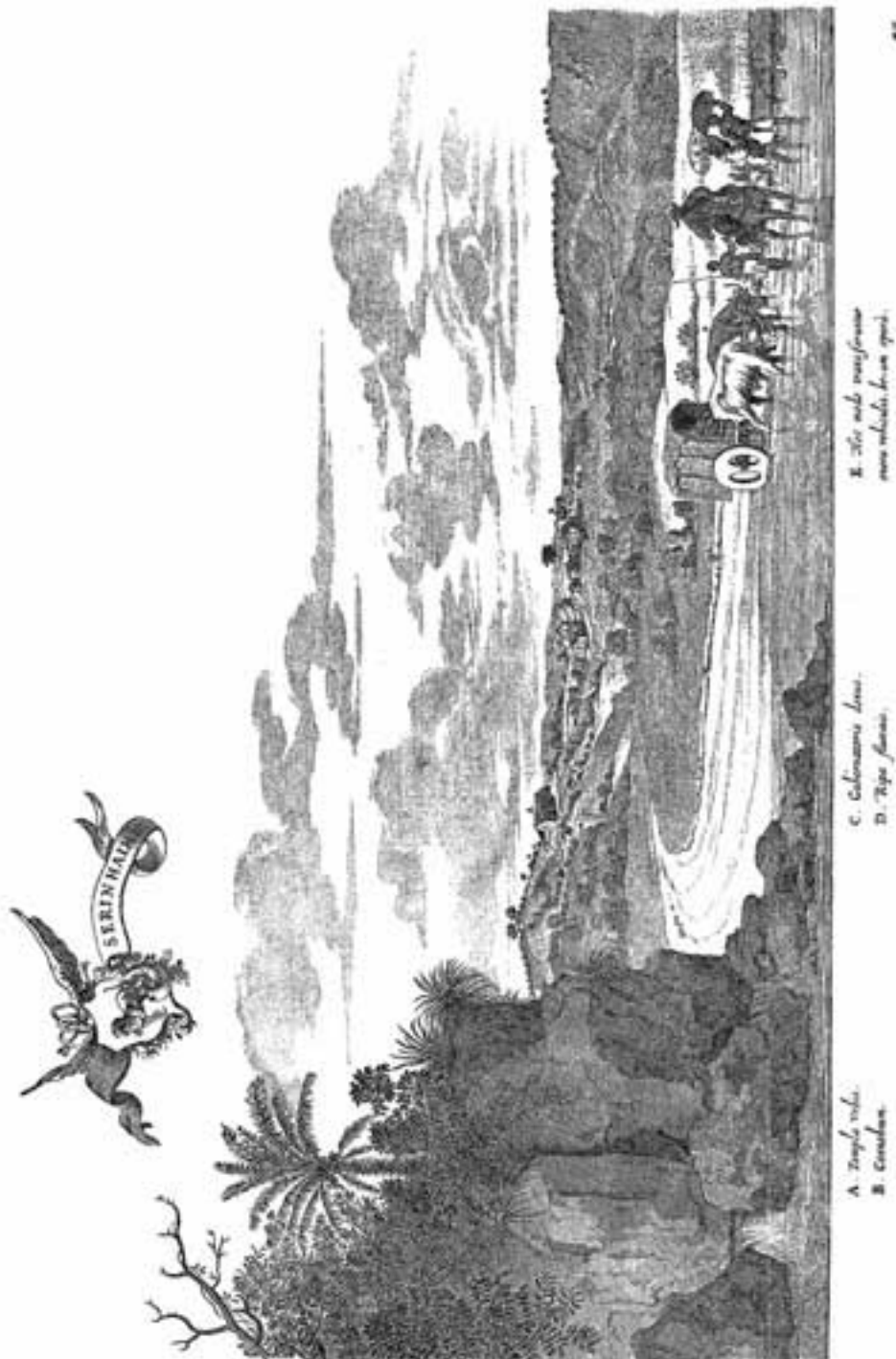
Distingue-se o açúcar em mole e duro. Este, segundo sua fôrma, chama-se pão de açúcar, açúcar misturado, cândi, e penídio.⁹⁰ O açúcar em pão diversifica-se em açúcar da Madeira, das Canárias, fino, de Meli⁹¹ e de S. Tomé. Os dois primeiros assim se denominam por causa das ilhas donde procedem. O fino é assim chamado por ter chegado ao seu fim, isto é, por ter atingido o ápice da alvura e da pureza. O de Meli tirou a denominação de Meli, ilha da Índia Ocidental, e o de S. Tomé designa-se assim, porque provém da ilha desse nome. Este é de qualidade inferior e trigueiro, empregando-se principalmente em xaropes, conservas, remédios e clisteres. Chama-se misturado o que se transporta em caixas, sendo formado com fragmentos dos outros. O cândi toma o nome dos gregos barbarizados, por que é facetado e, quebrando-se, salta em partículas angulares. A este chamam-lhe os gregos modernos *χάντον*. Erro é do vulgo e dos ignorantes que tem ele tal nome por derivar este da palavra latina *candor*, como que

significando *cândido*, ou por o tirar da ilha de Cândida, pois nem todo o açúcar-cândi é branco, nem todo o que é branco é cândi. Há, com efeito, um outro açúcar cristalizado, semelhante a um cristal, que se faz com o açúcar fino; há um outro aloirado que nunca clareia, que se fabrica com o de São Tomé e é assaz parecido com ele. O penídio faz-se com o açúcar em pão, com o de S. Tomé e até mesmo com o misturado. Recomenda-se por mais alvo, mais raro e mais moderado no calor.

Em 1634, invadiram a Paraíba os coronéis Schkoppe, Artichofski, Hinderson e outros e, expugnados todos os fortes, atribuíram-na à Companhia. É próxima dela, para o norte, a colônia do Rio Grande, que deve também o seu nome a um rio notável, cujo acesso é muito difícil por causa dos bancos de areia e do mar pouco fundo, mas tem terras do sertão muito amenas. Chamam-lhe os bárbaros Potengi.⁹² Foi navegado pelos franceses, os quais, aliando-se aos indígenas, ali se estabeleceram. Os portugueses expulsaram aos franceses com auxílio do governador da Paraíba, Feliciano Coelho,⁹³ submetidos também, com alguns combates, os gentios. Caiu a região em nosso poder, tomando-se-lhe a fortaleza em 1633. Capitaneou a expedição Matias Ceulen, tendo batalhado valorosamente, de um lado por terra, doutro por mar, os famosos cabos de guerra Byma, Cloppenburg, Friese, Lichthart, Garstman e Manfeld. E posto se tivesse por invicta a fortaleza, à conta do seu sítio, açoitado pelo mar próximo, e de suas munições, ainda assim se deixou vencer pelas armas batávicas, mostrando com o seu exemplo nada ser impenetrável ao denodo. Assentada sobre um rochedo, debruça-se sobre o rio, cingida por um muro de pedra bastante alto e provida de artilharia contra toda a violência, sendo assim difícil o aproximar-se dela e possível o defendê-la com pequeno presídio. Quando ainda pertencia ao partido real, chamava-se o Forte dos Três Reis Magos. Adotando-se agora para ele a denominação de Forte de Ceulen, passou simultaneamente para o poder e recebeu o nome do conselheiro holandês.⁹⁴ Mudados os regedores da posse, foi pouco mudar o nome das coisas.

Demorando-se Nassau às margens do São Francisco, vieram ter com ele emissários do rei dos tapuias, com presentes, arcs, flechas, lindíssimas penas de ema,⁹⁵ com as quais se enfeitam indo para a guerra. Com a devida cortesia, aceitou-os como dádivas de paz e de um começo de concórdia e penhores de bem-querença, e, tratando digna e magnificamente aos embaixadores, retribui os mimos, mandando-lhes vestimentas de linho, camisas de mulher, facas, chocalhos, miçangas, corais, anzóis, pregos, objetos para eles desconhecidos ou pelo menos raros. Sobremodo contentes com isso, retiraram-se, prometendo persuadir seu rei de aproximar-se do Conde e vir saudá-lo.

Fez Maurício restaurar na Paraíba o forte arruinado do Cabedelo ou de Sta. Catarina na Paraíba e guarnece-lo com um fosso mais largo e mais fundo e,



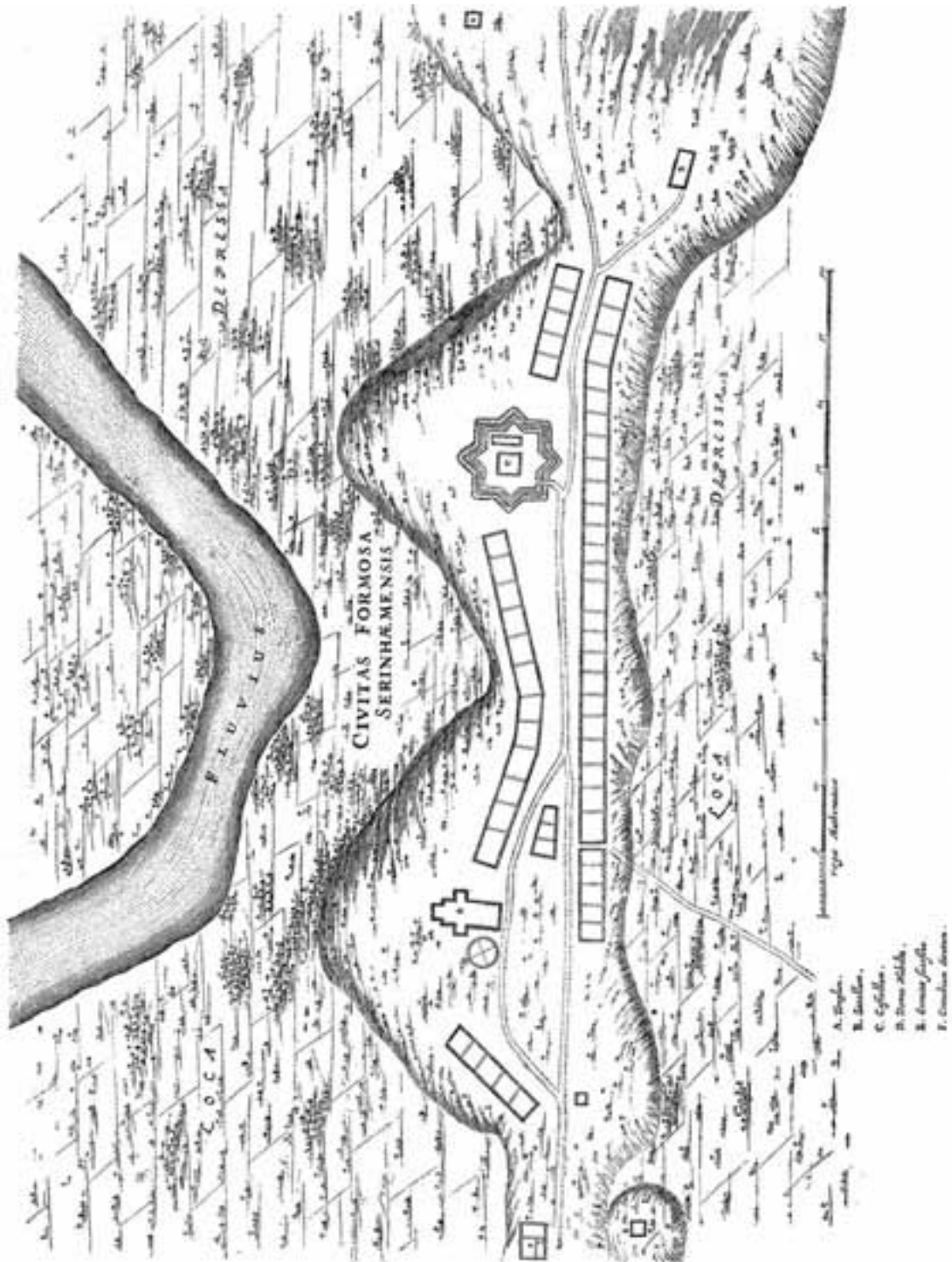
Maurício restaura fortes por cima, com uma coiraça. Mudou-lhe Nassau o nome para o de Margarida, como se chama sua irmã. Abandonou na margem setentrional do rio um outro forte – o de Santo Antônio –, por causa das grandes despesas, deixando ali somente uma torre para a defesa do lugar. Mandou que os soldados cercassem com paus e estacas uma fortificaçãozinha – a Elogio de Elias Herckman Restinga –, e com uma trincheira o convento da Paraíba, procrando garanti-los contra os súbitos assalto dos inimigos. Confiou esta incumbência a Elias Herckman, diretor da Paraíba, homem que, além de muitas virtudes, era dotado de engenho agudo e dado ao cultivo da poesia holandesa.⁹⁶ Demais, calejado nos lances da navegação, marítimo experimentado, demonstrava inquebrantável fidelidade aos seus senhores e indefesa operosidade.

Com o rodar do tempo, não faltaram seus casos à fortuna das armas, assim na terra como no mar.

Travando combate naval, entre a baía de Todos os Santos e a Torre de Combate naval entre Schaap e os espanhóis Garcia de Ávila, com algumas naus espanholas, pelejou bravamente o capitão Schaap, marujo em extremo valoroso. De uma delas teve de abrir mão, por muito possante e apercebida de soldados e artilharia; outra encalhou-a nos parcéis da costa e só conseguiu por despojo da vitória a terceira. Recebendo um ferimento, ficou aleijado, mas à pátria se mostrou útil e glorioso.

Cartas de portugueses interceptadas No vaso capturado, encontraram-se maços de cartas escritas pelos portugueses, as quais nos revelaram, com juízos diferentes, os planos e intuios dos espanhóis contra nós. Algumas havia que referiam estarem fundeados no Tejo, diante de Lisboa, dez galeões e em Cádiz vinte, aos quais se iriam juntar trinta naus de transporte. Era opinião de uns tantos que se apresentava aquela armada para o Brasil; era a de outros que simulara o rei esta causa de necessidade, segundo o costume dos príncipes, para se apoderar, com tal pretexto, do dinheiro do povo, pois aos portugueses importava a restauração do Brasil. Neste desígnio, exigira o monarca novos impostos, o quinto dos bens. Isto levantara o povo a tal ponto que, agredindo os exatores reais, os havia trucidado em diversos lugares. O castelhanos, folgando com esses levantes, exerciam mais duro império contra os portugueses, a título de rebelião. O rei em pessoa se pusera à frente de um exército para reprimir os povos de Évora, do Alentejo e dos Algarves.⁹⁷ Havia outras cartas que declaravam já estarem serenados os tumultos e procederem da plebe as desordens, tendo-se a nobreza conservado quieta; que em breve a armada se faria de vela para o Brasil, a fim de restaurá-lo. Deveria comandá-la o conde de Liniarez; que, entretanto, definhava ele, minado por um veneno. Oquendo demandaria Cádiz para aprestar a frota, cujo comando lhe seria dado.

Estas notícias não abalavam muito o Conde, não só porque não poderia a armada aportar nos meses do inverno, mas ainda porque eram incertas as outras informações, impedindo o rei com a guerra contra a França.⁹⁸ Este, como



traziam aquelas cartas, entregando-se mais à caça, procurava compensar, com lançar-se aos prazeres, a perda de suas terras e cidades, a ele arrebatadas pelo francês e pelo batavo triunfantes.

Maurício, portanto, julgou de vantagem, enquanto estava suspensa a empresa dos espanhóis, valer-se das condições favoráveis para aumentar, em novos comentimentos, os domínios da Companhia. Desejava também apoderar-se no mar da dita armada. Acreditava que, desbaratando-a, se aquietara o Brasil, coisa propícia à produção e comércio do açúcar. Nesse intento, pedia aos diretores da Companhia lhe mandassem o maior número possível de naus, recomendando-as por duplo fim: servirem para vencer o inimigo e depois transportarem açúcar. Não cessou o inimigo, conquanto ocupasse o sul do rio de São Francisco, de causar danos aos nossos. Levou prisioneiros para a Torre de Garcia de Ávila alguns marinheiros que haviam saltado em terra com o fim de capturar gado, e, atravessando em canoas o rio, ganhou-lhe a margem setentrional, onde caiu de improviso sobre os nossos soldados, que vagavam descuidosos nas paragens do Cururipe.⁹⁹ Além disso, chegando mais longe até o rio de S. Miguel¹⁰⁰ e percorrendo os territórios das Alagoas, Una e Porto Calvo, marchou por aí devastando, associados a si bandos de saqueadores. Aos portugueses tratava mais brandamente, mas com os judeus e com os holandeses mostrava ferocidade. Contra esses depredadores foi mandado Picard, apesar de serem escassas as guarnições holandesas, e, rondando ele com patrulhas distintas as vias públicas e encruzilhadas, rechaçou, para as matas, com o terror por ele infundido, os salteadores, que andavam em maltas volantes, não adstritas a nenhuma disciplina militar, mas atirando-se à presa que a sorte lhes oferecia.

Finda a jornada da Paraíba, Nassau, como participando, pelos laços de sangue, da glória que, em altos precônios, celebrizava Orange em todas as nações pela tomada de Breda, mandou-lhe uma carta, na qual com ele se congratulava “*por tamanha vitória em razão da importância da praça, da celeridade do cerco, dos labores e lances e por haver ele príncipe escapado ao perigo da morte comum*”. E acrescentava: “*que pela escassez de bastimento e de soldados, lhe haviam passado sem grandes feitos os meses do estio. Fora por isso à Paraíba e ao Rio Grande com ingentes rodeios, percorrendo por terra 135 léguas, para munir os lugares fracos e restaurar por toda a parte as fortificações desmanteladas. Havia chegado ao Recife doze naus holandeses com assaz de provisão e petrecho bélico, mas com 200 soldados somente de reforço. Tinha determinado atacar a cidade do Salvador com os soldados que estavam à mão, no máximo uns 3.100, exceto 1.200 índios. Esperava impedir o abastecimento da cidade, a qual, segundo ouvira de fonte autorizada, padecia falta de vitualhas. Bagnuolo, acampado com um poder de 1.300 soldados e 500 índios juntos à Vila Velha, espreitava ocasiões de se lançar a empresas. O inimigo, conforme corria voz, estava prestes para batalhar conosco, e este era também desejo dos seus*”.

Começou, pois, Maurício a revolver no pensamento esta fac-
 ção de maior tomo e de maior labor, isto é, a expugnação da Bahia e ^{Expedição}
 de sua metrópole, da qual, tendo-nos antes dela senhareado com va- ^{contra a BAÍA}
 ronil audácia, fomos depois privados por feminil covardia, por se haverem os ^{DE TODOS}
 guardas entregado à lascívia. Por cartas reiteradas dos diretores da Companhia, ^{OS SANTOS}
 foram ao Conde prometidos auxílios para esta expedição. Tardando, porém, estes
 e passando a quadra do ano própria para a guerra, o Conde, maior na grandeza
 do ânimo do que nas forças então disponíveis, convocou os soldados de todos
 os presídios e recenseou 3.400 holandeses e 1.000 brasileiros. Determinou que
 estes se reunissem aos holandeses, presumindo que entre uns e outros se havia
 de dar emulação de valentia. Aprendera que se faz de um modo a guerra interna
 e de outro a externa; que, na primeira, tem-se de sustentar a luta, utilizando as
 forças militares que a pátria subministra, e que, na segunda, pode vencer-se o ini-
 migo ainda mesmo por meio dos seus, os quais, impacientes de uma dominação
 diuturna e feroz, abraçam avidamente o auxílio estrangeiro. A despeito de saber
 Nassau muito bem que, com seu exército, não estava apto para meter ombros à
 expedição projetada, por ser mais poderoso o competidor, todavia não desistiu
 da empresa, alentado com a expectativa quotidiana das tropas auxiliares que lhe
 viriam da Holanda. Também incitavam o Conde os diretores europeus, apertan-
 do-o de contínuo para realizar a conquista da Bahia, na qual levava a mira. Era
 ali, diziam eles, o principal refúgio dos portugueses; era ali que se dava ^{Razões da}
 a máxima atenção à resistência contra o invasor e à honra do rei da ^{expedição}
 Espanha; em nenhuma outra parte havia mais engenhos de açúcar e presa mais
 rica; com aquela vitória poderia o Brasil dentro em breve estar todo sujeito à Ho-
 landa, e nenhuma outra cidade galardoaria mais dignamente os vencedores e cau-
 saria danos mais certos aos adversários. Da própria Bahia e da cidade de São Sal-
 vador se denunciava ao Conde que a soldadesca das guarnições, queixosa por
 não lhe serem pagos os soldados, se inclinava para a rebelião; que havia divergên-
 cia entre Bagnuolo e o governador da Bahia sobre o modo de se fazer a guerra;
 que os baianos simpatizavam conosco e seriam nossos, segundo a vontade da
 fortuna; que o Conde, pela sua moderação, clemência e benignidade para com os
 portugueses, ganhava-lhes os ânimos, atraindo-os a si dia a dia; que o inimigo se
 sentia fraco pela penúria de armas e mantimento.

Maurício, cobrando maior ânimo com estas notícias e para não se
 acreditar que lhe faltava inteira confiança no seu próprio valor e no dos seus
 ou na fortuna da guerra, sabendo, demais disso, que nem sempre entram em
 peleja exércitos iguais até o equilíbrio, pois mais de uma vez as maiores hos-
 tes foram desbaratadas por um poder exíguo alentado por uma exígua espe-
 rança, preferiu tentar a sorte dúbia das armas a retardar, num ócio malvisto,
 as vantagens e a glória da Companhia. Neste entremeio, esperava chegassem,
 ou no começo do cerco ou no curso dele, os reforços enviados da Europa.

Tendo de partir para uma campanha fora do país, para não deixar suas províncias expostas às irrupções dos inimigos e às convulsões intestinas, ordenou as providências que importavam à segurança delas. No Recife foram os cidadãos alistados em quatro companhias, cada uma com o seu comandante, para a guarda do lugar, acrescentando-se-lhes uma companhia de soldados pagos, sob o coronel Nicolau Ritter. Compunha-se cada uma de 130 homens. Na Paraíba deu-se uma guarda cívica de 150 homens para a defesa da cidade Frederica. Na ilha e na vilazinha de Itamaracá acantonava-se a do coronel Schkoppe, contando só 40 soldados. Assim também se formaram e colocaram guarnições em outras localidades do litoral, conforme o reclamavam as necessidades.

Em abril de 1638, ao entrarem as chuvas,¹⁰¹ realizadas antes preces públicas, as quais são os piedosos inícios das ações que se vão praticar, proveu Maurício de mantimentos, armas e outros petrechos bélicos 22 ANO DE 1638 Gisselingh acompanha a expedição naus para as necessidades do assédio, esperando que melhor obteria do inimigo o restante. Sem delongas, chamando para conselheiro o almirante Gisselingh, membro do Conselho Supremo e Secreto, partiu de Pernambuco, com vento de feição, aos 8 de abril e, fazendo-se ao largo, surgiu diante da baía de Todos os Santos, após seis dias de próspera viagem. Sói-se fazer tal derrota, nesta quadra do ano, apenas em quatro ou seis semanas. Uniram-se depois à esquadra nove naus, que se mandaram na dianteira abrir caminho para aquela navegação, de sorte que, ao declinar do dia, tivessem ante os olhos a chamada *Terra Branca*, a fim de não perderem de vista a frota, desgarrando-se. Demandando do mar alto a terra, avistaram os holandeses primeiro a Torre de Garcia de Ávila e a de Santo Antônio. Era parecer do Conde entrar no dia seguinte a baía de Todos os Santos. Soprando, porém ventos ponteiros, parou algumas horas junto à barra do rio Vermelho,¹⁰² demorando acinte a derrota com os bordos que fazia. Isso justamente enganou ao governador da Bahia, o qual, suspeitando que se ia transportar para aquele local todo o peso da guerra e se preparava ali o desembarque, lá concentrou às pressas o exército, acompanhando-o Bagnuolo com forças.

Favorecendo depois os ventos, mesmo ao meio-dia, foi Maurício levado, com o fluxo da maré, para dentro do Recôncavo, entre os raios e trovões que, de uma banda, vinham dos acampamentos e, da outra, das naus inimigas da cidade, de todos os lados enfurecendo-se em vão a artilharia contra a nossa armada. Quando o sol, como que atento aos feitos e movimentos dos holandeses, já dobrava o zênite, achava-se ancorada a frota, debaixo mesmo dos fortes dos inimigos. Depois, conduzidos na esquadra um pouco além da ponta do forte de S. Bartolomeu,¹⁰³ desembarcaram os soldados, sem nenhuma resistência, a légua e meia da cidade, num lugar muito vantajoso, onde se via um morro nu e aberto, despido de matagais, sendo-lhe os va-

les regados de águas frescas e doces. Assentados aí os arraiais e postos rapidamente em terra todo o aparato bélico e mantimento soube Nassau de uns prisioneiros que, cerca de meia légua do nosso campo, havia uma garganta difícil de passar, só dando trânsito a um de fundo na baixa-mar, por causa dos charcos e atoleiros em derredor dela, os quais vedariam marcharem os soldados em batalhões. Em vista disso, foi mandado na frente o major Turlon Envia na frente Turlon em reconhecimento com trezentos mosqueteiros para reconhecer o sítio. Encontrou ele o inimigo perto daquela garganta, o qual a tinha já ocupado, munindo-se com trincheiras e valo. Obrigado Turlon por essa razão a fazer recuar os seus diante da maior força do adversário, expôs ao Conde a situação do lugar e os perigos do desfiladeiro. Não se importou este com tais estorvos e, para não perder em deliberações o tempo de entrar em ação, ordenou o exército no morro em frente do inimigo, ficando de permeio a tal garganta, entre nós e nossos contrários. Ao mesmo tempo, determinou ao vice-almirante João Mast rumasse em linha reta para a cidade, e, ancorando fora do alcance da artilharia, aguardasse novas ordens. Não era outro o plano do Conde senão retirar do desfiladeiro ao inimigo, causando-lhe outro temor maior. De fei- Abandona o inimigo o desfiladeiro to, temendo este dano para a cidade desguarnecida, às pressas arrebatou os soldados da garganta, que abandonara, para a cidade, ainda que divergiam os comandantes, os quais aconselhavam travasse a soldadesca combate com os holandeses, e, mais forte, os atacasse primeiro, por serem mais fracos e estarem fatigados da viagem e dos incômodos do mar. Insistiam em que não havia refúgio para os nossos, a não ser junto às costas, nas naus e no mar: que para si havia-os na cidade e nas suas proximidades, e por isso haviam de pelejar em condições e em lugar mais favoráveis.

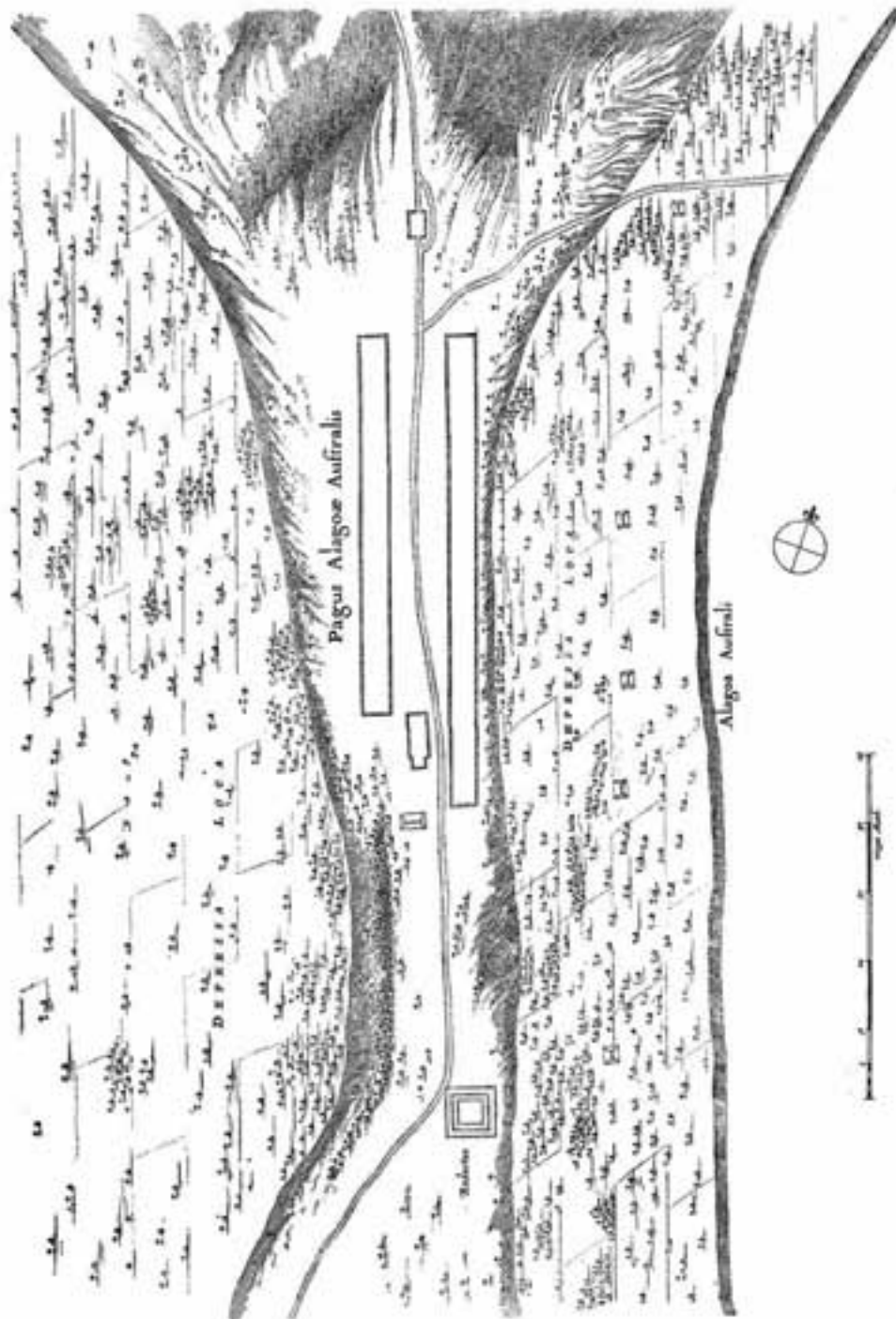
Crescendo já a maré, via-se Nassau impedido de pene- É ocupado pelo Conde trar aquele mesmo dia o desfiladeiro. No seguinte, levantando o acampamento, marchou contra a garganta para forçá-la, se pudesse. De novo, porém, a tinha ocupado com infantaria ligeira o general português. Depois de ter Maurício pelejado com ele, servindo-se de peças de campanha, e de lhe ter derribado alguns, fê-lo largar a posição. Nós, tomando e passando na mesma tarde o desfiladeiro, ficamos sobremaneira admirados da estulta fuga dos portugueses, aos quais teria sido facilímo defender o passo com pouca gente. Avançando mais, quase meia légua da cidade, por toda a parte encontramos e repelimos tropas inimigas guardando as estradas, as entradas Coloca os acampamentos junto à cidade e margens dos rios, até que, estabelecido o acampamento mesmo debaixo das fortificações externas da cidade, esperávamos a ofensiva dos adversários. Abrigados estes de sua artilharia, que estava no alto, tinham disposto os soldados, ao que parecia, para combaterem sob as muralhas. Entretanto, contendo-se em sua posição, com freqüentes disparos de peças alvejaram aos nossos e causaram algum dano à companhia de brasileiros, em

Toma o forte de St° Alberto, S. Filipe e S. Bartolomeu extremo descuidosa. Ocuparam os holandeses o forte de Santo Alberto, construído de pedra, o qual tinham os portugueses abandonado. Garantiu ele o nosso campo de ser sitiado e investido da banda da praia. Mandou o conde circunvalá-lo, e depois, por intermédio do tenente-coronel Brand, recebeu outro forte – o de S. Filipe –, situado na costa, com pequena guarnição, o qual capitulara, posto que se defendesse com cinco bocas-de-fogo. No dia seguinte, apoderou-se do forte de S. Bartolomeu, terrível por treze peças e providíssimo de grande cópia de petrechos bélicos. Tendo-nos caído nas mãos estas fortalezas, ficou-nos livre o acesso às naus para recebermos mantimentos, de que se podia prover a soldadesca em terra apenas por oito dias.

Levanta baterias Depois, a mandado de Nassau, levantaram-se duas baterias, uma para sustentar cinco peças grossas e a outra para duas menores, a que chamam de campanha. Enquanto nos ocupamos em construir essas trincheiras, fizeram os portugueses freqüentes surtidas, ora com 300, ora com 400 homens das guarnições; mas foram inócuas. Atirando continuamente das baterias contra o forte do Rosário, que era ao pé do morro, expulsamo-lhe o presídio. Entretanto, por causa da estância inimiga próxima, a cujos tiros estava exposto o dito forte, não pôde ser ele tomado e ocupado pelos nossos, de sorte que não era de nenhuma das duas partes: constituía mais propriamente matéria de glória marcial que de vitória, antes arena disputada de quem estava com desejo de guerrear do que de quem triunfava da sorte do contendor.

Para a defesa da cidade, estendia-se-lhe em frente, nas alturas do Convento do Carmo, uma obra cornuta, da qual era fácil encarniçar-se a artilharia contra o forte e contra nós. Os habitantes da cidade, trabalhando uma só noite, num ardor incrível, tinham erguido a quatro pés de altura aquele hornaveque. Assim, nem podiam os nossos ofender aos cidadãos, nem estes disparar contra aqueles os mosquetes e espingardas, à conta de um muro levantado no alto dele, Combate-se ardorosamente o qual separava os beligerantes. Importando-nos expugnar o tal hornaveque, incumbiu-se a empresa a quatro capitães e a quatrocentos soldados, adicionando-se-lhes vinte granadeiros e duzentos sapadores. Uma alocução do Conde, que sabia sempre tratar os ânimos militares, estimulou-lhes a ousadia. Porfiando, com grande bravura, contra o inimigo, deram sobre um troço de quatrocentos soldados ocultos num matagal. Pelejaram com resultado incerto, havendo perdas quase iguais de parte a parte. Vencido esse troço, surgiu novo trabalho causado por duzentas sentinelas, que, desde o recontro, lançando as armas com um medo ignóbil e pedindo em vão a vida, caíram mortos pelo furor da soldadesca.

Ataque frustrâneo contra a obra cornuta Era noite de luar, quando, investindo a obra córnea, tentaram os nossos a escalada após renhida peleja de duas horas. Foi, porém, um esforço inútil: para ali conduziu o inimigo toda a força da guerra, combatendo



como se o conservar aquela posição fora o ponto central da luta. Acreditava-se ter sido ele avisado por um trãsfuga, pois antes nunca defendera o que era seu com tão fortes atalaias. Com extraordinária destreza dos soldados, já se haviam arremessado contra o hornaveque mais de trezentas granadas, defendendo-o, com igual ânimo e valentia, os portugueses, como se ali pugnassem pela salvação da cidade.

Além disso, punham eles toda a diligência em fechar de lado o caminho aos nossos, fazendo surtidas freqüentes (pois tinham maior número de soldados), às quais se resistia tenazmente, destacando-se para isso quatro companhias sob o coronel Hinderson, que, para garantir o caminho, se batia com o maior ardor em recontros sangrentos, morrendo vários de parte a parte. Depois tomba-

Morreram o capitão Howin
e o engº Berchem e outros
comandos

ram o capitão Howin e o engenheiro Berchem, quando estavam de todo ocupados em tomar aos adversários a artilharia e a levar os soldados para a estância inimiga. Declinou então para os holandeses a fortuna da guerra e, menos favorável, arrebatou-lhes as melhores ocasiões para atuarem. Caíram mortos os estrenuíssimos e experimentados capitães Abraão Ebrecht, Bongart e Hollinger e noventa e quatro soldados, pródigos da vida em prol da honra pública.

Raiando o dia, jaziam esparsos os cadáveres dos inimigos de envolta com os dos nossos, mostrando como fugiram e como resistiram. Por isso, combinado para aquele mesmo dia um breve armistício, aplicaram-se as duas partes rivais a enterrar os mortos. A maioria dos corpos dos nossos, encontrados dentro dos valos dos inimigos, mereceram do lugar onde tombaram, senão a glória de vencer, ao menos a do valor e do arrojo militar.

Informado o general português, por trãsfugas e prisioneiros, da pouquidade do nosso exército e da nossa soldadesca, e terminadas já as trincheiras que, pouco havia, começara, marchou ele contra nós, com forças muito mais numerosas. Construindo-se baterias nos cimos dos morros, atirava-se sem perigo contra as posições holandesas, impossibilitados nós de o impedir, por causa dos pauis que mediavam, os quais o inimigo ligara às suas fortificações por um terrapleno. Disto resultou para os acampamentos batávicos o desastre de caírem, dia a dia, muitos mortos com o canhoneio, ficando vários feridos. Não intermitente, mas num furor contínuo, dia e noite, a artilharia jogava contra as nossas estâncias abertas. Se noutras ocasiões era ela danosa, então ainda o era mais por causa do tempo chuvoso, em razão do qual conjecturava com acerto o inimigo estarem os nossos soldados dentro das barracas, conquanto grande parte deles, abandonando os quartéis, se haviam refugiado em esconderijos na terra e nas brenhas.

Por outro lado, os batalhões, ora de quinhentos, ora de seiscentos homens, que destacara o Conde para o sertão a fim de impedirem o abastecimento e de comboiarem o gado, voltavam vazios por causa dos batalhões muito mais poderosos dos contrários e das forças defensoras das provisões, que, garantindo-os,



lhês permitiam tanger para a cidade manadas do seu gado. Acrescia esta desvantagem: distantes quatro léguas da costa os arraiais, fora fácil aos trãsfugas passar para a cidade, e por eles puderam os inimigos ficar inteirados do local, das forças e dos planos dos acampamentos.

Se bem fizesse Nassau, com o maior empenho, que não se transportassem bastimentos do mar para a cidade, aconteceu, todavia, que Causas de se ter levantado cerco entraram duas naus de mantimentos, graças à noite escura e tempestuosa, a qual, assim como nos furtou ao inimigo, assim também furtou este a nós. Desabaram, com efeito, tão violentos temporais que, numa só noite, doze naus, perdendo as âncoras, abalroaram umas com as outras com o maior risco e não sem perigo de naufrágio.

Em consequência, sabendo o nosso general que aos votos dos comandantes nem sempre correspondem os eventos das guerras, e que nem sempre os desígnios divinos se sujeitam aos dos homens, dividido muitas vezes o império de Deus com o de César, examinou rigorosamente, com o conselheiro Gisselinhgh e outros comandantes de terra e de mar, o aspecto da presente guerra, o estado dos acampamentos e todas as circunstâncias da empresa, concluindo o seguinte: que desfalcado o exército, restavam apenas, aptos para a luta, 2.400 soldados e 900 brasileiros; que com tais forças, não era possível nem a própria defesa, nem o ataque contra os inimigos protegidos por diversos fortes e trincheiras, nem impedir o transportarem para a cidade as coisas necessárias; que as fortificações deles holandeses estavam expostas ao inimigo, postado nas partes mais altas, resultando daí a certíssima dizimação dos mesmos; que a quadra chuvosa do ano era a pior geradora e alimentadora de doenças entre eles, já tendo morrido João Wendevile, capitão da guarda do Conde, e bem assim o capitão Israel Twyn e diversos soldados rasos; que, dia a dia, rareavam as fileiras, sem haver socorro às mãos, enquanto para os adversários crescia a força e o exército, porque de toda a parte eram os indígenas convocados às armas, conforme evidenciavam os seus desertores e as cartas interceptadas; que tinha o governador nas guarnições 2.000 infantes, parte portugueses, parte castelhanos; que o Conde Bagnuolo trouxera em auxílio 1.400 e mais 800 brasileiros, que se calculavam em 3.000 os cidadãos em armas, entrando nesta conta até eclesiásticos e estudantes; que, ademais, tinha ele duas companhias de cavalo, além de escravos negros e mulatos e gente trazida dos campos, todos providos de armas; que se pode mais facilmente defender com muitos o que se possui do que expugná-lo com poucos. Além disso, levou-se em consideração no conselho que, por inútil demora no território inimigo, se iria sacrificar a força principal da milícia brasileira, tornando-se patentes às ciladas e assaltos dos contrários as nossas possessões em outros lugares, resguardadas por módicas guarnições; que convinha escolher antes os expedientes cautelosos pelo conselho do que os prósperos pelo acaso, não merecendo a aprovação dos homens prudentes a pertinácia dos planos desesperados. Prouve,

portanto, a todos antes suspender o cerco tentado que lançar em maior discrimine e incertezas do acaso o resultado geral da guerra, pois era preferível reter as possesões a esperar de um tentame vão êxitos duvidosos, e a insistir uma empresa ancípíte.

Às vezes cede o ânimo generoso à necessidade, e, inferior às forças da fortuna, atende à utilidade pública que fala; porque, se a gente não adere a resoluções mais arrazoadas, tem de sujeitar-se a quem segue com obstinação caminhos incertos. Mais facilmente persuadiria eu destas razões os espíritos vazios de paixão ou os não sujeitos a ela, e menos facilmente os malévolos e aqueles que só avaliam as virtudes de um general pelos seus êxitos. Em nós é vezo comum julgarmos ser dado a um general ganhar com as armas tudo quanto abrangemos em nossos desejos, e estar patente aos soldados quanto será a cobiça. Estivéssemos na situação deles, e outro nos seria o pensar. Notam os historiadores que raro se faz um exército retroceder ou se dá o sinal de retirada sem algum perigo. Nassau fez isso, porém hábil e militarmente.

Estando tudo combinado e disposto para a partida, recolhida às naus a Faz-se cautelosamente a retirada soldadesca, o aparelho bélico e até mesmo a artilharia tomada ao inimigo, preparou sem estrépido a retirada. Para evitar que os soldados a percebessem intempestivamente, comentando-lhe às tontas o ato, ordenara antes Nassau se transportassem do acampamento para as naus as peças de artilharia, com se fosse trocá-las por outras, o que acreditou a soldadesca. Determinou que muitos saqueassem a ilha próxima e que deixassem no acampamento as mulheres dos brasileiros, com os quais marcham estas para a guerra, a fim de afastar do espírito dos seus a suspeita da retirada. Além disso, no próprio momento de sair, empregou os sapadores em reforçar as munições, em levantar baterias e em estender trincheiras, para que o inimigo nada percebesse da retirada e não fosse atacar pelo desfiladeiro a retaguarda dos retirantes. Ficou a operação oculta aos portugueses, os quais, em nascendo o dia, atiravam contra o nosso arraial com o mesmo furor de antes, até que, pelas nove da manhã, já não observando movimento no nosso campo, cessado o tumulto das armas e da guerra, saíram de suas fortificações e encontraram vazios e abandonados os entrincheiramentos dos holandeses. Incendiando aí as barracas, testificaram da cidade o seu efuso regozijo com salvas de artilharia.

Nesse mesmo dia, conservou o Conde a nossa armada no próprio Recôncavo, distribuindo os soldados pelos vasos. Mandou um corneta à cidade para tratar o resgate de sessenta prisioneiros, mas em vão, porque o inimigo, mais insolente com os seus venturosos sucessos, se mostrava obstinado. Ainda se achava o corneta na cidade, quando abicou uma nau portuguesa, com dez bocas-de-fogo de cada bordo e provida de copiosa gente de peleja, anunciando estarem presentes socorros e tropas de reforço. Recreou-se o governador com tal notícia, e, perdido o temor e como que alcançada a segurança, detonou três vezes

a artilharia. Não afungentara esta nau portuguesa à nossa armada, mas éramos impedidos pelo vento contrário de nos aproximarmos dela, incendiando-se inutilmente os ânimos da maruja com a presença da presa.

Compreendeu-se então que haviam sido falsas as informações dadas a Nassau sobre a discórdia entre Bagnuolo e o governador da Bahia, pois cedera este àquele toda a sua autoridade sobre a milícia e a administração da guerra, havendo o bispo acudido com dinheiro à aflitiva inópia da soldadesca queixosa.

Penetrou fundo no ânimo de Maurício não ter ele podido, por falta e por demora de auxílio, vingar, nesta célebre expedição, o renome da Pátria, da Companhia e o seu próprio, pois estaria pronto, estimulado pelos exemplos gloriosos de sua família, para dar a vida por isso.

Não pesaram à Companhia os gastos feitos com a empresa porque os compensaram os despojos pouco antes ganhos na África e a venda de quatrocentos negros. Entretanto muito lhe doeu a Nassau a morte de valoríssimos capitães e de esforçadíssimos soldados. Em todo o caso, dizia ter colhido um proveito: lustrara de perto, com os próprios olhos, a posição e a resistência da cidade, dos fortes e de toda a região, achando-se mais apto para retomar, com as guarnições e tropas auxiliares e em ótimas condições, o empreendimento que intentara.

Depois o general, prevenindo-se para o futuro e receando as censuras que de longe lhe fariam, dirigiu aos Estados-Gerais a carta do teor seguinte, na qual lhes dava conhecimento dos atos praticados:

“Entregara-se-lhe o governo supremo do Brasil para defender ele o que já se conquistara e ganhar o que ainda não se conquistara. Entretanto, não é possível, sem soldados nem armas, garantir ou dilatar os reinos: sem estes meios, esmorecem os planos bélicos e fraqueia tudo o mais. Dia a dia, se lhe desfalcavam as tropas, extintos uns pela violência da guerra, consumidos e combalidos outros pela doenças e pelos incômodos das caminhadas; tendo outros obtido baixa, depois de desempenharem por brio marcial os seus deveres e serviços, e pedindo-a outros diariamente em razão da milícia pesada e infrutuosa. A estes retinha ele sob as bandeiras, não com larguezas e ambições, mas por boas maneiras, por brandura e severidade. Além disso havia mister mais guarnições para resguardarem dos danos e devastações dos inimigos os vastos territórios que se estendem desde Serinhaém e Porto Calvo até as margens do São Francisco. Ao contrário, ficavam dispersas as forças militares, tornando-se incapazes de proteger a República contra as inopinadas invasões do inimigo. Acometera a cidade de São Salvador com maior fama e estrépito que proveito. Aos combatentes não lhes faltara coragem, mas número. Na expectativa daquele cometimento, fora afagado mais pelos seus desejos do que pelas suas forças: da fortuna esperara os sucessos da guerra, os quais poderiam tê-los dado ou a diligência dos seus ou uma sorte mais feliz. Se lhe fosse permitido fazer contas, ao número de gente de guerra que, por acordo geral de todas as câmaras da Companhia, havia sido prometido, ainda faltavam mil e duzentos homens, além daqueles que ordens

As despesas com a expedição compensadas com as tomadias feitas

Carta do Conde aos Estados-Gerais

do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia determinaram se reservassem para outras expedições. Era ainda desejo seu fossem eles remetidos. De fato, não basta, — são palavras do Conde —, decretarem-se para o Brasil as providências mas úteis: é necessário executarem-se a seu tempo. Para quem guerreia é vantajosa a celeridade e perigosas as procrastinações. Não dão remédio na necessidade as forças militares, se não são conscritas com antecedência, para que, consumidas as primeiras, não sejam ineficazes as subseqüentes. Não posso censurar desleixo em homens ponderados e zelosíssimos do interesse público: posso, porém, lamentar a penúria, à qual se devera acudir, com extremo cuidado, em coisa de tanto vulto, como se faz nas moléstias do corpo. Desses males se padece entre inconscientes ou conscientes. Conviria enviar junto socorros maiores e não parceladamente: um exército unido e mais vigoroso que um separado em diminutos batalhões. São necessários nas guarnições 4.000 homens, e todavia não perfazem tal número os que aqui se acham sob as bandeiras. Com quais soldados então se há de combater o inimigo? Com quais há de ele repelir quando sobrevém? Com quais se hão de presumir as vias e entradas do país contra as rapinas e devastações dos malfeitores vagabundos? Desejo e peço me sejam enviados 3.600 homens, que, acrescentados àqueles que temos nas guarnições, montarão a 7.000. Com esse exército não só há esperança, mas confiança de poder a Companhia praticar algum feito digno; mas de auxílios insignificantes não nasce nem esperança, nem temor infundido aos adversários. Um exército grande impele os ânimos a uma e outra coisa. Não ignora a penúria do Tesouro, em consequência das guerras de tantos anos atrás, exaurido por vultosas despesas, sem o encherem os réditos escassos e módicos. Entretanto, havendo vós empreendido coisas dignas do século e do valor dos batavos, deveis insistir nos vossos cometimentos e não desesperar deles. A sorte está lançada: passamos não o Rubicão, mas o Oceano.¹⁰³ Ou desabarará toda a construção do império brasileiro ou tem de ser esteado em grande coragem. Temos de navegar com velas e remos estas Sirtes,¹⁰⁴ estes Acroceráunios¹⁰⁵ do novo governo. Os mal afamados escolhos dos governantes são o receio dos perigos e das despesas. Acho mais glorioso obedecer-vos o Brasil e ser todo vencido, resgatado embora com muito dinheiro, do que, por parcimônia e negligência, perdermos nele as nossas conquistas. Se preservades em remeter os socorros para este ano, gozará de segurança a República, e recobrá o vigor o erário. Se Deus, propício, desviar da safra do açúcar qualquer dano, poderá a Companhia contar, este ano, com 600.000 florins, rendimento que aumentará anualmente, aumentando a segurança dos campos.

“Não maior é a nossa força marítima. Os vasos que chegaram estavam tão faltos de marujos que me foi preciso destacar trezentos soldados para governá-los. Além disso, os mais deles, por avariados e quebrados, reclamavam reparo, não sendo idôneos nem para a ofensiva, nem para a defensiva. Remediar-se-iam tais males com esquiparem os diretores europeus da Companhia dezoito naus grossas, enviando-as com presteza. Com elas não somente se pode levar a guerra ao território inimigo, mas também transportar para a Holanda as mercadorias brasileiras e fazer rosto às armadas dos portugueses, se acaso aprestam eles alguma.”

Lemos que o Conde escreveu esta carta revelando em verdade a sua prudência, pois um general deve olhar para o futuro, ainda fora da guerra, e proceder com cuidado e previdência, como se o inimigo já o atacasse e Aníbal estivesse diante das portas.¹⁰⁶

À carta do Conde deram os diretores europeus esta resposta: “Não igno-
 Resposta dos diretores
 holandeses *ravam que eram incertos e dúbios os resultados das guerras. A expugnação da Bahia, fácil aos desejos, era difficilima às armas. Para isso necessitaria o Conde de maiores forças, mas fatos supervenientes impediram remeter-lhas. Buscava-se remédio do erário na liberdade e na coragem dos sócios da Companhia. Estes, por sua vez, buscavam o seu sucesso e felicidade das empresas do Brasil. Assim por mútuas obras, teria a Companhia de ajudar o Brasil e o Brasil à Companhia, pois estavam ligados a salvação e as vantagens de um e de outro. Aprovaram o alvitre do Conde de resguardar o rio São Francisco contra os saqueadores, para não se estragarem, rompido este muro divisório da guerra e das partes adversas, a devastação do território e das lavouras dos holandeses e não talarem, a ferro e fogo, as plantações de cana-de-açúcar. Era ótimo o intento do Conde de não dar aos baianos repouso e lazer de sentirem as próprias misérias. Deviam estes, portanto, ficar ocupados na terra e no mar para não causarem danos, nem cuidarem de nos fazer violência, porquanto, armados eram temidos, mas inermes e inertes, eram desprezados. Tomasse o Conde a dianteira ao inimigo para não tomar ele. É mais sensato espalhar o medo nas terras alheias do que experimentá-las nas próprias, ou, o que entre as pessoas avisadas é igualmente desejável, nem temer continuamente, nem parecer. Teriam eles diretores por primeiro e último cuidado o fortalecerem as províncias do Brasil com a remessa de naus e soldados.”*

Por esse tempo, agitava-se importante controvérsia entre os dirigentes da Companhia, a qual se travou principalmente entre as câmaras da Holanda e da Zelândia. Versava sobre se se-
 Controvérsia entre os diretores
 da Companhia sobre se convinha
 abrir o Brasil ao comércio privado
 ou reservá-lo ao monopólio
 público *ria proveitoso à Companhia franquear o Brasil ao comércio privado, ou se devia competir a ela tudo o que se referisse ao comércio e às necessidades dos habitantes daquela região. Cada um dos dois partidos sustentava o seu parecer. Os propugnadores do monopólio escudavam-se com o exemplo da Companhia Oriental, usando o argumento de que se esperariam maiores lucros, se apenas a Companhia comerciasse, porque, com o trafico livre, dispersar-se-ia o ganho entre muitos, barateando as mercadorias pela concorrência. Confessavam que por este sistema se formariam colônias, mas que destas se deveriam temer não pequenas desvantagens, podendo as mais populosas sacudir a dominação ultramarina, ou tornar-se filha mais poderosa do que a mãe. Assim Cartago sobrepujou Tiro, Marselha se tornou maior que Focéia, Siracusa sobrelevou Corinto, Cizico e Bizâncio prevaleceram sobre Mileto, alcançando todas mais poder que suas metrópoles. Além disso, é nas colônias que se reúne a escória da sociedade, não surgindo uma república organizada, mas uma confusão de facinorosos e de perdidos. Mesclando-se a estes, degeneram os melhores, os bem dotados de ânimo e de caráter.*

Acreditava-se, porém, que os que assim falavam, tratavam, sob color do bem público, da sua utilidade particular, se bem não faltassem nas reuniões palavras especiosas e sentenças plausíveis, nas quais autorizavam a sua causa.



Os defensores da liberdade comercial alegavam que se guardam melhor as possessões por meio de colônias do que pelas armas; que elas se estabeleceriam, concedendo-se a todos a faculdade de comerciar, e não se fundariam, se os administradores da Companhia, em número tão diminuto, tivessem a gestão exclusiva do comércio; que, com a multidão dos cidadãos, crescem as rendas públicas. Além disso, faltavam à Companhia, com o erário esgotado pelas despesas e o crédito abalado, recursos bastantes para garantir o monopólio, porque o tráfico, a guerra, o sustento, a roupa e outras necessidades dos habitantes exigiam muitos gastos, e não havia esperança, longínqua embora, de se remediar tal penúria. Entretanto, nem a guerra, nem o comércio se podem fazer sem dinheiro, assim como não se podem os corpos mover sem nervos.

Havendo os diretores pedido a Nassau o seu parecer, explanou-lho em carta desta substância: Toda a salvação da Companhia estava na união dos seus dirigentes e toda a ruína dela viria da sua discórdia. Enquanto, com aquelas contendas e deliberações, se buscam remédios, se ia, neste meio-tempo, esgotando e arruinando Sagunto. Não ignorava ser perpétua sorte da verdade gerar o ódio dos que sentem de modo diverso. Era-lhe, porém, preferível a lealdade à condescendência e o antepor a vontade de ser útil ao desejo de ser agradável. E, conquanto lhe fosse mais fácil dizer sua opinião que dar conselho, não obstante, ia apresentar alvitres, sem qualquer paixão, desviando, porém, de si os ódios que lhe pudessem advir de um resultado talvez imprevisito; porque, quando de boa fé se pede conselho, não se devem imputar ao conselheiro os sucessos desastrosos. Exageram-se, dizia ele, os lucros que tocavam outrora aos particulares, os quais poderiam ser da Companhia. Tinha, porém, desde então mudado a situação do comércio e das coisas. Antes, quando nos apoderamos desta parte do Brasil, tudo estava nas mãos dos diretores; agora, porém, está, mediante contratos, também nas mãos de particulares. Antes, aqui se encontrou muito açúcar nos trapiches dos portugueses e poucas mercadorias nossas, das quais necessitavam. Assim, os holandeses as permutavam por açúcar, com grossos lucros, o quádruplo ou o quántuplo, e isto principalmente porque os portugueses temiam para si e para o açúcar os efeitos da guerra externa. Agora, porém, encontra-se pouco açúcar, cujos preços se elevam, por se ter alcançado para o país maior segurança e, além disso, por haver abundância de mercadorias holandesas. Parecia-lhe de mais proveito conceder a todos licença para comerciar, em igualdade de condições. Negando-se tal licença, ficaria a Companhia privada de impostos, portagens e direitos alfandegários. Demais, não poderiam ser adquiridas pela Companhia as mercadorias necessárias aos brasileiros, a não ser por muito dinheiro, e deste, segundo era manifesto, se achava ela então carecida. Nem tampouco poderiam elas vender-se com lucro, em razão da afluência das veniagens particulares. Se quisesse comprá-las a Companhia na maior quantidade possível, não o conseguiria sem prejuízo; porque, comprando-as por maior preço, seria



A. Cefron. *Amoy*.

B. *Alma 2. Transf.*
D. *Infra. Amoy*.

C. *Tijs. Looi van stroom Amoy*.

isto em detrimento público; se o fizesse por preço menor, seria isto em detrimento público; se o fizesse por preço menor, seria em dano dos particulares, aos quais seria fácil ocultá-las e não mostrá-las aos compradores.

Além disso, prosseguia o Conde, não se podem, sem colonos, cultivar Prova-se a necessidade das colônias os desertos e as terras incultas do Brasil. Não é, entretanto, possível convidá-los a virem para o Brasil, sem lhes conceder licença para negociar. De um grande número de cidadãos podem esperar-se lucros, por causa das necessidades de cada um e de muitos. Assim, crescendo a população, cresceriam os dinheiros públicos, sem os quais não é possível ter armas, e sem armas não consegue descanso para a nova nação.

Cumpra que os governantes façam sempre o seu orçamento para haver proporção entre a receita e a despesa.

Os colonos dariam mais resistência às províncias, diminuiriam as guarnições e trariam maior segurança à república, que confiaria nos seus próprios cidadãos.

Os portugueses mantêm-se na obediência somente pelo temor. Dedicados no mais ao seu rei, são de fidelidade vacilante e prontos para mudar na primeira ocasião.

Sem esperanças de lucros não há esperanças de colonos: ninguém atravessa os mares na expectativa da fome. Desprezam-se os perigos da vida, em brigando o ganho, e deste cada um será privado, se exclusivamente comerciar a Companhia.

Insistia ainda Nassau nisto: que era importunado diariamente pelas reclamações dos naturais, que pactearam viver sob a nossa dominação nas mesmas condições nas quais tinham vivido sob o rei da Espanha, isto é, venderem a produção dos engenhos a seu arbítrio e não ao de outros. Arrebatando-se-lhes esta liberdade, preferiam ir para outra parte a sofrerem uma laboriosa servidão, segundo a vontade e as licitações da Companhia.

Enquanto se debatiam estas questões entre os comerciantes, intercorriam as dissertações dos doutores. Alegavam que as colônias são outras tantas fortalezas e baluartes dados às possessões, e nada é mais sólido que a fundação delas. O mundo, como que agrilhado por esses vínculos, permanecera sob a obediência dos romanos, de sorte que se convenceram de ser a multidão dos cidadãos o alicerce de todo o poderio e o sustentáculo de um estado duradouro. Neste desígnio, o rei da Espanha cobrira de colônias o Novo Mundo. Os holandeses deviam habitar por toda a parte onde haviam vencido, como dos romanos dissera Sêneca; porquanto, onde cada um possui os seus campos e haveres, obriga-se à defesa dos dominadores, se não quiser ser expulso, se também eles o forem. Demais, ter-se-ia um escoadouro para uma plebe pobre e gravosa à república, distribuindo-se como prêmio terras aos soldados que houvessem servido. Julgavam, portanto, que se de-

veria ir enviando em grupos essa plebe, à semelhança dos agricultores prudentes, que espalhavam os enxames por novas e numerosas colméias.

Ofereciam ainda ao exame dos que deliberavam estas considerações: que de melhor vontade se entraria na milícia, onde os soldados que tivessem servido na guerra conseguissem seu abrigo, seus animais, seus campos e lavouras, não sendo de recear tornar-se a filha mais poderosa que a mãe em plagas tão longínquas e tão precisadas do auxílio da metrópole.

Os diretores da Companhia e os Estados-Gerais adotaram o parecer de Nassau e, por um edito, franquearam a todos os súditos a navegação e o comércio do Brasil, reservando para a Companhia somente o tráfico dos negros, dos petrechos bélicos, das armas e do pau-brasil. Excluíram-se, porém, desta concessão os próprios diretores da Companhia, os administradores públicos do Brasil e em geral todos quantos se achavam ligados a ela por vínculos de fidelidade e juramento, evitando-se, destrate, que, sob aparência de comércio, houvesse lugar para ganâncias e rapinagens, e que, por ambição, se transformasse a fazenda pública em fazenda particular. Foi por esta mesma razão que os tebanos proibiram por lei admitirem-se ao governo da república aqueles que não se abstivessem de relações comerciais por um decênio. Às mercadorias exportadas para o Brasil e às dali importadas para a Holanda se impuseram direitos, de acordo com os interesses da Companhia.

Estimulados por esse edito, navegaram para o Brasil tão numerosos mercadores holandeses que o país se viu inundado por molesta cópia de mercadorias e cousas necessárias, cessando por algum tempo as queixas antigas. Os primeiros aufferiram interesse; os seguintes, porém, ganharam menos, por causa da afluência de veniagas e dos preços diminutos.

Entretanto, atacado depois, em escritos e discussões públicas de outros que pensavam diversamente, este decreto sobre a livre navegação e comércio do Brasil, o qual era tido por salubérrimo no juízo de muitos, cindiram-se os diretores da Companhia em partidos, com dano de todos e não mútuas contumélias, e estes e aqueles eram acusados de promover antes os interesses de algumas províncias e cidades que os públicos.

Neste entrementes, os diretores da Companhia, velando por tudo com extraordinária providência, num afã diurno e noturno de resolver e de escrever, administravam de longe os negócios das Índias Ocidentais.

Era-lhes muito viva a lembrança da frota da prata, apresada pelo ilustre Pieter Heyn, a qual muito aliviara o tesouro então necessitado e recentemente abatera a fama e as forças do rei da Espanha. Por isso, determinaram tentar empresa semelhante, desafiando a fortuna com igual audácia e esperança. Para este cometimento foi escolhido Cornélio Jol,¹⁰⁷ criado no mar e entre as ondas desde tenros anos, enérgico e experimentado

Adota-se o parecer
de Nassau

Expedição contra o Ocidente
sob o comando de JOL

na mareagem, resoluto para todas as façanhas, marinheiro sereno e confiante em si, de grande reserva, de veemente arrojo, capacíssimo de fadiga e de fidelidade, mas rude em tudo o mais. Almirante de uma esquadra nova e possante, recebeu dos Estados-Gerais, do Príncipe de Orange e dos diretores da Companhia autorização e poderes para combater com o inimigo e atacar as naus que, carregadas com as imensas riquezas do Peru e dos reinos do Pacífico, tinham de passar da Terra Firme e do porto de Cartagena para a Nova Espanha, a fim de se juntarem ali a outros navios com forças e mercadorias.

De outro lado, Maurício e o Supremo Conselho do Brasil, após o frus-
Outro plano traçara o Conde trâneo ataque contra S. Salvador, eram de parecer que, aproveitan-
do os soldados ainda prontos para as hostilidades, se incendiassem todos os engenhos daquela capitania, tanto nas ilhas como no continente. A causa era porque, experimentando os adversários aquela calamidade própria, desistiriam, depois dela, de fazer a mesma violência em nosso território, e, perdida a esperança da safra de açúcar, ficaria Portugal privado de suas rendas anuais.

Mas a chegada de Jol mudou este plano, e, por ordem dos diretores,
Garante o seu território prouve dirigirem-se as hostilidades para outra parte. Todavia, tratou Nassau, valendo-se das forças que restavam, senão de atacar o inimigo, ao menos de garantir o território holandês. Postou naus e presídios no rio de São Francisco, onde era mais fácil aos inimigos a passagem, e fechou as entradas de Alagoas, Porto Calvo, Serinhaém, Ipojuca, cabo de Santo Agostinho, Goiana e Paraíba, a fim de que eles, saindo das matas, não fizessem irrupções e devastações.

Aos 14 de abril de 1638, partira Jol do porto de Texel, o mais célebre da Holanda Setentrional. Percorrendo o caminho entre a África e as ilhas do Cabo Verde, aportou ao Brasil. Aí, depois de algumas conferências com o governador Nassau e de ficar informado dos seus planos, manifestou-lhe as causas da sua viagem. Instruído igualmente das ordens do Conde e recebendo um reforço de naus, e além disso de 600 soldados e mantimentos, para sete meses, após breve descanso dos seus, fez-se de vela, cheio de votos. Ao embarcar, colhido entre o batel e o colo proeminente dos canhões, por se ter baixado e logo levantado um vagalhão, ofendeu a coxa e deu aos supersticiosos um presságio de êxito infeliz.

São os seguintes os nomes das naus com que foi para o Ocidente: *Sala-*
Naus de Jol *mandra, Zwolle, Over-Issel, Goeree, Tolen, Esperança, Orange, Roterdã, Ernesto, Canária, Goiana, Venter, Mercúrio, Cavalo Emissário.*¹⁰⁸

Divulgada a notícia de tão gloriosa expedição, pesou sobre a Espanha e
Causam terror aos espanhóis sobre todo o Ocidente ingente terror, pois também na memória dos inimigos ainda não se apagara a facção de Heyn. Pensava-se efetivamente, não sem fundamento, que também Jol, cujo nome era terrível e fatal para essas regiões, ia empreender, não por menor confiança, tamanho feito como

quem alimentava esta única aspiração: alcançar fama com alguma façanha memorável, comprando com ela o seu quinhão de imortalidade. E não duvidavam os seus de que ele ia com ânimo preparado para morrer e que só queria morrer pelejando com o inimigo, decidido ou a triunfar esplendorosamente ou a sucumbir gloriosamente. Nada cogitava nem elegia que fosse medíocre. Por ^{22 DE JUNHO DE 1638} isso, tendo notícia do rei da Espanha de que planejava nova expedição contra o Ocidente, despachou quatro navios ligeiros para avisarem da chegada da esquadra holandesa sob o comando de Houtbeen (era este entre os marinheiros o apelido do homem) os governadores de todos os portos e fortalezas, a fim de velarem eles pela defesa da frota da Terra Firme e de, só no ano seguinte, deixarem fazer-se ao mar a da Nova Espanha.

Entretanto, já tinha largado a frota da Terra Firme, e, sabendo, por seus navios mexeriqueiros, os quais, para levarem avisos, costumam an- ^{Cabo Corrientes} dar à capa junto ao cabo de Corrientes, nas extremidades de Cuba, que tinham sido vistas doze naus holandesas, mas pouco de temer para a esquadra espanhola, seguiu esta a sua derrota para Cuba e Havana.

Jol, seguindo as costas setentrionais do Brasil e passando todas as ilhas por ali situadas, esteirou a esquadra em linha reta para o Ocidente, a fim de procurar os galeões da prata, tendo enviado adiante, segundo o costume dos caçadores, navios mexeriqueiros para todas as paragens. Depois de longos rodeios, souberam eles enfim que a frota se achava pelos portos e enseadas da ilha de Cuba e perto dos escolhos a que chamam *Los Órganos*. ^{Los Órganos} Constava de oito galeões e seis vasos menores, sendo capitão-general D. Carlos Dievares. Se merecem fé os prisioneiros, avaliavam-se em 9.000.000 ou, segundo os diários de outros, em 20.000.000 de florins os tesouros e veniagas que transportavam. Era a capitânia espanhola que levava o grosso das riquezas. Jol, abraçando com os desejos, mas não ainda com a vitória, estes estímulos de males, já impaciente da delonga, convocou os comandantes dos navios e, segundo o costume militar, inflamou-os para o combate: “*um novo exemplo de valor iriam arrebataram varonilmente a covardes o ouro e a prata. A frota do inimigo levava antes presa do que armas. Ninguém ia defender nem danificar aquela tomada. Para um vencedor pobre era um prêmio um inimigo rico. Aquela artilharia tremenda protegia mais os tesouros do que o espanhol, e os estupendos bojos daquelas naus carregavam um lastro luzente e imbele e de modo algum soldado*”.

Em seguida, distribuiu a cada um o seu posto para a batalha. Ele próprio, como a primeira autoridade da esquadra, investiria à capitânia espanhola, associando-se-lhe no combate os comandantes da *Roterdã* e da *Tolen*. O vice-almirante teria por adversária a almiranta espanhola; a nossa Lanterna defrontaria com a Lanterna dos espanhóis, e assim por diante, nessa ordem, cada uma delas atacaria a outra, e, onde fosse maior a violência e a necessidade, pugnariam juntos, auxiliando-se mutuamente. Era grande a resistência da *Salamandra* em que ia

Jol, e, recém-construída, estava muito apta para a peleja; mas, em comparação com o porte colossal e a altura da capitânia inimiga, parecia ela apenas um iate.

Antes, dirigindo-se uma prece a Deus para que patrocinasse aquele Batalha naval grande feito, infundindo coragem aos guerreiros que se batiam em favor da República, o nosso almirante incendeu-lhes o brio com uma alocução. Depois, abordou a capitânia espanhola, aferrando-a fortemente com arpéus e correntes, não sob mostras de amizade, o que logo acreditou o espanhol, mas de maneira franca e indubiamente hostil. A seu exemplo, atacou o vice-almirante a almiranta, prendendo-a à sua nau com cadeias e balroas, e não menos ardorosamente e com igual confiança atracou-se a nossa Lanterna com a Lanterna espanhola.

Trava-se a refrega entre estas partes sós: as demais contemplavam inativamente – oh vergonha – a luta dos companheiros, fora do alcance e do perigo das armas.

Brigavam renhidamente três contra três, e quando se inflamaram os ânimos, lançaram-se ferozmente em recíprocas matanças. Cada qual se via encerrado em sua nau como num círculo fatal: era ela a área da vida e da morte, a arena da glória. Tudo ali era vário: os lances, os ferimentos, as mortes dos que tombavam. A caligem, a fumaça, as fagulhas, as cinzas roubavam os contendores aos olhos e aos golpes certos uns dos outros. As balas das peças e mosquetes não matavam nem feriam tanto os combatentes quanto as estilhas arrancadas às traves dos navios. A nossa capitânia já havia lutado com a capitânia espanhola perto de duas horas numa peleja ancípite, demorando-se em associar-se ao combate os capitães da *Roterdã* e da *Tolen*. Então os mais expeditos da nossa maruja, trepando ao alto, saltaram no convés da capitânia espanhola e ocuparam-lhe como vencedores a parte superior, trancando os espanhóis no porão. Fez-se isto assim: como os cestos da gávea da capitânia holandesa mal chegavam acima da amurada e do convés da espanhola, o nosso almirante, convertendo em utilidade as incertezas do ocaso, encheu-os de atiradores, que, de cima, descarregaram, contra o vaso inimigo, sobre os que lhe estavam embaixo, granadas de 24 e de 28 libras. E assim, fulminando aqueles ciclopes, esvaziaram para nós o convés. Tratou então o almirante com um dos marinheiros (isto sem dúvida prometia a vitória) que tirasse a bandeira da capitânia espanhola, e teria mil florins por paga da proeza. Já ele havia subido ao mastro para cumprir o ajustado, quando, chegando-se contra a nossa capitânia a almiranta e a lanterna dos espanhóis, as quais se haviam desvincilhado dos arpéus e correntes, coagiram o nosso almirante a largar a capitânia adversa, fazendo sair do risco presente aquele audaz funâmbulo. Então se voltaram as outras naus inimigas contra a nossa capitânia, a qual, certa do perigo escapou-se, virando de bordo, para não ser aprisionada pelos contrários, espalhados por toda a parte.

Entretanto, as demais naus holandesas, separadas e errantes, por grande perfídia, esquivaram-se à luta, pois lhes era molesta a glória ou a salvação de Houtbeen.

Nesta refrega pereceram o vice-almirante Abraão Miguel von Rosenthal, o comandante da Lanterna João Mast e o fiscal João Muys, nomes dignos de passar à posteridade. Morreram cinquenta marinheiros e ficaram feridos cento e cinquenta. Jol, queixando-se e rangendo os dentes numa ira impotente por ter perdido, num só momento, a diligência e o trabalho de tantos meses e o fruto de tanto labor e atividade, chamando à sua presença, logo após esta peleja, que fora renhí-díssima, aqueles pelos quais tinha sido vergonhosamente abandonado, expro-brou-lhes acerbamente, como mereciam, a sua covardia e caráter efeminado. Mais agastado com o capitão da *Roterdã*, que lhe dera uma resposta indigna, bateu nele com um bastão que empunhava e o privou do posto. Voltando-se depois para os outros, admoestou-os *“de que se lembrassem do juramento pelo qual se tinham obrigado à Pátria, ao Príncipe de Orange e à Companhia. Deviam-lhes, disse, mais do que a vida. Ali se tratava da glória e da salvação de todos e também da deles. Sendo de origem obscura, já tinham alcançado fama. Naquele lugar celebrizara-se Heyn, a quem o caráter batavo fadara para a bravura e a imortalidade. Havia ali mais presa do que o perigo, e este não era somente deles, mas também seu próprio. Tomara-lhes por isso a dianteira no combate. Era vergonhoso a homens afei-tos às batalhas navais aterrar-se com o tamanho daquelas naus: elas, por mais terríveis que fos-sem para os covardes, poderiam ser expugnadas pelos valentes. Em voltando para a Pátria, seriam recebidos com palavras de ignomínia pelos seus concidadãos e amigos, como se tivessem ido ao Ocidente para admirarem o poder e a esquadra da Espanha e não para os expugnarem. E acrescentava que os tímidos se apartassem dos resolutos para o combate, e os péssimos não pre-judicassem com o exemplo aos ótimos, nem os pusilânimes aos estrênuos. Sem mais detença mu-dassem os propósitos em atos consumados. Se ponderassem as coisas da guerra, deviam naquele encontro ou vencer ou morrer, e seu destino era ou triunfarem como homens ou tornarem-se escravos. Os fugitivos iriam precipitar-se na ruína comum, e era maior o perigo para os que mais te-miam. Fosse qual fosse a volta da fortuna, seria glorioso acabar fora da Pátria, nas extremidades do mundo e da natureza. Portanto, disse ainda Houtbeen, reunindo as nossas forças, continu-emos a batalha, esquecidos dos despojos até os tornarmos seguros, depois de alcançada a vitória. A necessidade de combater da qual fugis, acompanha-vos. Se recusais pelejar, por que tendes ar-mas? Por que empreendestes voluntariamente a guerra? Sois audazes e turbulentos fora das oca-siões, e apresentando-se estas, sois covardes. Que esperança há aqui para os medrosos? Julgais que vos protegerá Deus, a vós que fugis da luta? É preciso que à espada nos apoderemos do mar e destes despojos. Aqui não estamos cingidos de muro e trincheiras: é necessária a audácia em vez de muro e de escudo. Eia! Lembrando-vos do nome dos batavos, saltai naquela frota. Sirva de estan-darte a minha proa. Mostrai a castelhanos e portugueses que eles não vos igualam, nem navegando, nem batalhando em terra. Ou não viesses aqui ou compenetrar-vos de que tendes de lutar se-gundo exige a dignidade da Companhia. Não podemos partir antes de realizarmos a nossa espe-*

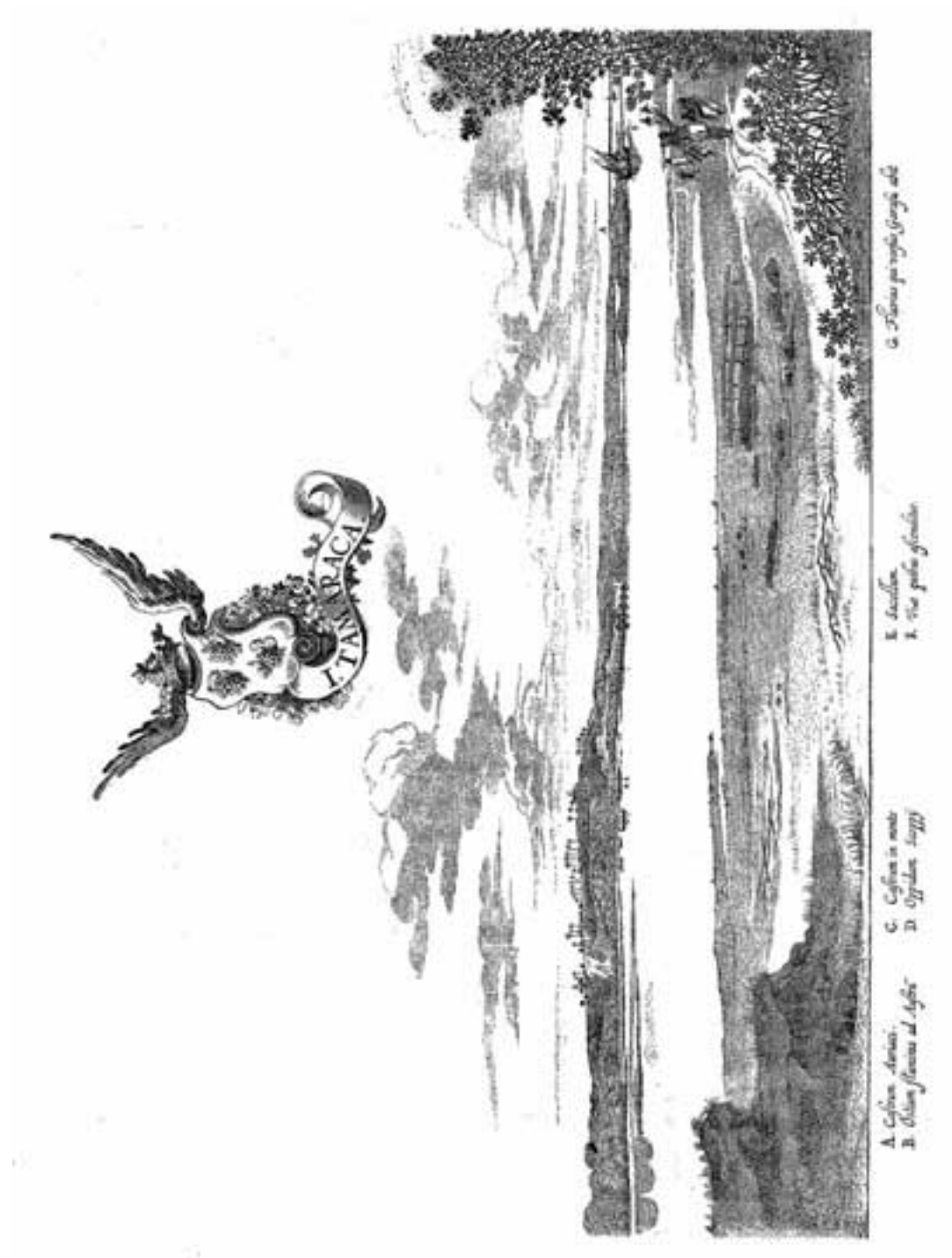
rança, vencendo a esquadra espanhola. Abstenho-me de outras razões: a própria indignidade e infâmia da retirada aconselham a perseverança”.

Depois, olhando o semblante dos seus, disse: *“Que tristeza é essa, companheiros, que insólita hesitação é essa? Desconheceis o inimigo, a mim, a vós mesmos? Que é o inimigo senão um guarda cuidadoso do tosão de ouro? Se o atacardes, logo empalidecerá, tornando-se da mesma cor do ouro. Eu, vosso general, conduzo-vos para a glória e para o vosso bem-estar. Vós, ilustres pelas vitórias ganhas na Pátria e fora dela, cobrai da fortuna e de tantos exemplos dos vossos compatriotas a confiança de ousar.”*

A estas palavras, dirigiu outra vez sua esquadra contra o inimigo e, com tiros de peça, deu sinal para o combate. Mas, ou por igual medo, ou por igual espírito de rebeldia, como antes, quando chegaram ao alcance da artilharia, pararam inertes, ingloriamente, deixando a peleja ao almirante e a mais uns poucos. **Combate outra vez** Pedindo ele com instância que se associassem à luta e invocando a fidelidade prometida e o remordimento das consciências, um confessava o seu temor; este exagerava o poder dos inimigos; aquele acusava a temeridade do almirante, afirmando abertamente que estavam certos do exício e que eram arrastados à perdição por causa da grande desigualdade das forças; que não era vergonhoso cederem os holandeses tempestivamente, tendo-se por muito mais vexatório travarem combate, como quer que fosse, para serem vencidos; outro afastava-se, preparando a retirada. Quase todos, como de concerto, desatendiam às ordens do general, sem dar ouvidos à autoridade.

No dia seguinte, estando ainda parada ali a frota inimiga, pela terceira **É de novo abandonado** vez reuniu Jol em sua presença, os capitães e comandantes. Obrigou por novo juramento cada um deles a si e fez que todos assinassem um compromisso escrito, em virtude do qual declaravam que estavam dispostos para o combate, e que haviam de pelejar até o último alento. Depois de os exortar a lembrarem-se que eram batavos e a lavarem, por um rasgo novo de bravura, a mácula do dia antecedente, determinou a ordem da batalha. Iria ele na dianteira, acompanhando-o sucessivamente a *Orange*, a *Fama*, a *Esperança*, a *Zwolle*, a **Trava combate novamente** *Tole*, a *Ernesto*, a *Over-Issel*, a *Goeree* e a *Mercúrio*. Confirmados os ânimos pelo juramento militar, parecia ter voltado o amor da obediência, e maior ardor de batalhar seguia as palavras do almirante. Entretanto, estando prestes para a peleja, forma-lhes desfavoráveis os ventos e os mares, por haver o inimigo ficado a barlavento da nossa esquadra, de modo que era preciso navegar esta ao lado da frota adversa, expostos os nossos à sua artilharia. Neste recontro morreu o capitão João von der Diest, o qual, durante a vida inteira exercitara o corpo nos perigos e o ânimo nos preceitos náuticos. E aqueles que haviam jurado faltaram ao dever, atacando o inimigo de longe e com tiros inúteis.

Malograra-se, portanto, a empresa. A 17 de setembro soube Jol, por navios mexeriqueiros, que a frota espanhola vogava perto dos escolhos de Cuba e dos Órgãos. Obstinado no seu propósito e ávido de presa, quis entrar em luta



pela última vez. Mas, em primeiro lugar, achou a marinhagem relutante, e ela exprobrava a pusilanimidade e apatia de seus capitães e já não queria ficar adstrita à necessidade de obedecer-lhes. Então, destitui Jol, como réus de traição e de rebeldia, os comandantes da *Zwolle*, *Over-Issel*, *Goeree*, *Mercúrio* e *Ernesto*, e, substituindo-os por outros, foi tanto o entusiasmo dos que iam combater como se, por Quarta vez marcha contra o inimigo uma esperança indefectível, já houvessem subjugado o adversário. Rumando para os escolhos dos Órgãos, onde fora a estância dos contrários, verificou ter-se escapado a frota e esteirado para a Nova Espanha.

Assim a fortuna, depois de deixar crer a princípio que afagava Jol com os seus favores, pondo-lhe diante por presa a frota espanhola, logo o desamparou como se arrependida do seu desígnio. Julgando ele, por isso, que não lhe convinha deter-se ali mais com refratários para não prejudicar a fortuna da Companhia com uma demora improfícua, mandou parte da esquadra para o Brasil, deixou parte em Havana, a fim de aproveitar-se ela das ocasiões, e voltou para a Holanda com as outras naus.

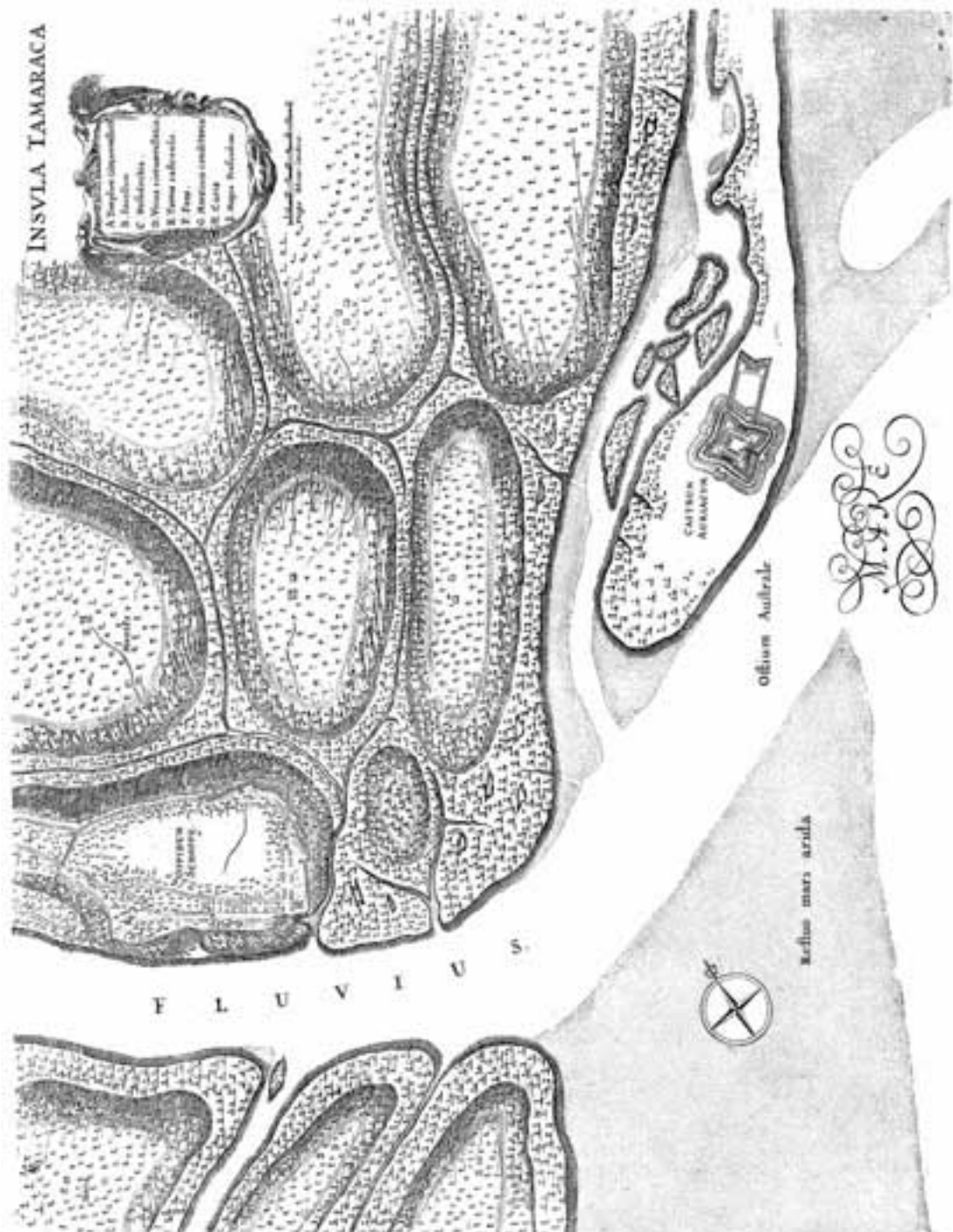
Estes fatos foram relatados em carta dirigida ao ilustríssimo Conde João Maurício, governador do Brasil, e ao Supremo Conselho.

Quanto à punição dos culpados, pensava Jol que já não se tratava de uma causa sua, mas de todos os generais e comandantes dali por diante, para servir de escarmento. Abrir mão dela ser-lhe-ia deprimente e perigoso, porque de um lado a exigia o interesse de sua justiça e do outro a utilidade geral. Poderia ele mesmo ter castigado os rebeldes, pois fora enviado com autoridade suprema; todavia, pela morte dos que pertenciam ao conselho de guerra, preferiu entregar o julgamento aos Estados-Gerais e aos diretores da Companhia a A rivalidade de poucos frustra a expedição parecer que tomara precipitadamente uma desforra pessoal. Encontraram os rebeldes seus cabeças e instigadores, mas eram dois os principais culpados, movidos por sentimentos de rivalidade, porque, mais velhos, tinham de obedecer a Jol, mais moço, fato este que estragou tantos aprestos bélicos, balizando e enganando a valentia do almirante.

A tal ponto cede o amor da Pátria aos ódios privados que preferem os homens desprezá-la e desonrar-se a ser subordinados a um popular e ex-companheiro de fortuna, como se fora vileza obedecer aos conhecidos e aos menos ilustres pelo nome vão dos maiores. E é vício ínsito aos mortais o verem com maus olhos elevarem-se em dignidade aqueles que tinham posição igual à sua.

De regresso para a Holanda, foram os rebeldes denunciados e processados. Obtiveram, porém a graça, seja pela intercessão de amigos, seja pela defensibilidade da causa, merecendo a impunidade e a liberdade.

Não é de meu ofício acusar a ninguém, por causa das iras fáceis dos comandantes, às vezes exasperadas pela sorte adversa e pelos malogros das empresas.



Jol, tratando diariamente com seus concidadãos e com os dirigentes da Pátria, deplorava a fortuna da Companhia e acusava os seus subalternos, os quais, por covardia e perversidade, lhe tinham arrebatado tantas honras marciais e a esperança da vitória que Deus dera. Nada sentia tanto como não ter morrido pelejando bravissimamente. Fora salvo, dizia, não para os prazeres da vida, mas para ludíbrio dos inimigos e dos invejosos. Aguardaria melhores tempos para se vingar do inimigo e da inveja. A seu tempo, memorarei o quanto fez ele depois em prol da Companhia e do bem público, em que esquadra foi outra vez ao Ocidente e depois à África, as praças, portos e ilhas que tomou.

Ao tempo que, no extremo Ocidente, se verificavam os infelizes sucessos que me detive a referir, vieram ter com o Conde João Maurício, da parte do capitão dos índios Camarão, três emissários, os quais lhe informaram que, ressentido aquele chefe, abandonara com suas forças ao Conde Bagnuolo e se acampara no sertão, perto da Torre de Garcia de Ávila. Vinham eles pedir-nos paz e aliança, a fim de poderem todos voltar para suas terras e aldeias. Nassau, não ignorando reverterem as discórdias do inimigo em proveito seu, recebeu-os cortesmente e, convidando por carta Camarão à nossa amizade, despediu-os com presentes. Logo, porém, correu voz que ele, por ser de caráter versátil e mutável em suas resoluções, se reconciliara com Bagnuolo.

Também se tinham separado desse general dos espanhóis, por desinteligências com ele, oitocentos tapuias, ficando então o território inimigo franco às invasões dos holandeses, que ganhavam ousio para destroçar os baianos num famoso desbarate. Mas, por falta de soldados e pela vã expectativa de novos reforços enviados da Holanda, languesceu e frustrou-se aquela audácia.

As representações e cartas dirigidas pelo Conde e pelo Supremo Conselho aos poderes da Holanda estão cheias de reclamações e pedidos instantes e suplicantes de socorros.

Alegavam que se ofereciam oportunidades para grandes tentames, as quais se perdiam pela incúria de outros; que falavam, porém, a surdos. Ordenavam-se trabalhos no Brasil, mas noutras partes agradavam os ócios. Nem Deus, nem a fortuna negavam a vitória e sim os homens. A inertes não queria o Céu conceder os êxitos da guerra. Adquirem-se possessões com soldados, armas e exércitos, e não com desejos inativos de longe e só com boa vontade. Mandavam-se copiosos escritos, cartas e promessas, mas negavam-se os meios com que soem defender-se os domínios. Eram insuficientes para matar a fome os mantimentos, e não bastavam as cousas necessárias à soldadesca, à guerra e à defesa do império contra os adversários. A expedição de Jol a tal ponto reduzira o número das naus e dos marinheiros que se viam sem forças para resguardar o mar, mormente se sobreviesse por acaso o inimigo com um novo poder.

Nesse mesmo ano foi tão feliz a safra do açúcar, em razão ^{Felicidade da safra} das chuvas moderadas e tempestivas, que dava aos agricultores esperança de 18.000 caixas.

Seguiu-se à expedição de Jol uma conjura, tramada, ^{Conjura de portugueses acreditada, mas não provada} ao parecer, por instigação de portugueses, pois sempre se inclinavam à rebelião os ânimos dos que, às ocultas, favoreciam ao partido espanhol, conquanto às claras nos prestassem obediência.

Detidos os indiciados, foram nomeados pelo Conde e pelo Supremo Conselho Carpentier, assessor do Conselho Supremo e Secreto, o coronel Koin, do Senado Político, o capitão Carlos Tournalon, chefe da guarda do Conde, e o fiscal Jacó Aldrich para, na qualidade de juizes, conhecerem do fato e abrirem devassa. Tendo corrido o processo, pronunciaram o seguinte julgamento: que fossem encarcerados alguns dos réus, exilados outros para a Bahia, e os restantes para mais longe, nos confins do Ocidente. Entre eles distinguia-se pela sua dignidade e riqueza Duarte Gomes da Silveira. Por indulto do Conselho Supremo teve ele depois por menagem a fortaleza de Margarida. Apurei serem estes os nomes dos outros conjurados: na província de Pernambuco – Pedro Cunha de Andrada, João Canaro, Filipe Barreto, Arnau de Holanda, Rodrigo Pimentel, Bernardino de Carvalho, Francisco Beringel, Melchior Ali e Antônio Pais; na Paraíba João do Souto. Eram quase todos senhores de engenho.

Não poupou também o solícito cuidado dos governadores ao sexo feminino, propenso a desprezar a fidelidade pública pela fé conjugal e pelo amor aos maridos. Sob o domínio holandês viviam algumas portuguesas, cujos esposos, fiéis ao rei da Espanha, se achavam na Bahia e noutros pontos do território inimigo, militando sob as bandeiras reais. Foram mandadas para junto de seus consortes, pois pareceu que se lhes fazia não um agravo, mas um favor, com a diferença de que o motivo disso era a cumplicidade numa culpa, e a partida delas semelhante a uma relegação. Eram elas: a mulher de Luís Barbalho, com o qual batalharam os nossos, a de João Velho Barreto, a de Gaspar de Sousa e a de Baltasar Alves.

Se por um lado esses acontecimentos afrontavam o nosso império, sem consentir que se considerasse inteiramente feliz, por outro impunha-se-lhe à dignidade atender às reiteradas solicitações que as câmaras provinciais dirigiam ao Conde, pedindo-lhe selos para autenticar os atos públicos, os quais se ^{O Conde concede às províncias brasões em selos} distinguiam com insígnias e emblemas adequados aos característicos de cada uma das províncias. Deu-se este cuidado à indústria do Conde (pois convém que os governantes sempre se avantajem aos demais). Ele ideou para cada província o seu brasão próprio; depois formou o do Conselho Supremo, abrangendo num só escudo as insígnias de cada uma ^{Selo do Supremo Conselho} delas, para indicar assim os términos do Brasil Holandês. Sobre este escudo viam-se as armas das Províncias-Unidas e embaixo a divisa da Companhia das

Selo do Senado Político Índias Ocidentais. O selo do Senado Político (ou Conselho de Justiça) era constituído pelos brasões das quatro províncias, contidos num escudo semelhante, sobre o qual se via a Virgem Astréia, trazendo numa das mãos uma espada, vingadora dos crimes, e na outra uma balança, regra dos comerciantes. A câmara de Pernambuco tinha por insígnias uma virgem mirando-se num espelho e como enlevada pela sua formosura, e empunhando uma cana sacarina, escrito o nome da cidade de Olinda. Com tal emblema significa-se a beleza e a riqueza da região. Receberam também os seus brasões próprios as outras câmaras de Pernambuco, a saber: Iguaçu, Seridó, De Itamaracá, nhaém, Porto Calvo e Alagoas. O de Itamaracá mostrava um cacho de uvas, porque nenhuma parte do Brasil os produzia tão belos e suculentos quanto a ilha de Itamaracá. O da Paraíba apresentava as formas piramidais dos pães de açúcar, ou porque, passando para nós essa província, foi aí maior o trabalho dos engenhos e o preço do açúcar. A província do Rio Grande tinha por armas um rio, em cujas margens pisava uma ema, por ser ali maior abundância dessa ave. Estes brasões foram gravados em sinetes de prata por escultores batavos, e não em latão ou ferro para não os carcomer o azinhavre ou a ferrugem.

Falei pouco acima dos presos portugueses. Sobre eles e sobre toda a conjuração, que andava na boca do vulgo (refiro fatos ocorridos pouco depois), li o seguinte nas crônicas do Brasil e nos relatórios e cartas do Conselho Supremo aos diretores da Companhia: ter partido aquela acusação do medo e de uma suspeita demasiado crédula. Não foram, porém, os acusados convencidos do crime que se lhe imputava, posto que processados. Mas, pela consideração e autoridade que gozavam entre os seus, assim como pelos cabedais que possuíam, recava-se que, em chegando a armada espanhola, como já corria, nos prejudicassem oculta ou abertamente. Julgou-se, pois, importar ao Estado e à utilidade geral segregá-los do povo, por um como ostracismo, afigurando-se que se praticam, sem violar as leis, os atos tendentes à segurança da república, ainda mesmo que, olhados em si, tenham alguma coisa de repreensíveis. Procedendo-se assim, podiam os cidadãos que estivessem maquinando o mal ser desviados dele, antes de o encetarem, desistindo de tentar a loucura de perder a pátria.

Tendo morrido Pedro da Cunha, que se considerava o principal dos conjuradores, e por temor da armada cuja fama, a princípio tremenda, tinha languescido um pouco, todos quantos haviam sido degredados por sentença judicial para a Bahia e para as ilhas ocidentais, esperando das circunstâncias decisão mais benigna, pediram ou que fossem desterrados para a Holanda ou que fossem restituídos aos seus engenhos para fabricarem açúcar, sob a condição de se apresentarem sem hesitar, uma vez chamados. Nem se concederam inteiramente, nem se negaram tais pedidos: admitiu-se um meio-termo entre a completa liberdade e a completa prisão, para que nem um rigor excessivo demovesse da fidelidade ou-

tros mais audazes, nem uma brandura demasiada defraudasse o acatamento devido aos juízes, livrando-se impunemente indivíduos suspeitos de tão grave crime, os quais já se tinham infamado com o labéu da prisão. De feito, convencidos eles, não teria a severidade dos poderes competentes comutado coisa alguma na punição de crime tão sério. Exerceram mais benignamente a autoridade dos governantes a prudência, a mansidão e a voz da consciência, a qual, fazendo-se ouvir após os erros desta natureza, não se pode abafar nem pela força, nem pela fraude, nem pelo silêncio, nem pela dissimulação. Abriu-se rigorosa devassa contra Duarte Gomes da Silveira, que já dobrara os 85 anos, e, investigados todos os seus papéis, nenhum documento se encontrou com o qual se pudesse provar-lhe a culpa. Por isso, movidos os conselheiros em favor dele por interces- ^{Exculpam-se} são de muitos e dada caução de fidelidade, permitiram-lhe voltar para ^{presos} seus engenhos, lembrando-se, e não mal, do auxílio por ele prestado na expugnação da Paraíba.

Não me pesa nem me pejo de relatar estes fatos, visto que não costumo nem tenciono louvar, de modo igual, as coisas honestas e as menos honestas. Expungi, há muito, das normas do justo e do direito estas palavras: – que não devem os governantes ser obstinadamente retos, e honestas todas as ações que praticam para guardar a dominação. Assim como é de justiça serem punidos os celerados pela memória da posteridade, assim também o é serem por ela absolvidos os inocentes.

Iniciou-se nesta ocasião o lançamento das décimas do ^{Censo do açúcar e} açúcar em todo o Brasil Holandês. Postas em almoeda, alcançaram ^{de outras rendas} os lanços seguintes:

Décimas de Pernambuco – 148.500 florins por um ano, arrematante: Moisés Navarro.

Décimas de Itamaracá e de Goiana – 19.000 florins, arrematante: Pedro Seulino Júnior.

Décimas da Paraíba – 54.000 florins, arrematante: Moisés Navarro.

As *pensões* dos engenhos pernambucanos foram arrematadas por 26.000 florins por um ano por João Fernandes Vieira.

As *pensões* dos engenhos de Itamaracá e de Goiana montaram a ^{Pensões} 9.000 florins por dois anos, arrematando-as Pedro Seulino Júnior.

Os dízimos das *miúças* ou miudezas subiram, nos distritos de ^{Miúças} Iguaçu, São Lourenço, Paratibe e Nossa Senhora da Luz, a 4.800 florins por ano, sendo comprador deles Tomás Espanhol.

Os dízimos das *miúças* nas terras de Várzeas, Santo Amaro e Muribeca foram arrematados por 3.700 florins durante um ano por Conrado João Mackinia.

Esses mesmos dízimos, em Santo Antônio, Ipojuca e Serinhaém, foram arrematados, durante um ano, por 4.300 florins, por Benjamim Pina; em Una,

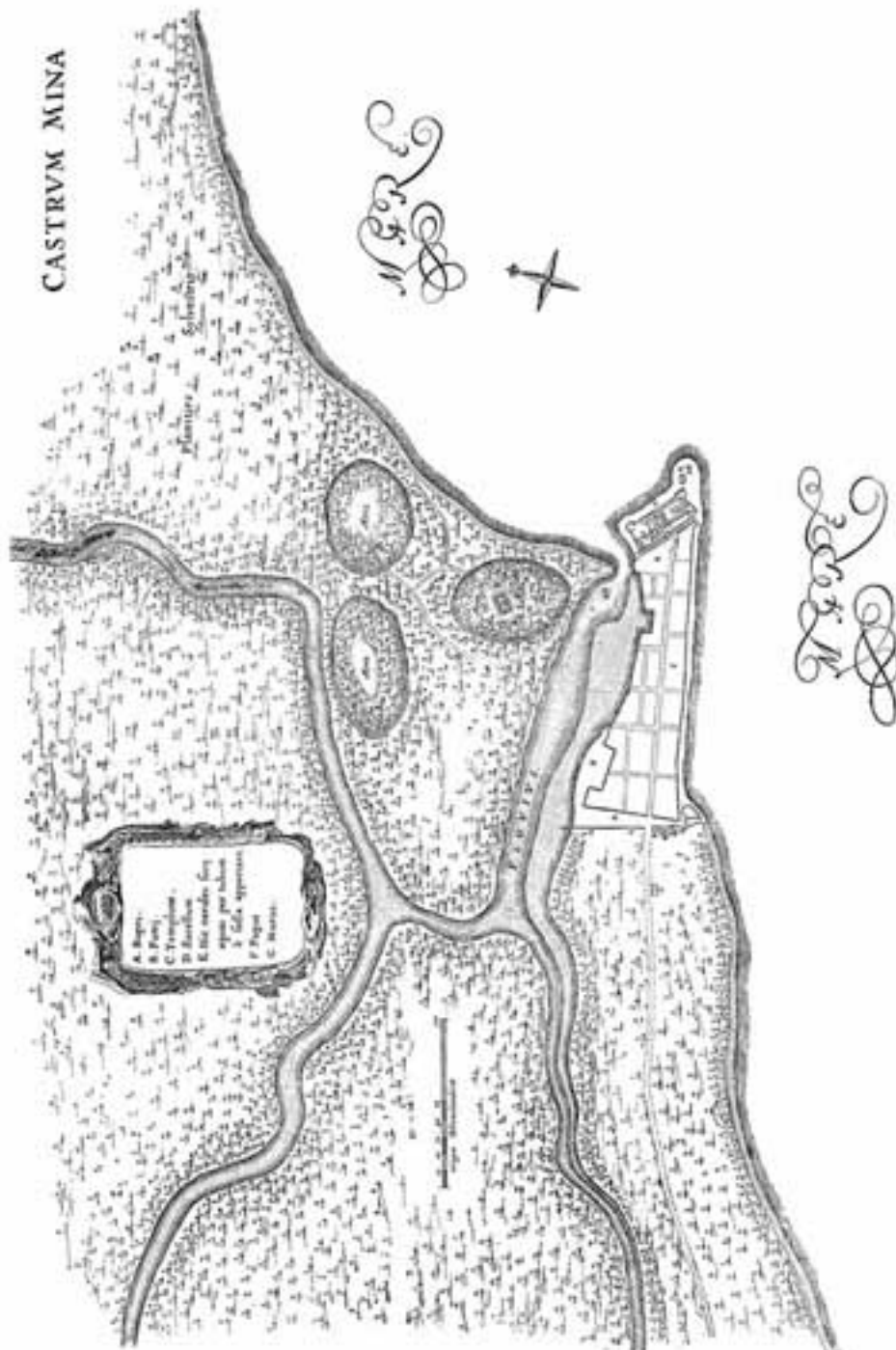
Porto Calvo e Camaragibe, durante um ano, por 2.700 florins, sendo comprador Conrado João Mackinia; em Alagoas até o rio de S. Francisco, por 4.200 florins, arrematante Tomás Espanhol; em Itamaracá e Goiana, durante um ano, por 1.700 florins, arrematando-os Seulino; na Paraíba, durante um ano, por 3.000 florins, contratador Conrado João Mackinia.

A soma dessas várias importâncias perfaz 280.000 florins. Por aí bem se compreende que, defendidas de devastações as lavouras, não é infrutuosa a cultura do Brasil, podendo-se, em grande parte, compensar as despesas da guerra com tamanhos proventos.

Em princípios de 1639, divisou-se a armada espanhola, composta de vinte e oito naus e formidável pelos seus galeões. Navegando diante do litoral pernambucano, à vista do Recife, rumou depois para o sul. O Conde Nassau, nada suspendendo do que pertencia ao interesse público, mandou alguns navios ligeiros segui-la para explorarem que direção tomava e onde preparava o desembarque. Ele mesmo, com uma força militar de escol, margeou, rota batida, a costa até Porto Calvo. Sabendo, porém que a armada entrara a baía de Todos os Santos, voltou para Pernambuco, aprestando em todas as partes limítrofes por onde passou o que se referia às provisões de boca e petrechos bélicos e restaurando também fortes e trincheiras em Porto Calvo, Una, Serinhaém e Cabo de Santo Agostinho.

Foi nesta quadra que, pela terceira vez, veio ao Brasil, com oito navios e sete companhias militares, Cristóvão Artichofski, que gozava de antigo prestígio entre os diretores da Companhia. Deu isto ocasião a grave embate, de que surgiram partidos, cindindo-se os cidadãos e os soldados em sentimentos diversos, uns mais favoráveis ao Conde, outros a Artichofski, travando apaixonadas discussões até a respeito da autoridade que competia a cada um dos dois. Nada tão indigno nesta conjuntura do que ver-se o Conselho obrigado a despedir Artichofski, o qual, pertencendo antes à milícia brasileira, lhe participara das ações. E este homem, noutras ocasiões tão cheio de serviços, tão notável pelas suas severas virtudes marciais, teve de ser recambiado, durante o governo do Conde, tão benévolo e brando, que, havia muito, cativara, pela sua humanidade e caráter bondoso, não somente os seus, mas também os bárbaros. Referirei as causas dessa pendência, mas preferia ignorá-las para que não a conheça e se regozije o espanhol, com pesar da Companhia e de todos os homens de bem.

Por prudente decisão e por parecer do Príncipe de Orange e dos Estados-Gerias, tinha a companhia dado a Artichofski, como de fato convinha, a intendência-geral do armamento no Brasil, ordenando-lhe o rigoroso desempenho da sua função.



Receberam-no com simpatia e distinção o Conde e o Conselho, como o merecia um varão já célebre por várias expedições e pelos seus luzidos feitos no Brasil. Mostrando-lhes as instruções que lhe deram os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia nenhuma dúvida puseram a respeito delas, conquanto remordesse tacitamente ao Conde e aos conselheiros uma tal ou qual insinuação de malévola suspeita nelas esparzida, isto é, que, em chegando Artichofski, se cuidasse com maior diligência de todo o armamento, remetendo-se aos diretores da Companhia relação minuciosa e clara do estado dele, e que eles quieram a milícia e tudo o que a ela se referisse em perfeita ordem. Os ânimos mais briosos acreditavam que nestas palavras eram acusados de má administração.

Já tinha decorrido quase um bimestre que se geriam os negócios do Brasil com vistas concordes, sem nenhum rompimento entre os regedores, puros de qualquer suspeita má e da nódoa de qualquer arteirice. Então, depois de espalhados entre o vulgo rumores e palavras injuriosas ao respeito e autoridade do Conde, foi revelada pelo próprio Artichofski uma carta, motivo da grande contenda, carta por ele dirigida ao excelentíssimo Alberto Conrado van der Borg, burgomestre de Amsterdã, muito conceituado entre os diretores da Companhia. Tal missiva indignou profundamente não somente o Conde, senão também a todo o Conselho porque, segundo criam, fora escrita para descrédito de um e outro.

Nassau convoca o Conselho e, ordenado o comparecimento de todos os seus membros, defendendo-se a si e aos conselheiros contra Artichofski, pronunciou um discurso desta substância: “Não é este para mim o primeiro dia de fidelidade à Pátria e aos diretores da Companhia. Há vinte anos venho-a provando quer aos Estados-Gerais e ao Príncipe de Orange, quer à Companhia, sem sombra de suspeita, sem mácula de maus conselhos ou paixões, sem intermissão dos meus deveres. Sempre considere e ainda considero sacrossanta a consciência do juramento que perante eles prestei: jamais acontecerá que a dignidade da minha nação e da minha casa seja por mim aviltada com uma felonía, pois prezo mais do que a mesma vida a estima delas e a dos seus. Entretanto, ponderando os objetivos e maquinações de Artichofski e as instruções com que veio munido, certifico-me de ter incorrido na suspeita de má administração. Não é de crer tenha esse homem a prudência e perspicácia com a qual parece se ia atrever ao que fez, com tal irreverência a mim, se não fosse apoiado por seus instigadores, com cujo auxílio governaria e administraria estas coisas mal começadas. De fato, o seu modo de tratar comigo é indecoroso e desconhecido de toda a obediência, e as cartas dos diretores demonstram, com eloquência, terem eles sabido há muito que se negligencia a intendência dos armamentos e do aparato bélico, que está por terra a economia dos arsenais, e perdidas estas coisas que cumpria zelar. Foi por isso despachado Artichofski para res-

Discurso do Conde sobre
a carta de Artichofski a
van der Borg

taurar o que se acha arruinado, velar com diligência pelo que é do uso público — exatamente a principal atribuição do meu cargo —, e escrever-lhes, minudenciosa e acuradamente, sobre o estado do armamento, dos arsenais e das fortalezas em todo o território do Brasil Holandês. Tais palavras são, sem dúvida, de pessoas que lastimam e nos acusam.

“Além disso, afirmou Artichofski que doravante não mandariam os diretores nenhuma das armas que temos solicitado dois anos a fio, a não ser a pedido dele. Assim já serei convosco um nome vão e em breve nulo. Isto faz crer em verdade que não foi ele enviado para visitar a província entregue a nossa autoridade e meter-se consigo, mas para intervir como escarnecedor e censor de todas as minhas ações. Confio fazê-las aprovar por vós e pelos meus senhores da Europa, e não deixarei faltar em mim as partes e os deveres de um bom general. Deveria vê-los Artichofski, antes de se tornar o detrator e maculador da minha reputação. Não devia eu ser infamado nem exposto à malignidade de um aleivoso, eu por cujos labores, vigílias e perigos perdura firme a incolumidade do Brasil Holandês.

“Se não reconhecerdes em mim grandes feitos, pois cabe a Deus o concedê-los, ao menos reconheceréis, de modo certo, um espírito voltado para a salvação pública e com ela preocupadíssimo: para alcançá-la igualei o meu desejo, todo o meu desvelo, todos os meus perigos com vossos desvelos e com os perigos de todos. De sorte que é certamente grave que, mostrando eu os melhores intentos, haja homens, que, procurando estorvar-me os esforços, espalhem acusações contra mim, como se eu preferisse os meus aos vossos interesses, gestor negligente e remisso do bem público.

“E qual é o atrevimento de Artichofski? Ousa vir ler em nossa presença e não sem arrogância essa sua carta, vitupério do meu e de vosso nome, para acusar-nos mais audazmente por escrito, o que oralmente haveria feito com maior timidez e com voz débil. E leu-a perante vós para ter por testemunhas de tantas mentiras varões respeitáveis, companheiros e assíduos observadores dos meus trabalhos.

“E não se mostra diferente como particular e entre particulares, pois nem ainda entre os meus domésticos se abstém dos ultrajes que contra mim atira biliosamente, sem ignorar que me chegarão aos ouvidos. Foi-me afrontoso ter ele aconselhado a um tenente-coronel não acompanhar-me, ainda mesmo que eu lhe ordenasse, à expedição por mim empreendida, dizendo que eu iria com a escória dos soldados e com a desonra dos homens. São estes os elogios que ele dá à nossa milícia.

“Também chegou a tal desaforo certo mosqueteiro de Itamaracá que disse nesciamente não reconhecer doravante por superiores nem o Conde, nem os conselheiros, mas só Artichofski. Um tenente do seu regimento recusou obe-

decer a uma ordem minha, assinada por mim, alegando necessitar de licença prévia do seu generalíssimo (assim se intitulava Artichofski).

“Como estes fatos são inícios mal agourados do que se pretende fazer, tendendo para as cisões e ruína pública, como poderei fiar-me em homem de tão mau natural ou admitir por sócio de meus trabalhos um inimigo oculto, que tenta romper a unidade deste corpo, no qual nada está perturbado ou discorde, e abalar e destruir a organização ainda pouco firme da República? Portanto, dirijo-me a vós, companheiros a mim dados pela Companhia, como a testemunhas de minha vida e de todos os meus atos, pois quando se vive entre uns, é difícil defender uma causa perante outros.

“Nunca neguei a Artichofski a honra, a autoridade e o direito que lhe são devidos, e não é justo que eu tolere um solapador da minha jurisdição, da minha dignidade e do meu nome. É um só corpo desta república e há de ser regido pelo espírito de um só: a gestão suprema e geral me pertence: a dos outros é delegada e repartida. Acolho Artichofski como auxiliar de meus trabalhos e encargos, mas repudio-o como ditador: esta partezinha do Brasil não comporta dois governadores. Se divergirmos, se nos separarmos por emulação, por injustas suspeitas, partiremos a partezinha, e então já não é preciso aos espanhóis o vencer-nos, porque, graças às discórdias civis, seremos vencidos por nós mesmos. Temos de unir os nossos pensamentos, sem que nos apartem rivalidades, para deliberarmos em comum contra um inimigo comum. Os mais funestos males políticos, a peste dos Estados, são as contendas e parcialidade dos governantes: são mais danosas que as próprias guerras externas, a fome, as doenças. É vergonhoso e pernicioso digladiarem-se na mesma nau os remadores e marinheiros. Não faltam detratores ocultos à presente situação: precisamos de franqueza, de lealdade, de constância no direito. É assim que militam os bons, assim temos sempre militado.

“Diante disso, rogo-vos decidais uma de duas: ou mandardes-me para a Holanda para eu dar lugar a Artichofski, ou mandarde-lo para dar-mo ele a mim. A razão, a estabilidade do Brasil, a salvação e a prosperidade dos nossos aliados aconselham que se faça isto.

“Vou retirar-me para não parecer que, com a minha presença, influí nos votantes ou inclinei os sufrágios ao meu voto. Sempre tivestes da minha parte juízos livres e sempre os tereis. Dentro da vossa sabedoria, procurareis que nem a indignação, nem a afeição destruam essa liberdade.”

Ao terminar, levantou-se, dirigindo-se para uma saleta próxima, apesar
 Retira-se o Conde de lhe pedirem os conselheiros, instante e respeitosamente, que se
 para uma saleta não retirasse.

Atônito com aquele discurso, o Conselho, após longa e atenta deliberação, acordou nisto: que, retidos no Brasil tanto o Conde como Artichofski, pro-

curariam reconciliar os dois, e, obtendo deste último um pedido de desculpas, abrandariam aquele por sua intercessão. Pareceu imprudente ao Conselho despedir Artichofski (este já se achava detido em casa por determinação do Conselho), o qual havia pouco fora enviado por autoridade dos superiores. Seria isso usurparem eles uma atribuição dos diretores supremos da Companhia em negócio de tanta relevância. Mais imprudente ainda seria despedir ao Conde, porquanto lhe eram subordinados os conselheiros na autoridade, na condição, na dignidade, e não deixaria de haver perigo em ficar o Brasil sem governador. Seria também afrontoso ao Conde e à casa de Nassau anteporem ao capitão-general de todo o Brasil e a segurança geral a defesa e os créditos de um homem de condição inferior.

Tendo conhecimento da decisão dos conselheiros de promoverem a reconciliação, para a qual se propunham para árbitros, perseverou o Conde na sua opinião. Passaram a segunda votação, convocando também o Conselho de Justiça, e, não lhes prazendo outra solução para o caso, igualmente Nassau firmou em nada ceder da sua resolução. No santuário da filosofia aprendera que os ressentimentos envelhecem por último; que os mortais se esquecem dos benefícios, mas lembram-se das ofensas; que é difícil harmonizar a ambição com o comedimento; aquela não descansa, se não alcançar os seus intentos, mormente nos impérios recentes, onde não deve haver rivalidades e onde é perigoso confiar em homens que se reconhecem por êmulos e invejosos da glória alheia.

Enfim, depois que os conselheiros discutiram entre si as razões, as circunstâncias dos fatos, as divergências dos chefes, as condições do momento, acordaram unânimes em reenviar Artichofski e no mesmo dia signifi- Demissão de
Artichofski
caram-lhe, por intermédio de Carpentier, membro do Supremo Conselho, assim como de Elias Herckman e Mortemmer, o pensamento de ambas as corporações.

Não se demorou Artichofski e, embarcando-se na Paraíba em 26 DE MAIO
DE 1639
navios que voltavam para a Holanda, deixou o Brasil pela terceira vez.

Na qualidade de narrador e não de juiz, não presumo nem de o acusar. Referir fatos que estão nos documentos públicos é ato de quem rememora e não de quem recrimina.

Quanto ao mais, educado desde menino para a milícia e exercitado nos vários lances da guerra, unira aos exercícios de Marte o estudo das artes liberais, entregando-se com afínco à leitura da história e de conhecimentos às vezes necessários a um capitão. A estes predicados juntava a sua sobriedade, a sua fama espalhada pelo Brasil e o favor que muitos lhe dispensavam.

Relatou o Conde minuciosamente estes sucessos aos Estados-Gerais, ao Príncipe de Orange e aos diretores da Companhia na Holanda, não porque não pudesse desprezar agravos e ofensas pessoais, mas porque convinha gozar

de boa reputação o governador de um império novo e não se menosprezasse a fidelidade refreadora da obediência de todos. Era este o teor da carta:

“Distante de vós, excelentíssimos senhores, tendo partido, em defesa da República, contra o inimigo, expondo-me aos perigos do ultramar, depois de haver provado na Pátria, durante vinte anos, a minha fidelidade nos serviços de guerra, vejo-me caluniado, sem se levarem em conta os trabalhos por mim tomados ainda mesmo com risco próprio, para promover os interesses da Pátria e da Companhia. As novas instruções com as quais Artichofski se apresentou perante nós demonstram não obscuramente que os dirigentes da Companhia lançam sobre mim suspeitas injustas e, por desconfiança de mim, esperam dele melhor administração, parecendo-lhes que fui um tanto negligente a respeito dos armamentos, se bem eu próprio, mais de uma vez, tenha perlustrado os arsenais e exposto aos diretores, em listas, a penúria dos mesmos. Não ignoro qual seja a importância dos armamentos, quer para se fazer a guerra, quer para não se fazer temerariamente, em razão do medo que eles infundem.

“Entre as minhas atribuições e nas instruções que recebi para o desempenho do meu cargo, inclui-se como um dos principais deveres cuidar zelosamente deles. Responsabilizar-me, porém, pela sua carência é injusto, porque, solicitando-os tantas vezes, verifiquei não serem de modo algum remetidos. E não os distribuíse eu parcimoniosa e escassamente, teriam nossas possessões sofrido desastres cada vez mais graves. E, por dizer a verdade, parece não ter sido outro o motivo de se mandar Artichofski senão que havia de gerir mais cautamente o municionamento, dando dele conta mais diligente aos diretores, e o faria com tal autoridade e poder que, dora em diante, nenhum aparelho bélico já deveríamos esperar da Holanda (são palavras dele), a não ser a pedido seu. E realmente, desde que voltou, tem feito crer terem-no para aqui enviado como um esquadrinha-dor e fiscal dos meus atos. Uma vez que cumpro os meus deveres de homem honesto, não o deveria recear como tal, se ele se abstivesse de rebaixar meu nome e de captar o favor público, lançando sobre mim acusações injustas.

“Em todo o caso, poderia eu dissimular essas misérias e, em atenção à República, perdoar uma ofensa privada, esperando que se desfizesse pelo desprezo a calúnia e que, amansada pela minha benignidade, se aplacasse para mim a improbidade. Foi tal, porém, o atrevimento deste homem que não enrubesceu de ler (sem dúvida para ter graves testemunhas da sua imprudência) a carta, injuriosa a mim e ao Conselho, por ele dirigida a uma figura preeminente da Companhia na Holanda, deprimindo, além disso, a minha estima entre os meus domésticos. Já parecendo formarem-se partidos perniciosos à República e aos quartéis, levei o fato ao conhecimento do Conselho, pedindo-lhe instantemente ou a minha demissão ou a de Artichofski.

“De ordinário, ainda sem discórdias civis, já são bastantes os nossos males, e não foi vão o receio de que o inimigo se aproveitasse dessa questão para arrui-

nar-nos, por se haverem enfraquecido membros importantes para o corpo todo inteiro. Assim, demitido Artichofski pelos votos do Supremo Conselho de Justiça, volta para junto de vós a fim de vos referir talvez o que se lhe afigurar especioso e a mim pouco verdadeiro. À vossa prudência cabe ouvir-lhe o arrazoado, com tal que não seja em contumélia minha e se conceda direito igual de defesa. Com a partida dele, haverá paz para o Brasil, e os ânimos dos soldados, movidos destas más artes, obedecerão ao capitão-general com mais reverência e mais igualdade.”

A carta de Artichofski escrita ao ilustre van der Borg, burgomestre de Amsterdã, da qual resultou esta pendência, era do teor seguinte. Como tradutor, apegar-me-ei às suas palavras para não ser tachado, pela liberdade delas, de injusto para com o autor.

“Excelentíssimo Senhor.

Carta de Artichofski ao Sr.
Alberto C. Van der Borg,
diretor da Companhia

“Não imputeis a negligência minha a tardança destas letras, senão à minha saúde desfavorável, a qual me incomoda tanto, prendendo-me no leito e quebrando-me as forças com dores renais, que, após repouso de breve tempo, mal resisto o escrever-vos estas poucas regras.

“Abala-me o sentimento dos males públicos e das queixas de muitos, de sorte que venho derramar estas lágrimas em vosso seio como no de um pai. Antes, porém, de começar a lembrar as misérias da república, direi que é tal a situação do Brasil, que nem somos nós atacados pelo inimigo, nem ele por nós. Com a mira nestas empresas e tentames, mantemo-nos parados, pois nos faltam armas e aparato bélico, embora se haja escrito circunstanciadamente a respeito disto aos diretores da Companhia.

“Acham-se as naus apercebidas sobre as âncoras, com mil homens de armas, prestes para a expedição, com o almirante da esquadra e o tenente-coronel do meu regimento, e entretanto vou dissimulando tal expedição. De feito, só compareço ao Conselho, sendo chamado, e não me é lícito falar senão interrogado. Aguardo as ordens de meus superiores, as quais desejo cumprir como soldado honesto, se disto não fora impedido por me serem retirados diariamente os meios de o fazer. Estas coisas me trazem preocupado dia e noite, apresentam-se-me em sonhos, transformando-se para mim em bífidas e negra peçonha. Esta é a realidade: não mandam os diretores da Companhia reforços para se restaurar o exército; faltam marinheiros, artífices, escreventes, praças de engenharia e outros trabalhadores necessários nos quartéis. Meu regimento é obrigado a suprir a míngua de tudo isso, e, o que mais é, alguns dos meus, dando baixa, ficaram senhores de si, conforme o costume da Companhia; alguns outros foram transferidos para outras companhias, sob outros comandantes, de sorte que do meu regimento saíram até hoje trezentos homens, os quais apontei nominalmente num índice, excetuando os que

se retiraram por doença. Neste ínterim, naus que zarpavam para a Holanda apressaram-me o desejo de escrever.

“Em se me oferecendo ensejo, escreverei acinte ao Conselho dos Dezenove sobre esta matéria. Diariamente sou importunado com a transferência de soldados de minhas companhias para outras e vice-versa. Não posso atalhar tempestivamente este inconveniente pelo súbito das ordens. Em algumas companhias que, ao partirem da Holanda, tinham 150 homens, mal restam 100. E ocorreu isso no próprio momento da minha chegada, antes de se passarem dois meses desde que aportei aqui. Que há de ser no bimestre seguinte ou após o quadriênio? E não se notará acaso nas outras companhias a mesma infelicidade e deficiência das minhas? E esta é tal e tamanha que nem um só dos tenentes-coróneis pode conhecer bem o regimento que lhe cumpre comandar. Notai, peço-vos, em que posição estou aqui, de que autoridade gozo, que atenção me prestam. O conde provê em outros os postos vagos em minhas companhias. E até agora ninguém se encontrou que de mim se aproximasse com o respeito e as continências devidas ou pedisse o meu favor. Nas minhas companhias nem eu nem meus oficiais mandamos, e sim outros, que de freqüente removem os soldados antes de eu saber e poder remediar o mal. Amiúde correm de mão em mão bilhetes e cartinhas procedentes do vice-almirante, dos sargentos-mores ou ainda mesmo dos oficiais de mais baixa categoria e dirigidas não a mim, mas aos meus capitães, destacados para mais longe. Nela ordena o Conde que se despache ora um, ora outro para as naus ou para os serviços náuticos, ou para os trabalhos mecânicos ou para outras companhias. E conseguem-se tais coisas antes de se verificar a autenticidade das ordens. Retiram-se tambores e trombeteiros, substituindo-os por outros. Há muito que o tenente-coronel do meu regimento no Recife está fora de atividade, vivendo descansado e ocioso, afastado da vista e do comando das suas companhias. Estas se acham dispersas pelas guarnições, as distâncias imensas, desde o rio de São Francisco até a Paraíba, numa extensão de cem léguas. Assim, é preciso um mês para eu me inteirar do estado delas. E no entanto, fazem-se novas levas e renova-se a soldadesca, quando todas as companhias poderiam estar alojadas na mesma província, cada uma delas sob as vistas e a disciplina dos seus comandantes gerais, de sorte que, sendo diversas, conhecessem a autoridade de um só. Que de proveitoso poderíeis esperar de soldados assim instruídos e tratados? Com que êxito poderei levar contra o inimigo estas ovelhinhas mais propriamente do que soldados? Certamente para correr o perigo certíssimo de manchar, sem querer e sem culpa, a minha honra, até hoje ilibada.

“Parecerá que digo estas coisas e muitas outras semelhantes contra o Conde e que elas contêm uma queixa. Sendo elas, porém, de pequena importância, admitem fácil emenda, e crê-se que terão fim. Confesso que nunca me queixei francamente delas com o Conde, visto como, por doença, era impedido de o fazer e esperava todos os dias melhor situação.



A. Calhoun
B. Muro e fortificação
C. Fortificação
D. Muro e fortificação
E. Muro e fortificação
F. Muro e fortificação

“Muitos assuntos também ainda não foram sujeitos a deliberação, quanto mais a decisão.

“Desde o princípio, verifiquei ser tal a natureza e o trato do Conde que é preciso não ser bem homem ou ser de péssima estofa quem tiver com ele um dissídio. Provar-lhe-ei a minha obediência, brandura e equanimidade, e jamais acontecerá seja eu acusado de lhe desobedecer. Entretanto, não tange ao Conde, mas aos membros do Supremo Conselho esse enfraquecimento e transtorno das companhias. É realmente coisa lamentável, e em tantos anos não se puderam corrigir estes males. Sirva de exemplo a última expedição a que está em preparo.

“Ouvi ao Conde que no Brasil não se pode proceder por outra forma; que embalde se esperam socorros da Holanda, pois os diretores não levam em conta o que lhes escreve; que não se mandam tropas auxiliares, e que a soldadesca, aí conscrita tumultuariamente em bambochatas e tavernas, pega em armas para matar a fome, entrando na milícia o refugio das cidades, para o qual é maior a necessidade de se comportar mal. Assim, far-se-ia mister aqui, disse ele, um recrutamento mais conveniente, formando-se para a milícia os desconhecedores dela, que nunca tenham visto nem o inimigo nem os acampamentos, que nunca tenham desempenhado nenhum ofício militar.

“São estas as justificativas desse modo de proceder, e não sem plausibilidade. Entretanto, o que se afigura conveniente aos que vivem no Recife é tido por inconveniente pelos dirigentes da milícia, tornando-se improfícuos e fracos os planos de guerra à conta das companhias deficientes, algumas com uns 18, outras com uns 40 homens, e esses sem permanência nem estabilidade, mas errantes e mesclados, trocando cada um sua companhia por outra. Se prouver conservar-se este sistema nas companhias com ele habituadas, deveria ao menos o meu regimento, favorecido com tantos privilégios, escapar dele, conservando-se intacto.

“Logo ao chegar, observando que com tais desacertos se poderia manejar mal esta serra, procurei os conselheiros e perguntei-lhes seriamente se ratificavam a cláusula que contratara com os diretores da Companhia sobre ser-me deixada livre a minha soldadesca. A princípio anuíram, parecendo extravagante controverter-se esse ponto. Logo depois, começando-se a desfaltar meus soldados, quando me preparava para reclamar, responderam-me que eu ainda podia abrir mão de muitos. Desde então, como que rasgado o véu, patenteou-se quais árbitros de minhas coisas encontrara e qual ia ser a situação da minha milícia. A vós, Excelentíssimo Senhor, que tomastes parte saliente naquela assembléia aí na Holanda, na qual era instado para esta província, não vos esquece ter-me recusado e não querer assumir novo compromisso com a Companhia, por causa deste costume inveterado de se administrarem mal as companhias e regimentos. Por isso, pedi a todas e a cada uma das câmaras da Compa-

nhia e aos Estados-Gerais cartas autenticadas para ficar isento destes estorvos, comandando meu regimento, sem ser ele modificado ao nuto e arbítrio de ninguém. Onde a fidelidade ao prometido, onde o respeito sagrado dos contratos? Até que ponto se arruinou a autoridade da Companhia ou dos mesmos Estados-Gerais, se, depois de haver atravessado o Oceano, entre tantos perigos, perderem o vigor e não se observarem os pactos concluídos comigo e jurados à face do Céu? Quando um mercador não aceita uma letra, chamam os holandeses a isto fazer bancarrota. De que expressão usaremos então, se os delegados plenipotenciários não fazem cabedal das cartas e quirógrafos dos seus superiores, autenticados com suas chancelas? Aí tendes o resumo das minhas queixas, certo justíssimas, as quais julguei necessário confiar-vos. Li-lhes isto mesmo. Respondam o que quiserem. Se não procurarem remediar estes males, está de pé o meu propósito de referi-los ao Conselho dos Dezenove e aos Estados-Gerais. O motivo que me impediu a estes queixumes é a minha resolução firme e imutável de cumprir cabalmente os deveres de um bom soldado, ainda que morra, não deixando aviltar-se em mim pela deshonra militar a dignidade deste nome. Não está, porém, em meu poder salvá-la, se tiver de me servir na guerra de uma soldadesca indisciplinada, que desonheço e que me desconhece.

“Ocorre-me ao espírito aquela arte de comandar dos antigos generais. De modo algum seria estranho aplicá-las a estas insignificantes tropas dos nossos. Tendo César tomado Roma, como afluísse para junto de Pompeu na Tessália grande multidão de romanos da ordem eqüestre, prevalecendo ele por soldadesca numerosa e luzida, conta-se que César, não obstante, disse: ‘Partamos contra o General’, dando a entender que considerava apenas nomes os soldados de Pompeu, e antes estorvos do que auxílios de guerra. Entretanto, derrotando-os em Farsália, quando já perseguia as tropas e os veteranos de Pompeu às ordens de Petrônio e de Afrânio, disse: ‘Partamos contra o exército sem general.’

“A tal ponto convém serem os soldados conhecidos do general e este dos soldados. Havendo Aníbal desbaratado, numa carga de cavalaria, a Cipião, pai do Africano, refere-se ter exortado a soldadesca antes do combate com estas palavras: ‘Ide pelejar com um exército desconhecido do seu capitão e que desconhece a este.’

“Quando vim ao Brasil pela segunda vez, comandava somente oito companhias, que, num exército assaz longo da guerra, se acostumaram comigo e eu com elas. Quando entrava em campanha, punha as demais em segundo plano. Intrépido, as opus a dois e a três mil inimigos, com felicíssimo resultado. Agora, tendo às ordens uma soldadesca desaparelhada e lerda, se me é preciso às vezes encontrar-me com as forças adversas, hão-se de procurar esconderijos e proteção para as hostes em debandada. Julgareis quanto destoa isto dos hábitos da Companhia e dos meus brios.

“Tendes aí estes motivos das minhas queixas, as quais me pareceu bem apresentar primeiro a vós, para não serem desprezadas. Reclamo coisas justíssimas, isto é, cumprir-se o prometido, ou mandarem-se para mim outros soldados, ou serem-me restituídos os que foram retirados, ou dar-se-me desculpa de não ter administrado o que deveria. Se não me for concedido alcançar algumas destas pretensões, já não serei para vós outros o mesmo Artichofski que tenho sido. Posso ser enredado por outros dos quais será difícilimo desenredar-me.¹⁰⁹ Resta, porém, um remédio: envolver-me no silêncio e deixar que rodem os interesses públicos.¹¹⁰

“Já antes, sob o generalato de Wardenburch, fui tratado quase de modo idêntico, sem ser empregado nos negócios da milícia, tendo passado quatro anos inteiros entregue aos estudos liberais. Não recusarei gozar, nas mesmas condições, a liberalidade da Companhia, e, ficando-lhe muito obrigado, considerarei esses ócios das Musas e essa vocação das armas o quinhão maior da minha felicidade.”

Aí termina a carta de Artichofski. Em notas marginais, deu-lhe o Conde respostas escritas às pressas e transmitiu-as junto com a dita missiva aos Estados-Gerais. Reuni-las-ei para o leitor sagaz confronte os artigos da acusação com os da defesa, apreciando o vigor de uma e outra e passando a esponja nas nódoas lançadas ao Conde.

“Acaso alguém existe”, disse Nassau, “que acredite haver estado
Resposta do Conde à
 precedente carta de
 Artichofski Artichofski enfermo e pregado na cama, tendo-lhe sido possível, durante a moléstia, assistir à festa de um casamento, ir aos templos e chegar, numa jornada de sete ou oito léguas, até a povoação de S. Lourenço no sertão? Andaria melhor, se cuidasse com mais diligência, durante esse tempo, de cumprir o seu dever, revistando os arsenais das praças vizinhas, pois somente lhe compete pelas suas instruções escrever minuciosamente sobre o estado deles aos diretores da Holanda. Mas *já pouco tem que dizer*, como se calasse grandes e infandas coisas. Se expusesse claramente, uma a uma, as irregularidades que tinha para lançar ao governador, ter-se-ia mostrado homem menos desleal. Agora, para ocupar os crédulos, numa arenga chorosa e tímida, com a suspeita de enormes crimes, deixa suspensos tantos mistérios. Se tem escrúpulo de escrever estes horrendos segredos de nossa dominação, já os teria declarado na Holanda de rosto a rosto. A quem fala procurará qualquer um dar satisfação, mas a quem se cala nem a própria inocência o poderá fazer. Artichofski difama com acusações dissimuladas quem as ignora para enganá-lo com esta aleivosia.

“Não fala verdade, quando se queixa *de lhe ter sido ocultada esta expedição* e de se lhe porem obstáculos para cumprir as suas obrigações de bom militar. Os soldados que retirei das companhias dele, fi-lo por ter necessidade dos mesmos para a expedição, julgando desempenhar o papel de um bom cabo de guerra.

“Nem era Artichofski impedido de se mostrar tal, obedecendo ao general do exército. Se *esperou ordens dos superiores*, não fez mais que sua obrigação. Nada tão justo e tão digno como esperar as ordens dos comandantes. Sem esta disciplina, muitas vezes, pereceram exércitos inteiros: o soldado obedece ao capitão, este ao coronel, e todos ao mesmo tempo reconhecem a autoridade do general. Lamenta que tenha perigado sua boa fama, porque se lhe tiraram soldados, não podendo ele assim atender à utilidade pública. Julguem, porém, os peritos na arte militar, que têm capacidade e poder de conhecerem estes assuntos, se é verossímil periclitar a boa fama de Artichofski, porque o general tira destas ou daquelas tropas uns poucos de homens por necessidade urgente ou por interesse público. Estas coisas *o aflagem dia e noite*, como se os sofrimentos da pátria tocassem unicamente a este Atrida.¹¹¹ Ora vai pregar a outra freguesia!¹¹² Mas, se ele próprio declara da Holanda não se remetem os homens necessários aos quartéis, por que então se zanga de serem esses tais buscados em seu regimento?

“Censura falsamente que tenham obtido baixa trezentos. Esta se concedeu somente a um, que militava sob a bandeira de Nuyssenburg e que havia chegado ao Brasil antes de Artichofski, quando nada nos constava acerca dos pactos por ele concluídos com os diretores da Companhia. Além disso, pôs-se no lugar deste um experimentadíssimo na milícia, que aqui se provara em vários encargos. Só por improbidade e por audácia se pode generalizar um fato singular. Demais, dos trezentos homens de que se queixa de lhe ter sido desfalcado o regimento, cala maldosamente os falecidos durante a viagem para aqui. Dos registros de óbitos consta terem dado baixa em algumas companhias vinte, em outras trinta, não por alvedrio meu, mas do destino. E que condição é esta de um general a quem não é lícito requisitar e escolher um soldado? Não ignora Artichofski os apertos em que nos vemos aqui, sendo compelidos a esses atos, não por veleidade, mas por necessidade, para se queixar, com injustiça, de que toda a disciplina militar decaiu e se arruinou.

“Os sargentos-mores de que fala comandam os corpos que lhes designo, e só durante a expedição, para se aliviar de despesas a Companhia.

“Confesso que se reduz o número das companhias, mas por não ter eu trabalhadores e praças de engenharia que são necessários. Concluída a expedição, voltará cada um para as suas companhias e bandeiras. Aqueles que a morte neste meio-tempo rouba aos comandantes, lancem à conta de Deus e não à minha a sua mortalidade.

“Nego que esteja em desordem a milícia, quer por desmoralização, quer por ambição de honras, quer por imperícia. Se os oficiais negligenciam fazer o que lhes compete, não me cabe tomar a responsabilidade alheia; se alguém me mostra agradecimento, fá-lo a quem o beneficiou. Ora tais benefícios foram feitos antes da chegada de Artichofski, quando ainda não se achava aqui aquele a

quem ele julga se deverem os agradecimentos. Acusa falsamente que outros comandam as suas companhias e não os próprios capitães.

“Quanto aos *bilhetes*, se requisitam soldados já para os serviços náuticos, já para os trabalhos mecânicos, nenhuns circulam que não partam de mim; nenhum procede de almirante, de sargentos estrangeiros ou escritos por oficiais inferiores. Quanto à escolha de cada soldado e à função a ele destinada, não tem folga o general para consultar Artichofski e pedir-lhe o assentimento. E aqui no Recife é dever de todos os coronéis e tenentes-coronéis, a que chamam majores, aguardarem as minhas ordens, que dependem das ocasiões, do lugar e do tempo. Mais desfaçado se mostra, quando nega que *tenente-coronel do seu regimento não é empregado nos negócios da milícia*: nesta mesma expedição que está em apresto, dei-lhe instruções, não por falta de oficiais, mas para fazer esta distinção ao regimento dele.

“Quer Artichofski que o seu regimento fique aquartelado *numa só província*. Mas apelo para todos vós que sois versados em assuntos militares e conheceis as regras do comando: convém alojar regimentos inteiros nas mesmas guarnições? Onde se ajunta uma soldadesca numerosa e vê as suas forças pela certeza da segurança, com facilidade intenta ela uma rebelião, se as coisas não lhe agradam. Muito salutar é ficar ela dispersa em grandes extensões, para não planear uma violência ou uma traição. Além disso, com dificuldade se poderia obter num só lugar alimentação para uma soldadesca excessiva.

“Não há por que se lamente Artichofski a respeito *da instrução dos seus soldados*: não se descuidam os tenentes de instruí-los e formá-los nas artes com que se habilitam para a milícia. Tudo o que pode ocorrer na ordem da batalha ou nos combates tudo isso aprendem nos exercícios campais.

“Logo, em palavras brandas, escusa a quem acusa, como se tivera eu perdido o senso da altivez e da dignidade firme. Se a situação pode ser por mim corrigida e se há esperança de o ser em breve, com que fim levanta ele esses tumultos e essa tempestade? Com que intuito apela para as autoridades da Europa com essas apóstrofes ultramarinas? Louva-me pelo *meu natural e afabilidade*. Isto, porém, é adulação e em verdade estúpida, e assim nem para o meu cavalo, nem para o meu cão invejarei louvores destes, conquanto sejam entes desprovidos de razão e de virtude. Ser louvado por esta forma não dista do vitupério. Calar aquilo que é de um bom general é criminá-lo abertamente. Elogia-me às claras para ferir-me com tais lisonjas.

“Quando diz que *seus regimentos estão sendo desorganizados* e que isto não me toca, mal poderia notar uma pessoa grande¹¹³ quanto me põe a honra a barato. Que há mais desairoso que não pertencer-me o desorganizarem-se-lhe os regimentos, mas ao Conselho Supremo? Quando, primeiro que todos, sou adstrito pela consciência do dever a não permitir que eles se desorganizem e enfraqueçam. E em verdade estou cabalmente persuadido de que esta é também

uma atribuição do Conselho, como provou ele à saciedade na última e na presente expedição. Não é dever só meu, mas também do Conselho Secreto, dos Estados-Gerais e da Companhia Ocidental obedecer às ordens, a não ser que aconselhe o contrário a extrema necessidade da República, mais poderosa que todas as terminações e contratos e até mesmo que o ferro e o bronze. Entretanto os conselheiros não retiraram soldados das companhias, senão com ciência e consentimento meu.

“Os Estados-Gerais e cada uma das câmaras da Companhia *subscreveram as exigências de Artichofski*. Não as devera ele, porém, fazer tão ambiciosa e tão ciosamente, conhecendo as condições do Brasil, onde a necessidade se sobrepõe às instruções, contra as quais é permitido decidir, quando for isto do interesse público. Conforme a apreciação das circunstâncias, necessitam de modificações condizentes com a utilidade geral. Sei que não se deve resistir sem motivo a um superior; mas quando este mesmo periga, quando o Estado periclita, imitarei ao pontífice Corneliano Pisão, o qual, não se apegando servilmente a nenhum parecer, sempre que sobrevinha a necessidade, moderava prudentemente as ordens de seu chefe. Não se segue sempre o mesmo caminho: adaptamos mais do que mudamos as resoluções dos superiores; viramos o Brasil qual uma nau, conforme as tempestades da República, dirigindo-nos todos para um só porto, se bem tomando rumos diferentes. Para que arrastar, odiosa e desprezivelmente, a esta comédia a estima e o acatamento dos Estados-Gerais, como se tivessem resolvido coisas terríveis ao pontentíssimo rei da Espanha e mostram, com suas armas vitoriosas por toda a parte, quanto valem?

“Confere-nos Artichofski o soberbo título de *Delegados plenipotenciários*. Sem injúria nossa nem da verdade, não deveria recusar-nos a qualificação de fidelíssimos servidores da Companhia. Tomamos mais a peito a prosperidade e a incolumidade da Companhia do que esses tais contratos feitos na Holanda, mudáveis segundo a variação das circunstâncias. E não com outro fim ordena ela as medidas mais prudentes, senão para não faltar a nossa prudência, e quer que lhe modifiquemos as prescrições, segundo os ditames da lei suprema – a salvação pública.¹¹⁴

“*Li-lhes isto mesmo*, diz Artichofski, *respondam o que quiserem*. Ouço realmente palavras cruas e desrespeitosas para os superiores, com as quais ele pisa a dignidade daqueles a quem devera obedecer.

“Quando diz que se vê a braços com uma soldadesca indisciplinada, *que o desconhece e é dele desconhecida*, fala palavras ofensivas aos soldados. Em todo o caso pretende parecer que agüenta sozinho todo o peso da guerra e esteia com o seu regimento as terras brasileiras. Considera sombras e nomes os que não se acham sob a sua disciplina. Alega Pompeu, Petréio, Afrânio, Aníbal, sendo ele muito dessemelhante de todos. Blasona de haver resistido a 3.000 inimigos com oito companhias. Mas, se alude ao combate que travou em Porto Calvo com D. Luiz de Rojas e Borja, defrauda de merecida glória

capitães estrenuíssimos, aos quais, coagidos a pugnar sem esperar-lhe a ordem, se deve a vitória. Se, ao contrário, se refere ao cerco do Castelo Real, neste se houve de tal sorte que, na esperança incerta de ferir ao governador, parecia querer gastar toda a provisão de pólvora, se, avisado da minguia dela, não arrefecesse o seu inconsiderado furor.

“De três cousas pede que se lhe conceda uma: ou enviarem-se-lhe outros soldados, ou restituírem-se-lhe os que lhe foram tirados, ou ser dispensado do serviço militar. Demos-lhe tudo. Consenti em que suprissem as faltas das suas companhias com as tropas auxiliares esperadas da Holanda; em que lhe fosse restituída a soldadesca que voltava da expedição, e concordei também no terceiro ponto, porquanto, em virtude de votação igual do Conselho Supremo e do de Justiça, foi-lhe anunciado que aprontasse as malas e partisse para a Holanda.

“Teme não poder mostrar-se à Pátria tal qual se mostrou antes. Permita Deus que, daqui em diante, já não seja o mesmo: gemerá menos, pela ferócia dele e pela matança de inocentes, a desgraçada turba dos goianenses, viúvas e virgens.

“Diz que será consolo seu *envolver-se no silêncio*, como se pelo silêncio dele houvessem de perecer Amiclas¹¹⁵ e todos os batavos.

“Queixa-se de que, sob Wardenburch, foi tratado menos honrosamente. Tal coisa, porém, dita então para contumélia de outros, até hoje tem incomodado ao eminente general Wardenburch, cujos serviços à Companhia reputo superiores aos de Artichofski.

“Enfim, parece congratular-se consigo mesmo pelo seu ócio, não esperando outra ventura que voltar às boas graças com as Musas, desembaraçado das preocupações marciais. Mas o estudante que põe de lado seus estudos e livros costuma ter recompensa de um estudante vadio.”

A estes comentários acrescentou Nassau as seguintes linhas dirigidas aos Estados-Gerais:

“Não quero, entretanto, que julguem Vossas Altas Potências ter sido o motivo da despedida de Artichofski esta sua carta lamentosa, sobre coisas frívolas para vós. Ela se baseia em providências que é necessário tomarem-se aqui, mas, além disso, em acusações falsas e afrontosas. Vi-me constrangido a expor estes fatos aos dois Conselhos, pedindo-lhes a demissão de um ou de outro. Em todo o caso, foi preciso ocorrer aos males que ameaçavam e iam resultar disso, para que não me atinjam em breve os dissabores que sobrevieram a outros homens de bem, e para que, por uma acusação injusta perante os que ignoram a nossa situação, não se manchasse com a nota de infâmia o bom nome adquirido em esforços honestos. Entreguei a questão ao julgamento dos Conselhos Supremo e de Justiça e não receio os sufrágios de quantos quiserem parecer que zelam a própria fama e a da Companhia. Afirmo que doravante ficará a governança mais tranqüila para nós, pois temiam todos fosse ela perturbada por novas tempestades. A experiência alheia nos ensina que pouco proveito se alcança com exércitos cindidos pelas



injustiças e rivalidades e assim era preciso remover as causas destas. Conquanto não apresente eu somente esta causa da partida de Artichofski, ainda assim achei bom comentar, sem mais atento cuidado, esta carta. Quem desejar aprofundá-la mais com o vigor do engenho e deliberar o fel que ressumbra siga o seu gosto.

“Confio que esta sincera confissão da verdade prevalecerá sobre as cegas simpatias de alguns com Artichofski, principalmente entre aqueles que não desconhecem de todo os atos por ele aqui praticados.”¹¹⁶

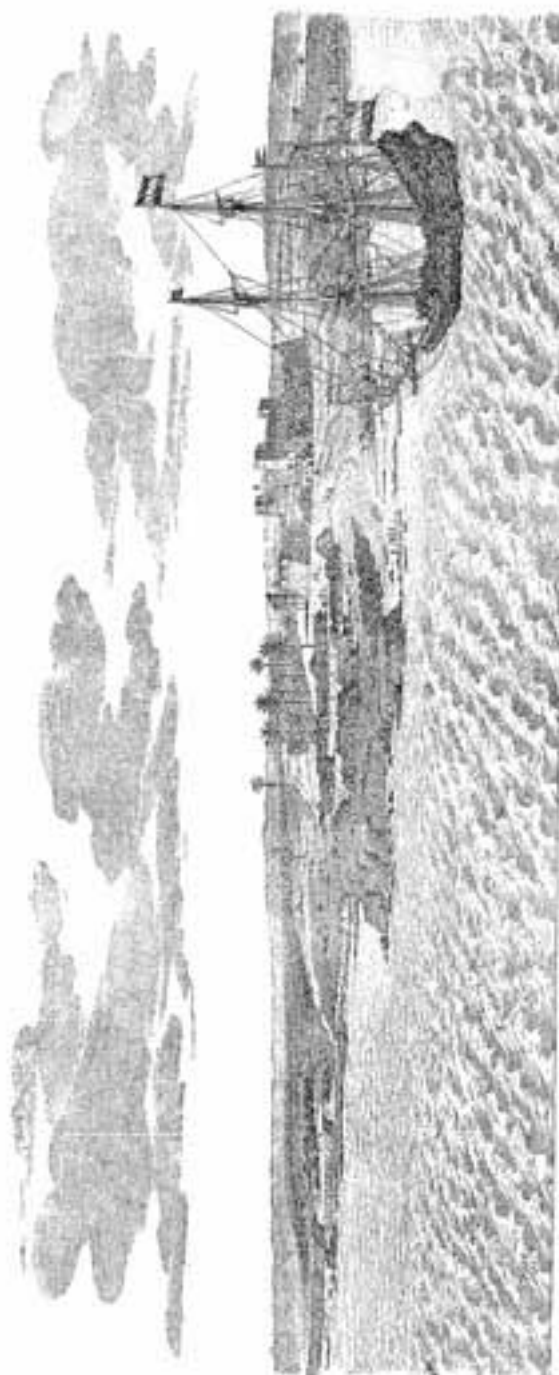
Os conselheiros do Brasil escreveram aos diretores da Companhia na Holanda no mesmo sentido que o Conde, achando que deveria ser lavada, com uma defesa comum, a nódoa de desídia lançada em todos. Diante disso, acreditaram muitos que Artichofski, no pleno gozo de suas faculdades mentais, destruíra, numa só carta, a autoridade assaz ampla e o renome por ele granjeado na guerra americana. E se não fora vergonha exprobrarem-se aos varões eminentes os seus vícios, poder-se-ia crer que Artichofski procedeu mal com o Conde por erro da inteligência ou por paixão.

Referirei aqui os sucessos posteriores para não deixar suspenso o leitor, interrompendo a minha narração.

Regressando Artichofski para a Holanda, apresentou-se inesperadamente perante os Estados-Gerais, o Príncipe de Orange e os diretores da Companhia. Exposto aos vários juízos deles, incorreu na repressão de uns, por causa do seu descomedimento com o Conde, e mereceu a comiseração de outros pelo desprezo e desmoralização em que caiu. Entre o povo, ganhou de alguns crescidos louvores pelo seu inflexível rigor. Os suspicazes, os que costumam profundar os motivos ocultos das coisas e aqueles a quem desagradam todos os atos dos governantes assim pensavam: a origem do mal estava em o terem mandado os diretores da Companhia ao Conde, que exercia no Brasil o comando supremo, dando-lhe como que poderes autônomos sobre a superintendência dos armamentos, a qual devia competir somente a Nassau na qualidade de primeiro chefe militar. A não ser assim, ficaria o Conde com títulos vãos, enfraquecendo a sua autoridade e repartindo com outrem o seu poder. Dizia-se que as verdadeiras leis do comando não sofrem tais competições, nem se harmonizam estas com o nome de generalato; além disso, que não devia ser ordenado a Artichofski a emenda de males que acaso houvessem surgido, mas ao Conde e aos conselheiros; enfim, que se imputava a estes, sem o devido exame, por uma acusação ainda não provada, a culpa de negligência e de má administração. Os censores intrometidos espalhavam em conversas estes e outros comentários. Aqueles, porém, que haviam amadurecido o espírito na honestidade e na prudência (assim somos os mortais agitados pelas ondas das opiniões) diziam consigo isto: nem todos temos sabedoria em todas as horas; ainda os mais sábios podem ser privados do melhor conselho; não poderiam absolutamente ter errado,

Artichofski volta
para a Holanda

É julgado
variamente



L. More.

C. H. van der Meulen.
D. H. van der Meulen.

A. de.
B. de.

por paixão, em sua conjectura e expectativa, homens zelosíssimos do bem público. Por outro lado, entre o vulgo descontente e dicaz, ouvia-se o seguinte contra os diretores: que se mandara Artichofski somente para apear e suplantar o Conde, determinado-lhe uma cousa os diretores e subentendendo-se outra. Tentava-se por estas artes que Nassau, ofendido, abandonasse o comando espontaneamente, por desgosto ou por fraqueza de ânimo. Confiara-se a Artichofski a superintendência dos armamentos para pretexto, devendo atribuir-se-lhe os outros encargos do governo. Não obstante ignorarem os homens tais enredos, todavia proclamava-os o rumor público.

Durante esta pendência, encontrei um exemplo notável e digno de ser imitado pelos pósteros, isto é, ter o Conselho procurado prêmios para as pessoas de egrégias virtudes, já conferindo-os ele próprio, já sugerindo que fossem conferidos pelos diretores da Companhia. Assim, João Koin foi promovido ao posto de coronel, em que antes tinha servido Artichofski. O Conselho Supremo solici-
Elogio de João Koin tou para Koin ao Conselho dos Dezenove um soldo proporcionado à sua patente, além de o elogiar pela sua fidelidade, bravura e perícia militar, porque já se havia ele ilustrado pela fama de muitas expedições e pela recente conquista do Forte da Mina, revelando-se varão de ânimo resolutíssimo para realizar as empresas e desempenhar as ordens súbitas. Subindo, portanto, de posto, merecia maior estipêndio, e havia de guerrear mais animosamente, se, elevando-se na hierarquia militar e no conceito dos diretores, gozasse também de maiores vantagens pecuniárias.

Foram também elogiados pelo Conselho os conselheiros Matias Ceulen
Elogio de Matias Ceulen e de Adriano van der Dussen e Adriano van der Dussen, homens notáveis pela sua habilidade política e administrativa, os quais se achavam prontos para regressar para a Pátria. O primeiro, vindo por duas vezes ao Brasil, prestou aí à Companhia serviços que não se esquecerão. Conduziu vencedor o nosso exército contra Goiana e depois contra a província do Rio Grande, onde expugnou o Forte dos Três Reis Magos, o qual, em honra sua, passou a chamar-se Forte de Ceulen. Quantos serviram nas primeiras guerras brasileiras conhecem a coragem com a qual, em companhia do tenente-coronel Byma, defendeu Recife, em luta contra a violência e os subitâneos assaltos dos inimigos, quando já tinham estes penetrado, sob o comando de D. Martinho Suárez, até as trincheiras, pois aquela praça se resguardava com escassas guarnições.

Não foi menos valoroso João Gisselingh. Pretendendo voltar segunda
Elogio de João Gisselingh vez para a Holanda, estava aguardando a chegada dos novos conselheiros para dar-lhes todos os avisos e informações relativos ao regimento da república. Já anos antes se afamara não só na política, mas também na milícia. De fato, atacara o Castelo Real nos Afogados com fundada, mas balda esperança de o tomar, e em grandes extensões conduziu forças, para o sul, em busca dos engenhos dos portugueses. Marchara também contra a Paraíba e as

terras do Cabo de Santo Agostinho, onde se apoderou do forte do Pontal, que ainda hoje lhe guarda o nome.

O conselheiro Servácio Carpentier, já resolvido a partir Elogio de Servácio Carpentier para a Holanda, igualmente foi enaltecido entre os seus pelos votos de louvor do Conselho Supremo. Tomou ele parte nas expedições contra a Paraíba, o Rio Grande, Cabo de Santo Agostinho, Goiana e terras do Sul.

Pela zelosa administração dos negócios do Brasil, mereceu De van der Dussen também Adriano van der Dussen os agradecimentos públicos. Partiu, pouco depois, da Paraíba, aos 29 de outubro de 1639, e, chegando à Pátria, apresentou aos diretores da Companhia um relatório sobre o Brasil. Não causa fastio o transcrevê-lo, para se ver, numa como síntese, que incrementos tomaram as nossas pequenas possessões, tornando-se de mínima máximas e desafiando, ao mesmo tempo, a inveja e a potência dos inimigos.

Todo o território até hoje conquistado sob os auspícios e pelas armas da Companhia das Índias Ocidentais divide-se em seis províncias: Sergipe d'el-Rei, Pernambuco, Itamaracá, Paraíba, Rio Grande e Ceará. A primeira e as últimas são Relatório sobre o estado do Brasil, apresentado aos diretores da Companhia pelo conselheiro van der Dussen desertas; as demais são cultivadas e mais habitadas pelos holandeses. A expedição do conselheiro Gisselingh e de Sigismundo Schkoppe contra o Sergipe, outrora muito colonizado, o despovoou. Amendrontados pelas nossas armas, refugiaram-se os colonos na baía de Todos os Santos. Por direito de guerra, devastaram os nossos o Sergipe, para que os baianos não fossem ali abastecer-se.

Os portugueses senhoreavam o Ceará, havendo ali número mais reduzido de habitantes. Defendiam-no com um forte pouco resistente. Passando este para o nosso poder, guarneçemo-lo com um presídio de quarenta homens. Não auferimos até agora nenhum lucro ou provento notável do solo, mas os soldados e forças de índios dessa região têm às vezes ajudado os interesses da Companhia.

A província de Pernambuco é a principal, numa posição ameníssima e importante, entre o rio de São Francisco e a ilha de Itamaracá. Essa palavra Pernambuco significa na língua dos índios *pedra furada*,¹¹⁷ a qual se vê Portos da Província de Pernambuco perto da ilha de Itamaracá, banhada embaixo pelas águas. Tem os seguintes portos, surgidouros e enseadas para abrigo dos navios: o *Recife*, não só do lado exterior, onde há um ancoradouro cheio de perigos, como em mar aberto, mas também do lado interior, que, não proceloso, dá mais confiança; o *Cabo de Santo Agostinho*, onde é menor a profundidade do mar e a entrada, assaz estreita, é *impedida* de escolhos; a enseada da ilha de *Santo Aleixo*, onde se abrigam os maiores vasos para reparos, não tendo ela outra utilidade; a baía da *Barra Grande*, larga e cômoda para as embarcações, entre Una e Porto Calvo, na qual se refugiou Bagnuolo e desembarcou a soldadesca, depois de ter travado batalha naval com o almirante Pater; o porto de *Jaraguá*, onde saltou em terra D. Luiz de Rojas e Bor-

ja; o *Porto do Francês* onde desceram os capitães Vidal e Magalhães;¹¹⁸ finalmente *Cururipe*, angra muito celebrada.

Os rios mais importantes são: o das *Jangadas*, *Serinhaém*, o *Formoso*, o de *Rios Porto Calvo*,¹¹⁹ o *Camaragibe*, o de *Santo Antônio*, o de *S. Miguel* e o de *S. Francisco*.

Compreende Pernambuco seis comarcas, das quais Iguaçu é a mais antiga, Olinda a segunda e maior, Serinhaém a terceira, Porto Calvo a quarta, Alagoas a quinta e a do rio de São Francisco a sexta, limite austral da província de Pernambuco.

São cinco as cidades da província: Iguaçu, Olinda, Maurícia, que *Cidades e Povoações* abrange Recife e uma cidade recente na ilha de Antônio Vaz, Bela Ipojuca e Vila Formosa do Serinhaém. As povoações são: Muribeca, S. Lourenço, Santo Antônio, Santo Amaro e outras do tamanho de vilas.

A região é muito montuosa, mas também fértil, mormente nos vales e nas ribeiras dos rios. Produzem fartamente os montes mandioca e outros frutos, e alguns dão canas-de-açúcar, posto que nos vales haja maior abundância delas.

As comarcas supramencionadas se dividem em freguesias, espécie de *Freguesias* comunas, e contam cento e vinte e um engenhos, mas nem todos se *121 engenhos* ocupam atualmente em fabricar açúcar, porque se acham parados muitos deles, por estarem arruinados ou por falta de trabalhadores.

A província de Itamaracá, próxima à de Pernambuco, compreende uma *Itamaracá* só comarca com uma só cidade e um só porto. Embora abrigue este navios no sul da ilha, onde é bastante profundo, todavia não permite que sem risco penetrem mais avante, num canal mais longo, por causa dos bancos incertos. Na outra parte da ilha, assaz fértil, têm engenhos o seu trabalho; uma outra parte é estéril por causa das constantes devastações das formigas, das quais é perseguida *23 engenhos* principalmente esta ilha. Em suas quatro freguesias possui 23 engenhos, mas apenas 14 em atividade. A ilha produz copiosamente melões e frutas semelhantes, e as maiores e mais saborosas uvas de todo o Brasil.

A Paraíba, limítrofe de Itamaracá, ufana-se com o rio do mesmo nome, *Paraíba* o qual, pela sua profundidade, dá vantajoso calado a naus de carga. Não se divide em freguesias, mas em lugares,¹²⁰ e conta 20 engenhos, estando parados *20 engenhos* dois.

Depois desta vem a província do Rio Grande com quatro freguesias. *Rio Grande*. Fica aí vila de Natal,¹²¹ de aspecto triste e acabrunhador pelas suas ruínas, vestígios da guerra. Deu-se permissão aos moradores de edificar nova cidade em lugar mais feraz e em sítio mais vantajoso, na freguesia de *Vila de Natal* Potengi. A légua e meia de Natal vê-se o forte de Ceulen. *Forte de Ceulen*

O nome da província é o mesmo do rio que a banha, capaz das maiores naus. Nela se abrem placidíssimas baías. A região, escassa de habitantes e riso-

nha pelos seus pastios, vive da criação de gado. Com as devastações das últimas guerras, porém, foi este retirado ou morto, sofrendo ela prejuízos com isso. Possuiu dois engenhos somente, um dos quais desapareceu, restando o ^{2 engenhos} outro, de modo que todo o Brasil holandês tem 166 engenhos, dos quais 120 se acham trabalhando, e os mais se vão restaurando anualmente para novos trabalhos. Dificilmente se calcularia com exatidão quanto açúcar produz por ano cada uma das províncias, comarcas e freguesias, em vista da natureza desigual do solo e das diferenças das safras, resultantes ou da temperatura ou da diversidade dos lugares.

Quanto à condição, distinguem-se os habitantes do Bra- ^{Dos habitantes, uns são livres, outros escravos} sil em livres e escravos. Quanto à nacionalidade, são holandeses, portugueses e brasileiros, e os escravos são negros ou africanos, tapuias ou americanos. Dos holandeses uns servem a Companhia das Índias Oci- ^{Holandeses} dentais, vivem outros por conta própria e não estão adstritos a prestar a ninguém serviços temporários. Estes ou chegaram nesta condição ao Brasil ou a obtiveram ali, depois de haverem servido. Vivem todos na condição de colonos, quer tenham dado baixa da milícia ou conseguido sua dispensa de outras funções, e se acham preparados, quando as circunstâncias o exigirem, a seguir para a guerra ou a defender a liberdade conquistada. Os recenseamentos dão o número destes, indicando os que se podem armar para infantaria ou para a cavalaria. Os que foram da Holanda para o Brasil por conta própria, ou são mercadores, ou empregados destes, ou de condição mais humilde como estalajadeiros, vendilhões, sapateiros, tecelões, obreiros. Alguns, enriquecendo-se, compraram engenhos e neles trabalham; outros dão-se ao plantio da cana e à lavoura. A estes se deve o desenvolvimento do Recife, que se cobriu de edifícios tão apinhados e numerosos que são elevadíssimos os seus preços, e estreitíssimos os espaços vagos. Disto resultou que a área aberta e vazia da ilha de Antônio Vaz, vendida em lotes, por alto preço, aos que pretendem construir e já habitada por numerosos cidadãos, impôs ao Conselho a necessidade de ampliar-lhe o perímetro até o forte de Frederico Henrique. Continuam as edificações, a despeito de se haver entibiado o comércio e de estarem há muito suspensos os ânimos dos cidadãos com a fama da armada espanhola. Onde se dissipou este receio, desenvolve-se a atividade da mercância, sobem os preços das mercadorias e cresce o desejo de edificar.

Não seria vã a esperança de que, neste mundo estrangeiro, possa surgir, de tão brilhantes primórdios, outra Tiro, outra Sidônia. Para este fim, resolveu o Conselho ligar por uma ponte o Recife e a ilha de Antônio Vaz. Um pegão de pedra, construído no leito do rio e resistindo ao contínuo embate das águas, dá a amostra e o início da futura obra.

Muito importaria à grandeza do Brasil que os direto- ^{Cumpra estudar com que artes se poderiam atrair colonos para o Brasil} res da Companhia examinassem seriamente com que artes se poderiam atrair colonos para lá, espalhando-os pelos desertos e terras ainda não

cultivadas. Assim se proveria à cultura dos campos, aos proventos do tesouro, ao tráfico, às despesas da milícia e, além disso, à segurança, poder e glória da nascente república. Mas, sendo certo que ninguém ambiciona senão aquilo cujos frutos prevê, não se devem iludir os pretendentes com uma vã jactação de vantagens, pois não lhes poderiam ser doadas as terras vizinhas do mar ou da costa, ocupadas há muito pelos seus possuidores, nem as do sertão pela inópia de vitualhas. Cumpre, portanto, fomentar, com privilégios e concessões, a cobiça dos holandeses, sobretudo daqueles que se animarem a construir novos engenhos e a encetar a plantação de cana. Sabemos ter feito isto o rei da Espanha, o qual concedeu a tais colonos, no primeiro decênio, isenção de impostos, obrigando-os depois, pelo tempo adiante, somente à metade deles. A mudança da situação não consente façam os nossos a mesma coisa, visto como as partes vizinhas do litoral estão ocupadas pelos seus donos, e as mais distantes afastam os novos colonos pela dificuldade de transportes, pelo preço destes e pela carestia de mantimentos. Faz-se, pois, mister imaginar outra negaça para os cobiçosos de lucros e suprir com o engenho a míngua pública. A nossa Holanda é abundante de artífices mercenários: ferreiros, mestres de obras, pedreiros, cinceladores, uma onda de alfaiates e sapateiros, marceneiros, torneiros, vidraceiros, oleiros, canteiros, latoeiros, xaireleiros e tantos outros desta espécie, que poderiam cansar até o loquaz Fábio.¹²² Na Pátria eles se mantêm a custo com o seu mister, julgando cada um que é de pobreza a sua profissão. Se passarem para o Brasil, poderão provocar à inveja a sua antiga fortuna e perceber jornal mais pingue. De feito, em parte nenhuma, não existe trabalho sem salário, nem salário sem trabalho. Em via de regra, o trabalho e o salário muito dessemelhantes em sua natureza, gostam de andar juntos, numa sociedade natural.¹²³

O jornal dos mestres de obras são seis florins e o dos seus ajudantes três ou quatro florins. Os mais elevados são os dos trabalhadores de engenhos. É necessário atrair esses obreiros para na Holanda não serem pesados ao erário público, nem se atirarem como pobres às bolsas dos particulares. É preferível mandar para o Brasil esses a remeter para lá os criminosos, os infamados por suplícios e a maruja de Ulisses.¹²⁴ Isto é familiar aos espanhóis, e a escória de tais perdidos, por eles despachada para o Brasil, produziu progênie mais viciosa, a qual, guardando os vestígios de sua ruim procedência, não faz distinção entre o justo e o injusto. Onde os oficiais mecânicos fizeram um lucrozinho, compram um campinho e interpretam os primeiros favores da fortuna que os afaga como promessa de maior fortuna.

Será muito promissor o estabelecimento de colônias, se se der aos colonos uma habitação garantida; se presidirem à república homens incapazes de fazer agravos aos súditos e de usar despoticamente do poder; se boas leis regularem o comércio. É, porém, pernicioso e desairoso àquela república enviarem-se-lhe indivíduos imperitos de qualquer arte ou mister,

Quando são úteis os colonos e as colônias

porque todo o seu meio de vida está nas tavernas e tascas e, expulsos destas, são compelidos a viver ou do suor alheio, à moda dos zangãos, ou de alguma atividade flagiciosa. São próprios para a colonização três espécies de homens: 1º, aqueles que, providos de cabedais, gostam de aplicar-se à exploração dos engenhos; 2º, os que vivem de um ofício; 3º, os que, depois de terem servido à Companhia, se empenham em beneficiar a nossa possessão, dedicando-se à agricultura.¹²⁵

Três classes de homens
próprios para a
colonização

Para o trabalho dos engenhos e da lavoura são necessários negros, que se têm de comprar, porquanto os nossos patrícios levados para o Brasil, ainda mesmo que tenham o corpo muito exercitado, não toleram essas tarefas, por enervar ainda os mais fortes ou a mudança do clima ou da alimentação, gerando neles imperceptivelmente a preguiça e o torpor, de modo que a desídia, a princípio odiada, começa por fim a ser-lhes agradável. Esta fraqueza não se verifica só no homem, mas também em algumas cousas da Europa, ainda mesmo inanimadas, como o ferro, o aço, o latão, e tanto mais em seres corruptíveis e putrescíveis.

Dos holandeses que se dedicaram ao granjeio da lavoura e dos engenhos muitos recobram a riqueza antiga, de sorte que se pode esperar com fundamento alcance o Brasil, em poucos anos, a importância que teve sob o rei. Já sobe o preço do açúcar, que se manteve baixo por muito tempo.

Os portugueses (esta é a segunda categoria dos habitantes) ou se estabeleceram no Brasil há muitos anos atrás, sob o domínio dos seus compatriotas, ou então, pertencendo à seita judaica, transmigraram recentemente da Holanda para ali. Compram terras e engenhos e os exploram com diligência. Os mais deles habitam no Recife e forcejam por dominar quase todo o comércio. Outrora, foram na maioria senhores de engenhos e hoje compram aqueles cujos donos fugiram em consequência das guerras. Têm eles os seus trabalhadores, que plantam cana e fabricam açúcar, tarefa até hoje negada aos nossos patrícios, por lhes faltar perícia de temperá-lo e de purgá-lo, embora sejam capacíssimos noutras artes. Entretanto, não toleram também os portugueses esses afãs ordenando-os aos negros, mais aptos para ser mandados do que para trabalhar. A maioria dos portugueses nos são infensos, mantendo-se quietos só pelo terror, mas, apresentando-se-lhes ensejo, mostram-se contra nós desaforados e descomedidos em palavras. Antepõem a sua vantagem à boa fama e à lealdade; ocultam contra nós a sua cobiça e os seus ódios, e assim temos esses inimigos dentro das nossas muralhas, no próprio coração das cidades e dos povoados.

Portugueses

Os brasileiros, povo antigo, indígenas e senhores do país, não se mesclam aos portugueses, mas vivem deles segregados em suas aldeias, habitando casas cobertas de folhas, de forma oblonga,¹²⁶ sem decência nem beleza. O mesmo teto abriga quarenta ou cinquenta deles. Noite e dia conservam-se deitados em leitos suspensos à maneira de redes (chamam-lhes *hamacas*),¹²⁷ sem nenhuma separação de paredes. Sem fazer caso de qualquer alfaia,

Índios livres

exceto essas redes e copos de beber, a que dão o nome de *cabaças*,¹²⁸ e uns potes de barro, julgam supérfluo possuir qualquer outro traste. Todo o seu apresto bélico são setas e arcos. Cada habitação tem ao redor seu mandiocal e seu feijoal. Esses indígenas, quando não travam guerras, passam muito tempo na caça e maior ainda na ociosidade. Gostam menos dos frutos plantados que dos silvestres e nativos. Matam a fome sem manjares delicados,¹²⁹ mas não mostram a mesma temperança quando à sede, porque para eles é menos vergonhoso atravessar o dia e a noite bebendo. De raízes de mandioca esmagadas nos dentes e dissolvidas na água preparam uma bebida, deixando-as azedar, e uma outra dos tubérculos da taioba,¹³⁰ conforme a estação do ano.

Vivem dia por dia descuidosos do trabalho e solícitos somente com a bebida e com os panos de que fazem para as mulheres camisas e para si uma vestimenta exterior. Não se importam com dinheiro, a não ser para comprarem vinho espanhol e aguardente.¹³¹ Alentados pela promessa e esperança destas coisas, suportam alegres quaisquer labores, e sem elas os toleram de mau grado e um tanto tristes.

Põem à frente de cada uma de suas aldeias um chefe, mais para exemplo e admiração do que para mandar. Designam um principal para cada uma das casas, ao qual obedecem espontaneamente, aprendendo da natureza que não se pode reger uma multidão sem a concórdia entre governantes e governados.¹³² Além disso, a cada uma das aldeias preside um capitão holandês, que tem por ofício avisar dos trabalhos os preguiçosos e os tardos, e acautelar que não sejam fraudados por 20 dias seguidos, transcorridos os quais dificilmente seriam persuadidos a novos, e não esperam o pagamento, mas, incrédulos de receber a soldada, exigem-na antes de executarem a sua tarefa. Daí resulta que, fugindo, enganam os senhores de engenho. As mais das vezes se ocupam em cortar madeira para uso dos engenhos. Hoje, porém, pela escassez e carestia dos negros, são empregados também noutros afãs, e, não os sabendo, antes querem fugir perfidamente que fatigar-se com o trabalho. Muito inclinados à guerra, temem procurar com o suor o que preferem procurar com o sangue, não tendo nenhum escrúpulo de desertar de suas parcialidades e bandeiras. Sempre que se fazem levar nas aldeias, escapolem-se antes de ser intimados. Sujeitam-se com dificuldade à mesma disciplina dos nossos, recebendo soldo menor. São terríveis para os inimigos, não tanto pela força quanto pela fama de ferocidade. Perseguem acérrima e ferozmente aos fugitivos. A ninguém perdoam a vida.

Muito remissos em matéria de religião, aprenderam com os católicos as orações cristãs, a Oração Dominical e o Símbolo dos Apóstolos, ignorando tudo mais. O predicante Davílio, para instruir aquela gente ignorante nas coisas divinas, aprendeu-lhe a língua, fixou-se no meio de suas aldeias, ensinou a infância, arrancou-os ao paganismo com o santo batismo da Igreja Reformada e casou-os segundo o nosso rito. Atualmente, nas aldeias de Alagoas, Una, S. Miguel, Goiana, Paraíba e Rio Grande, poder-se-ão achar 1.923

Zelo do predicante
Davílio para converter o gentio



E. Cuyfius.
F. de Vries.

G. van der Meer.
D. J. de Vries.

A. Cuyfius.
D. J. de Vries.

homens idôneos para a guerra, sendo mais do triplo o número das mulheres. Dos homens poderão separar-se 1.000 para a milícia, deixando-se aos velhos o cuidado das famílias. É comum irem as mulheres com os maridos para a guerra, dispondo-se para a mesma sorte deles, tanto de vida como de morte.

Dos escravos uns são índios, outros africanos e outros trazidos do Maranhão. Já antes compraram os portugueses escravos índios cativados pelos tapuias, ou reduziram à escravidão, por se terem aliado a nós, os que abandonara, na baía da Traição, o almirante Balduino Henrique. Todos foram já libertados. Os maranhenses comprados como escravos pelos portugueses aos seus cativadores, mantivemo-los no estado servil, por não lhes devermos nenhum benefício. A terceira classe de escravos são os africanos, dos quais são os angolas os mais trabalhadores. Os ardras, muito preguiçosos, teimosos e estúpidos, têm horror ao trabalho, com exceção de pouquíssimos, que são mais caros por tolerantíssimos do serviço. Os de Calabar têm pouco valor em razão de sua preguiça, estupidéz e negligência. Os negros da Guiné, os da Serra Leoa e os do Cabo Verde são menos próprios para escravidão, porém mais polidos, mostrando gosto para a elegância e para os enfeites, principalmente as mulheres. Empregam-nos por isso os portugueses nos serviços domésticos. Os do Congo e do Sonho são os mais aptos para os trabalhos, de sorte que é do interesse da Companhia tomar em conta o tráfico destes, unindo-se por laços de amizade os condes do Congo e do Sonho.¹³³

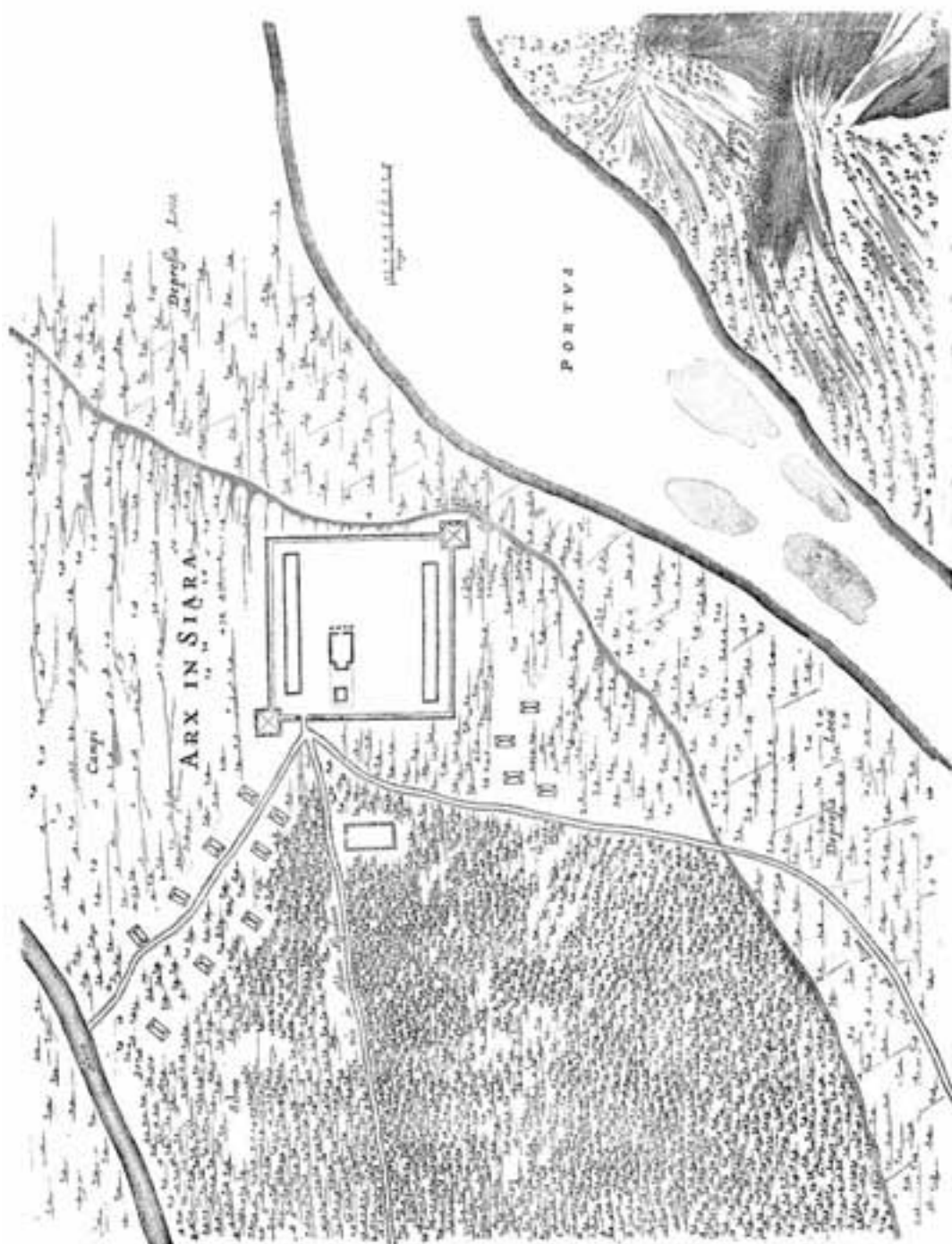
Os produtos do Brasil são açúcar, madeiras tinturiais e outras cores variadas, tabaco, couros de boi e doces. Desde que se pratique a respectiva cultura, é bastante fértil de algodão e da tinta cor de laranja que se chama orelana.¹³⁴

Deter-me-ei mais um pouco em referir o supramencionado processo de fabricar-se o açúcar.¹³⁵ No açúcar combinam-se admiravelmente a natureza, a arte e o trabalho. A natureza, por benefício do solo e do céu, elabora um sumo oculto da cana, o qual se aperfeiçoa com várias operações.

Planta-se um canavial metendo na terra pedaços de cana, e ele basta para produzir açúcar durante uma vida humana. Intercalam-se novas entre as mortas, a menos que uma seca excessiva queime os campos, ou as águas estagnadas dos rios cortem-lhes as raízes com o frio. É necessário limpar o canavial, porque, não o fazendo, as canas ainda muito tenras ficam abafadas nas ervas e produzem um açúcar menos apreciável e de cor pior.

As canas cortadas levam-se em carros para os engenhos, onde, depois de várias manipulações em compartimentos e vasilhas diversas, o açúcar se cristaliza em diversas formas e qualidades.

O sertão do Brasil, a dez ou doze léguas da costa, produz pau-brasil, não em matas inteiras e cerradas, mas esparsamente, de mistura com outras árvores. Ocupam-se os negros em cortá-lo nas suas folgas e nas horas vagas. Tiram-lhe a casca mais grossa, que não é propriamente vermelha, mas branca,



com três dedos de espessura, nodosa, áspera, nem leve, nem glabra. A árvore é frondosa, com folhas miúdas e muito agudas, verde-escuras, as quais pendem, umas após outras, de ramozinhos delgados. Diz-se que esta árvore não dá nem flor, nem fruto, de modo que é verossímil propagar-se pelas raízes.

A mercadoria mais cobiçada pelos índios é o pano de linho, não o de Ruão, mas o de Osnabrück; porquanto alguns mercadores, seduzidos pelos lucros que auferiam do linho de Ruão, importaram-no, assim como o de Steinfurt, em tal cópia que, pela sua afluência, não se podem vender a retalho. Os panos de cores não alteram o seu valor, e este é elevado. Mantêm-se os preços antigos para o latão, estanho, vinhos, cerveja, azeite, manteiga, queijo, farinha, peixes secos, toucinho, presunto, carnes defumadas. É menor o preço das salmoiras, favas, ervilhas e outros legumes.

Voltando aos habitantes do Brasil, acha-se o governador Nassau de boa saúde, com o ânimo firme e empenhado em promover as conveniências e vantagens da Companhia. Os conselheiros Matias Ceulen e Gisselingh, assim como o assessor Servácio Carpentier, tendo já prestado longos serviços, pedem demissão para que, forçados a continuar nas suas funções, não se entibiem por cansaço, degenerando das virtudes antigas por desfalecimento da alma.

O Conselho de Justiça, até aqui constituído de nove membros, já se reduziu a sete por morte de Hogeveen e pela partida de I. Bodecker. Dele estão fazendo parte Elias Herckmann, Nono Olferd, Baltasar van der Voord, Pedro Mortemmer, Gisberto de Witt, Pedro Bass, e Daniel Alberti. Olferd está à frente das terras do São Francisco e das Alagoas; Pedro Bass das de Porto Calvo e Serinhaém; Daniel Alberti e Mortemmer respectivamente da Paraíba e de Itamaracá, de maneira que ali nos achamos reduzidos a um triunvirato. Herckmann e van der Voord, encarregados da Fazenda Pública e do pagamento da milícia, estão desviados da administração da justiça, sendo, pois, absolutamente necessários novos conselheiros e ministros judiciários para preencherem o novenvirato e ampararem a república com os conselhos dos magistrados.¹³⁶ Nós vos indicamos para assumirem esse lugar e dignidade o fiscal Jacó Aldrich, o médico Guilherme Piso e Teodósio Kaiser,¹³⁷ em favor dos quais falam a sua virtude, fidelidade e diligência.

No Recife administram o culto Frederico Vesselero, Pedro Lantman e Francisco Plante, pregador da corte, varões conceituadíssimos assim pelas suas virtudes como pela ciência eclesiástica. Em Olinda e nas aldeias dos índios Joaquim Sollero e I. Polhêmio falam ao povo nas línguas francesa e portuguesa, e em Itamaracá faz o mesmo Cornélio Poélio. Na Paraíba o inglês Samuel Rathelário começa a pregar para os holandeses. O predicator holandês Davi Dorislaer empreendeu falar aos índios, nas suas aldeias, usando a língua deles e a portuguesa. No cabo de Santo Agostinho desempenha essa função

Membros do Conselho
Político

Predicantes mais
notáveis

João Stetino e em Serinhaém João Eduardo.¹³⁸ Assim, os homens da nossa fé já pregam também a Cristo entre os gentios, apesar de ser para estes uma loucura,¹³⁹ e participam daquela glória de espalharem nas terras estrangeiras a luz do Evangelho, glória que os católicos romanos reclamavam só para si. Estão privados de tais predicantes os moradores do Rio Grande, de Porto Calvo e do Penedo, que se contentam apenas com os consoladores de enfermos. Não é melhor a sorte dos habitantes do Cabo Santo Antônio, de Capiguaribe e Goiana, onde são muito numerosos os holandeses, a quem os portugueses, por isso mesmo, exprobram, como a irreligiosos e profanos, o descaso do culto.

É libérrimo aos papistas o exercício de sua religião, ainda que Papistas não sem pesar e murmurações de alguns. Dos eclesiásticos uns são clérigos, outros frades. Clérigos chamo aos presbíteros e sacerdotes, que, sujeitos Clérigos aos seus vigários, celebram missa e assistem aos enfermos.

Os frades, segundo a ordem a que pertencem, distinguem-se Frades em franciscanos, carmelitas e beneditinos. O maior número é o dos franciscanos. Vivem em seis conventos de belíssima arquitetura: o primeiro é o de Frederica; o segundo, o de Iguaçu,¹⁴⁰ o terceiro, o de Olinda; o quarto, o de Ipojuca; o quinto, o da ilha de Antônio Vaz, e o sexto, o de Serinhaém. Não possuem Convento dos franciscanos os franciscanos nenhum bem de raiz, nenhuma casa, sustentando-se com as esmolas cotidianas que recebem.

Os conventos dos carmelitas são o da Paraíba, o de Frederica Dos carmelitas e o de Olinda. As obras deste último, encetadas com magnificência e ainda não rematadas, acham-se interrompidas. Eles se mantêm com os módicos réditos que tiram de testamentos, construção de casas e lavouras.

Possuem os beneditinos dois mosteiros, um em Frederica Dos beneditinos e o outro em Olinda. Têm lavouras na Paraíba, sendo ricos de gados, casas e canaviais. A eles pertence o engenho chamado Maçurepe em Pernanbuco.

A maioria dos judeus foram da Holanda para o Brasil. Judeus Alguns de nacionalidade portuguesa simularam a fé cristã sob o domínio do rei da Espanha. Agora, livres do rigor papista,¹⁴¹ associam-se abertamente aos judeus, sob um dominador mais indulgente, prova evidente de que, pelo terror, se provoca a hipocrisia e se criam adoradores da realeza, mas não de Deus. Ostentando com bastante audácia a sua religião e os seus ritos, queixando-se os papistas no reino alheio, clamando os nossos, sequazes da Reforma, que saíram da Pátria, onde se permitem as sinagogas, conservaram eles, depois de avisados pelos conselheiros, o culto de Moisés e as cerimônias judaicas mais às ocultas.¹⁴²

É muito tênue a esperança de conversão dos papistas, pela sua inveterada opinião de verdade, a qual dificilmente se lhes arrancaria, pois julgam que de-

vem guardar a religião e as cerimônias recebidas dos seus maiores e que seria abominável abandoná-las.

Temos só um predicante que pode falar-lhes em português, mas nem um só papista, que deseje ouvi-los. Obstinados pelos conselhos dos seus padres, a quem dão lucros, e presos pela superstição, fizeram-se surdos à voz dos nossos. Preferem as velharias retumbantes às novidades, e antes querem uma religião esplendorosa e ornada que uma menos brilhante e vistosa.

Poderíamos instilar na infância os nossos preceitos, antes de estarem os espíritos imbuídos de outras doutrinas; mas os próprios portugueses a instruem entre as paredes privadas e, com prematura solicitude, gravam nessas tabuinhas rasas os seus ensinamentos.

O alimento dos naturais é farinha, frutos vários e hortalças. Preparam aquela com as raízes da mandioca. Esta apresenta ramos de nove folhas alternas, semelhantes ao cinco-em-rama ou pentaflão, à maneira de dedos. Não dá flores nem sementes. O caule lenhoso deita varas lenhosas.¹⁴³ Em montezinhos de terra de 3 ou 4 pés de diâmetro, metem-se três ou quatro pedaços dessas varas,¹⁴⁴ deixando-se fora da terra até o meio. Formam-se e distribuem-se esses montinhos por espaçossíssimos campos. Essas varas lançam raízes debaixo do solo, das quais nascem e se multiplicam ramificações subterrâneas e radiformes, da grossura de um braço e às vezes de um côvado de comprimento, conforme a qualidade do terreno. As raízes que os holandeses chamam doces,¹⁴⁵ posto de grossura diferente da mandioca, brotam fora da terra, em 2 ou 3 rebentos, os quais, tornando-se lenhosos no oitavo, décimo ou duodécimo mês, servem de semente. A mandioca difere das nossas plantas só nisto: nada sai do fruto da mandioca para sua propagação e nas nossas o fruto é que gera as sementes, pelas quais se reproduzem. É a mandioca um alimento bastante forte e mais agradável do que o pão para os portugueses, índios e negros e até para os nossos soldados.

É imensa no Brasil a multidão dos animais silvestres e mansos.¹⁴⁶

“Neste número, para referir poucos, entram PORCOS SELVAGENS,¹⁴⁷ animais anfibios e de carne saborosa e saudável. Caminhando com patas de comprimento desigual, pois as dianteiras são mais curtas que as traseiras, andam devagar, e acossados pelos caçadores mergulham, quando podem, nas águas próximas.

As ANTAS lembram mulas,¹⁴⁸ mas têm porte menor. A boca é mais estreita, o beijo inferior oblongo à semelhança de tuba, as orelhas redondas, a cauda curta e o resto do corpo de cor cinzenta. Fogem da luz e só de noite vagueiam em busca de alimento. Em amanhecendo, escondem-se em tocas. A carne é quase do mesmo sabor que a da vaca. Os animais chamados CUTIAS¹⁴⁹ na língua do gentio são do tamanho de coelhos ou menores e quase sem cauda. As maiores denominam-se PACAS¹⁵⁰ e pouco diferem dos gatos na cara, de pêlo pardo

Para agrado do leitor, inseri, no relatório de Van der Dussen, esta enumeração mais extensa

sarapintado de branco. São tidas entre os manjares delicadas por causa da carne assaz deliciosa.

Há também os TATUS,¹⁵¹ do tamanho de leitões, com o coiro como que revestido de escamas, parecendo uma coiraça. Dele deixam sair a cabeça como tartarugas. A carne, grata ao paladar, reserva-se para os banquetes requintados.

Existe ainda no Brasil grande abundância de tigres terríveis para os indígenas pela ferocidade, que a fome exaspera, e pela agilidade.

Os SERIGÜÉS,¹⁵² do porte de uma raposa, mostram na barriga uma coisa insólita e curiosa: dela pendem duas como bolsas, onde carregam os filhos agarrados às tetas com tão forte sucção que não as deixam, antes de poderem, já mais crescidos, correr para buscarem comida por si.

Merece também admirado o animal a que chamam os portugueses PREGUIÇA por trepar às árvores e delas descer lentamente, o que fazem a custo em quatro dias.¹⁵³

É também raro o gênero dos TAMANDUÁS,¹⁵⁴ parecidos com carneiro, focinho comprido e fino, unhas longas e largas. Alimentam-se de formigas,¹⁵⁵ em cujos formigueiros, onde os descobrem, cavando com as unhas, metem a língua e a recolhem coberta de enxames de formigas que engolem. Têm como esquilos uma cauda comprida e coberta de sedas, e sob ela se encobrem, sem nada aparecer do resto do corpo.¹⁵⁶

Os JAGUARETÊS¹⁵⁷ onça em português, são tigres negros.

Os COATÁS,¹⁵⁸ de cor arruivada e cauda longa, deitam um cheiro almiscarado. O TEIÚ¹⁵⁹ é lagarto grande, de cores variadas.

BOIGUAÇU,¹⁶⁰ cobra muito grande e versicolor.

BOICININGA,¹⁶¹ em português cascavel, serpente venenosa, que avisa ao homem da sua chegada com sua cauda bastante longa e com um chocalho. BOIOBI¹⁶² ou cobra verde.

Os CORIGÕES são os serigüés de que já se falou.

Das aves encontram-se as espécies seguintes:

O TUCANO,¹⁶³ do tamanho da pega, com o peito amarelo e o resto Espécies de aves do corpo preto, o bico grande e longo, mas leve, aloirado por fora e vermelho por dentro. O GUARÁ,¹⁶⁴ todo de um vermelho alegre. Os PIRETA-GUARÁS,¹⁶⁵ que deleitam pelo verde extraordinário da plumagem. Os PAPAGAIOS, bastante conhecidos. A ARARA, de cor vermelha e azul. Chamam-lhe corvo do Brasil, e ela se avantajava no tamanho e na beleza às outras aves.¹⁶⁶ O AVESTRUZ¹⁶⁷ AMERICANO, menor do que o africano.

Não são apenas estes e outros animais selvagens que se encontram no Brasil; mas também lá se reproduzem com singular fecundidade manadas de gado miúdo e de cavalos, que outrora levaram os portugueses para lá.¹⁶⁸ Acham-se cavalos do melhor sangue e do maior preço, que os angolenses compram em grande número.¹⁶⁹ Há também densíssimos rebanhos de ovelhas. Possuem não poucos quinhentos touros ou vacas, e alguns mil, principalmente nos campos de PIRATININGA, onde as pastagens verdejam férteis e viçosas. É incrível a quantidade de porcos, cuja carne é de tal excelên-

cia que serve de remédio e alimento para os enfermos.¹⁷⁰ É sem número o número das galinhas,¹⁷¹ em razão do clima temperado. São avidamente procuradas tanto pelos índios quanto pelos portugueses, e criam com grande cuidado. Produz a região gansos maiores e melhores que os da Europa.¹⁷² São as ovelhas de gordura pouco apreciada e para os nossos piores no gosto.¹⁷³

O mar é piscosíssimo, e os rios são célebres pela variedade de peixes.

O OLHO-DE-BOI,¹⁷⁴ peixe marinho, tem este nome por ter os olhos semelhantes aos do boi. Com tal palavra costuma Homero designar Juno.¹⁷⁵ Esse peixe iguala no tamanho os atuns da Espanha, e é tão gordo que os índios preparam da sua enxúdia um óleo semelhante à manteiga. Entre os peixes principais se inclui o CAMURUPI, de ótimo sabor; eriçado de espinhas, uma das quais traz no dorso.¹⁷⁶ O PIRAMBA ronca à maneira de quem ressona. Mede oito ou nove palmos de comprimento, é muito apreciado e de agradabilíssimo sabor. Tem dentro da boca duas pedrinhas, com cujo atrito esmói os moluscos de que se nutre. Os índios suspendem essas pedrinhas ao pescoço como colares.¹⁷⁷ Encontra-se no Brasil larga cópia do BETUPIRÁ,¹⁷⁸ semelhante ao esturjão de Portugal. É de forma redonda, de dorso negro e ventre branco. Há também peixes conhecidos aos mares da Europa, como os chamados TAINHAS pelos portugueses, muito salutar contra mordedura de cobra, e vários gêneros de CARPAS, denominadas pelos portugueses PARGOS e SARGOS, espécie de sardas, e mais RAIAS, AGULHAS e outros.

São excelentes também os DOURADOS, a quem chamam os índios GUARACAPEMAS.¹⁷⁹

O ARAGUAGUÁ é um peixe com o focinho armado de espada.¹⁸⁰ GUAPERVA, ENXARROCO,¹⁸¹ também dito PEIXE-PORCO, inteiramente eriçado de espinhos.

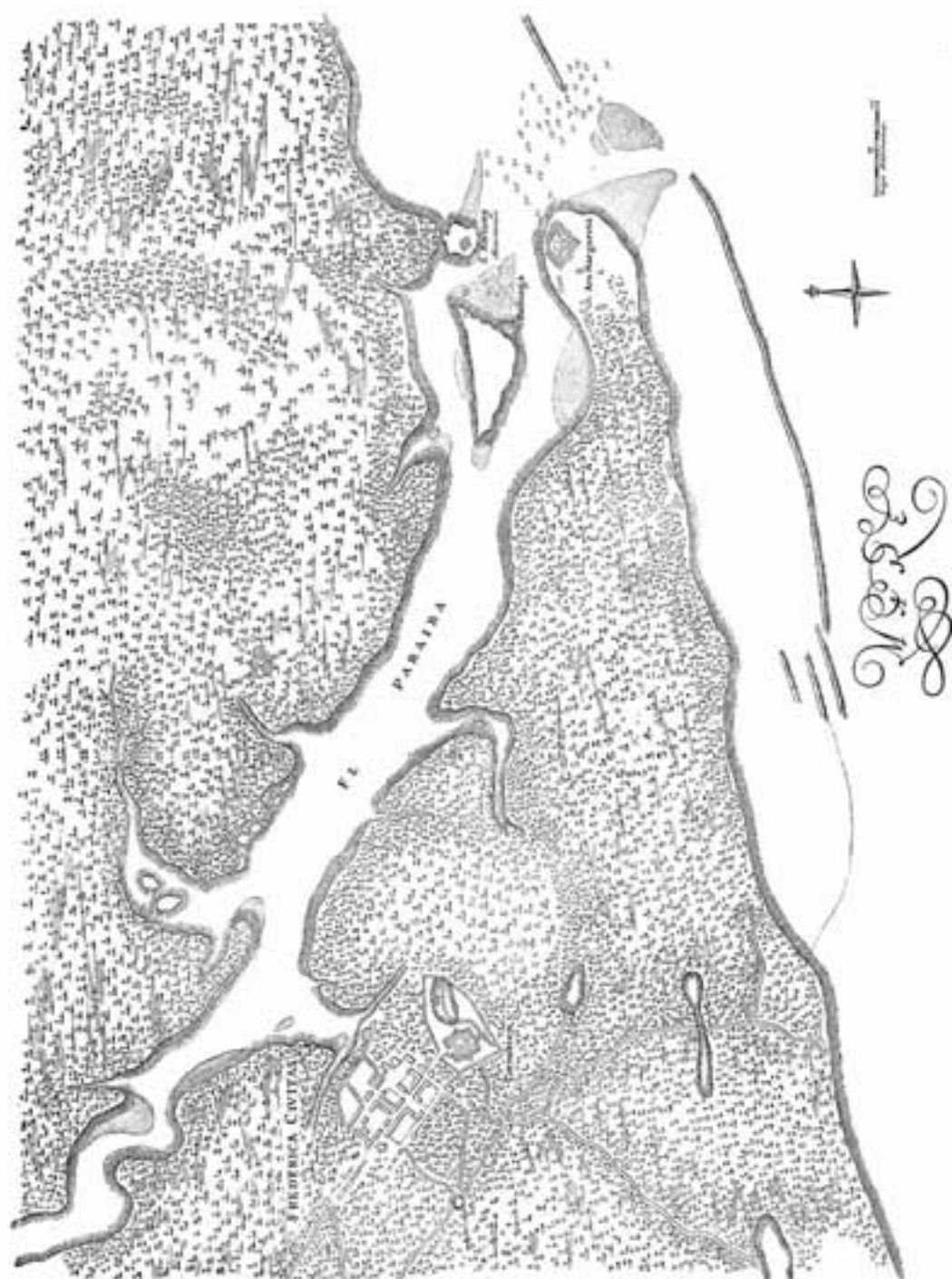
O QUACACUJÁ, morcego aquático.¹⁸² NHANDUGUAÇU, aranha muito grande.¹⁸³

Há nas praias abundância de tartarugas de grande porte, que põem na areia ovos semelhantes aos de galinha, redondos brancos, recobertos de casaca resistente.

Os TUBARÕES.¹⁸⁴ são os mais cruéis dos peixes, funestos a quem nada. Têm para companheiros uns peixes furtacores, que os portugueses denominam ROMEROS. Armam os índios as suas setas com os dentes deles por serem muito agudos e letalmente venenosos.

Há também os PEIXES-VOADORES, nos quais é lindíssimo o brilho dos olhos, que fulguram como pedraria. As asas, tais quais as dos morcegos, são implumes e de cor prateada. Quando fogem do peixe inimigo, defendem-se voando fora da água e muitas vezes precipitam-se nos navios, o que é bom agouro, segundo pensam os marujos.¹⁸⁵ Acredita-se existir também nestas partes o torpedo, a quem chamam os índios PORQUÊ, porque produz torpor nos membros, e, quando alguém nele toca, ainda mesmo com um pau, fica-lhe o braço dormente.¹⁸⁶ Matando-se perde a peçonha e come-se.

Além disso, maravilham mais os Tritões, denominados pelos indígenas
Para outros, “peixe-mulher” *IPUPLARAS,¹⁸⁷ visto como lembram em alguma coisa o semblante humano, mostrando as fêmeas uma cabeleira comprida e um aspecto mais gracioso. Vêem-se a sete ou oito léguas da baía de Todos os Santos, bem como nas proximidades de Porto Seguro. Crê-se que matam os homens, apertando-os com seu abraço, não de propósito, mas*



por afeto. Os cadáveres lançados à costa ficam mutilados nos olhos, no nariz e nas pontas dos dedos, tornando-se verossímil que fiquem assim com a sucção e mordedura desses monstros.

Nestes mares superabundam as sibas,¹⁸⁸ cujo o sangue é uma tinta preta, assim como os lulas¹⁸⁹ e grandes urtigas.¹⁹⁰ É também vasta a cópia de ostras e de outros testáceos.

Os índios servem-se das conchas dos mexilhões como de colheres e facas.¹⁹¹ Os búzios e pentes¹⁹² rivalizam na boniteza e deleitam os olhos.

Das aves marinhas umas são dignas de menção pelo alongamento do bico, outras
Aves marinhas *pela cauda de forma bifurcada, umas tantas pelo mal da epilepsia, tais pela variedade das cores e algumas pela incapacidade de voarem.*

Já foram levados para o Brasil melões, pepinos, granadas, figos, produzindo estes duas e três vezes ao ano, sendo também a região abundante de várias frutas medicinais, de arroz, milho e muitas sortes de legumes.

As árvores mais notáveis próprias da terra são: a COPAÍBA,¹⁹³ de cuja casca, cortada
Árvores e outras plantas *durante o estio, mana um liquido de cheiro suavíssimo, a modo do bálsamo, o qual tem a maravilhosa propriedade de curar as feridas e tirar as cicatrizes. Vêem-se estas plantas esfoladas pelo atrito dos animais, que, ofendidos pelas cobras, procuram instintivamente este remédio da natureza.*

A CABUREIRA verte também fragrantíssimo bálsamo.¹⁹⁴

A ICICARIBA,¹⁹⁵ que dá a goma elemi; a ITAÍBA,¹⁹⁶ cuja resina é chamada anime pelos portugueses, de cheiro muito agradável e de grande utilidade; o ANDÁ,¹⁹⁷ que produz castanhas catárticas; a MUCUITAÍBA, em português PAU-SANTO;¹⁹⁸ ANHUIBAPEAPIJÁ, sassafrás;¹⁹⁹ CAJUCATINGA ou cedro brasileiro;²⁰⁰ o ACAJU,²⁰¹ a primeira árvore frutífera do Brasil; o JENIPAPO,²⁰² com cujo suco se pintam os naturais. Acrescenta-se a MANDIOCA, da qual já se fez menção acima, e além disso, as árvores chamadas SAPUCALAS,²⁰³ em extremo altas. Produzem uns cálices duríssimos semelhantes a uma caixa, com a boca voltada para a terra e cobertos com uma tampa por maravilhosos artifício da natureza. Neles se contém castanhas de bom sabor. Quando elas estão maduras, abrindo-se a tampa, caem e ministram alimento aos ávidos mortais. Seria, porém, longo enumerar estas e outras produções do Brasil.”

Não faltam madeiras de construção, e estas resistentes e duradouras,
Continua van der Dussen *próprias também para fabricação de navios e pouco penetráveis às águas. Carece o país todo de obreiros de cordas de cânhamo e de pez, mas não de cal e tijolo. Empregam os ferreiros carvão vegetal e não de pedra, que os nossos patrícios preferem. Fazem-se cabos de cascas de árvores para os usos navais, suprimindo a indústria dos índios a falta do cânhamo.*

Agora considerai a força da milícia, a resistência, situação e número dos
Fortificações *fortes, as esquadras e outros meios de defesa do Brasil.*

Recife é a principal sede do governo, do comércio e da guerra, e também rica despenseira de armas, bastimentos e mercadorias. Da banda que entesta com

1) No Recife *Olinda, tem diante de si dois baluartes em forma de obras cornutas,*



B. *Adrianus Brouwer*.

C. *Carlus Brouwer*.

D. *Adrianus Brouwer in loco*.

A. *Carlus Brouwer*.

B. *Carlus Brouwer*.

um de pedra, olhando para o mar e para o porto, o outro de terra, pondo para o rio.²⁰⁴ Une-os uma cortina que corre entre os dois, defendida por uma paliçada. No meio dela abre-se uma porta para dar passagem aos que saem de Recife ou nele entram. O baluarte de pedra protege-se com sete peças de bronze; o de terra, provido de cinco peças de bronze e duas de ferro, serve para a segurança do interior da costa e do exterior do porto.

Uma bastida solidíssima mune o Recife inteiro, em disposição conveniente

Duas baterias para se jogar a artilharia. Erguem-se aí, junto da costa, duas baterias, uma próxima da casa da pólvora, debruçando-se sobre o porto; a outra ainda mais vizinha, ambas munidas de canhões de bronze e de ferro. A dois tiros de mosquete do Recife, no caminho de Olinda, mesmo na costa, surge, num cimo

Forte de S. Jorge bastante alto, o Forte de S. Jorge, feito de pedra e resguardado por um bastião de mármore e assestando treze bocas-de-fogo contra a entrada do

Castelo do Mar porto. Em frente do Castelo da Terra, vê-se o do Mar, de forma redonda, formidável por sete peças de bronze, destinadas à defesa do porto, da barra e do litoral. Ficam-lhe ao alcance o Recife, os fortes de S. Jorge e do

Forte do Brum Brum e o Reduto. Não longe do Forte de S. Jorge, avista-se o Brum com quatro bastiões e sete peças de bronze, fechado, demais, com a sua estacada.

Reduto de Madama Bruyne A distância igual deste, acha-se a Torre ou Reduto, que se orgulha com o nome de Madama Bruyne. Essa torre é também circundada por sua cerca e protegida por dois canhões de bronze. Está-se atualmente trabalhando em restaurar o forte arruinado do sul para receber uma guarnição de 15 ou 20 homens, de modo que sirva de refúgio aos olindenses contra a soldadesca vagabunda devastadora.

O forte de Wardenburch jaz ao lado da terra firme, ao pé das salinas.

Forte de Wardenburch Tinha outrora quatro pontas e agora é resguardado por três bastiões, por não permitir a natureza viciosa do terreno pôr-se-lhe o quarto. Julgando-se fosse acessível aos estratagemas dos inimigos, lançaram-se-lhe cortinas duplas e valos da banda por onde podiam entrar. Levantaram-se agora guaritas sobre os três bastiões, mais elevadas que as trincheiras, colocando-se nelas peças de bronze para afugentar o adversário.

II) Na Ilha de Antônio Vaz O forte de Ernesto ergue-se na ilha de Antônio Vaz, ao ocidente do Recife. Tem três faces e é munido de um fosso assaz largo, de paliçadas e bastiões. Com quatro bocas-de-fogo, guarda ele o rio, as planícies da ilha e a vila de Antônio Vaz, que aí nasceu. Esta, aberta na parte

Vilas de A. Vaz e Mauriciópole. Forte de Ernesto fronteira ao forte de Ernesto, está, na parte restante que olha o continente, fechada por uma trincheira bastante elevada, a qual seria necessário prolongar-se até o forte de Frederico, em vista da escassez dos habitantes e da falta de casas. Assim Mauriciópole, encerrada entre o forte de Ernesto e o de Frederico, se arreceria menos dos assaltos dos inimigos.

Forte de Frederico Henrique Neste último forte puseram-se cinco peças de bronze. Chama-se



das Cinco Pontas em razão do número dos seus bastiões. Rodeia-o um fosso bem largo, um parapeito com uma sebe, acrescentando-se, para resistência, duplo hornaveque, um maior, outro menor. Com oito canhões de bronze, defende da aproximação dos inimigos toda a praia, assim como esses hornaveques.

Demandando-se o sertão, vêem-se na margem do rio Capibaribe quatro torres ou redutos, que premunem de longe o Recife, demorando o inimigo. Tendo-se arruinado, ainda não se acham restauradas.

No rio dos Afogados, existe o forte do Príncipe Guilherme, notável pela altura das trincheiras, pela solidez, elegância e forma quadrada, garantido, além disso, por uma paliçada e um fosso. Guarda, com seis canhões de bronze, a estrada da Várzea (esta palavra significa planície) e as estradas que levam ao sertão.

Defendem a ilha de Itamaracá os fortes seguintes: o de Orange, na boca meridional do porto. Tem quatro bastiões e é cercado de uma estacada, por falta de água nos fossos. Está armado de 12 canhões, 6 de bronze e 6 de ferro. Constitui a fortaleza da vila de Schkoppe²⁰⁵ uma munição construída em redor de uma igreja e de uma bateria. Essa fortificação protege o porto, e uma torre de atalaia, ao norte, guarda a porta da vila. Na bateria acham-se montados onze canhões, dois de bronze e nove de ferro. Na boca setentrional, há outra torre quadrada, que garante a entrada do canal²⁰⁶ com três peças de ferro.

Defendem a Paraíba estes fortes: o de Margarida, muito sólido por todo o gênero de fortificações, tendo fosso, trincheira, parapeito, quatorze canhões de bronze e quarenta e dois de ferro; o da Restinga, que se ergue na praia, com sua paliçada, com quatro peças de bronze e duas de ferro, o de Santo Antônio do Norte, quase sorvido pelo mar, e que se reduz a uma torre protegida por uma cerca e sua artilharia. A Fredericópole serve de fortaleza o convento dos franciscanos, cingindo de trincheira. Reforçam-no meias-luas, fossos, estacadas e dez bocas-de-fogo. Também aí existe uma torre para segurança do porto.

No Rio Grande o forte de Ceulen está a cavaleiro do mar, muito bem amparado pela sua posição e construção, e por dez canhões de bronze e dezesseis de ferro.

São esses os fortes do Brasil setentrional. Ao sul do Recife nota-se, em primeiro lugar, o de van der Dussen, no cabo de Santo Agostinho, o qual defende o porto com seis bocas-de-fogo. Diante dele estende-se o fortim de Domburg contra os assaltos súbitos dos inimigos. Na entrada da barra, ao sopé do monte, há uma bateria de mármore,²⁰⁷ com três canhões e muito conveniente para impedir a aproximação das naus. É aberta pelo lado de trás e não se poderá fechar por aí por causa dos morros bastante elevados de uma e outra banda, dos quais está muito próxima.

Guardamos Porto Calvo com um forte que tem VII) Em Porto Calvo. Forte de S. Boaventura nome de bom agoiro – *Boaventura*. Assentado no cume de um alcantil, a quarenta pés de altura, é resguardado por fossos, bastidas e coiraça e sete canhões de bronze, um de ferro e dois pedreiros.²⁰⁸ O forte de Maurício presidia a passagem do rio de São Francisco, e está construído num morro alto e inclinado, a 5 ou 6 léguas do Oceano, na margem do nor- VIII) No rio de São Francisco. Forte de Maurício te. Dá acesso apenas de um lado. Poderoso pelos seus cinco bastiões e sete peças de metal, domina a planície circunjacente, submersa, durante os meses estivos, nas águas estagnantes.

É o seguinte o inventário do restante material bélico Inventário dos armamentos existentes nos arsenais existente nos arsenais: 67.000 libras de pólvora, 50 mosque-tes, 60.000 libras de balas de chumbo, 36.000 libras de morrões, 200 bandolas, 12 clavinas, para uso da cavalaria, 5.000 pederneiras, 40 espingardas, para uso dos soldados navais, 16 sabres, 8 alabardas, 199 machados para cavaleiros, 1.400 machadinhas de mão, 100 foices roçadeiras, 80 carretas de terra, 3 trancas para a portas, 40 escopetas, 1.600 balas de canhão, 10.350 de diversos pesos, 50 machadinhas, 110 serras de vários feitios, 10 verrumas. Estamos carecendo de outros utensílios militares, quais sejam mosquetes e bombardas mais compridas, lanças, alfanjes, trombetas, tambores, enxadas, machados grandes, martelos, fôrmas para fundir balas de chumbo, pranchas, material para açacular espadas, limas, pregos de toda sorte, etc. Tudo isso, tantas vezes reclamado, enganou a nossa expectativa, e nisto está a causa de se verem, aqui e ali, fortes arruinados e as fortificações prejudicadas.

É maior a penúria de mantimentos, de modo que deixei Falta de vitualhas aos meus o receio de fome certíssima, se não lhes acudirdes prontamente. Por mandado vosso, gastou-se certa quantia, de acordo com o respectivo posto, com o sustento de cada um dos que estão ao serviço da Companhia; mas, enviadas provisões assaz escassas, não se puderam fazer mais essas distribuições, tendo sido, pois, necessário despender o dinheiro resultante do tráfico dos negros e dos rendimentos dos engenhos.

Chegando-se, assim, à ultima extremidade, por falta desse dinheiro, sem numerário nas arcas do tesouro e sem comestíveis nos armazéns, ordenou-se severamente aos naturais, sob pena capital, que transportassem para a cidade farinha e gado suficientes para alimentar os cidadãos e a soldadesca das guarnições, dando-se-lhes vales, resgatáveis depois por dinheiro.²⁰⁹ Destarte, a necessidade afasta a necessidade, e a fome tirânica arranca ordens rigorosas. Disse por alto com quantos danos esta míngua de víveres onerou o tesouro da Companhia, cujas rendas anuais, procedentes dos impostos e tributos, só a fome devorou, ficando as fortalezas expostas ao maior perigo, pois, no meio de tal carestia, estávamos impossibilitados de velar-lhes pela defesa. Certo devemos atribuir a salvação pública mais à negligência do adversário do que ao nosso zelo, porquanto não

perdura a coragem do soldado, enfraquecendo-se-lhe o corpo, nem se lhe arrancam das mãos as armas com arma tão forte quanto a fome. Queremos em vão sejam homens aqueles a quem não permitimos viver na condição de homens.

Engana-vos a persuasão da prosperidade doméstica, pois esta não é bastante para tamanha multidão. Enganam-vos as remessas de comestíveis feitas por mercadores, as quais costumam vender-se a retalho, por preços altos, nos engenhos e nos lugares do sertão.

Dos corpos militares, uns se acham guarnecendo as praças, outros es-
Recenseamento
do exército tão distribuídos pelas aldeias, por causa de mais fácil alimentação, por ser incerto o ponto da costa onde lançará ferro a armada espanhola e também para defenderem das irrupções dos inimigos as nossas fronteiras. No forte de Maurício, às margens do São Francisco, acham-se acantonados 540 homens de armas, sob suas respectivas bandeiras e comandantes; em Alagoas, 293; em Camaragibe e Porto Calvo, 480; em Serinhaém, 750; em Ipojuca, 75; no engenho de Panterra, 79; em Santo Antônio do Cabo, 240; no forte de van der Dussen, 170; no território de Santo Amaro, 170; em Muribeca, 175; na aldeia de S. Lourenço, 422; no forte do Príncipe Guilherme, no rio dos Afogados, 263; no forte de Frederico Henrique, 230; na ilha de Antônio Vaz, o corpo da guarda do conde; no forte de Ernesto, 180; no Recife, 277; no forte de Brum, 125; em Olinda, 193; em Iguaçu, 93; no forte de Orange, 182; em Goiana, 165; em Fredericópole, 101; no forte de Margarida, 360; no de Ceulen, 82. Desde a minha partida, juntaram-se a estas forças 150 homens enviados como tropas suplementares, da Zelândia e 66 da Holanda setentrional, de modo que o total dos soldados no Brasil é de 6.180. Das forças tiraram-se 40 soldados para a defesa do Ceará. Providas e munidas as fortalezas com esta gente de armas, não resta mais nenhuma, quer para acometer o inimigo, quer para com cruzeiros defender da armada espanhola as costas do Brasil. Se uma calamidade fatal não houvesse diminuído esta armada, estaríamos certamente expostos à violência dos inimigos, porquanto, no tempo que passou ela diante de Pernambuco e entrou na Bahia, não tínhamos ainda este contingente, por ter sido feito o acréscimo com a chegada do regimento de Artichofski. O adversário dispunha de 3.000 homens que, havia pouco, trouxera da Espanha. Demais, conscreveram-se 700 na Bahia, aos quais se deviam juntar 2.000 à ordem de Bagnuolo e mais 1.000 brasileiros. Além disso, tinha o inimigo esperanças de que 2.000 dos que habitavam entre nós, quebrando a sua fidelidade, se bandeassem com os espanhóis. Não estávamos decerto em proporção com essas forças para contrapormos a elas, fosse como fosse, a nossa audácia, retirando e raspando de toda a parte os soldados.²¹⁰ Como na guerra se costuma, aumentamos com a mentira o número dos nossos para comprimirmos as tentativas de sedição, caso se tencionasse planejar alguma, e para aterramos o inimigo com o estrépito da fama, com o qual param as guerras. Entretanto, desde que chegaram os contrários à Bahia, nada fizeram digno de

tanto aparato. Somente mandaram os capitães Vidal e Magalhães, com pequeno destacamento, às aldeias dos brasileiros, espalhando cartas, nas quais gabavam o Conde da Torre, governador da Baía de Todos os Santos e procuravam enfraquecer os ânimos crédulos de alguns dos nossos súditos. Ainda agora erram pelas cercanias da Várzea e de Muribeca, e com dificuldade se podem apanhar, pois seguem de dia caminhos ocultos e de noite os mais conhecidos. Têm um só intento: extorquirem dinheiro aos senhores de engenhos, saquearem quanto encontram e despojam das armas os nossos soldados vagueantes. Asseveram, porém, ser-lhes vedado incendiar os canaviais e fazer devastações. Também rodam por toda a parte, não sujeitos a nenhum laço de fidelidade ao rei e sem soldo dele, salteadores negros e mulatos, que causam aos habitantes do campo grandes danos, conhecendo esconderijos e sabendo escapulir-se.

Os registros dão os nomes de nossas naus grandes e pequenas contidas nos portos, baías e costas do Brasil, assim como o número dos tripulantes. Recenseamento das naus

Para serem duradouras a segurança do Brasil, a utilidade da Companhia e a honra da Republica, far-se-ia mister mandarem-se, sem demora, naus e marinheiros, armas e mantimentos, soldados e roupas. Tudo isso é preciso para se firmarem as possessões. Nada temos, carecemos de tudo, e sem tais adminículos não se pode esperar vitória nem na terra, nem no mar. Inermes, somos tímidos; armados, somos assaz audazes.

A escrituração informa qual o dinheiro devido e quanto se despendeu com os oficiais e empregados.²¹¹

Esperamos a safra deste ano muito mais copiosa que a do passado.

Vou inserir nas minhas reclamações mais esta: muitas naus avariadas e desconjuntadas já não suportam o mar; as que mandastes, apenas chegaram, requeriam abastecimento, o qual deveriam levar mais farto as recentemente despachadas da Holanda; outras, por falta de tripulantes, tiveram necessidade dos nossos soldados para os trabalhos náuticos. Reclamação sobre o mau aparelhamento dos navios

Ainda não disse tudo: os soldados andam mal vestidos, cobrindo apenas a desnudez. Conquanto não nos causem horror, e não os desejemos ungidos de perfumes, todavia os quiséramos vestidos mais decentemente, porquando eles ganham coragem não só com armas adequadas, mas também com trato e alinhamento do corpo. Portanto seria do decoro e interesse da Companhia que ela própria desse com largueza roupas e confortos desta espécie, porque, não sem lucro, seria fácil descontar nos soldos os preços respectivos. E não consentiriam isto de mau grado os filhos de Marte, porque, recebendo integral e constantemente a sua paga, não saberiam haver-se com tamanha ventura e gastariam, sem proveito, o seu dinheiro nas tavernas e nas demasias, desperdiçando o Soldados mal vestidos

tempo e a boa fortuna, ou então, vencendo a pobreza, segundo crêem, desejariam voltar para junto dos seus na pátria.

Sabemos que a Bahia é de todas as cousas a mais hostil, tal qual uma Sobre a Bahia unha doente num corpo sadio. Ela domina a terra com saqueadores e o mar com os seus navios, o que lhe é fácil em razão dos portos e baías acessíveis a ela em toda a parte. Por consequência, ficando de pé esta Cartago, não havemos de ter nenhum descanso de guerrear. Precisamos pôr este remate a tantos triunfos; cumpre aos aliados expugnar este antro de Caco²¹² e este valhacouto de vagabundos. Nisto estará o ápice e o principal de todos os labores nossos. Aqueles, porém, que vão tomar esta empresa necessitam de valiosos auxílios, pois aos guerreiros não ajudam somente os benefícios da fortuna, mas também as suas próprias mãos e a sua própria força. A expugnação da Bahia requer um exército de 5.000 homens, provadamente denodados e peritos na arte militar. Aconselharia eu que se recrutassem na Holanda e se remetessem para o Brasil, convenientemente armados, a fim de serem a eles reunidos os conhecedores da milícia e dos lugares do país. Mas, para podermos espalhar também o terror pelo mar afora, desejaria 18 naus grossas e outras tantas ligeiras, equipadas de gente e de armas. Queria que estivessem nas costas do Brasil em começos de outono, a fim de que, nos meses de março e de abril, durante os quais ficam em descanso os acampamentos por causa das chuvas continuadas, ou transportassem elas açúcar para a Holanda ou corressem fortuna no Ocidente, obrando alguma façanha assinalada. Carecemos ainda de embarcações menores, lanchas, botes, patachos, Navios menores para carregar e descarregar as grandes. As desta sorte estragaram-se no curso de tantos anos, desconjuntando-se, quebrando-se e afundando-se por acidente.

É tal a inópia do tesouro que, se não se lhe acudir prontamente com Tesouro numerário, é de temer que faça bancarrota. Os senhores de engenho recusam vender açúcar a não ser à vista, com receio de que, chegando a armada espanhola, tenham de emigrar os compradores holandeses, invalidando-se, assim, os títulos de dívida.”²¹³

Esse é o teor do relatório escrito que van der Dussen, homem atilado e resoluto, apresentou aos Estados-Gerais, ao príncipe de Orange e ao Conselho dos Dezenove.

Antes, porém, de referir às grandes armadas e às célebres batalhas navais que conturbaram os mares, apraz-me deliciar o leitor, expondo assunto mais ameno, a exemplo daqueles que, nas mesas dos banquetes, interpõem a carne de carneiro entre as veações, e os doces e confeitados entre as iguarias mais pesadas.

Tiveram outrora e ainda têm os mais eminentes príncipes e capitães o zelo não somente de aumentar a sua glória com guerras e ínlitos feitos contra o inimigo, mas também de interromper, com um ócio honroso, os tempos das

guerras para estadearem a sua magnificência em construções grandiosas. Isso fez Nassau. Repartindo o seu governo entre tantos negócios de peso, quis ocupar-se primeiro em construir um palácio para si e depois duas pontes, aquele mais para uso seu e estas para utilidade pública.

É injusto para os superiores quem recusa o alívio dos trabalhos e os regalos àqueles que, pelo brilho de sua dignidade e pela grandeza de sua estirpe, se elevam acima da condição vulgar, e principalmente o bem-estar que se procura com uma habitação mais faustosa, com a amenidade dos vergéis, e com a variada beleza das árvores, das ervas e dos quadros artísticos.

Teve Roma arquitetos, teve agricultores que venceram o mundo, conservando uma das mãos nas lavouras e nas granjas e a outra nos arraiais e nas trincheiras. Refiro-me aos Cúrios²¹⁴ e Augustos, aos Fabrícios²¹⁵ TUCÍDIDES, L. 10 e Luculos,²¹⁶ aos Pompeus²¹⁷ e Marcelos.²¹⁸

E de fato, o esplendor dos edifícios, tanto entre os concidadãos na pátria, como entre estrangeiros, mormente inimigos, costuma dar aparência de poder, segundo afirma Alcibíades em Tucídides.

Nada vale engrandecer uma dignidade com um edifício, se se busca toda a dignidade só com o edifício, pois convém que ele se honre mais com o dono que este com ele. Do contrário, fazem os donos que se hajam de ver antes as pedras, os mármore, as estátuas, as tapeçarias e tudo o mais do que a eles mesmos, e para eles já não brilham as riquezas como honra, mas como opróbrio.

Havia na chamada Ilha de Antônio Vaz (tal era o nome do antigo possuidor) ampla área de terreno, entre o forte de Ernesto e das Três Pontas,²¹⁹ situada entre o Capibaribe (sua denominação derivava das capivaras, porcos anfíbios, cuja caça é freqüente neste rio)²²⁰ e o Beberibe. Era uma planície sáfara, inculta, despida de arvoredo e arbustos, que, por estar desaproveitada, cobria-se de mato. Na margem ulterior do Capibaribe, erguia-se uma colina que, em tempos de guerra, havia de prejudicar a cidade, porquanto, não entrincheirada dessa banda, ficava acessível aos danos feitos pelos inimigos. Mais de uma vez sugerira o Conde ao Supremo Conselho ligar por um valo os dois referidos fortes para se pôr a coberto aquela área, mas não logrou persuadi-lo em razão das vultosas despesas. Recear estas, quando há proveito, na verdade é próprio dos econômicos e dos mercadores, não, porém, dos que fundam possesões num território estrangeiro.

Não obstante, ao Conde aprouve furtar aos olhos aquele terreno desnudo, sombreando-o com uma plantação de árvores, não só para não ficar exposto às ofensas do inimigo, mas ainda para os cidadãos e soldados, durante as quadras ásperas, delas tirarem o alimento e o refrigério dos frutos, encontrando também ali os habitantes um abrigo seguro. Realmente, houve uma ocasião em que, não se podendo entrar no

Nassau faz um
parque na ilha
de Antônio Vaz

Realizaram-se estas
obras NO ANO DE
1639 e seguintes

Recife por causa do rio, trezentos cidadãos, passando além deste para colherem laranjas, foram quase exterminados, e aprenderam tardiamente a necessidade do seu abastecimento doméstico. Por conseguinte, Nassau, para não pesar ao tesouro e para prover ao bem público, adquiriu a sua custa aquele terreno, transformando-o num lugar ameno e útil tanto à sua saúde e segurança como à dos seus.

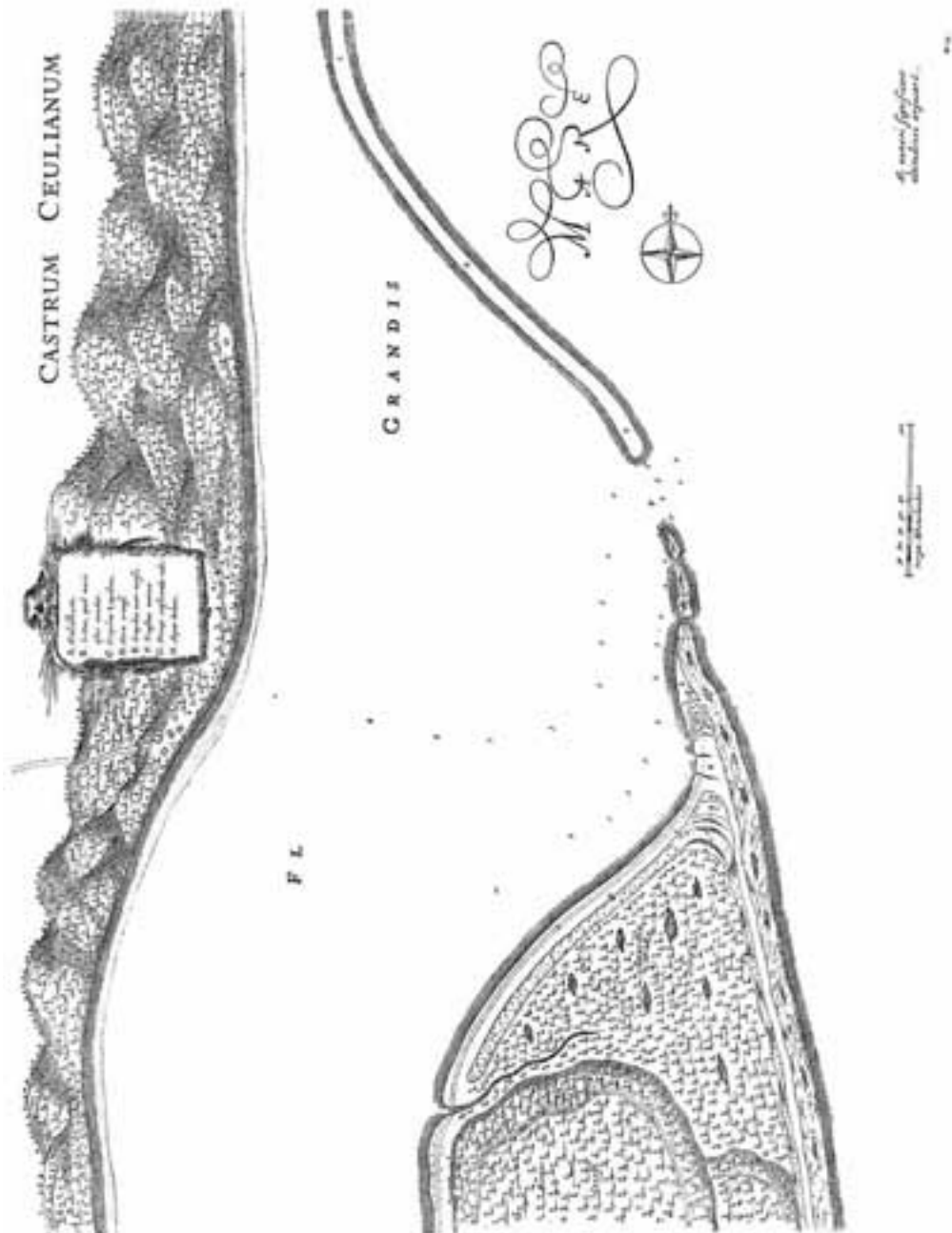
Cansado dos negócios públicos, deleitava-se então o Conde com os ócios²²¹ ali gozados. Nesta rusticação passava o exímio General as horas vagas, entregando-se à contemplação da natureza, sempre que não lhe fosse dado ocupar-se da república, e cuidando da guerra nesta mansão da paz, depois que cessava o estrépito das batalhas.

Marcharam as obras prosperamente e, concluídas, causavam prazer e admiração a quem as contemplava.

Também o imperador Diocleciano²²² dava-se a esta mesma recreação, partindo ele próprio os canteiros e dedicando-se à jardinagem e arboricultura.

O Conde, edificando, teve o cuidado de atender à salubridade, procurando o sossego e obtendo a segurança do lugar, sem descurar também da amenidade dos hortos. De fato, observou-se tal ordem no distribuir as árvores que, de todos os lados, ficavam os vergéis protegidos pelos fortes e por treze baterias.

Surgiam, em lindos renques, 700 coqueiros, estes mais altos, aqueles mais baixos, elevando uns o caule a 50 pés, outros a 40, outros a 30, antes de atingirem a separação das palmas. Sendo opinião geral que não se poderiam eles transplantar, mandou o Conde buscá-los a distancia de três ou quatro milhas, em carros de quatro rodas, desarraigando-se com jeito e transportando-os para a ilha, em pontões lançados através dos rios. Acolheu a terra amiga as mudas, transplantadas não só com trabalho, mas também com engenho, e tal fecundidade comunicou àquelas árvores anosas, que, contra a expectativa de todos, logo no primeiro ano do transplante, elas, em maravilhosa avidez de produzir, deram frutos copiosíssimos. Já eram setuagenárias e octogenárias e por isso diminuíram a fé do antigo provérbio: “árvores velhas não são de mudar”. Foi cousa extraordinária ter cada uma delas dado frutos que valiam oito rixdales.²²³ Depois do coqueiral, havia um lugar destinado a 252 laranjeiras, além de 600, que, reunidas graciosamente umas às outras, serviam de cerca e deliciavam os sentidos com a cor, o sabor e o perfume dos frutos. Havia 58 pés de limões grandes, 80 de limões doces, 80 romanzeiras e 66 figueiras. Além destas, viam-se árvores desconhecidas em nossa terra:²²⁴ mamoeiros, jenipapeiros, mangabeiras,²²⁵ cabaceiras, cajueiros, uvaiceiras,²²⁶ palmeiras, pitangueiras,²²⁷ romeiras, araticuns, jamacurus,²²⁸ pacobeiras ou bananeiras. Viam-se ainda tamarindeiros, castanheiros, tamareiras ou cariotas, vinhas carregadas de três em três meses, ervas, arbustos, legumes, e plantas rasteiras, ornamentais e medicinais. É tal a natureza das ditas árvores que, durante o ano inteiro, ostentam flores, frutos maduros junto com os verdes,



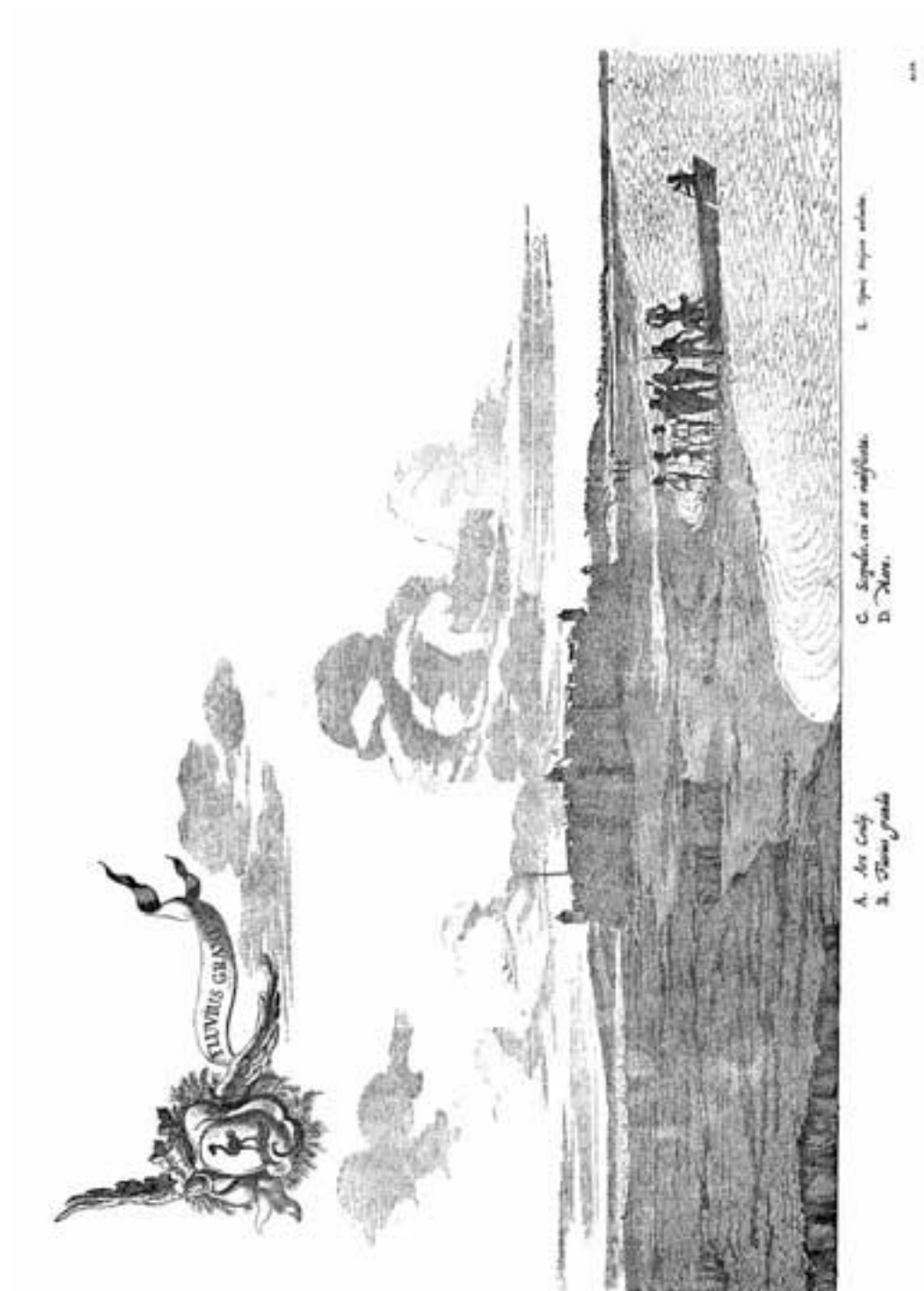
como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo, em várias de suas partes, a puerícia, a adolescência e a virilidade, ao mesmo tempo herbesciente, adolescente e adulta.

Alegre Nassau com este bom êxito de sua plantação, com esta benignidade da natureza, pois aquele arvoredor já ocultava o Recife inteiro a quem o olhasse de longe, pôs a mira no prazer de edificar ali o palácio e a residência do governador.

Os heróis e os imperantes comprazem-se em habitar em mansões condignas, e em distinguir-se da multidão, não só na dignidade, senão também no modo de viver e na habitação. A casa que lhe haviam destinado os diretores da Companhia ameaçava ruína e não permitia reparos decentes sem grandes gastos.

O palácio por ele construído (chamava-se *Friburgo*, isto é, cidadela da liberdade) tem duas torres elevadas, surgindo do meio do parque, visíveis desde o mar, a uma distância de seis a sete milhas, e servem de faróis aos navegantes. Uma delas, tendo no topo uma lanterna e jorrando sua luz nos olhos dos nautas, atrai-lhes a vista para si e para o forte da costa, indicando-lhes a entrada segura e certa do porto. De cima delas descortinam-se, de um lado, as planícies do continente e, de outro, a vastidão dos mares, com os navios aparecendo desde longe. Idôneas para atalaias e para se vigiarem de dia os salteadores, ainda por esta serventia merecem o gabar-se-lhes a beleza e necessidade. Diante do palácio e como surgindo do Beberibe, estende-se uma bateria toda de mármore, que comporta 10 peças para segurança do rio. Não deixarei de dizer também que no parque existem poços distantes dos rios três varas das nossas ou pouco mais. Rodeados de águas salgadas, abastecem os moradores com abundância de águas doces, ou porque a grande firmeza do solo não permite que penetrem as águas salgadas, ou porque estas, filtrando-se através da terra, perdem a salsugem, ou porque estes poços brotam de lençol mais profundo que o leito dos dois rios. São eles de grandíssima utilidade, porque não se podem buscar fora águas doces em razão de estarem rodeadas de inimigos. Entretanto, o que é mais de admirar é encontrarem-se no sertão, já bem longe do litoral, poços de água salgada.

Contém esse mesmo parque três piscinas amplíssimas, providas de todo o gênero de peixes, conforto valiosíssimo para a população, quando falta mantimento. No primeiro trimestre após serem cavados esses viveiros, foi tão copiosa a pescaria, que três lanchas mal bastavam para o transporte dos peixes, além daqueles que a liberalidade do Conde cedeu aos soldados. Há outros viveiros ainda nos limites do parque, mesmo no rio, fechados por cercas, os quais fornecem larga cópia de peixe, na maré ascendente. Mais de uma vez já aconteceu que uma só pesca rendeu aos donos cem florins, lucro bastante avultado.



Ainda hoje pompeia, em seu esplendor, o palácio de Friburgo, protegendo a ilha de Antônio Vaz e deleitando os cidadãos, como perene monumento da grandeza nassóvia no outro hemisfério. É certamente admirável quanto estas construções e edifícios abalaram a confiança que tinham os portugueses, aumentando a dos nossos, que têm boa opinião da estabilidade dessas nossas conquistas, por verem Nassau engrandecê-las com tamanhas despesas e feitas do seu bolso. Só os desesperados, com efeito, largam mão do interesse público, deixando perder-se por negligencia a república, que presumem ligada à sua sorte deles e digna por isso de se perder. Aqueles que o medo inspirado pela chegada da esquadra espanhola havia abatido, cobraram ânimo com as edificações de Nassau, a quem acima de todos importava não sofresse o Brasil dano algum. O povo aplicou-se por isso mais ativamente à construção de engenhos e à plantação de cana e de mandioca, porque o Governador reacendia a esperança de todos e de modo algum desesperava da república. Portanto, a ele, como outrora a República Romana a Varrão, deve-lhe agradecimentos também a nossa.

Ligou o Conde, por uma trincheira, a ilha de Antônio Vaz com o forte das Cinco Pontas ou de Frederico. Águas estagnadas e moitas de arbustos davam aspecto desagradável a todo esse espaço. Ultrapassava, pois, a credibilidade humana que se pudesse fundar ali uma cidade. Agora, porém, acreditamos, pelo testemunho dos nossos próprios olhos, tê-la erigido a diligência de Nassau, dotado de engenho e audácia para tentar, com sua arte e trabalho, ainda mesmo o que proibira a natureza.

Repartida em ruas, praças e canais, como as cidades, com belos edifícios, dotada de armazéns de mercadorias, já tem habitantes. Foi-lhe dado o nome de Mauriciópole pela pública autoridade do Supremo Conselho, dos escultetos e dos escabinos. Também Alexandria, Constantinopla e Colônia tomaram sua denominação respectivamente de Alexandre, Constantino e de Agripina.²²⁹ Levantado um templo bastante decente na nova cidade, pela liberalidade da Companhia, do Conde e de particulares, consagraram-se a Deus, num movimento piedoso, os primórdios de Mauriciópole, os corações e a fortuna do povo.

Esta cidade e Friburgo pregoam, aquém do Capibaribe, a magnificência do Conde, como também o palácio da *Boavista*, assim chamado por causa da amenidade do seu sítio, pois em nenhuma outra parte encontrava Maurício prazer, quando descansava e sempre que convinha. Aí meditou ele planos de grandes tentames.

Além disso, construiu duas pontes, uma sobre o Beberibe, entre Recife e Maurícia, a outra entre esta e o continente, sobre o Capibaribe. Em verdade, não diferimos dos antigos na arte militar: César nas Gálias lançou duas pontes sobre o Arar²³⁰ e na Germânia uma sobre o Reno, e o imperador Trajano outra sobre o Danúbio.

O que determinou a construção destas pontes foi o seguinte: sob o domínio do rei de Espanha, governando o Brasil Albuquerque,²³¹ discutiu-se muitas vezes se convinha abandonar-se Olinda, distante do porto e do acesso ao mar, transferindo-se os seus moradores para o Recife e para a ilha de Antônio Vaz. Para este fim, seria de grande vantagem unir-se a ilha ao Recife, por se julgarem estes lugares inexpugnáveis por causa dos rios que os cercam e da vizinhança do oceano. Ficou, porém, suspenso, sem nenhum resultado, esse projeto, ou porque se temia, por imperícia da engenharia militar ou da arte das fortificações, encetar tão importante cometimento, ou porque se sentissem pesados os que se enlevavam com a amenidade de Olinda. Desaconselhavam isto os portugueses, a quem parecia irrealizável esta ligação das terras, em razão da violência do rio e da maré. Foram-lhes da opinião mestres-de-obras assaz peritos, que se mandaram vir da Espanha. Desde que começaram, porém, a senho-rear o Brasil os holandeses, subjugadores das terras e das águas, aprouve escolher-se o Recife e a ilha de Antônio Vaz para sede do governo. Como Destruição de Olinda que condenada pelo destino, arruinou-se a formosa Olinda, mostrando-se chorosa. As casas, os conventos e as igrejas, derribados, não pelo furor da guerra, mas de propósito, lagrimavam com a própria ruína. Não parecia sacrilégio aos nossos essa demolição, como o foram os furores dos focos contra o templo de Delfos,²³² mas uma mudança de religião, admirando-se embora os bárbaros e os papistas de que admitissem tais profanações espíritos cultivados, instruídos nas normas mais elevadas e tão persuadidos do culto divino. Os holandeses, ao contrário, convencidos de que todo o lugar é igualmente sagrado e idôneo para se adorar a Deus, julgavam que não cometiam nenhuma impiedade, mas praticavam um ato de inteligência, desejando dar maior segurança à nova cidade e ao seu culto. Não queriam injuriar a Deus (para longe tal cousa), mas sim que fosse adorado de modo mais seguro e proveitoso. Sendo nós, porém, homens e capazes de comover-nos com o belo, não podiam deixar de lamentar a assolação da cidade aflita aqueles mesmos que a devastavam, pondo por terra o topo das igrejas e dos edifícios públicos e privados, que, feridos pelos raios do sol vespertino, apresentavam sugestivo aspecto.²³³ E se a gente agora visse Olinda, juraria que contemplava, jazendo em seu local desolado, Pérgamo,²³⁴ as ruínas de Cartago ou de Persépolis.²³⁵

Assim o caráter tumultuoso da guerra ou o seu furor não deixa estável e duradoura nenhuma das cousas humanas, de sorte que nem ainda mesmo as pedras, os capitólios e os templos, que para o céu se erguem, logram sua perpetuidade e quietação.

Transportou cada um para o Recife os restos e os entulhos vendíveis da cidade demolida, aproveitando os materiais em novas edificações para que, desaparecendo a mãe – Olinda –, lhe sobrevivesse Das ruínas de Olinda nasce Mauriciópolis das ruínas, embora com outro aspecto, a sua filha – *Mauriciópolis*.

Não faltaram razões aos conselheiros da destruição de Olinda, tais L. V. como poder ela tornar-se um valhacouto de inimigos e exigir, para a sua defesa, soldadesca numerosa e entrincheiramentos. Ao contrário, soem a piedade e a humanidade poupar as cousas que não dispõem de muitas forças para fazer a guerra. Com acerto diz Políbio ser de raivosos o destruir aquilo que, destruído, nem abate os inimigos, nem traz vantagens aos destruidores.

E Cícero, na segunda Verrina,²³⁶ louva a Marcelo por ter poupado todos os edifícios públicos e privados, sagrados e profanos de Siracusa, como se lá fora com um exército não para expugná-los, mas para defendê-los. Em reverência da religião, era familiar aos gregos e romanos conservar intactos os templos dos deuses. Conquanto maior razão se deve exigir isto de cristãos, posto que dissidentes do sentir, das opiniões e do culto dos maiores. Assim como é grato aos vencidos ver a inteireza dos lugares onde costumavam honrar a seu Deus, assim também é decoroso aos vencedores livrar do furor o que pertence a Deus.

Conhecendo o inimigo as vantagens que o porto e os rios conferiam ao Recife e à ilha de Antônio Vaz, antes atacara aquele com um estratagema, sabendo que, à conta do rio que corre entre ele e a dita ilha, não seria possível mandarem-se-lhe desta socorros, mormente na vazante da maré. Tendo passado além da costa e dos baluartes, já estava prestes a cair de improviso sobre os incautos, se por acaso um marinheiro, tomando um pau aceso na ponta, não desse fogo a um canhão contra os atacantes; que, tendo, com o estrondo, suas linhas em desordem, se puseram em fuga.

Maurício, depois de ter muitas vezes examinado os portos e os inúmeros lugares do Brasil abordáveis e defensáveis, julgou que este Razões que induziram ligar-se a ilha ao Recife sítio bastava sozinho para a sua própria defesa e que era capaz de se tornar, sem grandes obras, inacessível e inexpugnável. E para isso aconselhou a ligação da ilha ao Recife por meio de uma ponte, facilitando o transporte do açúcar para a ilha, pois este só se podia fazer durante o refluxo da maré e não sem dano, porque amiúde eram os carregamentos atingidos pela água e pelos respingos das ondas. Além disso, a passagem mediante barcos era perigosa, tendo eles mais de uma vez soçobrado, já pelo peso e excesso das cargas, já pelo açoitamento dos ventos. E em muitas ocasiões, foi preciso desistir-se de atravessar por causa do mar proceloso, da barra alvoroçada pelos temporais ou da violência da maré. O que Nassau continuamente alvittrara por fim persuadiu, e resolveu-se lançar a ponte sobre o rio.

Empreitou o Conselho a construção dela por 240.000 florins. O construtor, iniciando o serviço e apertando com diligência o trabalho dos Nassau liga o Recife à ilha seus operários, depois de ter levantado alguns pilares de pedra, chegara ao leito da corrente, onde é maior a profundidade, calculada em onze pés geométricos ainda na baixa-mar. Perdendo, pois, a confiança em si e na sua arte, deseperava de executar a obra. Confessou que pode mais a natureza que a arte, não

devendo as pessoas prudentes tentar o impossível; que só com o auxílio divino se poderia consumir aquela tentativa; que se teria de levantar a alvenaria desde o fundo à maior altura, não dando descanso o curso impetuoso do rio, nem tampouco o oceano, o qual se embraveceria com tanto maior violência quanto mais estreitamente se apertasse; que o Beberibe, rápido em excesso, arrebatado, às vezes crescido com grande massa de chuvas, removia para longe as margens, e onde era mais estreito se mostrava mais feroz e vorticoso.

Decerto, cumpria ao construtor considerar tudo isto antes. Para suspender a obra usaram de descrédito aqueles que receavam, e com razão, que, concluída a ponte, muitos mudariam do Recife para a ilha, por mais aprazível, baixando os preços das casas. Além disso cartas queixosas de alguns holandeses davam o Conde como o instigador daquela obra, baldando-se, em detrimento público, um trabalho tão dispendioso. Diziam que tinham sido sorvidos pelas águas, num esforço inútil, 100.000 florins, e que o serviço interrompido, a ponte suspensa pela metade e os pilares exprobravam os que haviam empreendido tantas cousas vãs. Assim pareciam queixar-se, não sem visos de razão, aqueles que, acostumados com os cálculos particulares, se afizeram a medir pela mesma bitola as cousas úteis e as dignas do comando supremo.

Ignoram que é diversa a condição dos príncipes, cujo objetivo precípua deve ser alcançarem fama. Julgando Maurício que importava à sua honra terminar o que tomara a peito e que era de um caráter fraco desesperar do interesse geral pela desesperança de um só, meteu ombro à empresa, e, reunindo material de todos os lados e à sua custa, principiou a estear o resto da ponte, não em pedra, mas em madeira. Cortaram-se árvores nas matas, e das árvores se tiraram traves, com 40 a 50 pés de comprimento, impermeáveis à água pela dureza. Quis Nassau que fossem elas as estacas e botaréus da ponte, cravando-se no fundo, com o auxílio de martelões, até doze pés, umas verticais, outras obliquas, para obedecerem à correnteza.

A energia do Conde estimulou a dos operários, e não quiseram parecer preguiçosos, uma vez que ele os exortava e animava, determinando em pessoa para cada um a sua tarefa, e com tal critério que uns não estorvassem aos outros. Com dois meses de trabalho, concluiu-se a ponte toda, em extensão de muitas varas de dez pés, dando ela caminho a peões, cavaleiros e carros. Assim nada é difícil aos audazes, ajudando a pertinácia à indústria, a esta o esforço e a este uma liberalidade fácil e larga.

Rematada a obra com admiração de todos, declarou o Conde ao Conselho os motivos do seu ato, figurando entre os primeiros e mais ponderosos as censuras de alguns, na Holanda, os quais lhe lançavam em rosto as despesas crescidas e inúteis. Dizia que era mister satisfazer ele esta culpa, porquanto não empreendera aquela construção temerariamente, mas levado pelas razões mais relevantes. Já aprovavam os conselheiros, diante do êxito alcançado, aquilo mesmo

que, antes de acabar-se, tinham reprovado (pois sói acontecer isto com os grandes cometimentos), e pediram fosse aquela ponte do domínio publico e pertencente à companhia. O Conde aquiesceu sem dificuldade, mas com a condição de que o rendimento do primeiro dia coubesse aos pobres. E foi de fato tamanha a freqüência dos que, por amor da novidade, iam e vinham aquele dia, que o dinheiro recolhido montou a 620 florins. O tributo anual foi vendido por 28.000 florins. Os cidadãos pagavam de portagem 2 stuivers,²³⁷ os soldados e os escravos 1, os cavaleiros 4 e os carros de boi 7 cada um. A passagem do rio em barcas, que, antes da chegada de Nassau, rendia ao tesouro apenas 600 florins, cresceu a tal ponto no valor que ainda antes de se concluir a ponte, ascendeu a 6.000 florins mais. Certo, com esta renda mais opima, podiam resgatar-se as despesas feitas com a tentativa de nova ponte. Resistindo isto à inveja e à calúnia, abateiram-se, em benefício da companhia, 112.000 florins, no pagamento da construção, o qual, pelo contrato, era de 240.000. Com efeito, tendo-se gastado 100.000 florins na parte apoiada sobre os pilares de pedra, e somente 28.000 na que o Conde fez de madeira, lucrou a Companhia o restante do primeiro pagamento, isto é, 112.000 florins.

Não se cansou Nassau de ser útil à Companhia, mas, de infatigável atividade, mandou construir, para aumentar os rendimentos da **Constrói Nassau outra ponte, comunicando a ilha de Antônio Vaz com o Continente** ponte do Beberibe, uma outra no sítio onde se atravessa o Capibaribe, a fim de que, num ir-e-vir contínuo e desembaraçado, transitassem os habitantes do continente para a ilha e desta para o Recife. Construiu-a em seu terreno, por ele comprado à companhia, e munuiu-a de marachões para que as águas transbordadas dos rios ou o oceano intumescido nos plenilúnios e novilúnios não detivessem o caminheiro. Apressando-se as obras, ficou ela terminada dentro de sete semanas. As estacas, apertadas com cintas de pau e enterradas profundamente por meio de martelões, eram de bibaraba,²³⁸ madeira imputrescível de perpétua duração. O comprimento da ponte é de 86 **Edifica o Palácio da BOAVISTA** varas geométricas. Fica-lhe sobranceiro o palácio da Boavista, muito aprazível, alegrado também por jardins e piscinas. O conde edificou em terreno seu e à própria custa.

Quantos o contemplavam, punham em segunda plana as quintas de Baías na Campânia e as de Luculo no Lácio.²³⁹ Dizia-se que a mãe natureza apresentava ali todos os encantos que aprazem aos mortais e todos os atrativos de uma vida mais tranqüila. Em nenhuma outra parte encontravam os mais ocupados prazeres iguais aos dali. Naquele remanso, descansava Nassau, rodeado pela vista das suas construções e longe da pátria e das terras de tantos condes e príncipes seus parentes, gozando da felicidade que achara no ultramar. Contemplava astros nunca vistos pela sua Alemanha; admirava a constância de um clima dulcíssimo e mostrava aversão à intempérie da zona temperada onde vivera;²⁴⁰ olhava o rosto adusto dos índios e dos negros, mirava armas e habitações diferentes. Via Cori-

dões e Filis²⁴¹ de narizes chatos, lábios grossos, mamas pendentes, conduzindo armamentos e rebanhos diversos dos europeus. Outros gêneros de aves, outros gêneros de peixes abasteciam-lhe as mesas, quando jantava. Dali passeava os olhos por aqueles mares, que dominava com as suas frotas, e pelas terras que sujeitava com a sua autoridade, com as suas armas e leis. Meditava ali na guerra contra a Bahia, nos castigos dos depredadores, no terror que incutiria à armada, quando chegasse, e nos descansos e vantagens que proporcionaria aos seus. Ali temperava com prudentes alvitres as ordens da Companhia. Enfim, meditando, encerrava dentro do âmbito da Boavista o múltiplo benefício do céu, da terra e do ar, a República, o inimigo, os índios, os holandeses, as conveniências e proveitos das Províncias-Unidas.

Nesta ilha de Antônio Vaz existia não só o palácio, mas também o Museu do Conde, para o qual traziam as naus vindas da Índia oriental ou da ocidental, da África e de outras regiões, animais exóticos, plantas, alfaia dos bárbaros, trajes e armas, para espetáculo mais deleitoso e raro proporcionado ao Conde.

As construções suntuosas causam amiúde a ruína dos potentados, e as obras feitas insensatamente tornam inúteis as somas com elas despendidas. Entretanto, a Boavista, edificada não só para recreio, senão ainda para defesa da ilha e de Mauriciópole, eleva-se próxima da ponte do Capibaribe, aterrando com descargas de mosquetaria, lançadas das guaritas, o inimigo que se aproximasse.

Após a partida de Artichofski, Nassau, livre das questões domésticas, que lhe respeitavam principalmente como particular, repartia seus desvelos por terra e por mar, e julgava que, em toda a parte, se devia olhar para as fortalezas da costa e do interior, de prevenção contra a súbita chegada da esquadra espanhola, que se demorava na baía de Todos os Santos, a fim de não desembarcar o inimigo em parte alguma, caindo improvisamente sobre os holandeses desapercibidos. Ele próprio, dirigindo-se à Paraíba, mandou restaurar as fortificações arruinadas, providenciando cuidadosamente todo o necessário à defesa desta província. Muniu o forte de Margarida com uma paliçada, por estarem secos os fossos, que as areias trazidas pelas enxurradas haviam enchido. Cercou também com uma paliçada semelhante o forte da Restinga, fronteiro ao porto. Reduziu, porém, o forte de Santo Antônio do Norte²⁴² a uma torre de vigia, refazendo-lhe o parapeito e provendo-o de três peças contra os opugnantes. Na ilha de Antônio Vaz levantaram-se três baterias no hornaveque. Protegeu Maurício também o forte de Orange, na ilha de Itamaracá, cingindo-o de estacada, e o mesmo fez com o de Ernesto e o de Frederico na ilha de Antônio Vaz, com o do príncipe Guilherme nos Afogados, todos por falta de água nos fossos, e com a própria frente do Recife. Igual tarefa executou Harckmann no cabo de Santo Agostinho, onde está o forte de van der Dussen, e o coronel Koin em Porto Calvo, onde chuvas violentas e tempestades haviam danificado o forte de Boaventura, fazendo-o ruir em mais de um lugar.

O Conde, por causa da chegada da frota espanhola, cuida em toda a parte das fortificações

Restaurou-se também a fortificação ao sul de Olinda, para não ficar a cidade aberta aos salteadores, depois de retirada a guarnição.

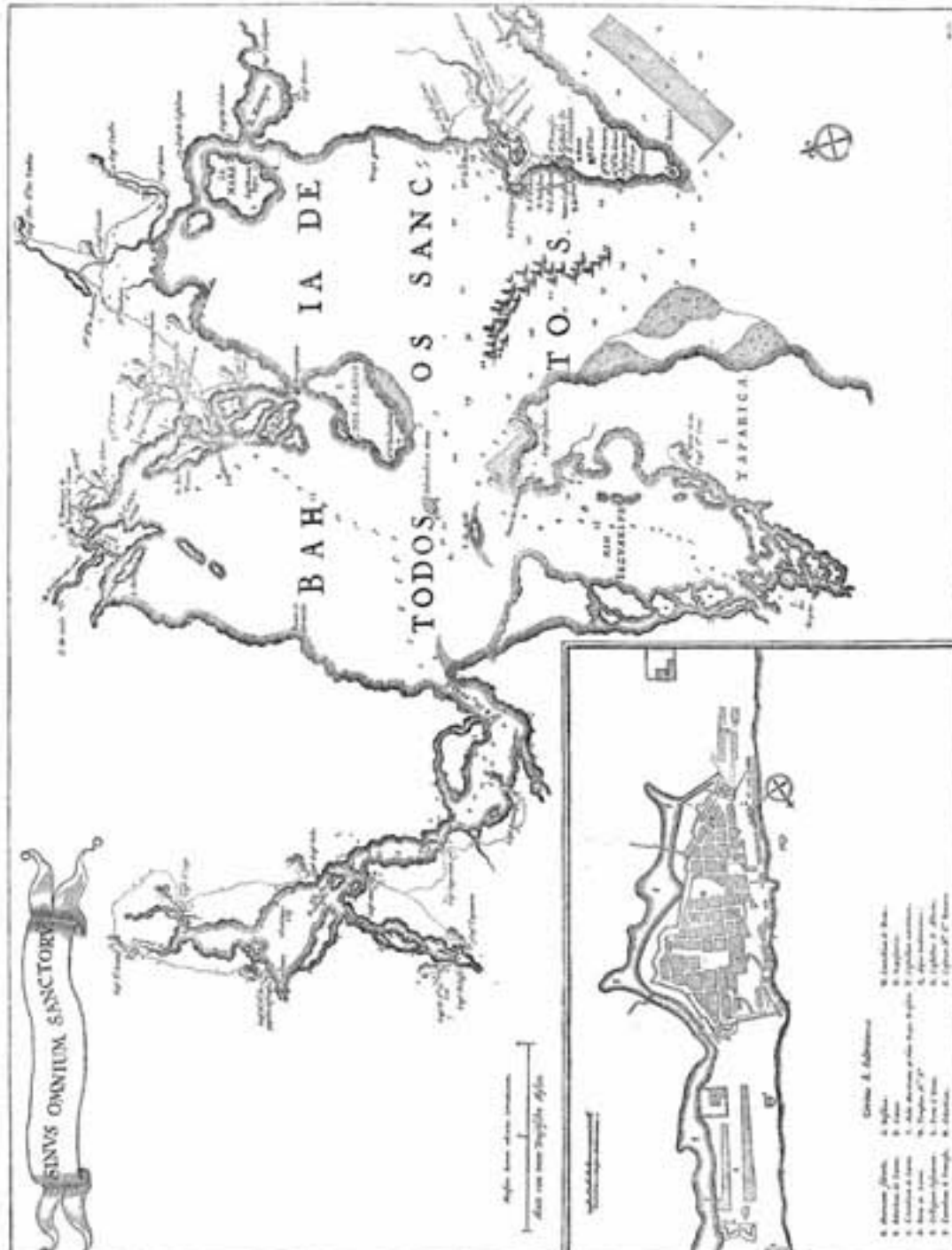
Por toda a parte levantaram-se tropas, ordenando-as sob novos capitães, tenentes e alferes, a fim de não faltarem aos soldados chefes para Insidia naus inimigas mandá-los, e aos chefes soldados bem disciplinados para obedecer-lhes. Enviaram-se algumas naus para insidiarem as naus inimigas que se acreditava transportarem mantimentos do Rio da Prata e do Rio de Janeiro. Para não sentirem os nossos penúria de bastimentos, proibiu-se a exportação de carnes salgadas, toucinho, manteiga, queijo, peixes secos, farinha, azeite e vinho de Espanha. Os demais gêneros alimentícios foram concedidos aos habitantes de engenho para sustento dos trabalhadores.

Nassau, convocando de toda a parte os chefes indígenas, convidou-os, num discurso adequado ao intento, a se associarem à guerra. Exorta os chefes índios à guerra ra: *“tratava-se agora da salvação de todos: uma vingança igual atemorizava o bárbaro e o holandês, o natural e o estrangeiro, este por causa de velhas inimizades, aquele à conta da sua defeção e dos auxílios prestados aos batavos. Esperassem do espanhol não um pouquinho de agradecimento, mas o seu exício certo, e assim aprenderiam que não se ofendem impunemente os reis. Para escarmento deveriam ser castigados aqueles que, desprezando o soberano, tinham ajudado com as armas ao inimigo. Ser-lhes-ia salutar a desconfiança, e perniciosa a esperança do perdão. Sendo mortais, devia preferir entregar-se ao destino comum da humanidade a serem para sempre escravos. Importava-lhes à fama, dizia ele, que, naquela conjuntura duvidosa, o escutassem confiantes e firmes. Conquanto, numa expressão rude, fossem chamados bárbaros pelos europeus, todavia não se mostrassem bárbaros na fidelidade, obediência e préstimo. Salvassem aqueles por quem sabiam que seriam salvos. Unidos os seus esforços, lançassem-se à glória e colhessem, entre os seus e entre os estranhos, antes o louvor de ter defendido do que de ter traído a Pátria. Já experimentei as vossas armas e a vossa bravura, terminou Nassau, afeita à nossa milícia, quando foi preciso expugnar os fortes de Porto Calvo²⁴³ e do Ceará e quando se teve de expulsar Bagnuolo no ataque contra São Salvador. Dai a elas constância e perpetuidade. Para dizer tudo, ou agora tem de ser expulso do litoral o inimigo, ou será destruída a República e a felicidade de cada um”*.

Animados por essas palavras, os chefes indígenas prometeram, unanimemente, que estariam em armas e que haviam de combater com Maurício, expondo-se aos mesmos riscos, e indo aonde estivesse a voz e a salvação do geral.

O Conde aprovou-lhes e agradeceu-lhes a resposta generosa e cordata, distribuindo presentes com cada um deles.

Foram recenseados em todas as províncias todos os cidadãos que habitavam os campos, holandeses, alemães, franceses e ingleses. Recenseamento dos cidadãos ram-se-lhes comandantes de varias patentes – coronéis, tenentes-coronéis, sargentos-mores e comandantes de cavalaria, permitindo-se aos mesmos a escolha dos oficiais inferiores. Os conscritos do Recife ficaram às ordens do coronel Carpentier, a fim de se ter, em casos imprevistos, uma força armada ao alcance.



Nos campos comandava os recrutas, no posto de coronel, Gaspar van Nyhoven. Se bem não recebessem soldo, era fácil convocá-los, apenas mediante ordem escrita. Capitaneava um esquadrão de cavalaria Jacó Stackower, assim como João Winand em Itamaracá, Isaac Razir na Paraíba e João Blar em Serinhaém.

Esses esquadrões, não obstante dividirem-se em diversas companhias, tinham cada um número menor de soldados. Mas eram necessários os exageros entre indivíduos irrequietos que espiavam as ocasiões para se levantarem. Neles nasce o medo ou a confiança, conforme a conta das forças ou segundo o maior ou menor terror que inspiramos.

Ordenou-se aos conscritos que ficassem à disposição dos seus comandantes e que, exigindo-o as circunstâncias, estivessem a postos. Foram também alistados, em suas comarcas e freguesias, jovens portugueses (pois a juventude é ousada nos próprios perigos e inclinada para todas as novidades e incertezas). Nomearam-se fiscais para velarem com diligência que não se fizessem conciliábulos e que, sem permissão sua, não se transpusessem as respectivas fronteiras. Prouve também aos diretores que pela fidelidade e disciplina dos jovens portugueses respondessem seus pais ou qualquer cidadão conceituado. Ativamente cuidou ainda Maurício do abastecimento de farinha de mandioca, que é no país o sustento mais comum.

A todos e a cada um dos senhores de engenho foi imposta por um edito a obrigação de plantar mandioca e a quantidade em que deviam fazê-lo, cominando-se para os desobedientes pena de desterro, de cárcere ou pecuniária. Muitas vezes, faltando o mantimento vindo da Europa, remediou a mandioca a míngua dele. Entretanto, quanto mais necessária se tornava, tanto menor era a sua abundância. Assim, em mais de uma ocasião, deliberou Nassau sobre os meios de se obter para a soldadesca das guarnições quantidade suficiente dela. Os naturais não se preocupavam de plantá-la além do necessário para cada família, por essa incúria fatal dos homens, que só buscam os remédios quando apertam os perigos.

Aprendera Nassau, havia muito, que, nas cogitações de um general, antes das armas estão as virtualhas: quem destas carece é vencido sem ferro. Por isso, elogia Lívio a Quinto Fábio Máximo,²⁴⁴ porque, tendo-se chegado à extrema míngua e vendo-se Roma solícita pela carestia do mantimento, *“foi ele tal, durante a paz, na distribuição dos víveres, providenciando, adquirindo, transportando trigo, qual fora em muitas ocasiões durante a guerra”*. Lera com quanta solícitude se dedicaram os tribunos às leis anonárias e os imperadores romanos à repartição do trigo pelo povo.²⁴⁵

Portanto, ouvindo o parecer de outros sobre este assunto, baixou as seguintes determinações concernentes à distribuição da farinha:

“I. Em cada comarca, dever-se-á arrolar a extensão de terra que cada um possui, a fim de se fixar para o proprietário a obrigação de plantar mandioca, proporcionalmente a essa extensão.

Leis sobre abastecimento elaboradas por Nassau. De que modo se pode ter abundância de farinha ou de mandioca

“II. Ninguém será isento desta obrigação.

“III. Ao proprietário será permitido repartir esta cultura entre vários lavradores, ainda mesmo empregando militares, ou confiá-la a quem quiser.

“IV. Anualmente aprovarão os escabinos, cada um em sua comarca, esta repartição dos trabalhos.

“V. Faça cada um a referida plantação e forneça a farinha fixada pelo escabino.

“VI. Será perpétua e invariável essa medida, ainda mesmo vendidas as terras.

“VII. Ficarão, porém, isentas deste ônus as terras estéreis e desabitadas, pois não há intenção de se exigirem dos súditos serviços gravosos.

“VIII. Se, pela ausência do proprietário, parecer iníqua a exigência da cultura da mandioca e do preparo da farinha, tomarão este cuidado os escabinos, ordenando-lhe a execução a rendeiros.

“IX. Trimestralmente, em março, julho, setembro e dezembro, entregará cada um a respectiva medida de farinha.

“X. Duas vezes por ano, em janeiro e julho, taxará o Supremo Conselho o preço da farinha, e comprá-la-á dinheiro à vista.

“XI. Cada produtor a transportará para o lugar que lhe for designado nas comarcas respectivas.

“XII. Os agentes do fisco pagarão as despesas do transporte.

“XIII. O supremo conselho exigirá, não do rendeiro das terras, mas do próprio dono, a medida de farinha a que está obrigado. Se ele não o fizer, o conselho suprirá a falta com farinha de trigo, tirando-se o preço dos bens do proprietário ou condenando o contumaz à prisão.

“XIV. Caberá o mesmo direito ao dono contra o seu rendeiro, mas só na qualidade de querelante, e não na de juiz.

“XV. Cada proprietário terá de declarar ao supremo conselho, antes do fim de janeiro, a quantidade de mandioca que é obrigado a plantar e a medida de farinha que lhe compete fornecer, para saber ao certo o conselho qual a provisão de mantimentos para o exército.

“XVI. Feita a distribuição do trabalho do plantio, as câmaras, chamando os donos de terras, indicar-lhes-ão a medida de farinha exigida de cada um pela autoridade pública, medida que passará invariável e perpétua a filhos e netos.

“XVII. Será tudo isso lançado em registros públicos, a fim de que deles constem as obrigações prestadas ou não por cada um e as penas nas quais houver incorrido.”

Tendo rememorado os trabalhos e cuidados de Nassau, recordemos também as honras que mereceu.

O Senado da Câmara de Pernambuco, por ser o primeiro dentre todas as câmaras das províncias, na dignidade, população, poder e comércio, conferiu solenemente a Nassau o título de Patrono, pela singular proteção por ele dispensada ao Brasil e à gente portuguesa, pelo apreço que mostrava àquela corporação e aos cidadãos, pela sua honrosa atuação na paz e na guerra e pelo fulgidíssimo nome da casa de Nassau. Significavam com tal título que reconheciam o governador por Pai, Defensor e Salvador da Pátria, por cujo patrocínio eram garantidos, tanto no Brasil como na Holanda, os interesses e bens deles. Nesta manifestação pública, prendiam-se inequivocamente ao governador por laços de fidelidade e de obediência e pelo compromisso de todos os serviços, e o governador se obrigava a eles pelo amor, zelo e benevolência. Diziam que era costume dos espanhóis darem louvores públicos aos capitães beneméritos e que iam pedir por carta aos Estados-Gerais e ao príncipe de Orange a ratificação daquele título. Nassau, sem fazer cabedal daquela gloriola, a ele dada pela adulação de uns e pela afeição de outros, e para não parecer desdenhar com fastio as simpatias de seus súditos, respondeu-lhes que tais homenagens o advertiam do seu dever. Com aquele título não se tornava ele mais eminente e sim mais afável para os seus e mais favorável a eles. Na pátria ou fora dela, velaria sempre pelo bem-estar e pelos interesses deles, preferindo ser Patrono pelo seu próprio esforço a ser vangloriosamente proclamado tal pelos seus.

No mês de julho mil e duzentos inimigos atravessaram o rio de São Francisco em demanda de Alagoas. Para detê-los chamou apressadamente o coronel dos índios Doncker, que, escolhendo trezentos destes, marchou contra os contrários e sustou-lhes o ataque.

Quase por este mesmo tempo, foram conduzidos para Olinda pelo esculteto Luberg alguns alagoanos suspeitados de crime de alta traição, a saber: Gabriel Soares, Francisco Vaz, Gonçalo Fernandes, Rui de Sousa, Simão Fernando, Pedro Marques, Domingos Pinto e Antônio Brasileiro. Processados perante o conselho de justiça, foram condenados os cabeças da conjuração, Soares e Vaz, aquele ao confisco da terça parte dos bens e a dez anos de prisão, este ao confisco da metade dos bens e a vinte anos de prisão no forte de Ceulen.

Como o inimigo talasse impunemente o nosso território com bandos não grandes, formados de negros e mamelucos, prouve ao Conde armar uma companhia de gente da mesma raça e condição, para que, com a semelhança dos costumes e dos crimes e com o conhecimento dos caminhos e esconderijos, se pudessem colher às mãos os companhistas, vencidos por indivíduos exercitados no mesmo sistema de guerrear.

Em princípios de setembro, quatro naus holandesas, denominadas o *Sol*, o *Cisne*, os *Campeões* e o *Arco-Iris*, bordejando nas proximidades da baía de Todos os Santos, pelejaram, renhidamente e com supremo esforço, contra dois galeões espanhóis e duas naus menores, que se preparavam para dali sair. Foi tal a investida dos nossos que os vasos inimigos foram coagidos a retroceder, e os nossos a desistirem de aossá-los, receando as costas e os baixios.

Combate naval

Algum tempo depois, anunciou-se haverem zarpado da Bahia dezoito ou vinte naus grossas com algumas menores. Por isso, dois patachos mandados por Nassau em reconhecimento informaram que o grosso da armada tinha partido da Bahia, ficando no porto sete navios grandes, além dos pequenos. Do topo dos seus mastros pendiam os galhardetes das almirantas para, com este sinal, fingirem a presença delas e da capitânia.

Entretanto, a noite escuríssima permitiu à armada espanhola furtar-se aos navios holandeses, que, após uma busca inútil de três dias, rumaram diretamente e rota batida para o Recife, na suposição de ter o inimigo aproado a algum ponto do nosso litoral. Mas por ordens súbitas de Nassau, para quem toda a defesa estava na energia e na pressa, foram elas destacadas para diversas partes da costa, Olinda, cabo de Santo Agostinho, Santo Aleixo, Rio Formoso, Porto Calvo, Alagoas, Itamaracá e Paraíba, pondo-se ao paio, atentas em descobrirem a armada. Não sendo ela avistada, voltou o almirante ao Recife para juntar a si outras naus e ir mais forte contra o adversário. Logo foi o Conde informado por prisioneiros baianos de que a frota espanhola, tendo-se feito ao mar a 15 de setembro, voltara para a Bahia, depois de assegurar a alguns navios mercantes a navegação para a Espanha e de conduzir para o Morro de S. Paulo²⁴⁶ dois galeões que reclamavam consertos. Diziam que das praças do Rio de Janeiro tinham sido enviados socorros e muitos bastimentos, esperando-se também do Rio da Prata algumas naus e de Portugal novas tropas, e que, assim, estava prestes a cair sobre nós toda a violência da guerra, vindo os portugueses recobrar as suas perdas.

Diligência de Nassau para descobrir a armada espanhola

É, pois, tempo de levarmos para o largo toda a armada espanhola, apercebida para restaurar o Brasil e destroçar os holandeses. O rei de Espanha, com efeito, julgava seria morosa a guerra feita no Brasil com expedições terrestres, organizadas de quando em quando, não se ressarcindo os prejuízos públicos com incêndios alternados de fazendas, engenhos e casas, que são danos de particulares. Por isso, aprestando poderosíssima armada, semelhante a aquela comandada pelo duque de Medina Sidônia, com a qual outrora, reinado de Isabel, atacara Filipe II a Inglaterra,²⁴⁷ determinou acometer o litoral do Brasil sujeito aos holandeses e, em vez de enfraquecê-los com uma luta arrastada e lenta, esmagá-los como sob uma alude guerreira, reunindo as forças de terra e mar.

Neste intento, não havia muito ajuntara, nos portos da Espanha, Portugal, Galiza e Biscaia, elevado número dos maiores vasos para tentar fortuna no

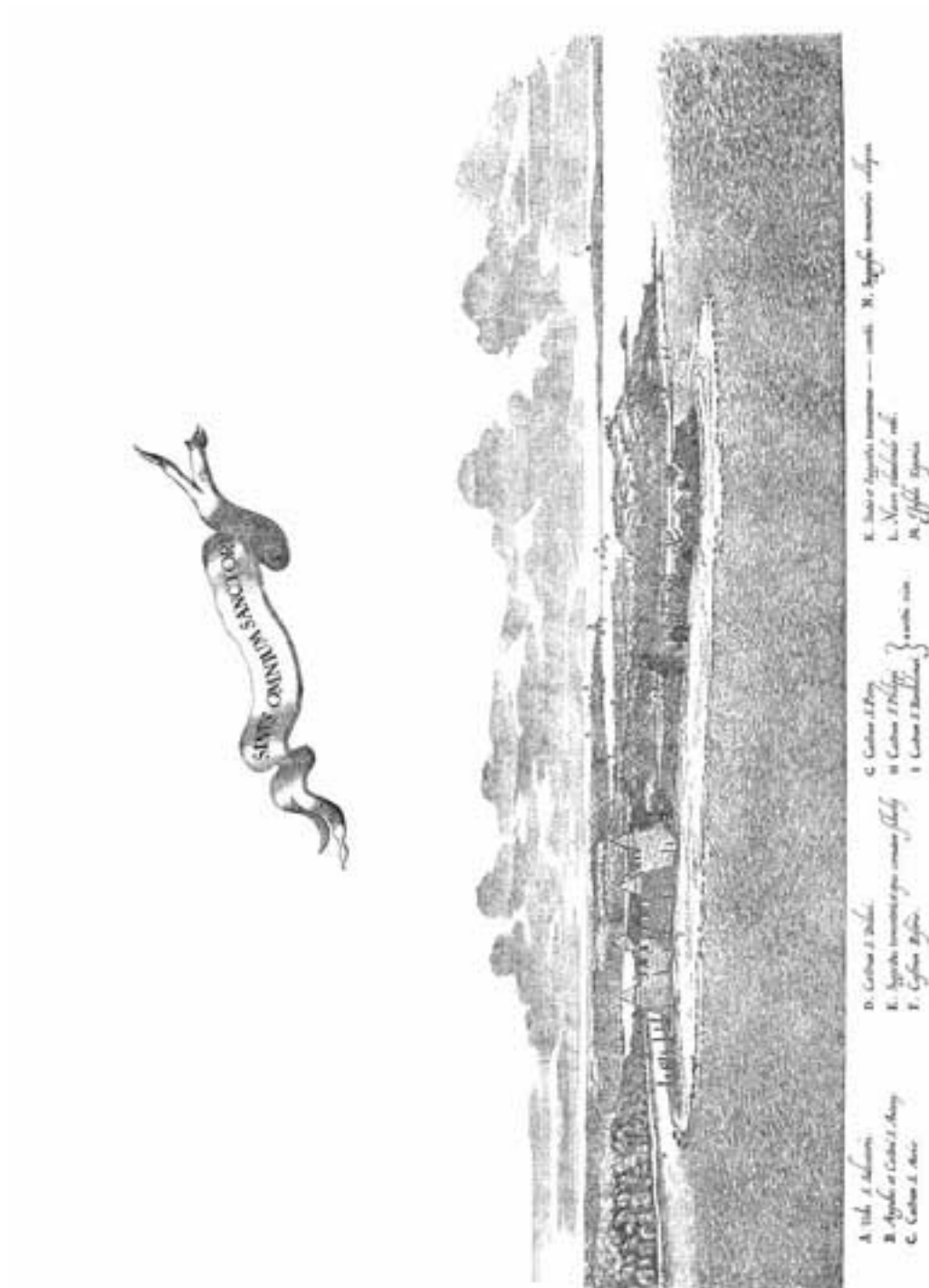
mar. Havia a esperança de que, destrozada e vencida a esquadra holandesa, se franqueariam todos os portos brasileiros e seria fácil recuperar-se a terra, vedando-se a nós a entrada nas baías e costas.

Eram as naus da armada espanhola de estupendo porte, formidandas pela artilharia e pelo efetivo de soldados e marinheiros. Chamavam-se galeões, cujo costado são pranchas emalhetadas, numa espessura de cinco palmos e mais, quase impenetráveis às balas de canhões de vários calibres. Transportavam uns 800, outros 600, quais 500 homens, tanto de peleja, como de mar. Passando junto ao litoral de Pernambuco e da Paraíba, entraram na baía de Todos os Santos e lançaram ferro a 16 de janeiro de 1639. Eram muitos mil marinheiros, de várias nacionalidades – espanhóis, portugueses, biscaínhos, bretões, holandeses – recrutados no norte e até na Europa inteira. Nem era de achar na Espanha tantos entendidos de marinha. Havia condes, príncipes, cavaleiros, pertencentes à flor da nobreza espanhola, alegres de se lhes depa-
Descrição da arma-
da espanholarar ensejo de provarem ao seu rei, com alguma luzida façanha, a sua fidelidade. Quase ninguém tinha dúvida de se subjugar e recuperar o Brasil holandês. Diziam, com efeito, que os batavos, lutando com falta de soldados e de mantimentos, em vão sustentariam o embate de tantos veteranos, afamados já em várias campanhas e em várias expedições navais.

Durante o ano inteiro permaneceram as naus ociosas nas estâncias, sem tentar nenhuma hostilidade. A causa desta demora era a espera de tropas suplementares mandadas vir do Rio de Janeiro e de outros lugares, por terem morrido na travessia três mil homens, atacados de peste junto à chamada costa de Cabo Verde, na África.

Neste entremetentes o nosso Almirante, andando ao paio junto à Bahia
Interceptam-se cartas
dos espanhóiscom dezoito naus, apresou um transporte carregado de açúcar e interceptou maços de cartas escritas pelo Conde da Torre, capitão-general da armada, e por altas patentes do exército espanhol. Elas inteiraram Nassau das condições dos inimigos, do poder da frota, dos contratempos por eles sofridos e dos planos do rei. Informavam que toda a armada constava de 46 naus, sendo 26 os galeões; que contara 5.000 homens de armas, tendo perecido 3.000 na viagem pelo ar pestilento da África, e que os demais, levados enfermos para a baía de Todos os Santos, definhavam e morriam. Continham entre as instruções do rei que, apenas chegasse a armada ao Brasil, fossem logo desembarcados os soldados nas vizinhanças de Olinda, fechando-se todo o mar para os holandeses e cruzando alguns navios o oceano para insidiarem as embarcações vindas da Holanda.

Havia entre os holandeses do Brasil tal penúria de mantimento e de petrechos bélicos que, se os reveses do mar e a malignidade dos ares não tivessem assolado a armada, e se Deus, a nós propício, não lhe tivesse frustrado os planos, seria lamentável e próximo da ruína o estado da Companhia.



O inimigo, entretanto, aplicava-se sem descanso a reparar a frota, alistava com a maior diligência os íncolas aptos para a milícia, procurava reforços por toda a parte, e fortalecia os soldados enfermos, calculando que em agosto seguinte, feita junção com as tropas de Bagnuolo, desembarcaria no continente 5.000 homens para a invasão do nosso território, deixando 2.000 nas naus. Haviam-no, além disso, convencido de que dois ou três mil portugueses, residentes entre nós, intentavam rebelar-se, o que de modo algum se julgava sem fundamento, por ter essa gente pouca firmeza e honradez e odiar muito aos holandeses.

Nassau, porém, reputava pouco temíveis todos aqueles aprestos, à conta da extrema falta de provisões com que lutava também a Bahia, porque, consumidas elas durante a longa travessia, não bastava a região para sustentar tão grande multidão. Tinha o adversário esperanças de obter farinha por intermédio dos moradores do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, aguardando, demais, da Espanha e das ilhas ocidentais, 2.000 homens de reforço. Firmado com tais apercebimentos, ameaçava os holandeses como que com o seu dia derradeiro.

Nas listas encontradas figuravam os seguintes comandantes militares:

Comandantes da armada espanhola D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre, capitão-general de terra e mar, João de la Vega, almirante de Castela, que comandava 16 galeões, fora as naus sujeitas à jurisdição do rei;²⁴⁸ Rodrigo Lobo, almirante de Portugal, tendo às ordens 10 galeões, exceto os vasos diretamente subordinados ao mando real; o Conde Bagnuolo, mestre-de-campo-general; Francisco de Moura, coronel de cavalaria; Antônio Rodrigo, tenente-coronel de cavalaria; Nuno de Melo, Tiago Pires de Lucena, Francisco Pezeram de Castro, comandantes dos esquadrões; Vasco de Mascarenhas, conde de Óbidos, general de artilharia; Paulo Nuno, tenente-general de artilharia. Davam ainda as listas os nomes dos seguintes coronéis: Urbano de Unada, que comandava 1.000 soldados; Fernando da Silveira, 1.100; Luís Barbalho, 1.500; Manuel Mascarenhas, 800; Fernando de Laduenga, 500; Heitor de la Calce, 160. Eram os seguintes os tenentes-coronéis: Alonso Ximenes, Pedro Corço de Somona e Martinho Ferreira. Eram estes os sargentos-mores: Antônio de Freitas, Francisco Duarte, Paulo Bagnuolo, João de Araújo, Pedro Martins e Paulo de Parada.

Contavam-se 900 soldados naturais do país, 600 índios às ordens de Camarão e 400 negros capitaneados por Henrique Dias. Tinham-se, além disso, nas naus, 2.000 homens de reserva, não incluindo os que, por amor do rei, tomavam armas sem receber soldo, como o Conde de Castelo Melhor.

Em grande inferioridade, não armava Nassau mais de 3.000 guerreiros, pela deficiência dos batalhões, das levaras e das vitualhas. E se não houvera sido apresada uma nau inimiga, transportando farinha, desde muito teriam sucumbido os holandeses, levados às extremidades da fome. Entretanto, por bondade de Deus, acudiu-se de certo modo àquela inópia, pois já não restavam mantimentos.

Pelas tais cartas apreendidas ficou manifesto haver o rei mandado a frota cruzar diante do litoral brasileiro durante dois anos inteiros, e que ele enviaria anualmente quantidade suficiente de forças e de naus, para se tornar senhor do mar e arrebatar aos holandeses o domínio dele.

Este fato induziu também Maurício a pedir instantemente aos Estados-Gerais contínuos reforços, se não quisessem ver por terra a nascente fortuna de tão grande império e expor a vida de tantos batavos aos escárnios e à ferócia dos adversários. Estavam mais dispostos a sucumbir pelas armas do que pela negligência dos seus. Era, de fato, pensamento assente do Conde disputar ao inimigo a dominação e tentar a sorte da guerra, pois não se tinha que escolher entre uma morte gloriosa e a morte obscura causada pela fome, entre os lances de uma refrega e as angústias da miséria.

Caíra casualmente nas mãos dos índios do Sergipe Informações de um prisioneiro negro d'el-Rei certo negro, soldado de Henrique Dias e porta-bandeira. Interrogado a respeito da armada, disse alguma coisa, mas não muita, calando-se ou por ignorância, ou por lealdade aos seus.

Adiantava ele que muitos dos embarcados na armada, por longa demora nas naus, primeiro antes de zarparem de Portugal e depois na altura do Cabo Verde, tinham adoecido e morrido, recolhendo-se outros, maltratados dos incômodos do mar, a um convento da Bahia, onde se iam finando dia a dia; que fora ele destacado pelo governador para, com tropas volantes, queimar os canaviais e inflamar contra os batavos os portugueses, índios, mamelucos, mulatos e quantos negros pudesse, arrastando-os a si até abicar a armada, a qual, segundo a sua opinião, preparava o desembarque em Nazaré.

Recebeu, porém, o Conde estas informações sem lhes dar grande importância, pois não era verossímil que os espanhóis, tão convictamente esperançados de restaurar o Brasil, cogitassem de destruir a safra. Com efeito, é próprio dos que guerreiam, segundo as regras, poupar as terras às quais vieram com a intenção de as vencer e não assolar aqueles onde pretendam firmar possessões. Saquear, devastar, incendiar as mais das vezes são atos de um exército desesperado, e não vantagens de um exército guiado por bons preceitos.

Obtidas forças auxiliares no Rio de Janeiro e outros lugares e repartidas por toda a armada, composta de 86 velas, havendo assim perto de A Armada espanhola sai da Bahia onze ou doze mil homens de peleja, fora os índios e os conscritos do sertão, largou ela da baía de Todos os Santos e fez-se ao mar. Correndo voz da sua chegada, houve grande alvoroço no povo, ficando alerta as guarnições de toda a parte, porque, pela incerteza em que todos se achavam do ponto onde se desembarcaria o inimigo, nenhum lugar das províncias estava livre de medo e de perigo. Zarpara da Espanha esta armada, de conserva com os navios que, sob o comando de Oquendo, rumaram, com maus agoiros, para a Holanda, a fim de amedrontar simultaneamente o holandeses do Brasil e os das Províncias-Unidas,

A nossa armada com a junção das frotas e com o grande número de navios. Logo, porém, emarando-se, separaram-se as duas esquadras, e uma, com destino infeliz, foi opugnar o Brasil, e a outra, por via diversa e com resultado igualmente desastroso, veio atacar a Holanda. Quatro dias antes de partir da baía de Todos os Santos a armada espanhola, a holandesa, sob o comando de Guilherme Cornélio Loosen, que havia andado ao paio junto à costa de S. Salvador, planeando assaltar os espanhóis, esteirara para o porto de Pernambuco, com treze naus carecedoras de mantimentos e outras coisas. Muito oportunamente a estas se juntaram oito naus que chegavam da Holanda, depois duas e logo mais nove. Abicaram todas elas, depois de haver saído da baía de Todos os Santos a armada espanhola.

Daí a consternação para uns, a audácia para outros. Uns pareciam temer, outros intimidar, porquanto ou era cada um alentado pela animação e estímulo dos seus, em razão dos novos reforços, ou se deixava abater, por desesperar da vitória. Era tanta a necessidade de se apressar a guerra que os vasos vindos da Holanda, antes de se descarregarem, tiveram de adaptar-se para o combate e para o desempenho de serviços bélicos, recebendo soldados do Brasil, que Nassau havia tirado de suas tropas e companhias de terra. Contávamos quarenta e uma naus, desiguais no tamanho, na artilharia, na soldadesca. Fazendo-se ao largo com elas, o nosso Almirante, cheio de coragem e confiança, fundeou em frente de Olinda, a quatro léguas da costa, de onde lhe era fácil seguir os espanhóis para qualquer lado. Fora delatado a Nassau²⁴⁹ que eles deviam ir ou para o Pau Amarelo (é um ribeiro da província de Pernambuco, que comporta navios ligeiros), ao norte, ou para a Candelária, ao sul. O desembarque aí lhes teria sido danoso, por causa das fortalezas e estâncias, munidas de guarnições e artilharia contra a violência, e bem assim à conta dos matos e sítios arenosos, que se julgavam de proveito para os nossos, e também em razão dos rios, cobertos de pontes e de navios para remessa de socorros, acaso necessários em alguma parte.

Corria o mês de dezembro, quando passou a armada espanhola à vista da costa austral de Alagoas, onde lançou ferro junto ao rio de S. Miguel, indo os marinheiros fazer aguada nas suas lanchas.²⁵⁰

Neste tempo, postara-se o major Mansfeld, com algumas forças, em certo passo, a seis léguas do litoral, ordenando-lhe o Conde que, ao avistar a esquadra espanhola, se retirasse ele com o seu destacamento, porque não estava ali garantido por nenhuma fortificação para resistir aos contrários. Não obstante, lá permaneceu ele impertérrito oito dias e avisou ao Conde a chegada da frota e de seus tripulantes. Por se haver dito, falsamente embora, prepararem eles o desembarque, mandou Nassau que a nossa esquadra para ali se dirigisse em marcha acelerada, a fim de acometer de improviso a armada espanhola ainda sobre as âncoras, e, se não a encontrasse, voltasse à sua primeira posição.

Destarte, acendia-se simultaneamente a guerra marítima e a terrestre, e de um lado os soldados de terra, do outro os de mar, confrontavam, com a jac-

tância militar, os seus riscos e deveres, e, diferindo nos desejos, cada um maldizia da própria sorte, e quem militava em terra desejava a milícia naval, e quem militava sobre as águas invejava a milícia campal.

Apenas dera à vela o nosso Almirante, favorecido pelo vento do norte, quando parou diante de Barra Grande, enseada muito ^{Nossa armada faz-se de vela} cômoda para os navios. Entanto, declinando o dia e já fazendo escuro, receou explorar o porto e proejou de madrugada para ali, onde supunha encontrar a frota adversa e ensejo de combate. Levado, porém, ao rio de S. Miguel, topou somente com quatro navios menores, os quais transportavam aparelho bélico para os batalhões que se conduziam por terra. Os nossos iates os impeliram para a costa e para os parcéis.

Partira a armada, julgando que, por estar uma parte do nosso exército em Alagoas e a outra em Porto Calvo, deveria o Conde achar-se em outro lugar e com forças menores.

Favorecendo outra vez o vento, toda a esquadra holandesa, ANO DE 1640 a 1º de janeiro de 1640, estava surta nos portos de Pernambuco, atentas a todas as eventualidades, para que nem escapulisse inimigo, nem desembarcasse impunemente. Anunciou-se então que se avistara a armada espanhola não longe de Paraíba e que ocupava com alguns barcos a boca do rio, simulando o desembarque, sem outro fim que atrair também para ali parte do exército. É estratégia usual aos comandantes apresentarem-se num ponto e dirigirem-se para outro. Não tardou muito em ser ela vista da ilha de Itamaracá. Foi, por isso, ordenado à nossa esquadra que, na mesma noite, se fizesse ao largo, soprando o norte mais em proveito do inimigo do que nosso.

Pouco antes, reuniu Nassau todos os almirantes e capitães, dirigindo a todos a seguinte exortação: ^{Nassau exorta à luta os almirantes e capitães} “*Lutai bravamente, pois vos depa-
ra o Céu ocasião de pelejardes. Em nenhuma outra parte podereis vencer de modo mais certo ao espanhol do que nestas costas, onde é fácil varar-lhes os navios nos baixios e escolhos. No mesmo lugar está posta a salvação e a glória de todos. Na balança da fortuna estão suspensas a honra do rei da Espanha e a da Companhia das Índias Ocidentais.*

“*Estas duas esquadras conduzem o domínio do Brasil: se triunfar a nossa, está-nos garantida a dominação; no caso contrário, caberá ao espanhol.*

“*Acrescentais aos muitos anos durante os quais temos pugnado nestas plagas por pedacinhos de terra este dia glorioso em que devemos disputar o império inteiro. Provai aos Estados-Gerais, ao príncipe de Orange e à Companhia que nem vos falta coragem para combaterdes, nem forças para vencerdes. Não temos naus de estupendo porte, nem velas feitas para terror dos que facilmente se amedrontam. Dão-vos confiança as vossas mãos, as vossas armas e o favor divino que eu devia ter nomeado primeiro. Se tivésseis de batalhar com povos desconhecidos, com os bárbaros, os patagões, os antropófagos, buscara eu novos argumentos. Ides, porém, pelejar com espanhóis e portugueses, cuja milícia naval já vos é conhecida. São aqueles mesmos,*

cujos esquadras já queimou a vossa gente, à vista de todos os santos e na própria Bahia²⁵¹ a eles consagradas; são aqueles mesmos a quem ela arrebatou, em luta incruenta, os tesouros do Peru e do México. Mostrai-vos também os mesmos e perseverai na fama brilhante que no mar alcançaram os batavos. Decidirão os fados: aconteça o que acontecer, terá sido façanha memorável vencer ou morrer no dia de amanhã. Para os que combaterem estão reservados os prêmios da guerra e para os recalcitrantes, o castigo e a morte. Nem a vossa sorte permite escolher-se terceiro caminho, nem o meu posto, o qual, assim como está inclinado a recompensar, assim também de modo algum, renunciará a severidade que exigir o vosso crime.“

A estas palavras despertou o ardor de todos, e com grande vivacidade correram para as costas, para as naus e para as armas.

De manhã sopravam mais a nosso favor os ventos do sul. Avistamo-nos mutuamente, nós e os inimigos, diante das praias de Pau Amarelo, onde resolvera o adversário pôr em terra 7.000, que já tinham passado para os navios menores em demanda do litoral. Mas, pairando a armada inteira com as embarcações espalhadas, algumas naus que haviam tomado a dianteira às outras, vendo as nossas, preparavam-se para juntar-se ao resto da frota. As naus holandesas, porém, conseguindo vantagem da posição e guiadas favoravelmente para o lado dos espanhóis, seguiram o inimigo que, escapando-se um pouco para o norte, só pelas três horas da tarde nos deu possibilidade de batalhar.

Então o almirante da nossa armada, Guilherme Loosen, dirigindo-se aos seus soldados e capitães disse: “*A ação de hoje será de êxito e de bravura, e não de furor e de intempestivo ganho. Portanto, camaradas, enchei-vos de coragem, vós que não podeis suportar a desonra nem com os olhos, nem com o ânimo. Em nosso favor militam todos os estímulos de vitória: o vento, as ondas, a vantagem dos navios para a refrega. Não há muito, quando tardava a esquadra adversa, ouvia eu perguntarem os mais valentes dentre vós: ‘Quando virá a armada? Quando encontraremos o inimigo?’ Fatigavam-nos a sua demora e a vossa expectativa. Agora tendes os inimigos fora dos seus esconderijos e da sua Bahia. Estão satisfeitos os desejos e esperanças de todos: em frente, ante os olhos, pela proa e atrás das popas estão os espanhóis. Se não os afugentardes, achar-se-ão em breve dentro das naus e nelas vos perseguirão. Desiguais em número, somos superiores na necessidade de pugnar. Quanto a mim, estou no firme propósito de voltar para o adversário não as popas, mas as proas. Eia pois, com o favor de Deus, atacai comigo aquela capitânia, e, se algum dia pelejastes pela glória, conservai-vos agora observadíssimos da disciplina naval e prestai à pátria o vosso eficientíssimo auxílio. Neste ensejo tão propício de se destruir o inimigo, não vos deixarei de dar as recompensas e os louvores prometidos.*”

Cortou a alocução a necessidade presente, e, com as velas empandinadas por um vento favorável, rompeu ele por entre a armada inimiga, desenvolvendo todo o esforço para investir com a capitânia espanhola. Durante três horas, combateu, obstinada e ferozmente, com ela e com outros quatro galeões que o rodeavam, encarniçando-se as partes em incansável canhoneio. Ferido, porém, no início da luta e auspicando a vitória com a sua morte, não sobreviveu à sua

glória. Tombaram neste primeiro recontro, além do almirante, três marinheiros, ficando feridos quatro.

Entretanto, a nossa capitânia, cercada de inimigos por todos os lados, livrou-se do presente perigo, graças à energia dos seus tripulantes, e evadiu-se.

Na mesma tarde, levou-se o corpo do almirante para Itamaracá, onde foi condignamente sepultado.

Por sua vez, a nau *Alkmar*, fortemente batida e varada pelas balas da artilharia inimiga e fazendo muita água, pôs-se em retirada, inapta para combater.

Deu-se este primeiro encontro entre Itamaracá e Goiana, a três milhas do litoral.

Primeira batalha,
entre Itamaracá e
Goiana. 12 DE
JANEIRO DE 1640

Sobrevindo a noite, fez cessar a batalha, mas não o des-
nodo dos batalhadores. De feito, consertadas, com a possível prontidão, as velas, as enxárcias, os parapeitos, as toldas, que a violência da artilharia tinha despedaçado, foram no dia seguinte chamados à armada os membros do Conselho Secreto pelo major Pero Legrand, comandante dos soldados. Informados da morte do Almirante, substituíram-no pelo vice-almirante Jacó Huyghens, herdeiro da sua nomeada e bravura. Apenas assumiu o comando da nau *Fama*, entrou também logo a ser celebrado pela voz da fama.²⁵²

Feitas preces a Deus e cheios de ânimo e entusiasmo os marinheiros, atacou ele a armada inimiga, e, soprando o sul, travou refrega cruenta e terrível. Numerosas naus espanholas foram opugnadas por um punhado das contrárias, e as maiores pelas menores, de sorte que lutavam oiteiros com montanhas, cabaninhas com torres, bojos vastos e arqueados de coros gigantescos contra conchas de amêijoas.

Levávamos vantagem nisto: enquanto as naus inimigas, pelo seu volume, se mantinham quase imóveis, podiam as nossas virar para qualquer bordo e dar-se ao vento. Proas encontroavam proas e desconjuntava-se o travamento dos navios, ora com o choque das popas, ora com o dos flancos. As lascas e estilhas arrancadas pelas balas dos canhões às cintas e toldas matavam os combatentes mais do que a própria artilharia. Mergulhando-se eles no mar ou sendo capturados, tornava-se presa do vencedor ou eram trucidados nas águas pela fúria do guerrear, desconhecadora de moderação. Tão intenso era de parte a parte o furor da artilharia, que a cerração e a fumarada escondiam aos olhos o próprio céu e os inimigos.

Durou este segundo conflito até tarde velha. Em relação à atrocidade da briga, houve do nosso lado poucos mortos ou feridos. O teatro desta batalha foi entre Goiana e o Cabo Branco.

Segunda batalha
(13 DE JANEIRO),
entre Goiana e o
Cabo Branco

O nosso navio denominado o *Louro Sol*,²⁵³ feito pedaços pela artilharia inimiga, soçobrou com o coronel Mortemeer e 44 soldados. O capitão do navio, entretanto, e 34 marinheiros saltaram num escaler e, apesar de alvejados pelas contínuas descargas dos contrários, escaparam-se a salvamento.

Por sobre as redes jaziam esparsos os cadáveres com os membros mutilados, espetáculo contristador, mas também glorioso.

Ao narrar estes sucessos, vem-me ao espírito este pensamento: que o choque entre dois exércitos de guerreiros, assim armados, assim travados, não difere da luta das feras. Flamejam os olhos, empalidecem os rostos, o semblante descobre o furor, a voz ronqueja de raiva. Há uma grita louca de alucinados. O homem inteiro é de ferro e minaz e cruento. Estrondeiam as armas, fulminam as bombardas, trovejam os canhões, não menos horrendos que os verdadeiros trovões, porém mais funestos. E que rictos em cada um, que frêmito, que crueza, que embates furiosos, que mescla tumultuária, que cruéis alternativas dos que tombam e dos que trucidam, cadáveres amontoados, amuradas e toldas escorrendo sangue! E é de maravilhar que, nascendo homens para sermos humanos, mansos, bons e brandos, nos tenha algum deus ou algum acaso impelido a desembainhar, intrépidos, o ferro mortífero uns contra os outros, em todas as campanhas, em todas as armadas. E, todavia, somos arrastados por uma necessidade superior a estas matanças humanas por amor da liberdade, da religião, do poder ou das riquezas, sendo um heroísmo e um dos maiores títulos de glória arriscar a vida para afastar dos filhos e das esposas, dos altares e dos lares, a violência, e dilatar os términos do próprio poderio.

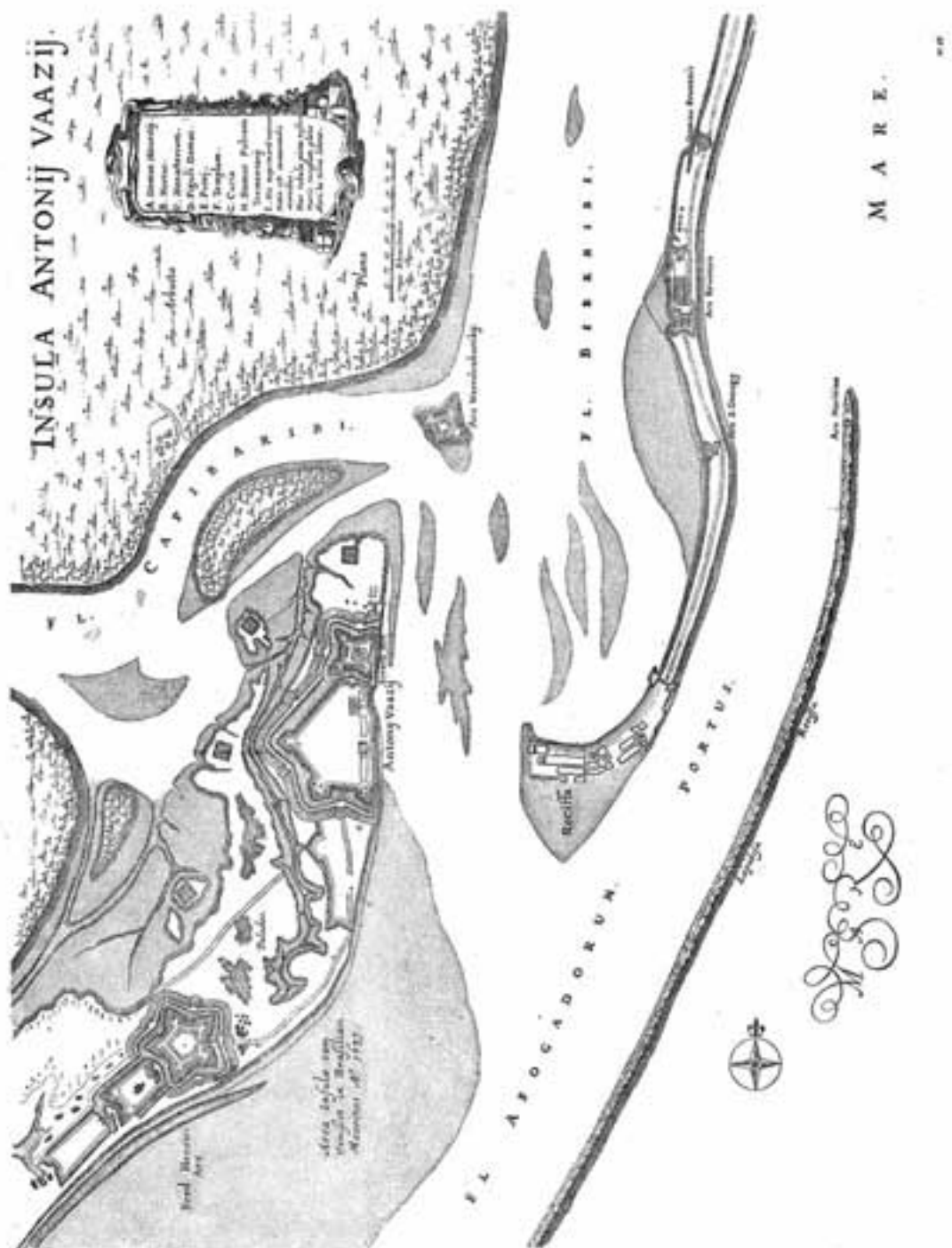
Ao amanhecer do dia seguinte, ajudados os holandeses pelo vento do sul, acometeram terceira vez a armada espanhola, que navegava desfavoravelmente.

Terceira batalha
junto à Paraíba.
14 DE JANEIRO.

O almirante Huyghens, inaugurando dignamente o seu novo posto, meteu-se entre as duas capitânicas de Castela e de Portugal, pois julgava pouco lutar com um só adversário. E pelejou-se aí com tal ferocidade que se ignora quem foi mais feroz. Cada um dos comandantes valia-se doutamente da sua perícia náutica, do céu, dos ventos e do mar. Cada um deles preferiu afundar, com celeridade e furor, as suas naus contrárias a salvá-las, apresando-as. Cada um deles misturou com o próprio valor alguma cousa de temeridade e converteu em prudência o que o acaso oferecia. Batalhamos com tal felicidade que pouquíssimos os caíram na luta, porque Nassau previra sabiamente que suas naus não abordassem as do inimigo para não serem metidas a pique pelo número dos soldados contidos nas capitânicas adversas. E assim, com avanços e recuos freqüentes, atacamos os contrários com reiterados canhonaços.

Esta batalha, que só terminou ao pôr-do-sol, feriu-se junto à Paraíba a duas milhas da costa. Aconteceu que a esquadra espanhola foi impelida pela hostilidade do mar e dos ventos para os confins setentrionais do Brasil, onde as correntes marinhas, dirigindo-se com grande rapidez para o ocidente, arrastam quaisquer navios sem que eles o queiram.

Neste recontro foi derribado e partido pelas balas o mastro de uma das nossas naus, denominada o *Cisne*. Servia-lhe de bota-fogo Jacó Aldrich, soldado



notável nos combates marítimos. Tendo-se inutilizado esta nau para a peleja, foi coagida a procurar defesa, ancorando-se. Conhecendo-se isto, lançaram-se contra ela doze naus grossas espanholas para a tomarem, pois se via impedida por causa do velame atrapalhado e caído. Vendo o nosso Almirante o perigo, mandou-lhe em socorro alguns navios, com cuja chegada largaram o *Cisne* seis naus espanholas. Travaram-no as demais, deitando-lhes os arpéus, e logo duzentos ou trezentos inimigos ocuparam-lhe como vencedores o convés e o castelo de popa. Aldrich, com o ânimo obstinado até os extremos da luta e com a fereza do seu caráter, expulsou-os virilmente, graças à covardia dos espanhóis e à indulgência da fortuna. A ousadia misturada com o desespero e a vergonha misturada com o temor foram os autores de tão brilhante proeza. De fato, cortadas as amarras que detinham a âncora, deu a nau nos parcéis e recifes da costa, para onde a seguiram, presas ao mesmo fado, quatro naus espanholas. Estas, porém, à vista do perigo, arrebutaram as cadeias e abandonaram o *Cisne*, deixando nele os camaradas, não já vencedores, mas prisioneiros. Consternados com este caso, parte deles saltaram ao mar e parte, buscando outro meio de salvar-se, pereceram numa luta cruel, ou trucidados a ferro ou tragados pelas águas.

Uma quinta nau, capitaneada por Antônio da Cunha Andrada, comandante da esquadra de socorro enviada à ilha, ignorando que o *Cisne* encalhara no banco, abeirou-se dele por erro e, varando igualmente na areia, travou com ele peleja. Enraivaram-se ambos os vasos horrendamente e, de lado a lado, jogou a artilharia de tal modo, que os espanhóis, deitando às ondas as espadas que empunhavam, pediram quartel, suplicantes e acovardados. Trinta que se tinham precipitado nas águas, nadaram para serem salvos pelo nosso *Cisne*, posto que navio inimigo. Entretanto, embravecidos os ânimos dos marinheiros pelo calor do conflito, foram eles expulsos, degolando-os a sanha ou sorvendo-os o Oceano.

Os marujos holandeses transportados pelo *Cisne*, retirando dele o que lhes podia aproveitar e saltando num batel, entregaram ao mar o bojo vazio da nau.

Ensinou então a experiência, mestra de tudo, nada poder conseguir a destreza humana contra a violência e o ímpeto dos canhões. Logo depois se puseram em batéis os espanhóis que a nau de Andrada levava em numero de 230. Entre eles se achava o próprio Andrada, capitão da frota de socorro, quatro fra-des, dois capitães e outros tantos alferes e um médico.

Calculava-se em 30.000 florins a presa de prata amoedada, lavrada e em barra, feita no navio, fora um colar de ouro e outros objetos subtraídos pelos marinheiros. O conde Maurício remeteu para a Holanda este Andrada, homem de inteligência cultivada e caráter afável, julgando pudesse ser útil à Companhia detê-lo ali algum tempo.

No dia 15 de janeiro experimentamos a mesma clemência dos ventos e do céu, soprando ainda o sul. Convocando então o almirante os comandantes das naus, pronunciou estas palavras varonis: “*Não deixeis escapar-vos das mãos a vitória. Está em fuga o inimigo, arrastado para sítios do mar hostis e temerosos pelo ímpeto de suas correntes. Praticareis ação digna de marinheiros, se vos quiserdes salvos e cheios de glória. Não deixeis de tentar nada por medo.*” E como visse a armada espanhola aproximar-se da costa, avisou por um iate ao governador do forte de Ceulen, isto às margens do Rio Grande, que estivesse alerta à chegada do inimigo e defendesse a sua posição.

O Almirante exorta os seus a perseguirem a armada

Depois, com extraordinária galhardia e descuidoso de todos os perigos, dando, como o permitiam as circunstâncias, a ordem da batalha onde podia, marchou de novo contra o espanhol. Sobreveio, porém, quando já estava próximo dele, tal calmaria, que as duas frotas se tornaram joguete das ondas e não consentiam ser governadas pelas velas e lemes. Durou ela até às 3 da tarde, em que cursou outra vez o vento. Para que a tarde iminente não interrompesse intempestivamente o combate e não confundissem as trevas os beligerantes, pareceu bem se transferir a luta para o dia seguinte. Ao amanhecer este, providos nós de armas e de pólvora trazidas de fresco por um iate, encetamos a batalha, que foi acesa e renhidíssima o dia inteiro, cessando somente ao pôr-do-sol.

Marcha de novo contra o inimigo

Neste conflito, travado perto do Cunhaú,²⁵⁴ em frente da capitania do Rio Grande e à vista da costa, atormentamos e varejamos a tal ponto a capitânia espanhola que ela se retirou da refrega com vento próspero, circundada de navios menores, que desafiavam e maltratavam a nossa almiranta, embora com resultado adverso, qual experimentaram também os galeões inimigos.

Quarta batalha em frente da Capitania do Rio Grande, 17 DE JANEIRO

No início da ação, a esquadra holandesa rompeu pelo meio da espanhola com tal destreza que logrou a vantagem dos ventos e do mar, ficando a frota inimiga a sotavento da nossa.

Não foi sucesso verificado sem a vontade de Deus o terem morrido, nestas quatro aspérrimas pelejas, só vinte e dois dos nossos, ficando feridos oitenta e dois.

Arrastava-se assim a guerra dia a dia, e todos éramos também arrastados para as regiões setentrionais do mar, numa situação desigual, cedendo o inimigo ignominiosamente, apertando-o nós gloriosamente.

Então o nosso almirante, consultando com os oficiais da esquadra, mandou repetir-se o combate no dia seguinte para expulsarem de todo o inimigo do litoral brasileiro, impelindo-o para as partes perigosas do mar.

Forcejavam os contrários para se abastecerem de água, mandando à costa para este fim navios pequenos, pois careciam dela, e a marinhagem quase

sucumbia de sede. Mas os nossos iates, cruzando próximos da costa, impediam essas tentativas. Além disso, três transportes inimigos, tocados para o litoral, naufragaram, salvando-se, protegidos pelas brenhas e esconderijos, os tripulantes, os quais, em número de trezentos, se tinham evadido para a terra firme.

Já se via a frota espanhola desgarrada e desfalcada, e assim cobraram os ^{Baixios} holandeses ânimo de investir o adversário. Este não sabia que alvitre tomar, porque, próximo da nossa esquadra e preso por ela, verificava ser-lhe impossível atravessar os bancos e recifes chamados *Baixios de São Roque*,²⁵⁵ à conta do porte das naus. Demais, vedavam-lhe de todos os lados saltar em terra e prover-se de água, da qual tinha prementíssima necessidade. Fez-se ela, portanto, ao largo durante a noite, com vento de sueste, deixando os nossos junto ao Rio Grande, decidida, nesta derrota, ou a passar o Equador, de volta para a pátria, ou a navegar em direitura do Ocidente.

Os entendidos de navegação, assim holandeses como portugueses, julgavam que a esquadra, atirada contra esses parcéis, não retornaria, em ^{Parte a armada espanhola} razão do impetuoso arrastamento das águas para o ocidente e dos ventos que ali sopram sempre ponteiros. Observando o almirante holandês que a armada dos inimigos seguia mau rumo, impedia que a sua os alcançasse, e não quis que os seus, por um desejo mais vivo de guerrear, se precipitassem na mesma ruína à qual, segundo previa, se iam eles arremessar. Conhecendo ele também a falta de água nas naus de sua esquadra, conteve os cobiçosos e deu descanso à sua marinhagem junto à foz do referido Rio Grande.

Refeitos ali e soprando o vento do norte, chegaram vitoriosos a Pernambuco a 1º de fevereiro. Em todos os lugares do Brasil holandês, renderam-se públicas ações de graças ao Deus libertador, por ter sido expulsa do seu litoral a poderosíssima armada espanhola, terror do Brasil, força e sustentáculo único do rei. Na corte e nas fortalezas, nas cidades e povoações, deram-se várias mostras de regozijo público, com fogueiras, luminárias e salvas de artilharia. Na Bahia, porém, e em todo o território inimigo, abatera o ânimo de todos a dor de cada um e a geral consternação: uns choravam aos parentes, outros lastimavam a sorte dos amigos ou a triste fortuna do rei.

Um dos nossos iates, seguindo a distância aos espanhóis, trouxe a notícia de terem eles ancorado perto dos baixios já mencionados, a 15 léguas ao norte do Rio Grande, junto ao rio *Utetugo*, onde saíram a fazer aguada.

Acreditavam os marinheiros que dali poderiam tornar os navios pequenos, mas não os grandes.

Desbaratando e pondo em fuga a potentíssima armada espanhola, provou Nassau que o valor marcial não morrera com os Cipiões, os Régulos, os Cimãos, os Duílios e os Pompeus.

E para eu lembrar somente fatos recentes, depois de vencerem os batavos o conde de Bossu no mar neerlandês, o duque de Sidônia no mar de Inglaterra, Frederico Spínola no de Flandres e por último o almirante Oquendo nas dunas da Inglaterra, veio esta esplêndida vitória Infelicidade da armada espanhola acrescentar a glória das Províncias-Unidas. Com ela destruímos no Ocidente o poderio espanhol, zombamos do aparato assombroso de tantos navios, arruinamos a esperança de se recuperar o Brasil aos que se preparavam para ultrajar a potência da Holanda e mostramos os instrumentos da nossa legítima defesa. Por um revés da fortuna, aconteceu aos espanhóis arrastarem-se assaz morosamente na viagem da Bahia a Pernambuco, a qual se pode e se costuma fazer toda mais ou menos em doze dias, pois lutaram alguns meses com o desfavor dos ventos, consumindo a sua água potável, de que muitíssimo se necessitavam por causa do calor intenso. Assim, em conseqüência das fadigas e demoras, perdeu-se a armada, que, no primeiro assalto, teria sido poderosa e apta para a vitória.

Nestas batalhas, ostentaram-se várias virtudes. Assim, a perícia náutica soube utilizar a vantagem dos ventos e as marés. O arrojo, travando-se com inimigos mais poderosos, envolveu-se nos mesmos riscos que ele. Preferiu a prudência militar queimar e submergir as naus adversas a capturá-las e conservá-las não sem dispêndio público. Pugnou heroicamente a fidelidade, a constância, o esforço. A moderação ficou satisfeita com debandar o adversário, que era impossível abater com tão pequena força. A clemência salvou os inimigos próximos da perdição. Manifestou-se mais de uma vez a amizade, socorrendo os companheiros em perigo. Uma entusiástica pressa, que não consentia folga aos desígnios do inimigo, acometeu-lhe reiteradamente as naus apercebidas para pelejar, mas movendo-se tardiamente.

Tudo isso consta dos nossos anais e histórias.²⁵⁶

Entretanto, aqueles que combateram entre os espanhóis, vendo-lhes mais de perto os desastres, referiram o que Narração dos espanhóis relativa ao que aconteceu nessas batalhas passo a dizer, para valer a verdade tanto pela confissão dos contrários quanto pela nossa.

Partindo da Espanha a armada, dobrado o Cabo Verde e percorrido o começo do Oceano Etiópico, foi arremessada pelos ventos e correntes em frente do litoral do Cabo de Santo Agostinho. Temendo-se fazer aí o desembarque à conta dos pernambucanos próximos, rumou ela para a Bahia, onde cruzavam doze naus holandesas, enviadas para explorar e fazer presa. Acossando elas a frota trabalhada dos incômodos do mar, para lhe poderem desde logo causar dano, os almirantes espanhóis, avisados por uma barca pescareja, entraram o Recôncavo, onde há a proteção da artilharia das fortalezas. E, como logo aparecessem em socorro algumas naus de guerra vindas da Bahia, os holandeses, achando não se devia pelejar, largaram a esquadra. De fato, naquela paragem hostil, onde tudo lhes era infenso, onde o adversário era mais poderoso, mostrava-se-lhes maior o temor

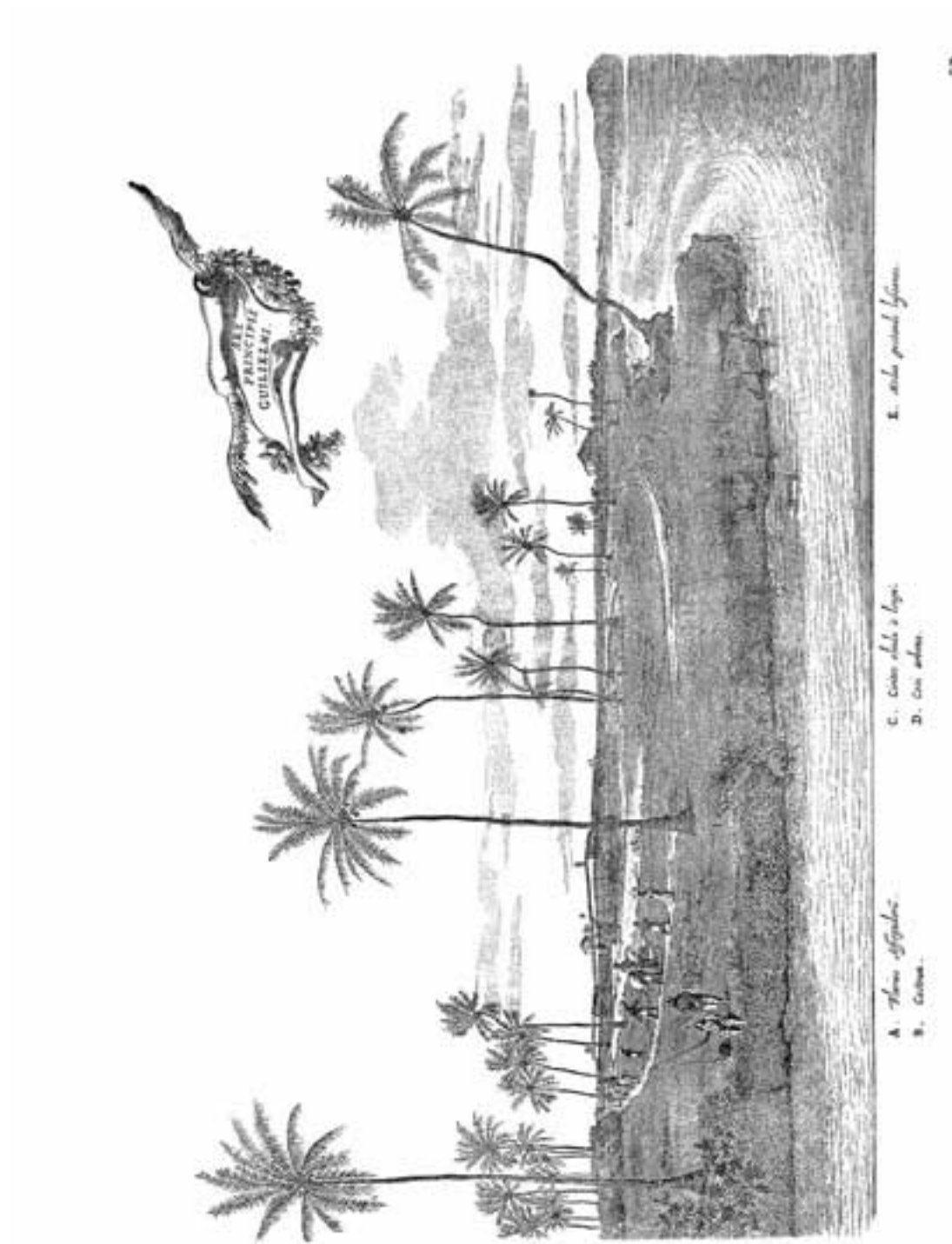
do dano que a esperança do lucro. Chegou para o espanhol considerável reforço de 24 vasos, providos de mantimentos e soldados. Mandara-os de Portugal o rei, além de mais dois, que os moradores do Rio da Prata haviam guarnecido cada um com 16 bocas-de-fogo. Enquanto ali se demoravam os portugueses, foi seu principal cuidado repararem a esquadra rota e estragada e limparem as naus das sujidades marinhas, estorvos da navegação. Dominava-os o fundado receio de serem então os seus navios hostilizados pelas naus de Pernambuco, quando estivessem em seco e sem artilharia. Ficou enfim desimpedida toda a armada, que se compunha de 93 velas, entre as quais 24 galeões aterrorizavam pela sua enormidade. Havia outras naus menores no tamanho e desiguais na capacidade, de 400, 150 e 100 toneladas. Conduziam muitos mil homens de armas, alistados na Espanha, Portugal, Bahia, Rio de Janeiro e Rio da Prata, os quais ali mantinham o poder real, nem todos experientes, nem todos inexperientes da milícia.

Zarpavam da baía de Todos os Santos, em alegre celeuma e com a esperança firme de grandes feitos. Velejaram para Alagoas, onde lançaram em terra dois mil homens, sob o comando de João Lopes Barbalho, rumando daí para Pernambuco. À frente da armada ia uma nau holandesa, a qual, em contínuos disparos de artilharia, contra os espanhóis, indicava aos seus a chegada da frota inimiga, levando esta notícia para o Recife. Não muito depois, apresentou-se corajosamente contra os espanhóis toda a armada holandesa, composta de 33 naus, conforme se acreditava, alentada pela esperança de que o inimigo devia vencer-se no mar; porquanto, se ele desembarcasse a sua soldadesca, em breve se avantajaria aos batavos no exército de terra.

Encrucendo a refrega, a capitânia holandesa – a *Fama* –, *metendo-se entre os contrários, parou entre a capitânia castelhana e a portuguesa, que tinham os nomes veneráveis de Jesus e de Maria*, como se tivessem elas de combater sob o seu patrocínio. A primeira jogava 32 peças, e a segunda 28. a *Fama* atirou, feroz e pertinazmente, contra ambas, caindo uns mortos no tiroteio e retirando-se outros feridos.

Apenas havia principiado o combate, quando tombou entre os primeiros sacrificados o almirante dos holandeses, ao iniciar ele a ação, cuja glória não lhe foi concedido testemunhar. Posteriormente vieram os portugueses a saber isso dos nossos. No afundamento da *Áureo Sol*, aos espanhóis se deveu a salvação de um só dos seus, mas a de oito mais aos próprios holandeses.

Ao amanhecer do dia seguinte, recomeçada a luta, pugnaram tenazmente 35 naus holandesas, com perdas quase iguais de parte a parte. Foi arrancada a antena da lanterna dos batavos e derribado o mastro de mezena. Em alvorecendo o terceiro dia, a *Corno Grande* e a *Grão Cristóvão* abalroaram a nau espanhola *São José*, deitando abaixo o pavilhão e a cruz que lá se erguia como o emblema dos cristãos. Era capitão da *Corno Grande* um tal Antônio, alcunhado *Camponês de Dürckendam*, temibilíssimo para os adversários. O seu denodo ensinou que também entre os lavradores nascem homens eminentes e fadados para luzidos exemplos.



No quarto dia feriu-se nova e atroz batalha. As naus holandesas *Grão Cristóvão* e *Corno Grande* travaram peleja com a almiranta *S. José*, formidável por seus 54 canhões de bronze. Foi tal o aspecto do conflito, tal o seu ardor, como se os beligerantes esperassem por certo ou afundarem o antagonista ou serem por ele afundados. A esquadra lusa sofreu tamanho destroço que julgou necessário bater em retirada, refugiando-se nos escolhos chamados Baixios de São Roque.

O comandante da almiranta Francisco Pimenta e outros declararam terem morrido nestas refregas alguns milhares dos seus. Da *S. José*, que conduzia 700 homens, pereceram 400.

Ou por medo dos almirantes Lichthart e Jol, que, segundo tinham ouvido, iam chegar, ou tangidos para o ocidente por mares e ventos contrários, faltos de água e de mantimentos e levados por alvitres diversos, navegaram então os espanhóis por onde podiam e arribaram à ilha de Margarida,²⁵⁷ tendo morrido de fome vários deles. E não podendo a fortuna dar-nos nada melhor que a discórdia dos inimigos, cindiu esta os comandantes, o almirante e vice-almirante dos portugueses. Este último proejou para a ilha Terceira e dali chegou a Cádiz, com a maruja quebrantada de fome e sede. O galeão *São Filipe* tivera 300 mortos de doença, não contando os que prostrara morte mais atroz e gloriosa. Dos galeões tornaram à pátria *S. José*, *S. Domingos*, *S. Filipe* e *S. Bernardo*, fora os dois transportes *S. João* e *S. Jorge*. As outras naus ou pereceram no mar, ou, desconjuntadas, fizeram-se pedaços junto às costas da Nova Espanha ou das ilhas interjacentes.

Temo asseverar se esta narração dos espanhóis diz rigorosamente a verdade.

Enquanto pratica Maurício estes feitos nos mares do ocidente, um outro do seu sangue, o Príncipe de Orange, igualmente vitorioso no norte, dominou o mar de Inglaterra e, em curto intervalo, conduziu-lhe por todas as costas as suas bandeiras triunfais. Como não alcançaram os batavos mais assinalada vitória, já pelo atroz morticínio, já pela grandeza das gestas, assim de uma como da outra parte, merece ela ser consignada nos livros.²⁵⁸

Comandava a armada de 60 naus o famosíssimo almirante D. Antônio Oquendo, que já se celebrizara bastante pela recente batalha travada com os nossos na baía de Todos os Santos. Entre essas naus havia diversas capitânias, levando umas 1.000, outras 800, 700 e 600 homens. Contava a armada 10.000 soldados e 14.000 marinheiros, de várias nações – espanhóis, portugueses, bretões, biscoinhos e até flamengos.

Oquendo saiu com esta frota da Corunha, o maior porto da Galiza e, sulcado o golfo de Biscaia, entrou na Mancha. Nesse mar bordejava, com uma esquadra apenas de 12 velas, o almirante Martinho Herperts Tromp. Tomara ele parte na memorável batalha de Gibraltar, sob as ordens do almirante Heemsterken e depois, navegando e pelejando sob o comando do

Quase na mesma ocasião, as Províncias Unidas triunfaram na armada espanhola junto às costas da Inglaterra

Martinho Tromp.
Gibraltar

almirante Pieter Heyn, assistiu-lhe à morte e testemunhou-lhe a glória, de sorte que, por determinação do destino, galgou o posto do almirante falecido, de quem não era desigual nas virtudes marciais.

Logo que de longe se avistou a armada espanhola, aumentaram-se as forças de Tromp, pela junção de cinco vasos e, pouco depois, de mais dois capitaneados por Witte Wittens. Com esses começou Tromp, alta noite, a lutar com o inimigo, e, jogando a artilharia, preludiava maior embate. Ardeu um de nossos navios, cujo paiol de pólvora se incendiou por descuido.

Ao luzir da aurora, recebeu Tromp um reforço de mais doze naus de guerra, que tinham fechado o porto de Dunquerque, na Flandres, e deu início à batalha. Vedou, porém, se aferrassem as naus, como é costume nos combates marítimos, para não sermos vencidos pelo porte dos vasos inimigos e pelo número dos guerreiros. Navegando ao redor das naus adversas e metendo-se no meio da armada já dispersa, varejava-a com descargas contínuas. Apresou-se um navio pequeno e um galeão. Descuidando-se os vencedores de vigiar este, na intempestiva cobiça de despojos, retomaram-no os seus e arrebataram-no triunfalmente. Oquendo, assaz confiante no vulto e número de suas naus, levou a proa contra a nossa capitânia, forcejando impetuosamente para desgarrar a esquadra neerlandesa estreitamente unida. Mas, com as naus rasgadas e varadas por cargas de artilharia grossa, virou de bordo, deixando-nos e esquivando-se ao combate. Passou-se o dia, que era sexta-feira, em crua refrega. O seguinte, sábado, foi de repouso para as frotas por causa do nevoeiro, até que, pela meia-noite de sábado para domingo, recrudescu a batalha, começando o inimigo a cuidar de fugir, seja por medo, seja por lhe ter sido ordenado pelo rei que não combatesse.

Segundo a opinião dos conhecedores da tática naval, foi erro gravíssimo dos espanhóis não esgotarem os nossos com incessantes recontros, pois eram muito mais poderosos, e por isso reprovavam os estrategistas náuticos aquelas ordens estritas e severas, principalmente em assuntos marítimos, considerando que o mar é sujeito aos casos fortuitos e nele concorrem muitas coisas: a vantagem dos ventos, do céu e do tempo, o fluxo e o refluxo da maré, as trevas, a luz, a profundidade das paragens; amiúde tem-se também de acelerar as marchas, buscar a comodidade e segurança da esquadra. Não podendo adstringir-se tudo isso às instruções e ordens dos reis, parece prudente que os marinheiros batalhem mais livremente.

Oquendo, portanto, ainda não vencido, após algum estrago dos seus, com as naus fendidas e arrombadas, com as pontes quebradas, com as proas e popas em lastimável estado, recolheu-se às costas da Inglaterra, onde são as Dunas. Julgava que seria ali protegido pelas fortalezas do rei da Inglaterra, o qual não nos permitiria violar aquele lugar, defendido por suas leis e a coberto das guerras.

Enquanto a armada espanhola se conservava sobre as âncoras, imbele e ociosa e como sob a guarda de inimigo menos potente, serviu de mofa de um lado aos ingleses, de outro aos franceses, que contemplavam espetáculo tão indigno do rei da Espanha. Com efeito, permitiu aquilo ao almirante holandês convocar reforços de toda a parte, reparar as naus danificadas e guarnecê-las de novos instrumentos de guerra; porquanto, carecendo de pólvora e obtendo, por oportuno obséquio do conde de Charraste, governador de Calais, o necessário para a luta, apresentou-se ao lado dos espanhóis como guarda, mas não como amigo. Enquanto, porém, conserta Oquendo as pranchas rotas e se esconde covardemente sob os fortes britânicos, envia Tromp uma carta aos Estados-Gerais, solicitando-lhes auxílio e pedindo com instância o que se havia mister para destruir totalmente a frota espanhola. Sabendo os Estados-Gerais que a armada inimiga se achava em aperto, encalhada numa areia fatal, reuniu as naus desimpedidas de todos os portos e estâncias da Holanda e com tal pressa que não parecia terem sido fabricadas, mas nascido ou chovido do céu. Convocaram-se igualmente todas as corporações marítimas denominadas *almirantados* e as duas companhias de comércio, a das Índias orientais e a das Índias ocidentais, para que o dominador da Ásia e da África fosse oprimido não por um só antagonista, mas pelas forças juntas da Holanda. Autorizado por um decreto dos Estados-Gerais sobre o ataque contra a armada espanhola, escolheu Orange nos quartéis 2.000 mosqueteiros dentre os mais valentes e os distribuiu pelas naus das Províncias-Unidas. Já estavam reunidos ante as costas da Inglaterra mais de cem vasos de guerra, atentas as nações vizinhas ao desfecho da tamanha luta.

Então, acometido primeiro pelo inimigo, manda Tromp dar à trombeta, enquanto os ingleses, como espectadores do conflito, se mantêm com a sua esquadra fora dele.

O almirante holandês lançou sua armada contra o adversário, dividindo-a em cinco esquadras, e prescrevendo a cada uma a obrigação de combater. Não pareceu o espanhol recusar o embate, não de confiança ou de propósito, mas por ver-se sitiado e rodeado de inimigos. Houve, em verdade, tal precipitação nas naus espanholas que, para acelerarem a fuga, à qual era favorável o nevoeiro e escuridão densíssima, picaram as amarras.

Tromp primeiro investiu com a capitânia próxima de si, que tinha o bem agoirado nome de *S. Salvador*. Mas, batendo esta em retirada, apresentou o espetáculo da mais acesa luta a capitânia de D. Francisco Feio, o almirante da Galiza. No primeiro encontro foi-lhe derribado o topo do mastro de proa e arrancados os cestos da gávea,²⁵⁹ os velachos e o joanete, arfando a nau à mercê das ondas, sem poder governar-se como se queria. Entretanto, somente se rendeu, vencida, pouco antes de entardecer. Pelejou-se ferozmente com a capitânia portuguesa, *Teresa*, a qual escolheu o capitão Musch, valente guerreiro, para matéria da sua glória; mas Tromp, mandando brulotes contra ela, incendiou-a.²⁶⁰ A nau de Musch, envolta

das mesmas labaredas, presa pelos arpéus e enredada nos calabres do inimigo, conflagrou-se igualmente, salvando-se, todavia, por diligência do almirante, o próprio Musch e os mais dos marinheiros. Mandaram-se ainda outros brulotes, e uma das capitânicas, tangidas para a costa, fez naufrágio.

Perfurada de balas e fendendo-se, teve igual sorte aquela que era capitaneada por D. Andrés de Castro.

Ninguém, entretanto, revelou mais brilhante valor e constância do que López. Com uma parte de sua nau afundada, a outra em chamas e tendo ele próprio um dos braços decepado, ainda sustentou o combate, e, somente tragado pelas águas, deu fim ao seu encarniçamento contra nós e ao denodo com que, pertinaz e gloriosamente, se batia por seu rei.

Receoso Oquendo de que, em consequência dos incêndios e chamas próximas, também o seu galeão pegasse fogo, escapou-se em companhia de alguns navios, proejando para Dunquerque, na Flandres, onde a capitânia que o levava naufragou, arrojada por um temporal contra um banco de areia. Nesse mesmo dia, foram vencidas várias outras naus e lançadas contra os parcéis, conspirando contra o espanhol, num como triunvirato de deuses, Netuno, Éolo e Vulcano.

Antemanhã, tendo sido furtada à vista as remanescentes da armada, seguiam derrotas incertas, salvo uma, que se rendeu ao primeiro embate. E não foi sem luta para os batavos a noite imediata, por eles gasta em procurar afincadamente o inimigo. Quase três dias durou essa batalha tão atroz, o trovejar enfurecido dos canhões e a braveza do fogo, que grassava pelas pranchas alcatroadas. Pelo litoral inglês voavam as carruagens dos duques, príncipes e senhores, que afluíam para contemplarem aquele espetáculo.

Nos visos dos montes, uma turbamulta olhava, não sem horror, aquele crudelíssimo certame, manifestando a sua alegria ou o seu pesar, conforme os sentimentos que a incitavam.

Preso ao tratado que celebrara com a Espanha e conosco, manteve-se neutro o rei Carlos de Inglaterra, e ordenou ao general da sua armada se abstinhasse de entrar no conflito. Condoeu-se, todavia, de algumas naus espanholas, que, para seu uso, salvou de tamanho naufrágio. Além disso, graças à boa vontade do general da armada inglesa, nada sofreram quatorze vasos inimigos, que, antes da batalha, se evadiram através de baixios. Uma das naus, atirada, logo após o combate, às costas da França, tornou-se presa dos franceses.

Narro em excesso extraordinário e digno de passar à posteridade. Ao encontro de sessenta e sete naus, e estas assombrosamente grandes, marcharam doze naus pequenas. Atacamolas com dezoito e pouco depois com trinta velas. Acometemos um exército de 24.000 homens (tantos ou mais levava a frota do rei) apenas com 3.000, arrastando-os às ultimas extremidades e à estreiteza das

costas e cercando-os como a prisioneiros para não poderem escapulir. Ao próprio Oquendo, estando nas Dunas, cedeu, por favor, o nosso almirante um iate para ele transportar do porto inglês madeira a fim de consertar os mastros partidos, e, reparadas as naus, apressar a batalha. Finda a ação naval, o almirante das Províncias-Unidas enviou, triunfante, para os portos de Texel, do Mosa e da Zelândia, os navios capturados, muitos soldados espanhóis e até alguns capitães. Mas em Dunquerque, Antuérpia, Bruxelas, tudo era fúnebre e lutuoso. Na Espanha, em Portugal, na Biscaia, na Galiza, nas Astúrias, uns choravam os irmãos, outros os filhos, outros os amigos. As pessoas mais cordatas ruminavam consigo que convinha abandonar os holandeses ou aplacá-los com um armistício ou com a paz; que o inimigo vencedor não se conserva onde triunfou: há de buscar o que está patente à sua ambição e às suas vitórias.

Os holandeses nunca alcançamos triunfo para nós tão incruento e pouco danoso. Perdemos uma só nau e apenas cem homens entre soldados e marinheiros, ao passo que, conforme sabemos, subiram a muitos milhares as perdas dos inimigos, entre mortos, afogados e aprisionados. Suas naus foram quarenta entre queimadas ou capturadas, salvando-se as restantes ou pela fuga, ou por benefício dos ingleses.

Deixemos agora o mar e voltemos para as terras do Brasil, onde o inimigo, com empenho não inferior ao que mostramos contra ele, se aplicou a causar-nos danos. Porquanto, antes de partir da baía de Todos os Santos a armada espanhola, já várias vezes mencionada, dois mil homens de armas, portugueses e brasileiros, e entre estes alguns tapuias, foram mandados para o nosso território. Separaram-se em diversos batalhões, não só para, reunidos, não ficarem sem mantimentos, mas também para não serem repelidos das fronteiras, se nelas se apresentassem em grande número, por um poder maior de holandeses.

De fato, em troços menores, poderiam ser desdenhados, mas, tornando-se de temer pela sua multidão, provocar-nos-iam à legítima defesa. Tinham recebido as seguintes instruções: juntarem as tropas na povoação de S. Lourenço, distante sete léguas do Pau Amarelo, e esperarem chegar a frota espanhola. Se, depois da sua chegada, não permitissem os holandeses postados no litoral o desembarque das forças contrárias, deveriam eles apresentar-se em armas, e, expulsando os nossos, abrir caminho para os seus e franquear a entrada no sertão. Neste propósito, já se tinham apossado do ânimo dos habitantes, alardeando o poder hispânico e tornando-os infensos a nós. Comandava essas tropas o caudilho índio Antônio Camarão, ilustre entre os seus pela experiência da milícia, pela sua extrema astúcia e ardimento. Para cumprir ele o que lhe fora ordenado, acampou junto ao rio Una com os seus batalhões. Foi-lhe fácil penetrar ali, porque a nossa soldadesca, retirada do sertão, guarnecia quase toda o litoral, na expectativa da armada inimiga. Livre, porém, Nassau do temor

Expedição terrestre
de Camarão ao
chegar a armada
espanhola

Opõe-se-lhe o
coronel Koin

por ela inspirado, expulsando-a para as zonas perigosas e impérvias do mar, lançou imediatamente contra Camarão uma força escolhida de mil homens, à ordem do coronel Koin, militar muito experimentado e valoroso. Vendo isto o adversário, pois não se achavam as partes distantes nem o espaço de uma légua, limitou-se Camarão a retirar-se, marchando com os seus soldados divididos, através de brenhas e carrascais. Koin, com igual habilidade, enviou também os seus em bandos distintos e a marcha forçada, tomando todas as passagens e saídas usuais das matas. Deparando-se ao capitão Tack, perto de Ipojuca, a primeira ocasião de combate, destacou contra o inimigo dois batalhões de mosqueteiros, e, travando peleja com seiscentos portugueses ao mando de João Lopes Barbalho, lutou renhidamente, morrendo alguns deles e debandando-se os mais. Dos nossos tombaram um alferes e sete soldados de linha, e saíram feridos dezessete.

Camarão é
expulso e
derrotado

A segunda oportunidade de combate aproveitou-a o major Mansfeld. Conduzia ele um batalhão de quatrocentos holandeses e cem brasileiros, e com estes veio às mãos com Barbalho em S. Lourenço, pondo-o em fuga às primeiras surriadas de mosquetaria. Eram duzentos os adversários, os quais, de todo em todo indignos, desfaziam-se vergonhosamente das armas, infamando o nome de militares. O próprio Barbalho, dando aos calcanhares, deixou em poder de Mansfeld a sua barretina, que por acaso lhe caíra, quando fugia, e bem assim a espada, as cartas que tomara aos portugueses do nosso partido e as instruções em que o Conde da Torre, capitão-general do exército adverso, traçava o plano das operações por executar. Nelas determinava expressamente que, vencedores os seus, não poupassem aos holandeses, deixando-se abalar pela clemência, mas que matassem indistintamente, não só estes, mas também os brasileiros a nosso soldo, concedendo graça unicamente aos portugueses.

Mansfeld
combate com
o inimigo

Por essa mesma época, detinha-se na província da Paraíba o capitão André Vidal, que, mandado ali da Bahia, seis meses antes, com cartas para os senhores de engenhos, incitava-os clandestinamente à sedição, para pegarem em armas, ao chegar a frota, recuperarem, sob o seu rei, a antiga liberdade, eximindo-se da dominação holandesa, e reservarem farinha para abastecimento da potentíssima armada. Muitos não se recusavam e, quebrando a fidelidade com aquelas várias instigações, arrastavam, em conversas escondidas, para a sua parcialidade os piores elementos e os desejos de rebelião.

André Vidal, ao
chegar a armada,
instiga os portu-
gueses à sedição

Estando já a frota à vista e prontos também os outros auxiliares da insurreição, incendiou Vidal alguns engenhos e montes de canas, a fim de atrair novamente da costa os holandeses, aterrados com aqueles súbitos incêndios, e, enquanto eles procurassem coibir os prejuízos particulares, deixariam para a frota o litoral vazio e desguarnecido. Mas os comandantes batavos, conhecedores de semelhantes estratagemas, sem fazer caso dos danos privados e entregues à defesa pública, persistiram no seu posto. Logo depois, afugentada a esquadra, Maurí-

cio, livre dos perigos, mandou para lá o corpo de sua guarda e setecentos soldados às ordens do coronel Carlos Turlon para reprimir as tentativas dos conjurados e conter os rebeldes incendiários. Às margens do Cunhaú, havia sido desembarcada uma partida de 300 soldados, sob o comando de Francisco de Sousa e Henrique Dias, bem como do Rabelinho, o qual, separando-se deles por uma certa rivalidade, juntou-se depois a João Barbalho.

Com eles brigou Turlon numa aberta das matas, morrendo-lhes oitenta e sete e ficando-lhes diversos feridos e prisioneiros, e assim zombou-lhes dos planos. Pode ser indício da morte de Francisco de Sousa o ter-se encontrado entre os despejos a sua coira, que foi reconhecida pelos prisioneiros. Entre os feridos contou-se Henrique Dias, que, deitando fora o escudo, a espada e a barretina, fugiu ingloriamente. Havia entre eles precipitação e medo, e, como se desesperasse de receber em terra os que vinham na frota espanhola, cada qual forcejava por evadir-se e voltar sem perigo para S. Salvador, indo por onde pudesse em razão da caminhada longa e molesta e da falta de alimento.

Dois meses antes de a armada zarpar da baía de Todos os Santos, desceram do sertão para o Rio Grande 3.000 tapuias com as mulheres e filhos. Espantaram-se os holandeses com a novidade do fato, pois antes disso não se tinham aproximado de nós em tão grande número e só em ranchos de uns vinte ou trinta. Tinham vindo de lugares tão remotos do litoral que ignorávamos onde era o solo natal e morada daquela nação de antropófagos. Estimulava alguns a esperança de recobrem a primitiva liberdade, e a muitos o ódio aos portugueses, cuja dominação não desesperavam de ser possível subverter-se por meio de outros povos europeus. Alguns havia que se prometiam com a rebelião fortuna próspera e ricos despojos, e, preparando-se já para se aliarrem aos nossos, marchavam em armas para aquele território. Em tal quadra, eram para nós como um auxílio dado pela Providência, pois ninguém pensava que naquela província se desdobrasse uma cena da guerra. Apenas desembarcaram muitos marinheiros inimigos não longe do Rio Grande para comboiar gado e transportar água para reconforto da armada, logo escreveu Nassau uma carta ao morubixaba Janduí, na qual lhe pedia com encarecimento impedisse o inimigo de abastecer-se e de fazer aguada. O chefe indígena, protestando a sua singular inclinação para nós, despachou sem demora ao seu filho com alguns tapuias para o forte de Ceulen, como fiadores de sua fidelidade e benevolência, dizendo gravemente teria a mesma sorte de vida ou de morte que nós, tendo jurado, havia muito, ser inimigo dos portugueses. Para fazerem fé as suas palavras, assassinou doze portugueses que por ali moravam, vítimas infortunadas do seu ódio àquela nação. Aos tapuias juntou o conde sessenta dos seus soldados, sob o comando do coronel Garstman, para que, de comum acordo e sob a nossa disciplina, marchassem contra o adversário. Alistados, portanto,

Turlon peleja
com os inimigos,
saindo vencedor

3000 tapuias
aliam-se aos
holandeses

Nassau escre-
ve ao rei dos
tapuias

na milícia holandesa 2.000 homens, tapuias (assim chamados do nome de sua nação) e outros índios, que guerreavam a nosso favor com a maior fidelidade, mostramo-nos mais valentes contra os portugueses simpáticos à Espanha. Em verdade, o soldado nacional, mais que o estrangeiro, é obediente, leal e respeitoso aos chefes, e defende mais o país do que os nascidos noutra parte.

Nassau, para prender a fidelidade dos tapuias com víncu- Admirável habili-
dade de Nassau los fortes, mandou levar para a ilha de Itamaracá as mulheres e filhos deles e ser ali muito bem tratados. O motivo dessa determinação foi dissuadi-los de desertarem, à vista dos seus mais caros penhores, caso a isso os aconselhasse por carta Camarão, o que realmente fez. Entre as cartas de Barbalho que se interceptaram havia algumas nas quais se punha em dúvida a fidelidade desse chefe e dos índios que lhe militavam sob o mando. Para captar-lhe as boas graças e aliciá-lo com um como mexerico, transmitiu-lhe Nassau aquela correspondência.

Pouco tempo depois, soube Maurício, da boca de certo capitão do mar, de três soldados e quatro marujos prisioneiros, que as naus restantes da armada espanhola, arrebatadas para o ocidente pela braveza dos ventos e das correntes, estavam sobre os ferros, tendo ido os navios menores fazer aguada na costa. Referiram-lhe mais que a capitânia de Castela, perdendo três âncoras, correu extremo risco, assim como duas outras capitânias e os galeões. Um transporte carregado de açúcar encalhara nos *Baixios de S. Roque*. Os espanhóis, cercados por esses perigos do mar, escolheram então outro surgidouro, e os navios que tinham ido à costa prover-se de água doce, vendo mudado o ancoradouro pelo general da armada, abandonaram o litoral e, sem esperar-lhe as ordens, rumaram uns para a ilha Terceira, outros para o Maranhão. O próprio general da armada, tangido para oeste, achava-se no porto do Ceará com alguns galeões. Acreditou-se também que o general Conde da Torre passara com os seus domésticos para um patacho, o qual o levou para a baía de Todos os Santos, ordenando-se aos mais vasos cuidassem de si ou deliberadamente, ou entregues aos favores da fortuna. Acrescentavam os referidos prisioneiros restarem só seis pipas de água à capitânia de Castela, e por isso foram todos os galeões coagidos por necessidade, em razão da falta de água, a dirigirem-se para o ocidente, impedidos que estavam de transportá-la das ilhas vizinhas, por se verem desprovidos de patachos, lanchas e navios pequenos, quase todos perdidos nos recentes combates.

Entretanto, os remanescentes chefes da infausta expedi- Barbalho volta
por terra para a Bahia
com 1.500 soldados ção – o conde Bagnuolo, Francisco de Moura e Luís Barbalho –, vendo a frota dispersa, arruinada e impossibilitada de retornar à Bahia, convieram finalmente no seguinte: Luís Barbalho, com 1.500 soldados, providos de todo o gênero de armas, voltaria por terra para a Bahia, abrindo caminho para si a ferro. Francisco de Moura e o conde Bagnuolo, embarcando-se num navio menor de carga, seguiriam para ali por mar.

Barbalho, encetando a jornada, mandou trucidar, por dura necessidade militar, os enfermos e os incapazes de acompanhá-lo para evitar que, aprisionados pelos nossos, dessem notícias dele e de sua marcha por terra, o que receava ansiosamente, conforme viemos a saber dos que se haviam escondido nos matos e foram por nós capturados.

Por essa época, certo judeu de nome Bento Henrique, grande blasonado, como é vezo desses tais, levantou o ânimo dos conselheiros com a descoberta de importante segredo, isto é, de certa mina. Não vendia, porém, por preço insignificante a incerta esperança de riquezas. Pedia para si e para seus filhos nascidos e nascituros, por paga da indicação, metade dos proventos e lucros que se auferissem. Os conselheiros, sabendo que a penúria é a mãe das fraudes e que a pobreza se farta com fantasias túmidas e estultas, não recusaram, nem aceitaram de todo as condições exigidas, limitando-se a prometer as recompensas concedidas, por prescrição dos diretores da companhia, aos descobridores de coisas úteis. Bento, porém, ocultava, não sem arrogância, tão relevante achado, tencionando ir à Holanda, mas, não obstante, abatia alguma coisa nas suas exigências. Receosos os conselheiros de revelar a outros a sua descoberta ou então, surpreendido pela morte, de não a revelar a ninguém, entraram outra vez em conversações com o judeu, e, propondo-lhe novas condições, nada conseguiram. Ordenaram-lhe, todavia, a permanência no Brasil para não divulgar o seu segredo, e durante muito tempo sentiram-se embalados com a expectativa de tamanha felicidade. Posteriormente, transigindo o judeu, em contrato solene, com o Conselho dos Dezenove, dirigentes supremos da companhia, trouxe para Pernambuco, da mina, aonde fora em pessoa, amostras de minério. Submetidas a rigoroso ensaio, concluiu-se serem matérias sulfúreas e plúmbeas, sem valor algum e, além disso, achar-se a mina sita ao sul do São Francisco, em zona disputada pelas armas de portugueses e holandeses, e longe do mar.

Vidal, de quem pouco atrás fiz menção, era homem audaz, astuto e, conforme o negócio em que se empenhava, perverso ou enérgico.²⁶¹ Talando as terras da Paraíba, a ferro e fogo, causava os maiores danos aos engenhos e lavouras de canas-de-açúcar pertencentes aos portugueses. Para obviar a estas devastações, enviaram-se para ali, em defesa dos engenhos, diversos destacamentos, que, reunindo seus esforços, quando o exigissem as circunstâncias, expulsassem o invasor. Entre os soldados de todas as guarnições, puseram-se a preço a cabeça deste mesmo Vidal e a de Magalhães, ambos saqueadores.

Foram também castigados alguns holandeses que, em Alagoas e Porto Calvo, vexavam criminosamente o povo com saques e extorsões. Confiou-se ao capitão Carlos Tournalon, comandante do corpo da guarda do conde João Maurício, o encargo de processar esses depredadores e reprimir os autores da violência contra o público.

Vidal faz
devastações

Processo contra
depredadores dos
cidadãos

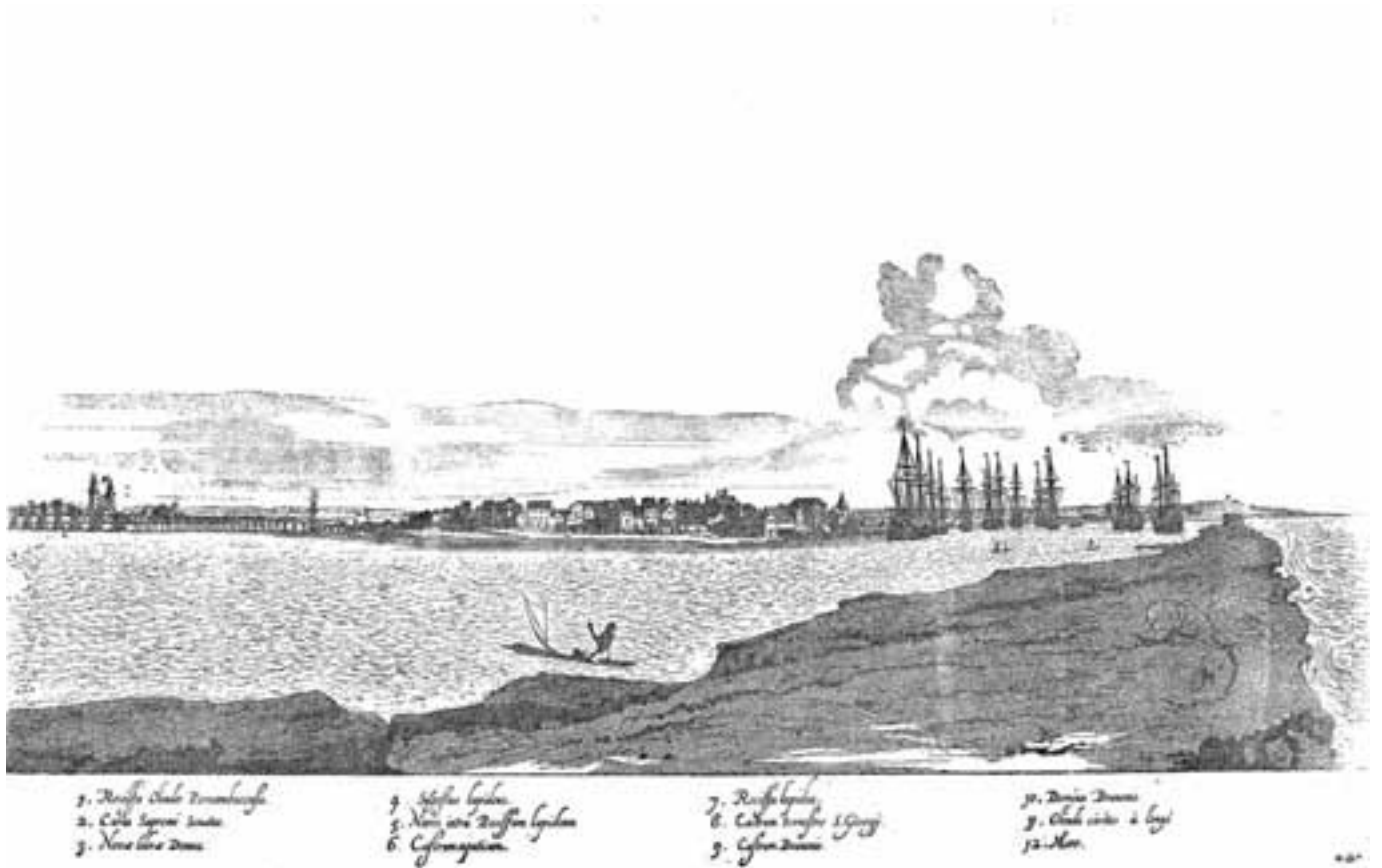
Foram algumas vezes vendidos em hasta pública escravos Vendem-se negros por alto preço. Discurso sobre os escravos negros importados da África, os quais renderam ao erário lucros avultados. A freqüente menção que faço dos escravos exige de mim uma breve digressão sobre a sua origem e condição. Uns o são por um vício da natureza, outros em virtude da lei. Àqueles chamo os que, por defeito de inteligência e de aptidões, não logram elevar-se às cogitações mais altas e dignas do homem, convindo mais viverem ao nuto e arbítrio alheio do que ao seu. A lei faz escravos, não a natureza, que manda nasçamos todos livres, mas o direito das gentes, contrário à natureza, é verdade, mas, não obstante, introduzido não sem razão. Tais são os prisioneiros de guerra, que, podendo ser mortos, em virtude deste direito, reservam-se, todavia, para a escravidão ou, por força da mesma lei, podem ser vendidos e comprados por determinado preço.²⁶² Esta servidão, usada não só pelos romanos, mas ainda por outras nações, dava em toda a parte aos senhores o direito de vida e de morte sobre o escravo,²⁶³ até que, sob o império romano, se restringiu esse domínio por leis mais brandas, tornando-se necessário dar-se conta das mortes e das sevícias perpetradas contra os escravos.²⁶⁴ César nas Gálias vendeu em hasta pública os prisioneiros, e o mesmo fez Augusto entre os salassos, povo dos Alpes.

Também os cristãos, nos primórdios da Igreja, tiveram escravos, e muitos séculos depois. A palavra divina dos apóstolos não condena a servidão, mas apenas a regulamentar dentro de certos preceitos.²⁶⁵ Existem leis de Carlos Magno, de Luís, o Pio, e de Lotário relativas aos servos.²⁶⁶ Há também decretos dos pontífices Alexandre III, Urbano e Inocêncio sobre casamentos dos escravos. Entretanto, em época posterior, aboliu-se a escravidão entre os cristãos, abrandados pela doutrina e espírito de Cristo. Assim, desde o tempo do imperador Frederico II, não houve mais escravos, ou por se crer contrário às leis divinas escravizarem-se homens remidos pelo sangue de Cristo para a liberdade de filhos de Deus, ou para se atraírem, com esta nova e insólita forma de humanidade, as almas dos gentios, alheios do ensinamento evangélico.

Com razão escreve Sêneca *“que o nome de escravo nasceu de uma injustiça”*. Maior respeito, sem dúvida, tiveram ao decoro e à utilidade pública os antigos germanos: não abusaram cruelmente dos seus escravos, como costumavam os romanos, limitando-se a exigir deles, como de colonos, certa quantidade de trigo, de roupa ou de gado, e lhes permitiam terem o seu lar e os seus penates conforme quisessem. Podem-se observar vestígios TÁCITO. GERMÂNIA claros desse regime servil na Suécia, Polônia e outros países. *“É raro açoitarem um escravo, porem-no a ferros ou forçarem-no a um trabalho. Soem matá-los, não por um espírito de disciplina ou de severidade, mas num ímpeto de ira, como se mata um inimigo, com a diferença de o fazerem impunemente.”*²⁶⁷ Ainda hoje muitos gentios e cristãos costumam dar quase o mesmo tratamento. Sêneca recomenda clemência e moderação para com eles: *“são escravos? Diz ele, mas também homens.*



- | | | | |
|------------------------------|---|---|---|
| A. <i>Adel. Canis</i> | D. <i>Troglon pallens</i> | G. <i>Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> | K. <i>Adel. Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> |
| B. <i>Canis</i> <i>Canis</i> | E. <i>Canis</i> <i>Canis</i> | H. <i>Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> | L. <i>Canis</i> <i>Canis</i> |
| C. <i>Canis</i> | F. <i>Canis</i> <i>Canis</i> <i>Canis</i> | I. <i>Canis</i> <i>Canis</i> | M. <i>Canis</i> <i>Canis</i> |



São escravos? Mas também companheiros. São escravos? Mas também humildes amigos. São escravos? Mas também escravos como nós próprios, se considerarmos que a fortuna tem sobre eles o mesmo poder que sobre nós. Pois tanto podes ver um escravo livre, como pode ele ver-te escravo. Já é cruel e desumano abusarmos deles como de homens, quanto mais como de animais! Reflete que este a quem chamas de escravo nasceu da mesma semente que tu, goza do mesmo céu, respira como tu, vive como tu, morre como tu. Vive, pois, como o teu inferior da mesma forma que desejarias vivesse ele contigo, se fosse teu superior. Sempre que te vier à mente quanto te é permitido contra o teu escravo, lembra-te igualmente que outro tanto é dado contra ti ao seu
 EPIST. 47 *senhor. Vive com o teu co-escravo clemente e afavelmente”.*

Depois que a avidez do ganho medrou ainda mesmo entre os cristãos, que abraçaram fé mais pura e mudada para melhor,²⁶⁸ abrindo caminho com a guerra e com as armas, também os holandeses voltamos ao costume de comprar e vender um homem apesar de ser ele imagem de Deus, resgatado pelo sangue de Cristo e senhor do universo, escravo apenas por vício da natureza e do engenho. De sorte que nesta época na qual os cristãos dominam o Brasil, poderia um **ARISTÓTELES**, escravo qualquer se lamentar, exclamando: “*que mísera sorte, ó Júpiter e IN PLUTO Deuses, é ser escravo de um senhor louco*”. Em verdade, acontece não raro que um homem mais sábio sirva a um mais estulto, um bom a um mau, um inteligente a um estúpido, sujeitando ao alvedrio de outrem, não por defeito da natureza, mas por dureza da sorte, a sua alma, parcela do espírito divino.

Foi desterrado para as ilhas das Índias Ocidentais certo Francisco de Barros Rego, homem de fidelidade suspeita, pois vivia ociosamente às margens do São Francisco e vendia às escâncaras os seus serviços ao rei da Espanha, como provou com cartas autênticas dos oficiais régios.

Quem defende os impérios nascentes deve desconfiar dos vencidos, sempre dispostos para a traição e a deserção.

Naquele mundo bárbaro, irrompiam também contra a nossa gente os vícios da terra, mormente a infrene mania dos combates singulares, que **Proíbem-se os duelos** acabavam em mortes, ferimentos e graves ofensas, com desdouro do nome cristão. Reprimiram-se, pois, em severíssimos editos, os duelos, restabelecendo-se contra os homicidas o rigor das leis.

Reclamando os habitantes de Serinhaém, Una, Paraíba, Alagoas e Porto Calvo contra a falta de farinha, conseguiram a punição dos que ocultassem aos respectivos diretores²⁶⁹ a produção de mandioca.

Para não faltar alimentação à soldadesca dos presídios, fixou o conselho uma ração de pão para matar a fome dos seus, até chegarem da Holanda provisões mais fartas.

Em fins de 1639, transportou-se para Maurícia o corpo do ilustríssimo conde João Ernesto de Nassau, pois decretara o destino que, nascendo na Europa e morrendo na América, se assinalasse em ambos os hemisférios, e desse pro-

va da sua mortalidade aonde viera, em companhia de seu irmão Maurício, dar prova da sua bravura.

Disse eu que a frota espanhola, destroçada e dispersa, tomara rumos diversos. Voltando a nossa para Pernambuco, mandaram-se as naus despejar os carregamentos e satisfazer os desejos dos mercadores, o que antes, ao começar a batalha naval, não se pôde fazer por estreiteza de tempo.

Acontecimentos
posteriores ao
desbarate da
armada

Desembarcando as suas forças, mostrou-se Nassau em terra temível aos inimigos. Contra Luís Barbalho, que ameaçava a Paraíba com 2.000 homens, marcharam o major Picard e o capitão Day, para espiarem o inimigo e privarem-no de abastecimento, recolhendo o gado a currais. Ordenou-se também aos capitães do mar e aos que vigiavam as costas que estivessem com as naus prestes para qualquer eventualidade, se algures tentasse o português uma irrupção. Enviaram-se muitos navios para a Bahia a fim de observarem e apresarem, se o acaso o permitisse, as naus dos contrários. E, como Luís Barbalho ocupasse com as suas tropas as proximidades da Paraíba, mandaram-se de Goiana os soldados da guarnição e o capitão Mel-ling, comandando o seu batalhão, os índios e o batalhão que estivera às ordens de Artichofski em Iguaçu, para onde foi a companhia do capitão Einten. Para Olinda seguia a que obedecia ao capitão Piron.

Picard opõe-se a
Luís Barbalho

Foram nesta ocasião punidos pelo conselho de justiça alguns capitães de mar por negligência no cumprimento do dever. Efetivamente alguns dos capitães que tomaram parte nas batalhas navais lutaram valorosamente, e, indefesos na peleja, deram aos outros exemplo de bravura marcial; alguns, porém, numa vergonhosa covardia, com o ânimo abatido pelo temor da morte, macularam a honra da milícia, com ser espectadores e não atores da luta. Nassau, para manter a disciplina militar com exemplos de severidade, escolheu juízes para julgarem e punirem os réus, a fim de não ficar inulta a glória bélica ofendida, propiciando-se Marte comum com o sacrifício expiatório. Dois foram sentenciados à pena capital, pagando com a vida a sua pusilanimidade; brandiu-se sobre a cabeça de um outro uma espada, como sinal de clemência com que se lhe perdoava a morte por ele merecida; a um terceiro concedeu-se graça em atenção aos seus antigos serviços. Presenciou este espetáculo de severidade Antônio da Cunha Andrade, admirando o rigor inflexível da milícia holandesa, ainda mesmo após a vitória, louvando-o, todavia, como tenacíssimo vínculo da segurança pública e sustentáculo da nossa dominação numa terra hostil.²⁷⁰

Punição de coman-
dantes covardes

Os capitães que prestaram serviços de vulto foram elogiados e premiados cada um com uma medalha de ouro, comemorativa da ação. Numa das faces trazia uma representação da esquadra e

Recompensas concedidas
aos beneméritos

das naus com esta inscrição: “*Deus abateu o orgulho dos inimigos*”.²⁷¹ Na outra face apresentava a effigie e o nome do conde João Maurício.

Barbalho procurava caminho, conduzindo os seus soldados através dos matos do sertão. Foi-lhe no encalço Tournalon para cercar-lhe as estradas. Ordenou-se a Picard e a Doncker que, abandonando Goiana e seguindo para Terra Nova, empenhassem toda a diligência ou em desbaratar ou em afugentar as forças adversas, se em algum lugar o pudessem. Entretanto, o inimigo com igual atividade, deu improvisamente sobre os nossos batalhões aquartelados em Goiana, sendo mortos Picard, o capitão Lochmann e cem soldados rasos, ficando outros feridos ou em debandada.

Derrota de algumas forças holandesas Nassau, magoado com esse desastre dos seus, reunindo de toda a parte Prepara-se Nassau para a guerra forças militares, determinou fazer ele próprio a guerra. Retirou das naus para o exército de terra os soldados e 250²⁷² marinheiros, sob o comando do capitão Jacó Alard. Por ordem do conde, juntaram-se às tropas, na povoação de S. Lourenço, Mansfeld e Hoochstraten. O capitão Hauss, tirando os soldados de Muribeca, dirigiu-se para Olinda, juntamente com dois outros capitães, Dick e Schluyter. Determinou-se ao esculteto Stat que alistasse nos engenhos oitenta negros para transportarem as bagagens do exército. Impôs-se aos cidadãos a guarda de Olinda, depois de evacuada das guarnições.

O capitão Eint foi convocado de Iguaçu para apresentar-se com a sua companhia.

Tournalon, perseguindo da Paraíba ao inimigo, em marchas forçadas e molestíssimas, pois fizera 17 milhas em 12 horas, com os seus mortos de fome, nenhum resultado alcançou; porquanto, informado o adversário da sua chegada por indicações de portugueses, retirou-se, com grande precipitação, para os matos, conforme parecia, por causa das mochilas e bagagens abandonadas aqui e acolá. Trucidaram os nossos a alguns dos inimigos, fazendo-os sair dos canaviais onde se haviam occultado.

Referidos estes fatos ao conde, resolveu-se desistir-se da expedição e Desiste-se da guerra recolherem-se os soldados conscritos a suas companhias e quartéis, e os marinheiros às suas naus.

Pouco tempo depois, combateu Mansfeld nos matos com um batalhão adverso. Lançando este por terra as bagagens, pôs-se em fuga. As mochilas, que os soldados deixaram em número de 200, estavam cheias, para sustento deles, não de farinha, pela falta desta, mas de açúcar.

O conde não cessou de perseguir ao inimigo nos vários lugares onde o O Conde manda os seus perseguir o inimigo pedia a segurança pública. Contra Camarão e João Barbalho enviou ele Tournalon; contra Luís Barbalho despachou Mansfeld com 1.200 homens sob o seu comando, ordenando-lhe acossasse o inimigo até às margens do São Francisco. Ao coronel Koin, porém, determinou que reconduzisse a sol-

dadesca até Una e dali para Serinhaém. A todos os nossos portos remeteram-se muitas naus transportando mantimentos para refocilar as tropas.

Por esse tempo, sessenta eclesiásticos, franciscanos, carmelitas e domínicos da província de Pernambuco, em conseqüência de ajustes clandestinos com o inimigo, de tentativas de deserção de soldados e de remessas ocultas de mantimentos para os espanhóis, foram detidos na ilha de Itamaracá e daí, em virtude de um decreto do Supremo Conselho, relegados para as ilhas da Índia Ocidental. Conquanto pudesse ser nociva a sua influência, pela sua afeição aos espanhóis e pelo seu espírito partidário, todavia, achando-se a considerável distância do Brasil, estavam ali impedidos de nos causar danos. Esta providência a princípio alvoroçou o povo, mas, depois de retirados do meio dele os que desejava reter, arrefeceu, com a indignação, aquele desejo, mormente por lhe terem sido deixados os párocos pela celebração do culto.

O inimigo fora expulso do nosso território não só pelas armas, senão também pela falta de mantimentos. Em vista das necessidades da guerra, tinha-se proibido durante algum tempo, negociar este com os naturais; mas de novo permitiu o Conselho aos súditos que vendessem farinhas nas terras mais próximas e onde quisessem. Os sabedores da ciência política e da arte militar aprenderam que, fora da guerra, podem fornecer-se mantimentos; entretanto, durante ela, não é de modo algum injusto proibir o fornecerem-se. Considera-se, portanto, partidário do inimigo quem, depois de notificação pública, vender e exportar virtualhas, porque a fartura dos bastimentos aumenta a guerra, assim como a escassez deles a diminui.

Determinou-se aos índios que se tinham incorporado na milícia que, cessando o receio das irrupções do inimigo voltasse cada um para suas aldeias e se dessem à lavoura, a fim de remediar-se à mingua de gêneros alimentícios.

Durante a paz, empenharam-se os diretores da Companhia em remeter reforços para o Brasil, porque tinham as lutas ali travadas consumido a gente, tantas vezes solicitada com instância pelas cartas do Conde e dos conselheiros. E como não podiam aqueles sustentar o peso de tão grande domínio só com os proventos e lucros ministrados pelo Brasil, tendo sido por toda a parte arruinados os engenhos e destruída a safra, traçaram o plano de restaurar, pelas armas e pela fortuna da guerra, a república enfraquecida e volveram o seu poder contra os galeões da prata, que, carregados de tesouros, partem anualmente da terra firme,²⁷³ da Nova Espanha e de Honduras. Neste propósito, aparelharam uma esquadra de 28 velas, comandada pelo almirante Cornélio Jol e pelo vice-almirante João Lichthart. Zarpando estes da Holanda no princípio de 1640, aproaram ao Brasil ao entrar da primavera.²⁷⁴ Levavam consigo João Walbreeck, que ia assumir o cargo de assessor do Conselho Supremo, Nieuland e Alewin, que seriam conselheiros, e Moucheron, fiscal.

Desterro de alguns eclesiásticos

Expedição de Jol contra a Bahia.
27 DE MARÇO DE 1640

Deliberou-se sobre o que conviria fazer-se em proveito da companhia, e, pelo voto de todos, punha-se a mira na cidade de São Salvador, capital do Brasil espanhol, que havia sido recentemente atacada em vão pelos nossos. Sujeita ao nosso poder, logo nos assenhorariamos do Brasil inteiro e de toda a produção do açúcar, à conta dos numerosos engenhos daquela capitania. Mas, se é fácil abranger na esperança as maiores coisas, é difícil realizar tudo o que se deseja. Nassau julgava que não dispunha de forças bastantes para sitiá-la cidade, empresa para a qual se faziam necessários no mínimo 6.000 homens; que era ela guardada por fortes guarnições, podendo-se, demais disso, chamar facilmente em socorro os povos vizinhos; que expugná-la pela fome exigiria maior demora do que a permitida pela quadra do ano por causa da estação chuvosa, e que, além dessas razões, por instruções recentes dos diretores da Companhia, declarava-se guerra ao Ocidente e à frota da prata.

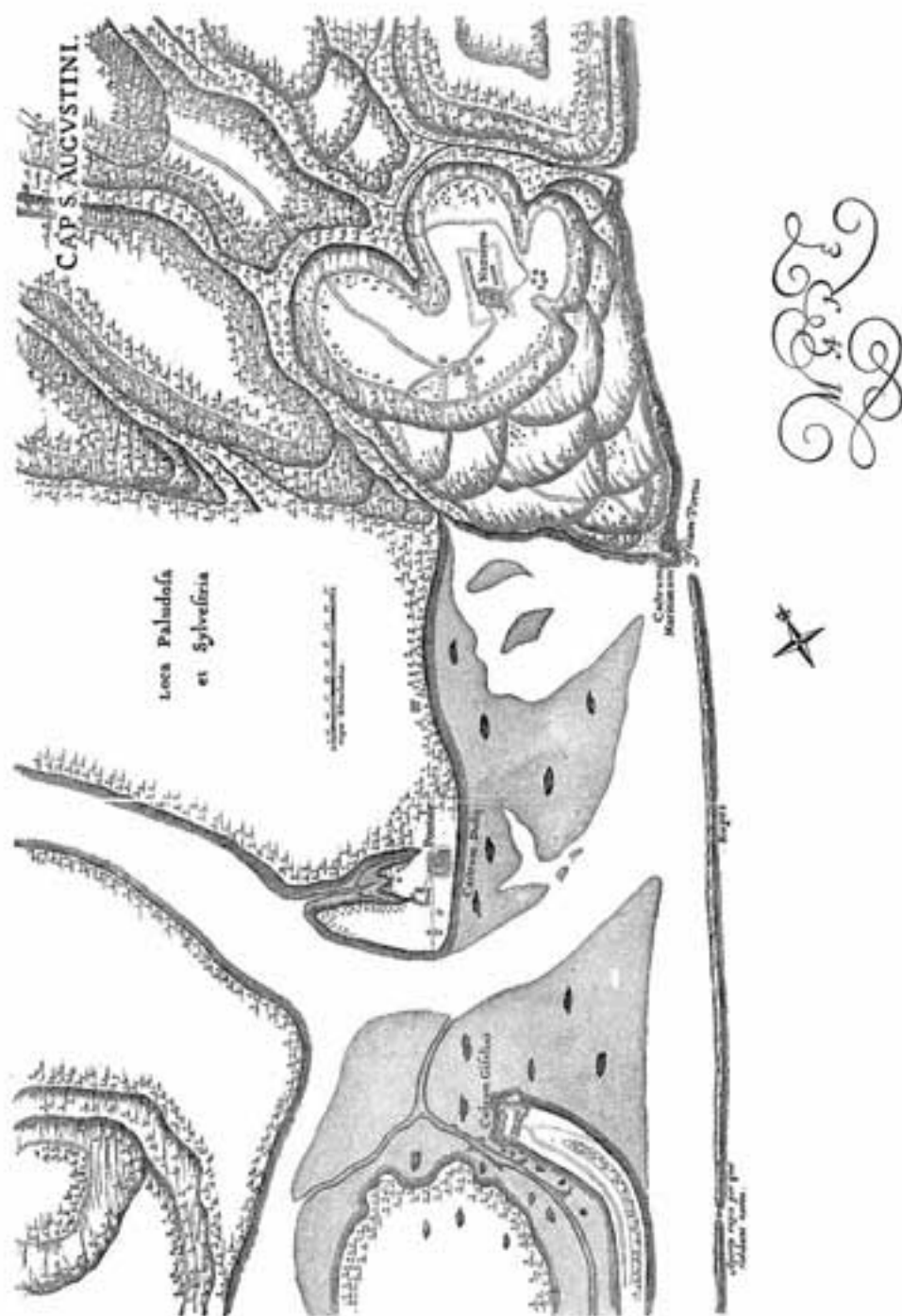
Resolveu-se, pois, enviar novos soldados às terras inimigas, os quais, à imitação do que amiúde tentara e executara Barbalho dentro das nossas fronteiras, deveriam talar e saquear a ferro e fogo o que encontrassem, e assim, tornando-se o adversário mais prudente à custa dos próprios danos, de futuro faria a guerra com mais clemência. Praticada a devastação, haviam de faltar-lhe vitualhas para sustentar as guarnições, resultando disso lucro para os mercadores, rendas para o erário e descanso e sossego para nós.

Talvez houvessem inspirado esta resolução os exemplos dos antigos romanos, os quais, com idêntico fim, assolaram a Espanha, a Campânia, a Ligúria e as terras dos nérvios e menápios. O mesmo obraram antes deles os haliates contra os milésios, os trácios contra os habitantes de Bizâncio, não tanto por ódio ao adversário quanto por prudente cálculo, destinado a atenuar as hostilidades e forçar a paz. Em conseqüência, enquanto se apercebem as naus e as outras cousas necessárias para a arrojada expedição contra o Ocidente, Jol, com oito navios conduzindo 700 soldados e 200 brasileiros, fez-se de vela para o Porto do Francês, a fim de dar caça ao resto dos batalhões de Barbalho, que permaneciam em Alagoas, matando e saqueando. Conhecida a sua chegada, marchou Barbalho para o sul, levando consigo todos os moradores da região, exceto três ou quatro e evacuando todas as localidades. Confiscamos os bens, casas e terras deles como de tráfugas e partidários do inimigo.

O vice-almirante Lichthart e o coronel Carlos Tournalon partiram para a Bahia com poderosa esquadra de 20 naus, que levava 2.500 homens de armas. Desembarcando ali os soldados, deram provas horrendas e cruéis do seu furor bélico. Reduziram a cinzas todos os engenhos de portugueses, menos três; tomaram ou queimaram quantos navios pequenos encontravam ali e acolá; devastaram e depredaram, à vista dos cidadãos, as lavouras circunvizinhas, os casais, granjas e prédios. A ilha de Itaparica²⁷⁵ e outras foram inteiramente postas a saque, para não se mencionarem outros danos, porquanto em parte alguma estorvou ou sustentou o inimigo a nossa violência.

Fins das
devastações

Lichthart tala o
território baiano



Trucidavam-se a ferro os homens e os que podiam pegar em armas. Foram poupadas somente mulheres e crianças. Estas duas classes de pessoas inspiraram compaixão e lograram escusa, visto como é cruel fazer das mulheres o prêmio da guerra, e contra as crianças, que há tão pouco tempo vieram ao mundo, nem mesmo a calúnia tem que dizer.

No Porto do Francês, recebeu nas naus o coronel Koin três companhias militares, seguindo em direitura do rio Real, sujeito aos espanhóis, para fazer ali igual devastação. A razão deste feito foi aliviar Pernambuco da penúria de mantimentos, mudando-se para o território inimigo o teatro da guerra, pois em outra parte haveria sustento para os nossos soldados. Acresciam ainda estas razões: serem dali fáceis as incursões nas capitanias portuguesas; ser preferível levar para fora a violência da guerra e sofrê-la dentro das províncias fronteiras, destruindo, assim, as plantações e safras dos adversários e impedindo a captura do gado de que se alimentavam; que somente com esta estratégia poderia induzir-se o antagonista a velar pela própria defesa, retirando das províncias holandesas as suas tropas; além disso, ocupadas em outros lugares as nossas forças, gozariam os súditos holandeses mais tranqüilidade.

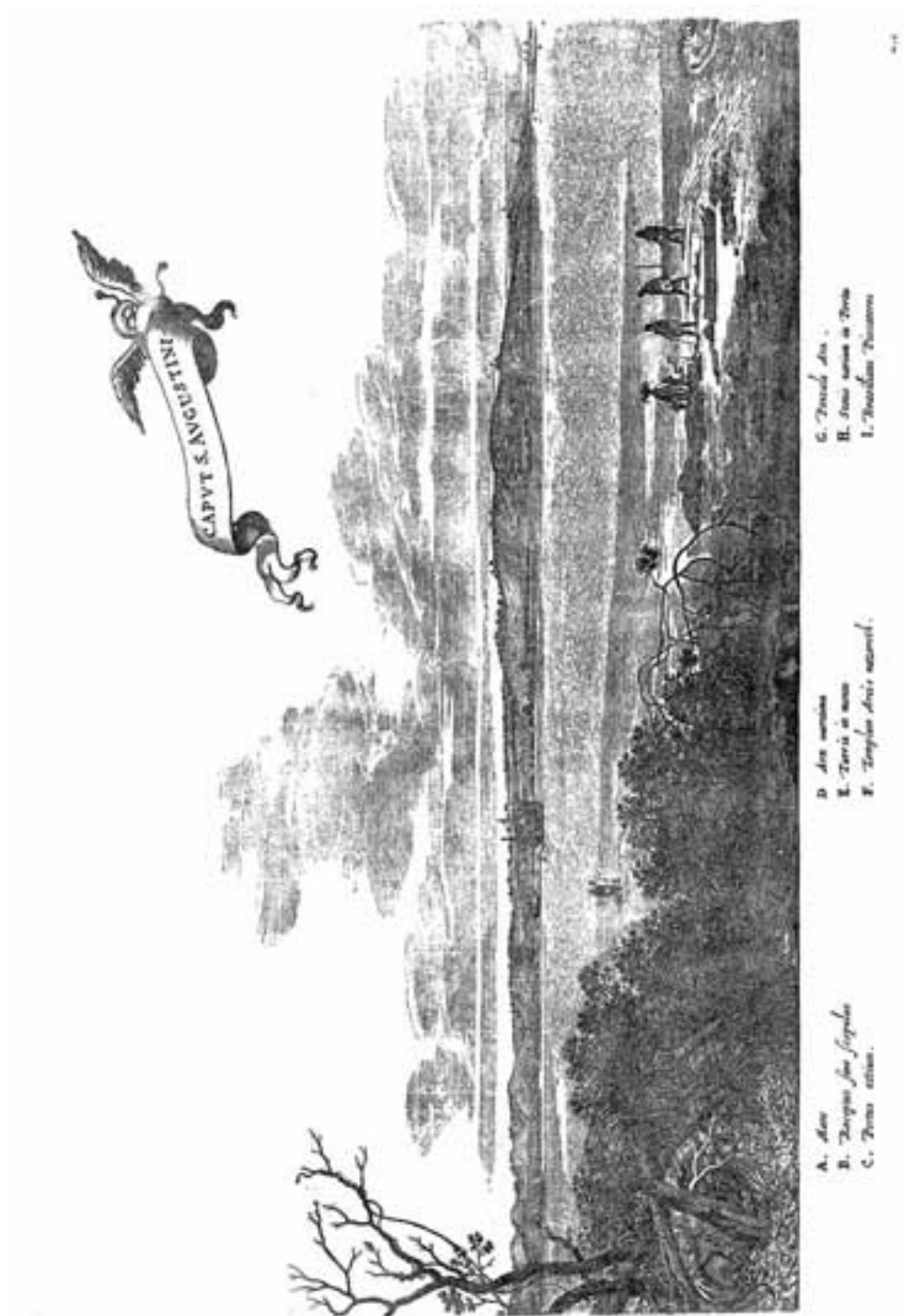
Enquanto, porém, nos demorávamos ali, desforçando-nos a ferro e fogo, Razões de se talarem as terras inimigas não se encontrou gado suficiente para os holandeses, porque as tropas de Barbalho, em suas idas e vindas através daquela região, tinham acabado com ele. Também, quando chegou o coronel Koin, já se havia ordenado aos ribeirinhos do rio Real e do Itapicuru tocar para a baía de Todos os Santos todos os armamentos que houvesse. Sendo esta a situação, desejava Koin ser útil noutra parte, pois não se lhe deparara ensejo de fazer mal ao inimigo em trecho algum daquele território, que percorreria numa extensão de vinte léguas.

E já o major Brand ouvira de prisioneiros inimigos que D. Jorge de Mascarenhas, vice-rei do Brasil, velejara para a Bahia com uma esquadra de 18 navios, que transportavam 2.500 homens entre gente de mar e guerra; que levara consigo cinco mestres-do-campo; que, por mandado do rei, fora detido o governador, Conde da Torre, e que Barbalho recebera ordem de voltar para Portugal.

Marchando corajosamente para o interior à frente do seu batalhão, logo foi esse mesmo Brand cercado e batido pelos adversários, e sofreu não pequeno desbarate, mortos cem dos seus e aprisionados diversos, entre os quais ele próprio.

Koin, homem aliás de grande ânimo e prudência, tentou frustaneamente opugnar a vila do Espírito Santo, na capitania desse nome, malogrando-se a empresa pelo pouco traquejo dos soldados e por falta de navios menores, o que impedia o rápido desembarque das forças. Demais, avisado previamente, o inimigo munira com obras apressadas a vilazinha, mandara vir em auxílio brasileiros do Rio de Janeiro e se recolhera a um morro, donde com cinco peças atacava proveitosamente os holandeses. Forcejando

Ataque frustâneo contra o Espírito Santo



o coronel por galgar o tope do monte para dali expulsar o adversário, foi obrigado a bater em retirada pela pusilanimidade e covardia dos seus. Incendiaram estes a vila em vários pontos, mas não pegou fogo, graças às casas construídas de tijolo. Foram levadas do rio somente duas naus de carga com 450 caixas de açúcar; mas o inimigo disparou a artilharia contra elas e desconjuntou-as todas, de sorte que foi o seu doce lastro transportado como presa para outras naus. Dos nossos tombaram mortos sessenta soldados rasos e alguns de posto mais alto, e ficaram feridos oitenta.

Saqueava Lichthart a capitania de Todos os Santos, e Barbalho, para acudir à aflição dos seus habitantes, chamou às pressas as companhias que se achavam no nosso território e, atravessando o São Francisco, extrema austral do Brasil holandês, voltou para a Bahia, com os seus soldados reduzidos, famintos e enfraquecidos com as exaustivas caminhadas.

Nessa ocasião, Nassau e o Supremo Conselho, seu colaborador, concentravam seus cuidados em dois projetos: tomarem a baía e a cidade de São Salvador e levarem ao cabo a resolvida expedição de Jol contra o Ocidente. Não se pôde realizar o primeiro por falta de soldados e provisões de boca, as quais a esquadra de Jol, a ponto de partir para o Ocidente, havia absorvido. Assentou-se, portanto, executar-se o segundo projeto. Dois fatores igualmente prejudicavam os lucros da companhia: 1º) os salteadores e devastadores, que forçavam os habitantes do campo a darem-lhes dinheiro em troca da sua tranqüilidade, e esta foi a causa de ter diminuído o talho do pau-brasil; 2º) os incendiários e malfeitores, que operavam ou por si ou instigados pelo inimigo. Na medida do possível ocorreu-se a esses males, como se espalharem pelas zonas infestadas, segundo os recursos e extensão das mesmas, soldados que prendessem os ladrões negros e também portugueses e os apresentassem à autoridade judicial do lugar. Era chefe desses bandidos um negro, um tal Pedro Visto, que, recebendo instruções dos inimigos, causou aos holandeses danos consideráveis, mas ultimamente sofreu também da parte deles não pequenas perdas, pois lhe foram arrebatados cem negros por ele roubados aos senhores de engenhos.

Muito se esforçaram o conde e os conselheiros para tornarem os portugueses, nossos súditos, mais favoráveis e justos para nós. Os mais deles apegavam-se à opinião de que não podiam, de boa fé, tomar armas contra o rei e reprimir a ferocidade e as incursões quotidianas dos salteadores, e por isso os favoreciam com o silêncio, com os conselhos e com a própria cooperação. Diante disso, mandou o conde formar a lista, nas três províncias de Pernambuco, Itamaracá e Paraíba, dos portugueses mais conceituados pela posição social, pela riqueza e pelo bom nome, e lhes rogou que colaborassem com ele na defesa da segurança pública; que renunciassem às relações de amizade com o inimigo, pois nenhum auxílio mais poderiam esperar da armada espanhola; que reavivassem a ativação do comércio e, numa ação conjunta, desviassem dos altares e lares²⁷⁶ toda a vio-

lência. Ele nada omitiria em proveito deles e em honra da nação portuguesa; preveniria, por severíssimo edito, que fossem tratados indignamente por seus soldados ou oficiais, e que qualquer indivíduo pacato sofresse dano por parte quer dos grupos, quer de uma só pessoa. Com estas e outras palavras próprias para aplacar e vencer os ânimos, tomou, com o assentimento de todos, salutarens providencias.

Os tesoureiros registram nessa época terem entrado para os cofres da companhia, saídos dos domínios régios, 350.000 florins, resultantes das décimas do açúcar e dos impostos sobre gêneros alimentícios e pesos. Entretanto, concedia-se por equidade alguma remissão aos respectivos arrematantes, em atenção aos danos causados aquele ano²⁷⁷ pelos incêndios e pilhagens. Os direitos das mercadorias importadas da Holanda e pertencentes a particulares montaram a 400.000 florins, e os do açúcar exportado do Brasil para a Holanda ascenderam a 300.000 florins. Os impostos devidos de vendas de engenhos, de imóveis e de negros escravos importavam em 2.400.000 florins. O dinheiro proveniente dos despojos de guerra somava 300.000 florins. Os negros comprados na África e vendidos no Brasil renderam 600.000 florins. Estas são as rendas e os lucros só do Brasil, além das que na Holanda recolhiam como próprios às arcas dos holandeses. E sem dúvida teriam sido muito mais vultosos os réditos, se não os houvesse diminuído a baixa do açúcar, cujo preço se teria podido aumentar em parte com a destruição dos engenhos dos inimigos como já foi encetada, parte pela proibição dos açúcares levados anualmente pela Companhia das Índias Ocidentais.

O Supremo Conselho julgou muito importar aos interesses da companhia restabelecer a antiga lei portuguesa pela qual proibiu o rei se penhorassem, por títulos de dívida, os escravos que trabalhassem nos engenhos e os utensílios destes, porque, sendo retirados, cessaria o trabalho, e com isso acabariam de todos os proventos que deles auferia o rei. Com efeito, assim como dizem os peripatéticos que os céus não se movem sem uma inteligência (permiti, leitores, este período ao historiador), que não se pode governar uma nau sem um piloto, nem um carro sem um cocheiro, assim também dizem os brasileiros que sem os negros, como figuras indispensáveis, não é possível tocarem-se os engenhos. Achou ainda o conselho ser necessário remeter-se para o Brasil mais dinheiro holandês para as transações diárias, pois os portugueses escondem ou gastam com parcimônia o dinheiro cunhado pelo rei e o de mais valia. Seria também proveitoso, segundo alvitava, revigorar-se o antigo valor do tabaco brasileiro, e que os naturais se dedicassem à cultura do gengibre. Nada, porém, tão útil e frutuoso quanto a remessa freqüente de colonos e a liberdade do comércio privado, não somente pelas grossas rendas que disto se poderiam esperar, mas também em favor da segurança do império, porquanto não se deve crer na amizade dos vencidos, e as nações desafetas a novos dominadores sacodem facilmente o jugo a elas imposto. Determinou mais o

Estado financeiro
quanto a lucros e
rendas

Interesses da Com-
panhia das Índias
Orientais

conselho que se equipassem diversos iates para vigiarem os portos de Angola, na África, e os do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, e para insidiarem aos navios de carga dos inimigos, porque costumam transportar mercadorias de grande preço – escravos, farinha, vinhos e outras veniagas, estimadas em Pernambuco, onde são vendidas pelos cúpidos mercadores. A falta de navios, entretanto, não permitiu realizar-se este plano na medida que a situação exigia, pois Jol levava consigo a maior parte deles.

Por essa época aconteceu um fato para nós vantajoso: Heitor de la Calce, mestre-de-campo do terço napolitano, tendo partido pouco antes da baía de Todos os Santos, foi obrigado por necessidade a fundear na Paraíba, quando esteirava para o Ocidente com 600 soldados, por estar com a sua nau aberta e desconjuntada. Para não nos ser pesada a manutenção de tantos prisioneiros, foram transportados para o Ocidente, retendo-se Heitor e os oficiais, para com eles se resgatarem os holandeses cativos no porto de Havana. Mandou o conde para a Holanda a este mesmo Heitor, homem, segundo estou informado, de ótimo caráter, e o fez a pedido dele próprio. Quis ele, porém, ser de tal fidelidade que recusou voltar para a Espanha, enquanto não se obtivesse a remessa dos nossos patrícios prisioneiros fora da Holanda, pagando-se à companhia as despesas feitas com o transporte dos seus para o Ocidente.

Passemos, porém, a narrar a expedição de Jol e de Lichthart.

Costeando a norte do Brasil, conduzira-os a sua frota para o ocidente já **JULHO DE 1640** havia alguns meses. Constava ela de vinte e quatro naus perfeitamente aparelhados para a guerra e contava com dois mil marinheiros e mil e setecentos soldados. Na expectativa de próspero resultado, levantara esta empresa os ânimos assim dos brasileiros como dos europeus, portugueses e holandeses. Efetivamente, nenhuma outra parte se afigurava mais útil e cúvido o pelejar do que onde se deparasse importante matéria à cobiça humana, não as especiarias, as madeiras preciosas, os açúcares, mas os próprios tesouros do Ocidente, as valiosas barras de ouro e de prata. Entretanto, o que não é infrequente na guerra, malogram-se os mais importantes cometimentos, principalmente no mar, onde os projetos humanos ficam sujeitos ao arbítrio dos ventos e das ondas.

A 1º de setembro achava-se toda a frota diante do célebre porto de Havana, em Cuba. Logo, dividindo-se em esquadras, pôs-se à capa, **A armada de Jol diante do porto de Havana** até findar o mês, e, com ele, a esperança de presa; porquanto aguardava a frota e desejava ansiosamente que saíssem dos portos as naus espanholas, acedendo à vontade de pelejar-se. Incentivada pela vizinhança das riquezas, extasiava-se, ante tamanha fortuna, a cobiça de todos.

Frustrou-se-lhes, porém, a expectativa. A sede do dinheiro não sofre delongas, e nada se ficou sabendo de oitiva sobre a chegada das frotas da prata,

por mais que se interrogassem a respeito pescadores apanhados aqui e acolá. Cada uma delas efetivamente, por ótimos alvitres e por prudente receio, permaneceu nos seus respectivos portos, não achando razoável expor à ambição armada o ouro e a prata que levavam: tiveram por preferível adiar o transporte de tantas riquezas a expô-las a riscos certos.

Crescendo o vento, desencadearam-se tão rijas tormentas contra a nos-
É dispersa por uma sa esquadra que ela se dispersou, e algumas naus deram à costa de
tempestade Cuba, naufragando com os vagalhões que se erguiam e sendo
 aprisionados os tripulantes que escaparam

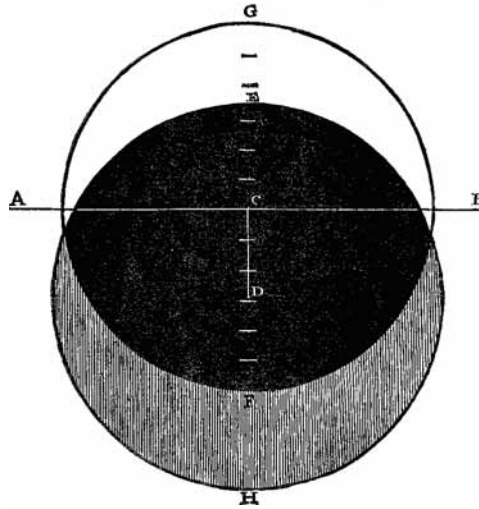
Os que foram levados para o porto de Havana e ali detidos por algum tempo, voltando depois para Pernambuco, elogiaram, cheios de admiração, a humanidade e a cortesia dos espanhóis para com eles. Disseram que não tinham sido guardados em cárceres imundos, mas postos em custódia assaz livre, com alimentação farta, segundo necessidades. Quatro outras naus foram ter aonde as impeliu a sorte, a fúria do mar ou os ventos. Despachou-se uma delas para Holanda por mensageira da malaventurada empresa. Das quatro que haviam errado pelo mar, duas, *Nassau* e *Ernesto*, atingida através do estreito de Bahama, arribaram salvas a Pernambuco; uma outra foi parar na Holanda setentrional. Refeitos os tripulantes na baía de Matanzas, chegaram ao Brasil, mas muito estragadas, as dezesseis naus remanescentes, que conduziam 690 militares e 938 marujos sobreviventes.

Restauraram-se sem demora para novas expedições, a fim de não se perder o fruto de tantas despesas.

O Conde, na sua indefessa atividade, mandou uns navios fazer-se de vela para o Rio de Janeiro, sob o comando de Lichthart, a fim de atacarem os vasos dos inimigos que por acaso entrassem o porto ou ganhassem o alto; enviou outros para as costas de Angola, a fim de aguardarem ali as naus dos portugueses e buscarem ocasião de combater.

No fim do ano de 1640, houve um eclipse do sol, quase total no
13 DE NOVEMBRO DE Brasil. Noto-o aqui, não como um fato maravilhoso para
1640. Descrição de um o nosso tempo em que já se tornaram conhecidas as cau-
eclipse do sol sas deste fenômeno, mas por ter sido ele recebido como
 feliz agouro pelos cidadãos benévolos, isto é, por aqueles que se comprazem em prometer aos príncipes, mediante a observação dos astros, o favor do céu e da indulgência de Deus. Animavam eles os que esperavam na realização dos seus votos, e, interpretando esta privação da luz celeste como o ocaso e desaparecimento do esplendor hispânico nas terras do Ocidente, exaltava ao conde por quem pôde ser empanado no intenso fulgor do poderio real.

Ocorreu o eclipse a 13 de novembro. Em Maurícia começou às 10 horas e atingiu o máximo às 11, obscurecendo-se três quartas partes e 28' do disco



A B. Eclíptica.
 C. Centro do Sol.
 D. Centro da Lua.
 C D. Distância entre o centro do sol
 e o da Lua.
 E F. Grandeza do eclipse em dígitos
 e min.
 E G. Restante parte do Sol luminosa.
 F C E G. Diâmetro do Sol.
 H F D E. Diâmetro da Lua.

Tempus æquabile Vraniburgi d. $\frac{5}{13}$		Scrupula dimidiæ moræ penumbræ in	
Novemb. h. 3. 12'. 3''.		disco	31. 18.
Locus Terræ perpendiculariter Soli		Ergo	H.
subjectus 21°. 4'6. 2''. Scorp.		Tempus dimidiæ durationis	2. 37'. 51''.
Locus $\sim$ 21. 23. 21. Scorp.		moræ Vmbræ	1. 44. 41.
Reductio 6. Subtr.		moræ penumbræ	0. 51. 28.
Locus Lunæ in Orbita 21. 45. 56. Scorp.		Tempus adparens mediæ Eclips.	
Areus inter centra 2. 5. Bor.		Mauriciæ erit die $\frac{2}{13}$ Novemb. —	
Ampliatuſ physicè 2. 7.		H. 23. 47'. 48''.	
Parallaxis Lunæ, seu Semidiameter		Tempus adparens visæ Veneris & ma-	
disci terræ 63. 41.		ximæ Eclipsis Mauriciæ in Bra-	
Semidiameter Lunæ 16. 22.		silia, $\frac{2}{13}$ Novemb. —	H. 23. 27. 6.
Solis 15. 27.		Ad illud tempus datur Latitudo Lu-	
Semissis parallaxis Solis 30.		næ visa	7'. 25''. Merid.
Semidiameter Penumbræ 32. 19.		Aggregatum Semidiameter Solis &	
Semidiameter Lunaris Vmbræ 55.		Lunæ	31. 49.
Summa Semidiametrorum 1. 36. 0.		Ergo	
Horarius Solis } veri 2. 32.		Pars deficiens	24. 24.
Lunæ } 38. 27.		Et quantitas deliquii Solaris 9. Dig. 28'. 32''.	
Lunæ à Sole verus 35. 55.		Scrupula durat. dimidiæ omnimodæ	30'. 56''.
ampliatuſ physicè 36. 29.		Hinc	H.
Erit igitur defectus alicubi centralis		Tempus duration. dimidiæ omnimo-	
& totalis		dæ	1. 13'. 59''.
Scrupula dimidiæ durat. omnimodæ		Et Initium Eclipsis Mauriciæ	10. 13. 7. } ante mer.
Eclips. 1. 35. 59.		Medium	11. 27. 6. }
Scrup. dimid. moræ total, umbr. Lu-		Finis	0. 41. 5. post mer.
næ in disco 1. 3. 39.			d. $\frac{3}{13}$ Novemb.

solar, de sorte que ali ficou brilhando menos de um quarto dele. Às 12 horas e 47 minutos, de novo resplendeu com a plenitude da sua luz.

Tomou o eclipse aspectos diversos conforme os países onde era visível, em razão das diferenças de longitude e latitude da esfera celeste. Assim, em Nicarágua mostrou-se o Sol inteiramente imerso na sombra da Lua; mas contemplaram-no sob outra forma os habitantes de Cartagena e do rio da Santa Marta, ao norte da América Meridional, e bem assim os de Porto Seguro, no Brasil, os angolenses na África e os moradores do Rio da Prata e do estreito de Lemaire.

Entre outras provas de louvável curiosidade e de inteligência dadas pelo ilustre Conde João Maurício figura esta pouco vulgar: mandou desenhar e escrever esse eclipse pelos seus astrólogos, os quais traz consigo, na paz e na guerra, a exemplo dos maiores e mais célebres generais, que, no meio das batalhas, se entregavam na contemplação do céu e dos astros, como de si diz César em Lucano. Além disso, deu instruções a todos os capitães de navios que iam fazer-se ao mar para cada um deles, no lugar onde se achasse, observar atentamente e anotar no papel o futuro eclipse em todas as suas fases e aspectos. Para agrado dos que se comprazem em conhecer os fenômenos da máquina celeste e das constantes alternativas dos planetas, ponho ao lado as representações deste eclipse, em todas as suas fases, conforme a desenhou, com todo o rigor astronômico, Jorge Marcgrav, que o conde tinha por seu astrólogo naquele mundo bárbaro.²⁷⁸

Partiu Lichthart do porto de Santo Aleixo, transpôs os parciais chamados os Abrolhos e, depois de estar na baía do Rio de Janeiro, dividiu a frota em três esquadras, saindo avidamente ao encontro das naus inimigas. A sorte, porém, assaz adversa, nada lhe deparou digno de tão grandes aprestos. Somente apresou duas naus: uma com vinho e outra com algum açúcar. Valeu aquela 94.000 florins e esta apenas 2.000. Diante disso, deixou a tripulação descansar junto à Ilha Grande e voltou para Pernambuco. Essa expedição con- Ilha Grande
tra o Rio de Janeiro descontentou na Holanda os diretores da companhia: afirmavam que o Brasil dispusera de quantidade de armamentos, soldados e navios suficiente para expugnar-se a Bahia e a capital do Brasil. Julgaram os administradores do Brasil que lhes importava à honra não serem acusados de tamanha negligência e refutaram com vigor tal incriminação. E para não darem lugar a que se suspeitasse mal deles, escreveram para a Holanda mais ou menos neste sentido: que os diretores da companhia tinham feito mal o cálculo, pois no Brasil não se tinha tido o número de naus ou de soldados que eles haviam posto nas suas cartas: achavam-se à disposição 23 navios pequenos e não 41, 12 iates e não 22, 18 naus de carga e não 30; que o recenseamento dos soldados orçava por uns 5.300 e não 11.000. Acrescentavam que a cidade do Salvador estava, naquele tempo, protegida por grandes e fortes guarnições; que havia necessidade de

muitos soldados contra os guerrilheiros incendiários, tendo de ser distribuídos pelas províncias para os afastarem, a fim de não perderem os senhores de engenho toda a safra de açúcar; que fora preciso guarnecer os lugares da costa contra as agressões externas e contra as maquinações intestinas dos portugueses, e alegavam ainda outros argumentos tendentes a desfazer as insinuações e as más interpretações dos altos poderes.

É cousa inquieta o espírito dos mercadores: ainda a fortuna mais completa não lhes saciaria os desejos. Facilmente encontra ele que imputar aos administradores dos seus haveres, e, quando decide antecipar suas esperanças, já quer realizado tudo aquilo em que pôs a mira.

O vice-rei que governava nesta ocasião a cidade de São Salvador, considerando os danos que, havia muito, vinha sofrendo da parte dos holandeses, por ter sido dada aos devastadores licença franca para guerrilharem, arrependeu-se tarde de tão cruel e desumano costume, e tratou de moderar aquele sistema de guerra. Com efeito, dirigindo-se ao clero católico de Pernambuco, conseguiu facilmente dele, pelo sofrimento de uma calamidade comum, que apresentasse ao Conde e ao Supremo Conselho uma petição impetrando o restabelecimento das leis usadas entre beligerantes, por meio das quais se reprimisse aquele feroz encarniçamento de seviciar os prisioneiros, os desarmados, os que se entregavam, e de talar os campos e tudo o que encontravam. Inclinado à brandura e infenso a toda a crueldade, não se mostrou difícil o Conde, pois não teria chegado a tais rigores a não ser provocado pelo inimigo, que mandara primeiro não se poupassem os holandeses vencidos nem se concedesse a vida a nenhum.

Razões que levaram o Conde a fazer o mesmo Despachou a petição, declarando que não lhe desagradaria um modo mais brando de guerrear, se o abraçassem e respeitassem os adversários. Aprendera, efetivamente, que as nossas terras podiam ser invadidas e assoladas com pequenas companhias, ao passo que as do inimigo só o poderiam com maior mobilização e por via marítima; que entre os seus súditos havia quem defendesse às ocultas a causa dos contrários e patrocinasse aos incendiários; que no território inimigo não tinha ele tais partidários, e que também se perdia a esperança de ganhar o resto do Brasil, com as pilhagens de que eram vítimas os seus habitantes e com os incêndios dos engenhos e fazendas.

Não se opôs o vice-rei, Marquês de Montalvão, às justas pretensões do Conde, e, dados mútuos reféns, entraram as partes em acordo.

Reféns dados. Embaixadores de uma e outra parte Pelo Conde foram mandados como reféns ao Marquês o tenente-coronel Hinderson e o coronel Day, e pelo Marquês ao Conde, o português Martinho Ferreira e o espanhol Pedro de Arenas. Foram embaixadores do Conde e do Supremo Conselho os conselheiros Teodoro Coddey van der Borch e Nunin Olferd, indo por secretário da embaixada Abraão Tapper, secretário do conselho de justiça. Determinou-se-lhes que usassem nos pactos o latim para não os enganarem os portugueses com as palavras da sua língua. Posterior-

mente deu esta embaixada os seus resultados. Após longas deliberações, convencionou-se que, de ambos os lados, se restaurassem as leis de guerra concernentes aos prisioneiros e à devastação das lavouras. Entretanto, os diretores na Holanda (para acrescentar eu o que se fez depois) interpretaram mal estas convenções, entendendo que elas abriam caminho ao inimigo para penetrar nos segredos do Brasil holandês, por uma familiaridade inóxia e segura. Foi, todavia, fácil aos regedores do Brasil refutar isto, respondendo que não tinham pactuado um armistício, mas apenas um abrandamento de hostilidades; que no território sob a sua jurisdição já havia muitos espiões, sendo supérfluo recear os de fora; que não houvera outra esperança de se colher a safra do açúcar senão mediante aquele acordo, e que não se encontraria ocasião de transferir as armas para o Sergipe, o Maranhão e a costa da África a não ser com a segurança conseguida até aquele momento.

Enquanto desempenhavam os embaixadores o seu mandato, um certo Lengton passa para os inimigos Lengton, homem de caráter inconstante, que fora recebido na comitiva deles, abandonou os seus senhores e foi ter com o vice-rei, a quem revelou, com desmarcada perfídia, as nossas coisas até onde as conhecia. Aconselharam, contudo, os reféns holandeses a este desocupado que abandonasse o vice-rei e tornasse aos seus primeiros senhores e à fidelidade devida à pátria. Ele voltou, e quem antes se comprometera em crime de traição, agora incorria na tacha de estultice e leviandade. Encarcerado para um inquérito mais rigoroso, corrompeu, segundo se acreditava, o carcereiro e com ele fugiu. Prometeu-se recompensa a quem o prendesse, cominada a pena de morte e de confisco para os que dessem hospitalidade ao traidor.

Ainda não haviam regressado para Pernambuco os embaixadores holandeses que tinham ido tratar com o inimigo sobre o abrandamento da guerra, eis senão quando chega ao Conde uma carta do vice-rei, inteirando-o da revolução de Portugal. Dizia-lhe que os portugueses tinham aclamado por novo rei o duque de Bragança, jurando-lhe fidelidade; que todas as praças do reino lhe haviam rendido espontaneamente preito e homenagem; que ele vice-rei e os soldados sob o seu comando tinham reconhecido o referido rei e prestado a ele juramento, exceto os castelhanos e napolitanos, os quais escrupulizavam em aderir à revolução e abandonar o seu antigo senhor. Tinha chegado, havia pouco, à Bahia, enviados pelo rei de Portugal, o jesuíta Francisco Vilhena e o tenente-mestre-de-campo Pedro Correia da Gama, não só para levarem a notícia de tão importante acontecimento, mas também para receberem, em nome do novo monarca, a vassalagem a ele jurada pelo vice-rei e pelas forças militares que houvessem nas guarnições. Foram estes dois homens enviados pelo governo da Bahia ao conde João Maurício para pedirem um armistício entre portugueses e holandeses até que se tivesse certeza do acordo celebrado entre D. Tristão de Mendonça e os Estados-Gerais. Para obter esse armistício, o governo lusitano põe em

liberdade trinta prisioneiros holandeses, retendo, porém, Garstmann e Brandt, e, em vista das graves reclamações e das cartas ameaçadoras dos governadores de Pernambuco, chama Paulo da Cunha, que ainda assolava impunemente as nossas terras e fronteiras.

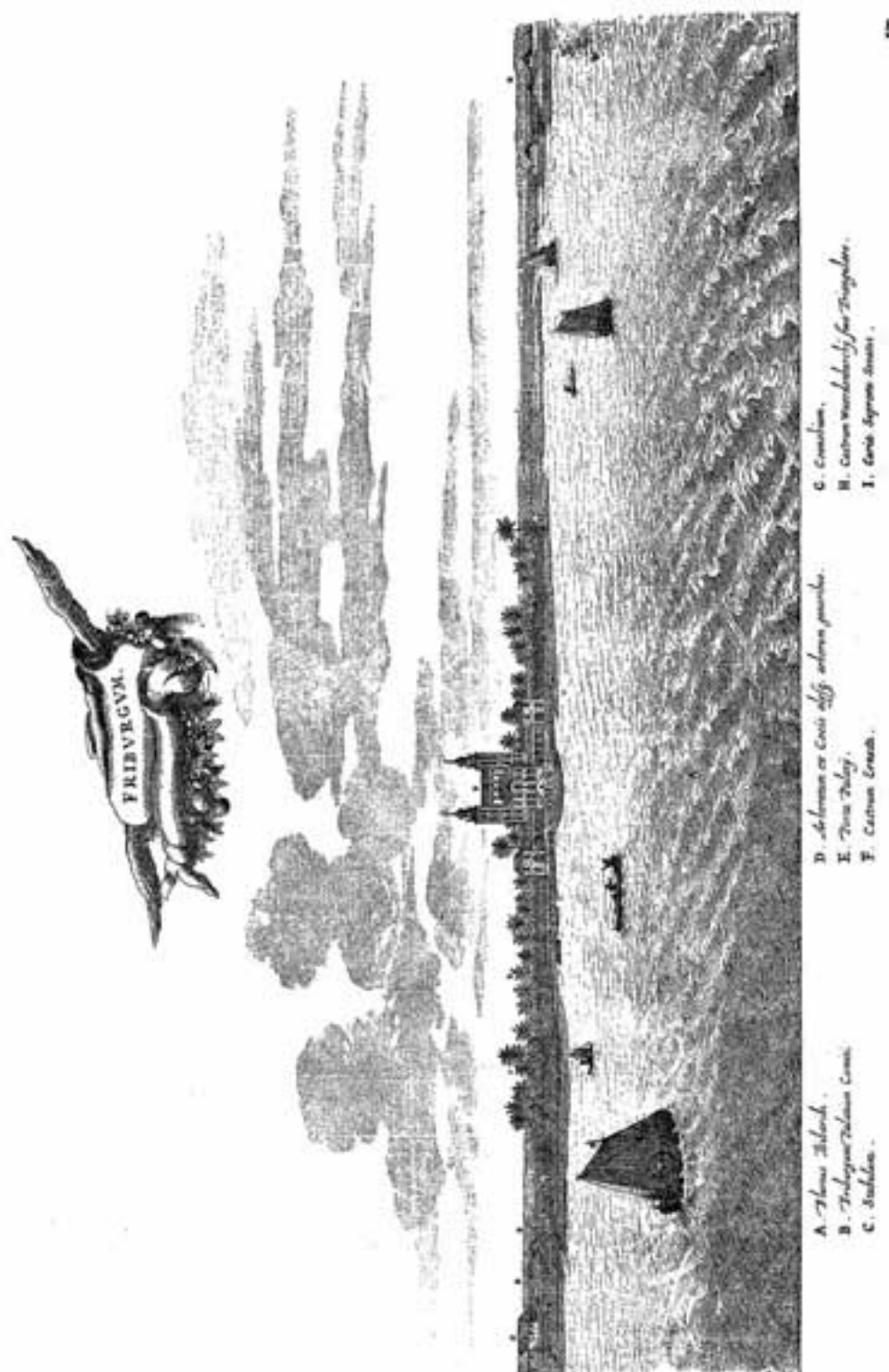
Concluídas as negociações, voltou Vilhena para a Bahia, e ficou Pedro Correia, porque queria.

Nessa ocasião uma notícia mentirosa abalou os baianos: equiparem os Estados-Gerais uma armada de cinquenta vasos para invadir a baía de Todos os Santos e atacar São Salvador. Alvorçados com esta nova, puseram os portugueses toda a diligência em fortificar a cidade, até que se acalmaram, por ser desmentido pelo Conde o boato.

Logo que as duas partes beligerantes tiveram conhecimento da memorável insurreição de Portugal, traçaram os inimigos uns planos e os holandeses do Brasil outros. De fato, conjecturavam elas facilmente que o jeito dos portugueses deveria induzir um tratado de paz ou de trégua para as terras de Portugal e das Províncias-Unidas e em consequência para o Brasil. Com a paz ou com as tréguas, cessaria o direito de adquirir novos domínios e ampliar as possessões. Diante disso, resolveram, de comum acordo, o Conde e o Supremo Conselho que, achando-se a Espanha perturbada com a defecção de Portugal, se tentasse algum lance do qual pudesse advir notável incremento aos interesses da companhia. Os mais sagazes reputavam aquela transição oportuna para grandes tentativas, e cumpria estar atento àquela situação e aproveitar as circunstâncias. Por estar o inimigo lutando com os seus e contendendo acerca do poder supremo, havia azo para pegar enguias.

Nassau, já informado da revolução pelos Estados-Gerais, recebera instruções para aumentar o império. Em verdade, à carta em que pedira demissão responderam eles o seguinte: *“que era a tal situação do governo do Brasil e a da Europa que de modo algum convinha ser ele demitido naquele momento; que o conhecimento do país e do caráter dos seus habitantes lhe facilitava a governança; que, alargadas as fronteiras e expulsos de toda a parte os inimigos, tinham estes perdido a ferocidade, e os cidadãos o medo; que Portugal, convulsionado por uma grande revolução, tinha abandonado o rei Filipe e aclamado o duque de Bragança. Estes acontecimentos não poderiam deixar de dar a Nassau ensejo para tentar algum cometimento insigne e glorioso nas terras ocupadas pelo rei da Espanha com as suas guarnições e armas. Os altos poderes da República tinham votado que se auxiliasse o duque de Bragança contra o inimigo então comum dos portugueses e dos holandeses. Sendo esta a situação, eles Estados-Gerais não duvidavam de que Nassau permitiria prorrogar-se-lhe o governo por mais alguns anos, em razão do amor que dedicava à República das Províncias-Unidas. Dever-se-ia tirar partido das sedições dos inimigos em benefício da dominação, trabalhando-se no meio das discórdias deles. Abatida a potência da Espanha pela aberta defecção dos seus súditos, desse Nassau perpetuidade,*

Carta dos Estados-Gerais
persuadindo ao Conde, que
pedira demissão, a sua per-
manência no Brasil. Nela se
dá conta da revolução
de Portugal



com a sua presença e sabedoria, aos empreendimentos com felicidade encetados. A fama dos seus feitos, o procedimento com que capta o ânimo dos homens e o seu aspecto agradável até mesmo aos adversários tinham-lhe conciliado a obediência, a simpatia, o amor de muitos. Ser-lhe-iam, pois, os Estados-Gerais devedores de grande benefício, se ele consentisse em ser mais diuturno o seu governo, iniciado com tanto brilho. E os representantes da pátria pretendiam galardoar com prêmios e honras condignas a condescendência do conde.”

Por sua vez, o Conselho dos Dezenove, em instruções expedidas ao conde, recomendou-lhe explicitamente isto: “*depois que Portugal, abalado pela revolução, não*
 26 DE FEVEREIRO *pudesse mandar socorros para o Brasil, deveria ele, espiaando as ocasiões, tratar*
 DE 1640 *seriamente de ampliar o território e prolongar as lutas numa glória contínua, antes que fossem sopitados ou terminados por tratados de paz os ardores marciais. Tudo ainda estava patente ao vencedor, ao passo que, pelo tratado, cada uma das partes teria tido salvas as suas possesões e não se poderia ir mais além. Não prescreviam rigorosamente os diretores o modo de se fazerem as coisas, pois devem estas realizar-se de conformidade com as circunstâncias, os lugares, as forças e a situação dos inimigos. Todavia, muito desejavam que, reunindo de toda a parte as guarnições e as tropas auxiliares de brasileiros, se assaltasse de novo a baía de Todos os Santos, em vista da admirável vantagem do porto, da sua comodidade para a construção de navios e da segurança de todas as províncias sujeitas à Holanda. Empregasse, pois, Nassau todo o vigor do engenho e toda a sua atividade militar para expugná-la ou a força ou por manha. Se não pudesse conseguir isto, ao menos cercasse a cidade e lhe fechasse todas as entradas, porque não é insignificante a importância das cidades sitiadas, pois são mais fáceis de ganhar, quando se discute a cessação das armas.”*

Por obediência e veneração à pátria e aos seus representantes e movido pelas cartas dos Estados-Gerais e dos diretores da Companhia, aquiesceu a prorrogar-se-lhe o governo por mais algum tempo e, resolvido a
 Nassau anexa ao domínio da Companhia o Sergipe ou capitania do Siri permanecer no cargo, determinou dilatar o território da Companhia, anexando-lhe primeiramente o Sergipe d’el-Rei, região antes deserta e do primeiro ocupante. Com esse fim, partiu para ali com tropas André, governador do forte de Maurício no rio de São Francisco. Tendo munido prévia e providamente a sua fortaleza, invadiu aquela capitania, cingiu com trincheira uma igreja ali existente, construiu um arsenal e fortificou a vilazinha contra os assaltos do inimigo.

A causa desta expedição foi porque, situada essa região entre a capitania da Bahia e as terras do domínio holandês, era vantajosa para a defesa das nossas fronteiras, abundava de gado e dava mais de uma esperança de minas.

Se não me engano, só o escritor português Nicolau de Oliveira enumera o Sergipe entre as capitanias. Chamam-lhe os índios Siri, nome de um rio. Vai-se à vilazinha por um rio pequeno, inacessível a navios maiores pela exígua profundidade do estuário. Dista do rio Real onze léguas para o sul, e do São Francisco apenas sete, para o norte. Possuía a região vários currais de gado, que, achando-se em ruínas, podem ser restaurados pelo cuidado dos governadores. Quanto

à pesca, é afamada a região, por estender-se à beira-mar. Entretanto, foram os holandeses burlados nas suas esperanças de minas ali, pois os minérios cavados em vários sítios não contêm prata nem valem nada, segundo declara Pedro Mortammer, a quem se confiara a pesquisa deste segredo. Toda a segurança dos habitantes depende do forte de Maurício, porque o sertão não pode ser defendido contra as forças ordinárias do inimigo.

São estes os fatos ocorridos no Novo Mundo, em terras do Brasil. Deram-se, porém, outros de maior vulto no Velho Mundo, na África.

Expedição contra o
reino de Angola,
comandada por Jol

Sendo grandíssima a importância do resgate dos negros no reino de Angola, por imprescindíveis aos trabalhos das minerações reais e dos engenhos brasileiros, prouve a Maurício levar a guerra também lá.²⁷⁹ Por este meio, a Companhia, que ali já prosperava muito com a compra e venda de escravos, chamaria a si o monopólio daquele rendoso tráfico. O Conde e o Conselho deram a Jol, sempre auxiliar de grandes façanhas, a incumbência de realizar a importante empresa. Navegou ele para a África com o vice-almirante Hinderson, numa armada de vinte velas, provida de 900 marinheiros, 2.000 homens de peleja e 200 brasileiros. O favor presentíssimo de Deus protegeu o desembarque das forças, mais do que teriam querido, porquanto foi tão fácil a vitória que, além do plano do assalto e do trabalho de um só combate, quase não deixou a fortuna outro exemplo de bravura.

30 DE MAIO
DE 1640

Conduzidos os holandeses não longe da cidade, entre as próprias fortalezas dos inimigos, desprezaram o furor delas, que faziam fogo de um e de outro lado. Jogando igual furor a artilharia inimiga contra as nossas lutas, foram elas abandonadas de todos os seus guardas, que puderam assim saltar em terra.

Hinderson, dispondo os seus em ordem de batalha, marchou com o seu exército para a cidade de S. Paulo no mesmo dia em que desembarcara. Encontrando ali o adversário formado para o combate e munido de duas peças, Hinderson rompeu fogo, sustando os mosqueiros o primeiro ataque. A princípio lutava-se com resultado quase igual e com danos iguais. Depois, recrudescendo a refrega e apertando os holandeses ao inimigo, primeiro puseram-se em fuga muitos mil negros, que seriam úteis na guerra. Seguiu-os, fugindo com semelhante covardia, o governador de Luanda, Pedro César de Meneses, que conduzia um exército de 900 homens, tanto soldados como cidadãos em armas.

Hinderson ataca a
cidade de São Paulo
de Luanda

24 DE AGOSTO
DE 1640

Tendo abandonado a estância de sua artilharia, entregou ao poder dos holandeses toda a cidade, fortes e trincheiras. Além de alguns soldados, pesados de vinho e de comezaina, e de alguns velhos trôpegos, não se achou mais ninguém, porque, com a notícia da nossa chegada, tinham escapulido e fugido to-

dos. Couberam-nos por despojos 29 canhões de bronze, 69 de ferro, grande quantidade de armas e petrechos bélicos, muito vinho e farinha, 30 naus entre grandes e pequenas.

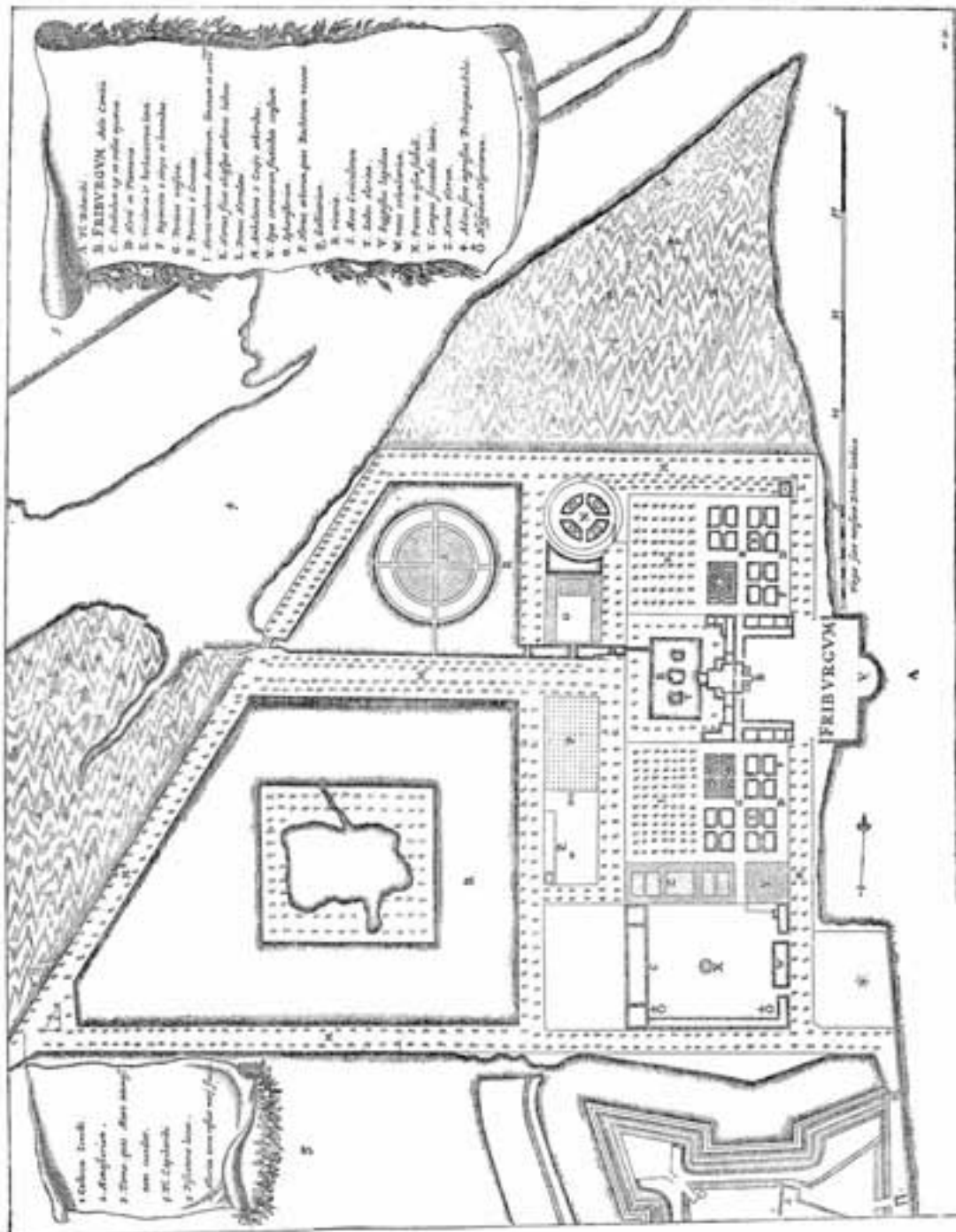
A cidade, posta num monte, não é fortificada, mas é bonita pela multidão das suas igrejas, conventos e belas casa. Sobranceiras ao porto, alinharam-se em longa extensão diversas fortalezas. Vencida a cidade, foram munidas apressadamente pelos nossos, com trincheiras e fossos, todas as praças e acessos. Depois,

Constroem-se fortalezas por sugestão de Nassau, construíram ali uma fortaleza maior e duas menores para resistirem a novos motins, deixando-se doze companhias para defesa do lugar.

Estavam persuadidos os portugueses de que haviam os holandeses ido até ali somente em busca de presa, mas sem intenção de lá se estabelecerem e conquistarem aquelas costas. De fato, havendo-se vista a frota, mandara o governador que cada um levasse para fora suas mulheres, filhos e bens de maior estimação. Depois, informado de que os holandeses vindicavam para si as cidades e as fortalezas como conquistas de guerra, queixou-se do agravo em carta endereçada a Jol e insistia em que já estava em harmonia com os Estados-Gerais e o rei de Portugal e que a Holanda já se havia ligado por um tratado à sua nação, desaparecendo as causas das guerras e dos rancores. Os holandeses, acusados de rapinagem, responderam que nada lhes constava, de fonte autorizada, a respeito daquela transação com Portugal que ignoravam se Meneses seguia o partido do novo rei ou de Filipe IV. Se o governador tinha conhecimento de tais negociações, devê-las-ia ter significado, antes de expugnada a cidade e de consumada a violência por parte dos nossos. Era tardia entre vencedores aquela reclamação, depois de superados os perigos e os lances da guerra.

Para não faltar água aos novos hóspedes daquele clima tórrido e seco, cercaram os nossos com trincheiras uma casa e uma fortaleza às margens do rio Bengo para garantir o abastecimento de água. Deseja pactear, propondo condições desvantajosas Irrompendo os negros contra aquela fortificação, foram mortos e rechaçados. Como o governador não alcançasse, nem com queixas, nem com violência, a restituição da sua cidade, quis negociar tréguas por oito dias para que, nesse meio-tempo, ou passasse para nós com os cidadãos, reconhecendo-nos vencedores, ou apresentasse a sua partida. Mas, como exigia cousas descabidas, mandado retirar dez milhas das cidade, proibiu aos seus conversação com os nossos. Por terem querido alguns deles amistar-se com os vencedores, sofreram a pena última.

Diversos dos régulos e chefes que dominavam nas cercanias, pactearam aliança conosco e, movidos de igual ódio contra os portugueses, os acoassavam até os esconderijos das selvas.



Os portugueses da Bahia, a qual fica defronte de Angola, tendo notícia do ocorrido na África, enviaram, em socorro dos angolanos, uma caravela provida de todo o gênero de armas. Foi ela apresada com o auxílio dos negros, que saciaram sua crueldade com o sangue dos portugueses, trucidados todos, conforme os ia apresentando a sorte. Salvaram-se só quatro, que se haviam escondido no bojo da nau. Voltando os habitantes para a cidade, até mesmo os eclesiásticos, ofereceram aos holandeses metade dos escravos, contanto que lhes fosse permitido passar com os restantes para a baía de Todos os Santos. Julgou-se, porém, mais frutuoso deter ali os cidadãos e chamá-los de novo para a cidade com promessas liberais, porquanto, segundo constava das contas dos administradores de Angola, só o tráfico dos escravos podia render 6.600.000 florins, deduzidas as despesas com guarnições, navios e empregados. Efetivamente, o próprio rei da Espanha se acostumou a levar dali anualmente 15.000 negros, dos quais se utilizava para trabalharem nas minas do Ocidente. É, pois, certo que o rei tentará extremos para recuperar o reino de Angola, de tanta importância para o império hispânico.

Este reino entesta ao norte com o do Congo, e o rio do mesmo nome, Rio Congo outrora Zaire,²⁸⁰ dista de Luanda cem léguas ou milhas espanholas.²⁸¹ Estende-se ao sul até a fortaleza de Benguela, que se acha outras tantas léguas distante de Luanda. Tem o reino quarenta léguas de contorno. Os naturais eram tributários do rei de Castela, a título de vassalagem. Os negros que se vêem mais longe, até o cabo Negro, a distância de cem léguas de Benguela, ligados por tratados aos portugueses, faziam com eles mútuo comércio. Os habitantes do sertão, num espaço de duzentas léguas, pagavam aos governadores régios páreas e portagens, gozando igualmente da sociedade do tráfico. A principal mercadoria são os próprios negros, cuja venda tem dado ao rei um rendimento anual de 1.000.000 de florins. Privado ele desta veniaga e lucro, não terá para o futuro nem ao menos a facilidade de obter escravos para trabalharem nas minas do Peru e nos engenhos do Brasil, pertencentes aos seus súditos.

A dita Luanda é uma ilha, com sete léguas de comprimento, plana e baixa, Ilha de Luanda sem montes nem colinas. Quando nela se cava a terra, estando o mar grosso, encontram-se águas doces; quando se faz o mesmo, estando ele manso, encontram-se águas salgadas. Tem ela um convento, uma casa de escravos e uma povoação habitada de negros. Jaz defronte do continente africano, em cuja costa se erguem a cidade de S. Paulo e algumas fortalezas.

Apoderando-se desta parte da África, Nassau comunicou-o aos Estados-Gerais, procurando persuadi-los, com fortes razões, de que o governo dela deveria ser anexo e sujeito ao do Brasil.

De feito, somente daquela costa africana soem transportar-se escravos para o Brasil, onde são vendidos para toda a parte. E, além disso, só o Brasil, por

ser vizinho de Angola, poderia defendê-la com as armas e ajudá-la com alvitres, de modo mais eficaz e pronto. Acrescentava que era de todo em todo justo e conforme ao costume da guerra entregar-se a governança dos lugares àqueles que, com seu esforço e pugnacidade, os venceram e subjugaram. Seria também coisa perigosa nomear-se para ali um governador com poderes plenos, que fosse menos conspícuo pelo nascimento ou pela fama, para ali, onde a perfídia dos portugueses, movidos pela vontade de um só, poderia pôr em extremo risco a estabilidade da província e a dominação conquistada para a companhia. Pensaram, porém, de outra maneira os diretores da Companhia: assentaram ficassem sob a sua administração as províncias da África, porquanto o mesmo tinham feito antes os reis de Portugal e de Castela, separando sempre os governos das terras brasileiras e africanas. A eles os induziam ainda estas razões: que o próprio Brasil tem de esperar da Holanda o seu abastecimento de vitualhas e que estas, assim como as mercadorias necessárias, não podiam bastar também para a África; que era de recear o grande trabalho da contabilidade do Brasil e a confusão com os negócios da África; era mais longo o caminho e feito com rodeios, pois a navegação da Holanda para Angola fazia-se em viagem direta e quase no mesmo tempo que para o Brasil, ao passo que a navegação do Brasil para a África se realizava com voltas, maior demora e perigos aumentados. Nem poderiam os comestíveis, com esse desvio pelo Brasil, conservar-se em bom estado. Demais, havia mais vantagem em aportar-se primeiro a Angola, porque, desembarcando-se ali as mercadorias, se podiam receber nas mesmas naus os escravos exportados para o Brasil, donde voltariam para a Holanda carregadas de açúcar.

Razões pelas quais conviria sujeitarem-se ao governo do Brasil as possessões africanas

Opinião contrária dos diretores da Companhia

Não se limitou a estes sucessos a atividade de Nassau, mas, demorando-se o tratado das tréguas entre os Estados-Gerais e o rei de Portugal, inteiro ainda o direito e as causas da guerra, Jol, vencedor, dirigiu sua frota contra a ilha de São Tomé. Desembarcou primeiro onde se mostra o engenho de Santa Ana, a duas milhas da própria vila, o qual serviu na mesma noite de abrigo e poisada aos soldados ainda incólumes e bem dispostos.

Expedição de Jol contra a ilha de São Tomé. 11 DE OUTUBRO DE 1647

No dia seguinte, mandou-se que as naus ancorassem justamente debaixo da fortaleza e não praticassem nenhum ato hostil, a não ser provocadas antes pelo inimigo. Entretanto, este, jogando furiosamente a sua artilharia contra os holandeses e recebido por eles com igual furor belicoso, viu que se tratava de uma luta séria. Ou atingida pela artilharia adversa, ou por descuido dos seus, que guardaram mal a pólvora, incendiou-se a nau *Enkhuizen* e fez um triste noviciado de guerra, pois pereceu no mar ou no fogo grande parte da tripulação. Entretanto, desembarcadas na praia e em vão hostilizadas pelos negros aqui e acolá, marcharam tropas para o forte, abandonado de todos os soldados e guardas, mas de

temer por seis canhões, que o defendiam. Apoderando-se dele, chegaram a um forte maior, cujos muros se elevavam à altura de 28 pés. Daí recuaram os holandeses depois de renhida peleja, pois faltavam escadas de assalto.

Ficaram muitos feridos, os quais se levaram às pressas para as naus a fim de serem tratados. Avançando para a cidade, que chama Povoação, cidade da ilha de São Tomé, encontraram-na vazia de cidadãos, soldados, alfaias e trens domésticos, de sorte que nem havia adversários para os que desejassem pelejar, nem despojos para os ambiciosos possuir. Volveu então o almirante toda a sua atenção para o forte, e, levantada sem demora uma bateria, junto de uma capela vizinha, entrou a alvejá-lo e atacá-lo com balas de morteiros, as quais, caindo dentro dele, como parecia, produziram pouco dano. Havia perto outra fortaleza e, porque fizesse fogo contra os sitiantes, mandou-se o capitão La Valette acometê-la com 200 soldados. Julgando-se pouco proveitosa, arrasaram-na os nossos, depois de a tomarem, e transportaram para a cidade a artilharia. Colocando-se depois seis peças grossas na bateria recém-levantada, foi o primeiro forte compelido, dentro de poucos dias, a render-se, depois de receber 65 balas delas (terrível e exícial invento para as cidades), das quais vinte causaram o maior estrago e devastação. Saindo o governador com 80 soldados da guarnição, com brancos, negros e mestiços, levou consigo para Portugal, conforme pactuara na capitulação, 25 soldados do rei. Pelos vencedores foram encontradas na fortaleza 36 peças grossas, das quais 20 de bronze, quantidade de pólvora, morrões e balas suficientes para assédio mais longo. Mantimentos, porém, só os havia para um mês.

Senhor da cidade e da fortaleza, chamou, por meio de bando, os portugueses para a cidade e ordenou que estivessem presentes dentro de quatorze dias para com eles tratar segundo as mais eqüitativas condições. Vieram dois dos principais da nação portuguesa, que resgataram por 5.500 cruzados e 10.000 arrobas de açúcar o saque dos engenhos, pediram e obtiveram passaportes, e por bom alvitre foram despachados os que eram contrários à nova dominação e se mostravam queixosos contra os regedores batavos.

Quando os holandeses se aplicavam a restaurar a fortaleza, já sem recearem perigo por parte dos adversários, foram atacados, em consequência das más condições do clima e dos ares, de uma endemia familiar àquelas terras. Grassava o mal de maneira que os corpos por ele acometidos pareciam ter sido reservados não para o triunfo de Marte, mas da Morte. Os mais robustos arrastavam os membros lânguidos e os soldados, que pouco antes se esforçavam contra os muros e trincheiras, jazem agora imbeles e inválidos. Aqueles que haviam combatido em batalhões, enfermavam também em batalhões, e os que, havia pouco, eram conduzidos em fileiras para o campo da luta eram levados, mais ou menos nas mesmas fileiras, para a sepultura. A cidade, que

fora o teatro da vitória recente, tornara-se a lutuosa morada de Libitina.²⁸³ O quotidiano espetáculo dos agonizantes e dos mortos por toda a parte descoroçoava osãos. Reduziram-se as companhias a tal exigüidade que apenas dez ou doze em cada uma se julgavam de saúde perfeita. A malignidade do ar atacava sem distinção soldados e comandantes. Finaram-se exímios cabos de guerra e famosos militares entre os seus, a saber: Mastmacher, La Valette, Dammert, Clous, Tack, Teer, assim como o próprio chefe da expedição, o almirante Jol, que, durante o assédio da fortaleza, passara muitas noites sem dormir, dirigindo assiduamente as obras para apressar os aproches e minas. Foi sepultado com a possível pompa fúnebre e não com a que merecia. Seu corpo foi inumado na matriz da cidade, tornando-se ela morada de uma alma audaz. Não era ele homem para o aparato e as elegâncias áulicas, e sim para a singela pertinácia naquilo a que punha ombros e no extermínio dos espanhóis. Com o desejo da imortalidade enobrecia os dotes naturais, que eram nele desprimorados e incultos. E essa imortalidade esperava alcançá-la com infligir aos inimigos alguma assinalada calamidade. Sem ostentar nunca o fausto próprio dos generais, sem buscar regalos para si, servia-se da mesma comida e bebida que os outros marinheiros. Não somente participava-lhes de todas as fadigas, mas era sempre o primeiro em tomá-las, sendo o seu incentivador, e a tal ponto merecia a veneração de todos que os marujos desejavam com ardor fazer tudo com ele e por ele. Com o seu valor exaltou a sua origem humilde, atestando-o em muitos feitos de armas, sendo este sob o Equador o derradeiro. De tal forma a Providência lhe traçou o destino que tivesse de alcançar ali a sua última vitória e ali ficasse, naquela parte onde o Sol, olho do mundo e testemunha dos seus méritos, duas vezes por ano mostrasse, por igual, com os seus raios verticais, este triunfador ao hemisfério do norte e ao do sul. Não tiveram de lhe disputar o túmulo o setentrião e o meio-dia, porque, sepultado sob a linha equinocial, jaz a distância igual de um e de outro. Não expirou sem deixar em seu posto digno sucessor, Mateus Janson, que, na qualidade de vice-almirante da armada, capitaneara a nau denominada de *Leoa*.

Morreram diversos comandantes e o próprio almirante

Funerais e elogio fúnebre de Jol

Seu sucessor

Como este julgava que não pode haver cidade sem cidadãos, com grande humanidade e cortesia convidou os portugueses para o comércio e para restabelecerem as antigas negociações e, sem desluzir a sua dignidade de general, mostrou-se para os súditos ao mesmo tempo senhor e pai.

Raivando ainda a inclemência da endemia, quando mal restavam soldados para fazer a guarda e somente marinheiros bastantes para duas naus, escreveu-se ao Conde, pedindo-lhe remessa de soldados, mantimentos, um vinho estomacal mais forte, e bem assim petrechos bélicos e ferramentas. No caso contrário, tudo ficaria pior e seria de temer ali uma fortuna instável. Despachou-se também um iate para a ilha de Ano Bom, a fim de reclamar para

Ilha do Ano Bom

os novos dominadores de São Tomé as décimas que até então pagava o governador daquele lugar ao desta última ilha.

Todos quantos em São Tomé pereceram daquele mal eram atormentados sem remissão de uma dor de cabeça de enlouquecer, perturbando-se-lhes o Causas das doenças na ilha de São Tomé cérebro com o calor da febre. Alguns, queixando-se de cólicas, morreram em três ou quatro dias. Como sói acontecer nas cousas insólitas,²⁸⁴ cada um conjecturava uma causa diferente para a enfermidade. Os mais entendidos atribuíam-na à coabitação com as mulheres africanas, ou a refrescos tomados com o corpo muito quente, ou ao dormir no chão, ou ao excessivo uso do açúcar preto, ou ainda ao leite-de-coco, que provocava diarreia.

Além disso, fica a ilha de vez em quando coberta de vapores malignos e venenosos, devendo-se a gente, durante este tempo, conservar-se dentro de casa, o que os holandeses deixaram de fazer.

A veemência do calor mudara extraordinariamente o aspecto e o semblante dos portugueses. Diziam que para todos eles era a existência de breve duração não indo além de meio século, mas que ainda assim consideravam a cobiça do ganho preferível à vida, e por isso gostavam daquele reino de Morbônia,²⁸⁵ chegando muitos a tal opulência que não poucos empregavam duzentos ou trezentos escravos na fabricação do açúcar. Soubemos dos curiosos dos fatos que os reis de Portugal, há uns cem anos atrás, conhecida a fertilidade da ilha, para lá mandaram alguns colonos. Morrendo todos eles com a malignidade do clima, outros depois para lá foram, estabelecendo-se primeiro na Guiné, logo após em Angola e por fim na ilha de São Tomé, para irem assim aprendendo a suportar gradualmente a intempérie do clima. Soubemos também que o rei D. João, coagindo os judeus à fé cristã, vendeu como escravos os recalcitrantes e transportou para ali em grande número os filhos deles batizados. Destes procede a maioria dos habitantes atuais da ilha.

Colocados mesmo sob o Equador, contemplam nós dos equinócios, isto é, em março e em setembro, o sol no zênite, e tem a sombra ora para o norte e à direita, ora para o sul e à esquerda, e duas vezes por ano não tem sombra nenhuma ao meio-dia.

No princípio da primavera e no outono, isto é, em março e em setembro, temperam as chuvas o calor atmosférico; no fim da primavera e no estio, isto é em maio, junho, julho e agosto, moderam-no os ventos do ocidente e do sul. Ali não sopram os ventos do norte e do oriente, ou por causas ocultas, ou porque a África, fronteira à ilha, detém o curso desses ventos. Quando o sol, em dezembro, janeiro e fevereiro, atravessa o Capricórnio, o Aquário e os Peixes, aumenta o calor.

Os brancos que habitam a terra sentem cada oito dias uma febrícula, precedida de um calafrio, seguindo-se um calor que, durante cerca de duas horas, se espalha por todos os membros. Para remediar esse mal, tratam de san-

grar-se quatro vezes por ano. Os naturais gozam de boa saúde, mas quase sempre morrem os estrangeiros. Aqueles desconhecem a espécie de febre chamada pestilenta. Os negros chegam a um século e até o dobram, hospedeiros benignos de pulgas e piolhos, de que são imunes os brancos.

Deu-se à ilha o nome de São Tomé por terem-na desco- Porque se chama ilha de S. Tomé berto os portugueses na festa deste santo. No meio dela ergue-se um monte, coberto de muito arvoredo, e branqueja com perpétuas neves tão densas que das selvas manam águas para irrigar as canas-de-açúcar. O solo é viscoso, pegajoso e de cor avermelhada. Cria uma espécie de caranguejo verde-mar, que mora na terra a modo de toupeiras, subvertendo o chão, roendo e destruindo tudo em grande extensão.

Não longe de São Tomé, mais ou menos a três graus da Ilha do Príncipe e do Ano Bom linha equinocial, está a ilha de Príncipe, célebre pela produção do açúcar. Tirou o nome do fato de tocarem ao príncipe de Portugal os rendimentos dela. Existe outra ilha, a do Ano Bom, já mencionada, a igual distância. Nela aparecem os peixes-voadores.

Na ilha de São Tomé jaz a cidade Povoação,²⁸⁶ às margem de um ribeiro de águas limpidíssimas e gratíssimas de beber. É habitada por umas setecentas famílias. Tem um bispo e outros eclesiásticos. O solo se ergue em colinas e montes e é muito próprio para produzir cana-de-açúcar. A temperatura é muito moderada, mormente para holandeses, assim como o é também a de quase todo o litoral africano que se estende para o sul.

Não foi descabido o que depois Nassau escreveu aos Estados-Gerais, isto é, que aquela ilha dificilmente poderia ser defendida e habitada por soldados e colonos holandeses. Deveriam os Estados-Gerais fazer o mesmo que o rei da Espanha, o qual determinou fosse ela colônia de degredados e de galés. Os infames e condenados da Holanda poderiam viver ali com proveito maior para o bem público e morrer mais honradamente, em vez de envelhecerem ignominiosamente nos cárceres e masmorras da pátria. Por isso, o próprio Nassau desterrou posteriormente para lá criminosos condenados, escória das cidades.

Mencionei as causas da doença que grassava em São Tomé. Entretanto, quase todos asseveram que a falta de remédios era a causa de não se curar a mesma. Imputavam essa minguia aos diretores da Companhia, que, na falsa persuasão de que naquelas terras se encontravam os remédios para os seus próprios males, proibiram a remessa de medicamentos, deixando os doentes entregues a si e à inclemência do clima. Compadecido da sorte dos seus, o Conde não deixou de pedir por cartas alívio para os enfermos e o auxílio dos farmacêuticos. O mesmo fizeram os médicos e boticários de Pernambuco, dirigindo missivas aos diretores da Companhia para os moverem à comiseração.

Em 1600, foi ter à referida ilha de São Tomé uma frota holandesa de que era almirante Pedro van der Doess ou Verdues e vice-almirante Storm. Expedição de Doess contra a dita ilha de S. Tomé Morreram da dita doença com dezessete capitães de mar, e dos comandantes de terra sobreviveu só um. Havia para os nossos larga to-madia, mas também a morte, causada pelo ar infecto. Apesar de avisado da pestilência do clima, fora Van der Doess à ilha, levado pela cobiça de presa. Lá chegou em 26 de outubro e, postos em terra sete canhões, rendeu-se o primeiro forte, e fugiram os guardas do segundo. Como os cidadãos somente ofereceram 10.000 ducados para resgatarem os atos de violência, foi a cidade incendiada, e toda a presa transportada para as naus: umas mil caixas de açúcar, grande cópia de dentes de elefantes, estofos de seda e panos de lã, fora 21 canhões de bronze, entre os quais dois de extraordinária grandeza, pesando cada um 10.000 libras. Dentro de quatorze dias pereceram mil soldados com dores de cabeça e cólicas. Abertos por isso os cadáveres, achou-se no abdome uma gordura liquefeita com água. Finavam-se em três ou quatro dias. Depois de partir dali a frota, demandaram o Brasil seis navios para tentar fortuna. Os outros fizeram força de vela para a Holanda, onde, pela maior frialdade do clima, se multiplicaram tanto as doenças quanto as mortes. De uma só vez contaram-se 1.800 enfermos, os mais deles atacados de escorbuto, a ponto de se ter de afundar uma nau por falta de homens. Outra, indo para perto de Sluis,²⁸⁷ desgarrada pelo nevoeiro, caiu em poder do inimigo com a presa que levava.

Entrada de Elias Herckmann pelos desertos de Copaoba

Neste lugar passa a nossa admiração ao arrojo e valentia de Elias Herckmann, a quem me terei de referir várias vezes nesta história, não sem o louvor de homem valoroso e prudente.

Para provar à Companhia a sua fidelidade com uma façanha digna de memória, empreendeu, com o consenso e esperança de todos, uma entrada através de regiões ínvias e temerosas, no propósito de abrir caminho para si, onde pudesse, através de paragens ásperas e silvestres.

Enquanto outros franqueavam, com as armas e a guerra, estrada para o poderio de Holanda, esforçou-se ele, por diligente exploração das terras e estudos dos povos, para aumentar-lhe, pela sua atividade, o poder e a riqueza. A fortuna, porém, superior aos desígnios humanos, não consentiu a realização dos grandiosos cometimentos.

Por alvitre do Conde e do Supremo Conselho, partiu do Recife a 3 de setembro de 1641, e, depois de passar a noite em Iguaraçu, vila de Pernambuco, parou às margens do Gramane e do Mumbaba, porque, com as cheias, as águas transbordadas interceptavam o caminho. Marchando dali para a vila Frederica na Paraíba, depois de conversar com Paulo van Lingen sobre esta entrada e indagar sobre guias, sobre os caminhos acaso existentes, sobre currais de gado, providenciou machadinhas e foices roçadeiras, para desbastar os

3 DE SETEMBRO DE 1641



matos e carrascais que encontrasse, abastecimento de farinha, companheiros para a viagem, tanto brasileiros como soldados, calçados e botas para vencer os sítios pedregosos e escarpados. Proveu-se outrossim de remédios, principalmente da teriaga contra doenças que sobrevêm aos jornadeantes. Conversou-se também sobre essas cousas com Manuel Rodrigues, alcaide da Paraíba, o qual, em 1625 e sob os auspícios do governador Gregório Lopes, percorreu o sertão durante cinco meses, fazendo 150 léguas desde os confins do Rio Grande, com mantimento para um trimestre. O resto do tempo alimentou-se de cobras, ratos-do-mato e mel silvestre. Informava Rodrigues que a viagem podia fazer-se a pé e não a cavalo, por causa dos precipícios dos montes, e que o solo, inteiramente seco e tórrido, matava de sede o caminheiro. Em partes remotíssimas, encontrava-se um rio largo, que segundo conjecturava, ia desaguar no São Francisco, porque se dobrava para o sul. Nas campinas achavam-se poços de só um pé de diâmetro e de uma braça de profundidade, os quais eram cercados de moitas e arbustos e brotavam sempre águas doces e frescas. Tinha ele transposto montes, onde os pés, batendo no chão davam um tinido como se embaixo houvesse minas. Dois da comitiva tinham morrido de sede durante a jornada. Penetrara cerca de 60 léguas em Copaoba, mas fora obrigado a voltar por mingua de alimentos. Estava, porém, convencido de se poder ir mais além, margeando o Mamanguape.²⁸⁸

Colhidas estas informações, providenciadas todas as cousas necessárias para a viagem – soldados, índios, mantimentos, petrechos bélicos que bastassem para uma derrota sem estorvos partiram Herckmann e sua comitiva da vila Frederica no Paraíba em demanda da povoação do Tiberi e daí ao rio Tenhaha.²⁸⁹ Chegaram a engenhos, cujos senhores eram ora hospitaleiros, afáveis, ora esquivos e rabugentos. Depois foram ter a Pacatiba,²⁹⁰ onde existem as criações de gado e os canaviais de Ventura Mendes. Atravessando aí um ribeiro, viram no seu caminho paletas e areias fulgentes quais as do ouro, pois são atentos os desejos e vigilantes os olhos da pobreza. Cavando logo a terra com extraordinária alegria até a profundidade de um pé, encontraram também ali misturadas areias e paletas brilhando como as auríferas. Lançadas ao fogo inflamaram-se como o vidro moscovítico chamado talco.

Contando-se então o pessoal da comitiva, achavam-se quarenta soldados e trinta e seis índios. Tinham ficado para trás, ou por cansaço da caminhada, ou por fraqueza do corpo, treze militares e vinte e quatro índios. Haviam-se agregado ao bando três ou quatro voluntários, que iam desligados de qualquer obediência atraídos só pelo desejo de viajar e pela novidade das terras. Seguiam algumas índias para cuidarem dos maridos e para servirem de vivandeiras e criadas dos soldados. As bagagens eram transportadas em sete carros de aluguel.

Acamparam com esse rancho ao meio-dia junto ao rio Guarataí,²⁹¹ onde se viam os vestígios e as ruínas de uma aldeia destruída. Sobre a tarde, per-

noitou-se na povoação Tamoatamer. Matou-se uma vaca para ceia dos soldados e um novilho para a do chefe da expedição. Este dormiu dentro de casa e aqueles ao ar livre. Refeitos todos, até os animais, prosseguiram a jornada, ora por campinas e planícies, ora através de brenhas e bosques, transpondo torrentes e regatos secos, os quais prometiam claramente que adiante faltaria aos viajantes água para beber. Viram-se aí, perto do rio Poesapaíba,²⁹² árvores grandes e barrigudas como pipas, finas embaixo, junto à raiz, e em cima onde se espalham em forma de coroa,²⁹³ e com o seu estranho aspecto detinham elas os holandeses. Passava de meio-dia, quando pararam no curral de Duarte Gomes da Silveira, às margens do Mamanguape. Como não houvesse caminho de lado nenhum por causa dos arvoredos e dos arbustos muito densos, indo à frente roçadores, abriram ativamente passagem para si com machadinhas e foices, a fim de que o trabalho e a diligência conduzissem aonde a natureza não permitia. Chegaram depois a uma serra, onde Herckmann, reconfortando a todos das fadigas com uma ceia assaz farta, conciliava os ânimos em seu favor com qualquer liberalidade que fosse. No dia seguinte, continuaram não menos ardorosamente a romper através de bosques e ermos, queixando-se os carreiros de ser levados mais longe. Acalentada com promessas, serenou-lhes a impaciência, até que vencidos, numa extensão de légua e meia, os mantos e brenhas, saltaram o rio Carambi²⁹⁴ e ganharam as planícies de onde se podia avistar a serra de Copaoba. Entretanto, a conselho dos índios, deram pequena volta por causa dos precipícios e acharam um trilho bom para as cavalgadas e carros.

Por ele foram guiados de novo a uma brenha, onde os índios descobriram abundante mel no oco das árvores. Percorrendo esse trilho, alcançaram o rio Cibambi,²⁹⁵ envolvidos numa rara e gratíssima fragrância de arbustos, que fazia parar os caminheiros. Seguindo daí e mandados à frente roçadores, atingiram uma lagoa e depois a planície de Araruquéia,²⁹⁶ que ardia toda, por estarem as urzes em chamas. Suspeitou-se que os índios houvessem ateado a queimada para aterrar os holandeses. Foi ela abafada e extinta com ramos e folhagem para que os animais de carga, assustados com a novidade do espetáculo, não arreben-tassem as rédeas e disparassem. Por causa deste sucesso, denominaram aquele sítio o “lugar do incêndio”. Toparam novas matas e logo se lhes ofereceu o grande rio Araçaí.²⁹⁷ Por troncos de árvores esparsos e cortados aqui e ali, notou-se que os portugueses já tinham passado por lá em demanda de Copaoba. Aí se demoraram um dia inteiro, enquanto os índios rasgavam caminho na espessura das brenhas. Ali se observaram surdindo da terra umas varas lenhosas e umas cepas, umas rastejantes e outras enlaçadas com as árvores vizinhas. Curvando-se para o chão, de novo se erguiam onde se tinham encurvado, parecendo não um ramo que se levantava outra vez, mas outra árvore, nascida da mesma raiz. Talhadas, manavam um líquido avermelhado, que logo coagulava numa substância viscosa e glutinosa. Diziam os bárbaros que serviam para sarar feridas.

Moveu-se daí o bando através de canaviais bravos e chegou ao sopé de um monte. Tinha surgido o fundado receio de que os incendiassem os habitantes da montanha, pois a ninguém seria possível escapar dos danos do furor das chamas. Apareceram em seguida os despenhadeiros dos montes e os trechos impérvios para as cavalgadas. Aí foram os carreiros dispensados de prosseguir, despachando-se para o Conde um mensageiro que lhe relatasse o caminho até ali feito.

Estando cansados, estendem o corpo por toda a parte, e, refeitos com módica ração de farinha, galgam o cume da montanha, deixando à raiz dela os inválidos e os incapazes de seguir, a quem se mandou que voltassem para junto dos seus na Paraíba.

No cimo da serra, o brasão da Companhia, gravado numa coluna, trouxe aos bárbaros do Novo Mundo a memória dela a exemplo do que fizeram Alexandre Magno e outros. O nome daquela serra era polissílabo e tremendo *Irupari-bakái*, isto é: “*Aqui o Diabo olhou para trás.*” Entre os índios surgiu em verdade a lenda de que, havendo o Diabo subido àqueles cumes, como que atônito com a novidade da grande altura, olhara para trás.

Incumbindo aí alguns soldados e brasileiros de cuidar da comida, animou-se Herckmann a ir mais longe. Dissuadiram-no, todavia, as matas que a cada passo se encontravam pelo caminho e a grande fadiga de vencer em toda a parte os montes. Quanto mais se elevavam, tanto mais bravios e ínvios eram os sítios que os recebiam. Diante disso, resolveu-se perlustrar o norte e as campinas por onde costumam os tapuias seguir do sertão para a província do Rio Grande. Assim, evitados os pendores das montanhas, marcharam através de lugares mais chãos, onde viram duas pedras de moinho, perfeitamente redondas e de estupendo tamanho. Mediam 16 pés de diâmetro, mas era-lhes tão considerável a espessura que apenas a metade da pedra podia ser atingida pelas pontas dos dedos de um homem em pé no chão. Estava uma sobre a outra, a maior em cima da menor. Do centro surgia, num espetáculo admirável, um pé de caraguatá. Na grande ignorância destas cousas, não me será fácil dizer com que fim as teriam ali amontoado os bárbaros.

Indo ter à aldeia onde habitaram os índios potiguaras, fugitivos da baía da Traição por temerem a tirania dos portugueses, rasgaram-se para os expediçõários vales amenos e abundantes de águas saudáveis. Os indígenas, companheiros desta expedição, diziam ser ali o seu torrão natal, donde haviam sido atraídos e levados para o litoral pelos portugueses, que arreceavam de vizinhos poderosos. Cativados, por isso, com a doçura do solo pátrio, como os outros mortais, pediam demora mais longa. Herckmann, porém, insofrido de qualquer detença, apertava com os vagarosos e, exortando-os a partirem, mandou abrir passagem nas brenhas. Cortaram os caminhantes por lodaçais que, às vezes, lhes davam pelos joelhos. Saindo destes, forcejaram para galgar, com as mãos e os pés, um

monte: agarravam-se às pedras salientes e firmavam-se nas de baixo como em degraus. Consumido um dia entre o medo e a fadiga e superada a montanha, todos, cansados da marcha contínua, estiraram-se por toda a parte e, junto de um arroio de águas doces e copiosas, jazeram naquelas paragens ínvias a fim de repousarem. De manhã, proveram-se de comida para alguns dias e tiveram de subir e descer uma longa série de montes.

Viram outra vez pedras de desmesurada grandeza, amontoadas pela mão do homem, quais possui também na Holanda a região de Drent, para onde não se crê tenham podido ser carregadas nem transportadas por força humana por causa do seu volume. As tais pedras pareciam-se na forma com altares.

Chegaram depois à aldeia Guirarembuca, antiga habitação de índios, onde se observaram vestígios humanos. Avançando até o rio Tambaariri,²⁹⁸ deram-lhe nova denominação – *Rio do Almíscar*, por causa do cheiro forte dos crocodilos e cobras, semelhante ao aroma do almíscar. Notou-se ali a mudança de aspecto do solo e da paisagem: o que até então aparecera areento, escuro, negro, mostrava-se agora amarelo, gleboso, feraz, e por toda a parte vicejavam ervas bravas por falta de cultura. Toparam logo limpidíssima torrente, a qual, por abastecer de água os portugueses que ali guerreavam outrora, se chamava Capiiragua-ba,²⁹⁹ isto é, *torrente da aguada dos cavalos*. No vale, contemplavam todos atentamente dois rochedos elevados como torres redondas. Um deles, separado do monte, podia ser contornado; o outro, meio inserido e apoiado na montanha, lembrava o aspecto daquela obra que se vê em Leide, no meio da cidade e à margem do Reno, construída pelos antigos saxões sob o comando de Engisto. Aqueles rochedos, porém, pareciam obra da natureza e não da arte.

Em seguida, subiram os expedicionários uma serra, a mais alta de quantas superaram, donde divisavam as demais. Mas, ao longe, uma névoa densa e escura tolhia a vista. Diziam os índios ter sido ali a vila Ararembé,³⁰⁰ forte e populosa. Invejando o comércio com os franceses, tomaram-na os portugueses, comandados por Duarte Gomes da Silveira. Morreram diversos índios na guerra, e foram muitos levados para a beira-mar. O próprio chefe do lugar foi remetido ao rei da Espanha, onde morreu exilado, longe das suas selvas. Naquele mesmo bando conduzido por Herckmann, havia dois filhos do dito chefe, que figuravam entre os principais de Masurepe e Gargaú.³⁰¹

Chegados ali, os índios, aterrados com as dificuldades do caminho, enchiam aos companheiros com igual temor, instigavam-nos secretamente a não prosseguir e asseveravam que nunca tinham visto os caminhos para adiante. Aconselharam por isso a volta, queixando-se de recear falta de água, fosse quanta fosse a farinha que restasse. Alastravam-se como um contágio as murmurações entre os soldados, os quais, assim pela sua volubilidade como pelo cansaço da viagem, davam mostras do seu azedume de ânimo com invectivas e palavras áspe-

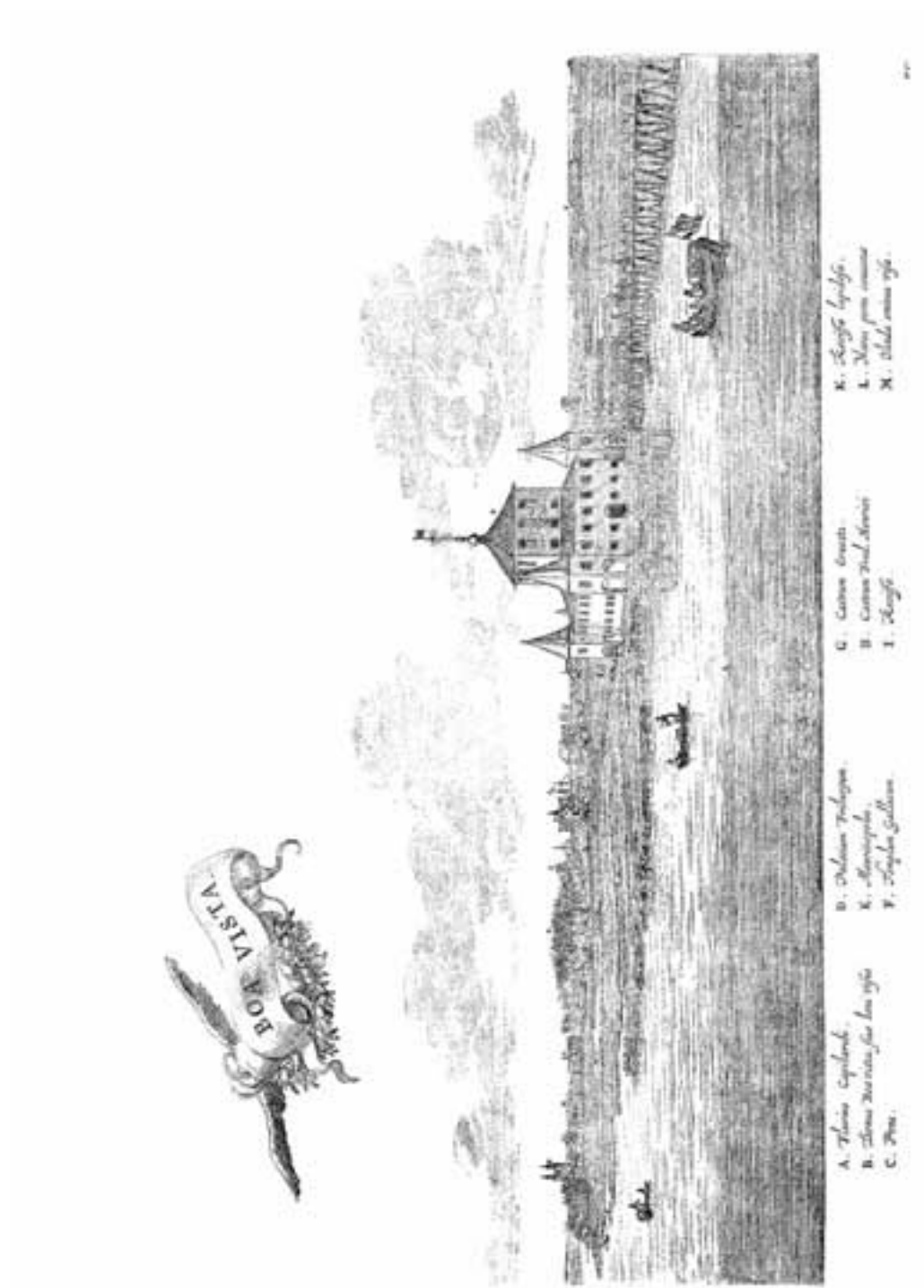
ras, dizendo que estavam sendo conduzidas para onde a natureza negava caminho, através da espessura das selvas, dos precipícios das montanhas, dos rodeios das vias, sem nenhuma esperança de glória nem de lucro.

O chefe, porém, mais animoso, respondia-lhes *que estavam no início da viagem e que vencidos tantos incômodos, esperava fruto próximo; que a derrota até ali feita por ele tinha mais fama e trabalho do que proveito; que os brasileiros lhes mostravam aqueles transtornos para interromperem a expedição por preguiça, que eram exageradas as coisas por eles espalhadas; que por medo, nada se devia omitir ou largar sem experimentar. Lembrassem-se que eram batavos e neerlandeses, os quais não se perturbam com facilidade. Guardassem entre os estrangeiros a fama da antiga valentia, prosseguindo para onde os fados os conduzissem. Acompanhassem-no como a um chefe que, participando da mesma sorte que a deles, se contentaria para alimentar-se com um punhado de farinha e um bocado de toucinho. O gosto e o prazer da caça, dizia ele, arrasta os homens através de neves e geadas, de montes e florestas. Não teremos nós, para as coisas necessárias aquela mesma paciência que os prazeres e os divertimentos aconselham? Trago entre as minhas instruções (mostrou os papéis e os interpretou em português) a ordem de explorar cuidadosamente as terras e os desertos de Copaoba e de examinar a natureza e produções do solo. Não se empreendera aquela entrada para os índios visitarem as suas antigas aldeias e reverem, para regalo do ânimo, o torrão natal. Se desconbecessem os caminhos descobri-los-ia ele, guiado pela fortuna e pela inteligência. Tinha na mão a bússola, cujas indicações são certas. Não desesperava de ter que beber, pois é sabidíssimo que os montes têm seus vales e os vales água. Era diminuta a tarefa de romper o mato, pois já não se teria de abrir passagem para os carros, mas para pedestres. Buscassem esta glória: terem os mais deles encontrado, através daqueles alcantis, morte gloriosa apesar de improfícua. Auxiliassem a diligência e energia do seu chefe com obediência e disciplina. Portanto, se aos espíritos obstinados, era fácil voltar, não daria ele ao Conde e ao Conselho outra causa do intempestivo regresso senão a inércia, o temor e a rebeldia.*

Verberados por essas e semelhantes palavras, significaram que não desatenderiam às ordens e que estavam prontos para tudo arrostarem, com tal que se lhes fornecessem machadinhas, foices e outros instrumentos.

Já se aproximava o dia, quando, após aquela objurgação, o chefe, confiante e esperançoso, manda todos preparar-se, animando-os a prosseguir. A avidez tanto de glória como de lucro não deixava nada parecer ínvio, estorvado, distante. Mandaram-se alguns buscar os comestíveis, que se tinham deixado para trás. Os outros da bandeira construíram apressadamente barracas para si no sítio onde haviam acampado. Foram recambiados para a Paraíba dez, de cuja insolência de palavras e gênio turbulento se tinha que recluir.

Houve então a primeira caça de um animal bravio chamado pelos índios tatu e por nós armadilha. Mais atrás fiz menção dele. Descreve-o minuciosamente Francisco Ximenes. É, diz ele, animal extraordinário, do tamanho de um cãozinho de Malta, mas de cauda maior, com as patas



como as do ouriço: as dianteiras com quatro dedos e as traseiras com cinco. O focinho tem o mesmo feitio, porém é mais comprido e mais fino. As orelhas são cartilaginosas e sem pêlos. Apresenta o corpo inteiro, menos no ventre, e em redor do pescoço, coberto de escamas, como as de um cavalo revestido de armadura. Elas se reúnem por meio de certos tendões, de modo que ele se pode mover facilmente em todas as partes. Essas escamas são inteiramente ósseas. Pulverizadas e bebidas no peso de uma dracma num cozimento de salva, provocam o suor e são um remédio singular contra o contágio venéreo. Por outro lado, o penúltimo ossículo da cauda, no ponto onde ela se liga ao corpo, reduzido a pó finíssimo e transformado em pílulas com vinagre rosado e posto sobre os ouvidos, tira como por milagre a surdez proveniente de uma coisa quente. Também as escamas, trituradas e amassadas com água, tiram espinhos de qualquer parte do corpo.

Não tiveram os expedicionários outro dia de chuva senão este, e o frio noturno foi agudo como o da Holanda naquela quadra. Ficaram de vela para caçar coelhos, mas nenhum foi apanhado. Ali de novo se levantou o brasão da Companhia para contemplação e maravilha da posteridade. Dirigiu-se a derrota para o sudoeste, segundo a situação das serras. Atravessaram torrentes, viram lagoas, campos, matas, canaviais bravos, pedras de rara grandeza, as quais se diriam outras Pirâmides, outros Mausoléus, sendo de tal feitio que se juraria serem fabricadas pela mão do homem. Tão lenta foi a jornada que apenas fizeram duas ou três léguas por dia. Eram às vezes de tal maneira talhados os penhascos que dificilmente se podiam ver do alto sem causarem vertigem ao mesmo tempo aos olhos e ao espírito. De onde em onde, eram tão opacas as florestas, pela densidade do arvoredo e dos ramos entrelaçados, que mal se via o céu. Os jornadeantes caminhavam de dia num trilho incerto como durante marcha noturna, porque, assim como parecem escuras as cousas mais distantes, assim também afiguram-se negras, com a fronde assaz espessa das árvores, as cousas mais próximas.

Encontravam-se dois auxílios nestas dificuldades: a perícia dos índios para descobrir os caminhos e o trabalho de abri-los.

Depois chegaram a uma aldeia de tapuias e nada encontraram além de umas choçazinhas arruinadas, quais costumam levantar, cobertas de folhas verdes chamadas carauatá. Continham singelas alfaias, assaz módicas para o uso de gente pobre. Havia uns vasos a que chamam cabaças e umas panelas de barro, das quais se utilizavam esses nossos andarilhos para cozer as carnes, que assam em espetos de pau. Acharam-se ainda chapéus, calçados, bandoleiras, instrumentos de pesca, arcos, setas, chocalhos, guizos, objetos de jogo, mas tudo estragado e bolorento. Tais cousas, que se consideravam abandonadas, faziam acreditar terem os índios partido e fugido tumultuariamente. Era mais crível ter sido aquilo um aldeamento, não de tapuias, mas de tapivis³⁰² ou de negros, habitantes do mato, conforme indicavam os chapéus e calçados.

Enfim, logo que chegaram às moradas dos tapuias, pararam e, receosos deles, fortificaram o acampamento com árvores cortadas e postas diante do mesmo, ficando fechados contra os assaltos como por uma estacada. Continuando a viagem, acharam águas vermelhas, turvas e de sabor desagradável, logo nenhuma e depois salgadas como as do mar.

Sendo a soldadesca inclinada a queixar-se, surgiu outra divergência com o chefe. Ele, firme no seu propósito, intimou-lhes que fossem aonde ia à frente, e de novo exortou-os ou a morrerem ou a escaparem com a mesma sorte que ele. Perseverassem ainda alguns dias com igual sustento, e seguissem-lhe antes o exemplo do que as ordens. Ouviram-no, porém, murmurando e mostrando que a obediência era forçada e extorquida parte pela vergonha, parte pelo medo.

Continuando a jornada, atravessaram rios e depois montes e campinas, indo ter outra vez a paragens silvestres, em descidas e subidas, em linha reta ou sinuosa, ora para o sul, ora para o ocidente. Aí de novo falaram alguns soldados em voltar e pediram ao chefe que os deixasse partir, o que lhes foi negado. Observadas de cima de um monte as campinas circunja- Retorna Herckmann centes, avistou-se a serra de Copaoba, mas distante nove ou dez léguas. E como estivessem todos mortos de sede e prontos para regressar, vendo-se Herckmann no meio de uma multidão discorde, de línguas maléficas, com todos já inconversáveis, receou o descomedimento e audácia de uma turba demandada e julgou não se devia demorar mais tempo. Consentiu, portanto, no retorno, único meio de atalhar os males iminentes. O monte de onde voltaram se ficou chamando o Monte do Retorno.³⁰³ Quando regressavam, observaram que no rio Araçaí se erguiam árvores desde o fundo sobre a tona da água, em cujas franças aderiam algas e musgos. Daí inferiram, por um raciocínio lógico, crescer o rio até aquela altura.

Durante a viagem toda, houve fartura de ratos, arganazes e cobras, mas nada de cabras ou da espécie suína. Apanharam-se apenas três ou quatro armadilhos. Durante esses dias, não se viram aves pelo ar.

Transpostas de novo as serras por onde tinham ido, pararam no lugar em que tinham ficado os carros, cavalgaduras e mantimentos. Dirigiu-se então a derrota para o norte e para o sertão do Brasil, com o fito de explorar não só o aspecto daquelas regiões, mas também as suas produções. Temia-se em todo caso que a improficuidade da empreendida viagem servisse de ludíbrio para malévolos e invejosos.

Varou-se através de sítios montuosos e inóspitos até alcançar-se a confluência dos rios Araçaí e Maracujá,³⁰⁴ através de canaviais bravos e juncais, onde se viram árvores de canafístula e um rio tão cheio de meandros e curvas que teve de se passar sete vezes.³⁰⁵

Houve lugar onde se arremessaram com ávida diligência à raiz de certa serra, porque tinham visto uns fragmentos de pedra, e, julgando fossem minérios, examinaram cuidadosamente se pelo brilho prometiam ouro ou prata. Mas ainda ali as pedras enganaram-lhes a expectativa. Houve sítio onde, deitando fogo a uma árvore, saltaram do tronco semi-adusto duas cobras, que, cortadas a espada, se imolaram a Vulcano.

Como, porém, depois de palmilhados tantos vales e superadas tantas serras, aparecesse a mesma paisagem, sem haver esperanças de proveito, deu-se o sinal de partida, e volveram ao lugar onde estavam os comestíveis.

Determinou esta digressão de Herckmann para o norte a notícia de existirem ali minas de prata, às quais tinham ido em vão, no ano de 1637, alguns holandeses, coagidos a voltarem por falta de provisões de boca. A maioria, porém, acreditava que se apregoavam fantasias e esperanças de riquezas com o intuito de enganar os nossos, induzindo-os a empreender, por insaciável cobiça, viagens longuíssimas e temerárias.

Recolhidas todas as bagagens, regressaram para o Brasil, perlustrando caminhos novos e também ínvios, onde as serras e os plainos apareciam a cada passo salpicados de lâminas vítreas faiscantes aos raios do sol. Acreditaram serem aqueles os montes de cristal, dos quais fizeram menção os escritores, apesar de os brasileiros desconhecerem o cristal. Quanto a mim, por se transcreverem mais cousas do que as que se crêem, nem desejo afirmar o de que duvido, nem omitir o que li.

Após uma caminhada de alguns dias, chegaram aos currais e aos engenhos e fazendas dos portugueses, já conhecidas.

Quando vinham de volta, encontraram um rancho de sertanejos ou habitantes dos desertos, que, alvoroçados com a chegada dos nossos, se haviam retirado, mas agora, vendo-os ir-se embora, preparavam-se para tornarem ao sertão.

Após uma peregrinação de dois meses, desde 3 de setembro até 4 de novembro, entraram no Recife e em Maurícia, carregados de incômodos e vazios de dinheiro.

Quem ler isto refletirá por certo que tudo fizeram a Companhia, Nassau e o Supremo Conselho para promoverem o bem público. Buscaram-se lucros guerreando, comerciando, explorando terras. Nem as selvas, nem os penhascos, nem os rios, nem os mares obstaram à sofreguidão do ganho. Tão veemente é a estima votada ao dinheiro que ela ousa e realiza coisas extraordinárias e incríveis, quer investigando lucros latentes, quer devorando os manifestos. Entretanto, não dão completa felicidade as vantagens encontradas, e é digna da maior compaixão essa avidez de procurá-las.

pugnado pelas nossas armas o Maranhão. Aconselharam a expedição os diretores da Companhia, em carta ao Conde, datada de 28 de março de 1640.

Fundava-se a empresa nas seguintes razões: dilatar-se-iam com ela as possessões da Companhia, reforçando-se e garantindo-se as conquistas anteriores; conciliar-se-iam, em mais amplo espaço, o auxílio e o ânimo dos índios, e muitas das suas nações se adaptariam aos costumes holandeses. Além disso, criar-se-iam grandes desvantagens ao comércio dos portugueses, tornando-se tal a situação, que nada mais se teria para recear, depois de havermos submetido aquelas costas, senão ataques marítimos dos espanhóis. Demais era o Maranhão vantajoso para se infestarem as ilhas do Mar Setentrional, Espanhola, Cuba, Jamaica, Porto Rico e as costas do continente ocidental; para ali eram convidados os holandeses pela salubridade do clima, pela uberdade do solo em produzir açúcar, algodão, gengibre e tabaco, pelo comércio do sal e pela esperança de minas.

Comandavam a expedição Lichthart e Koin, sucessor de Artichofski, afamados por longo exercício da milícia. Partindo do porto de Pernambuco a 30 de outubro de 1641 com oito naus grandes e seis pequenas, pararam nas proximidades da foz do Maranhão, ansiosos por causa dos alfaques e baixios, infestos aos que pretendem entrar o porto. Por isso, evitando expor todos os navios ao mesmo risco, mandaram alguns adiante para procurarem acesso mais seguro. Navegaram eles prosperamente e em curso direto para o braço ocidental do rio, e, passando ante a fortaleza inimiga, que atirava ferozmente contra eles, lançaram ferro mesmo diante da cidade de São Luís. Koin, saltando na ilha e desembarcando as tropas, aproximou-se do forte para investi-lo. Vieram-lhe ao encontro dois emissários do governador da fortaleza, um civil e o outro eclesiástico, que perguntaram a Koin se ele tinha intenção de pactuar. Anuiu Koin, julgando humano não tentar pelas armas o que se poderia conseguir pela brandura. Concedendo a todos garantia de vida e de bens, penetrou no forte, desarmou os soldados da guarnição, encontrados em número de 330, e, com equitativas condições militares, fê-lo da sua jurisdição. Nada se contratou sobre a administração do culto. Conseguiram facilmente que se permitisse aos soldados permanecer ali até que por outra forma resolvessem o Conde e o Conselho do Brasil. Acharam-se lá 45 peças grossas, bastante pólvora e também vinho para as necessidades do vencedor. Só havia seis engenhos aproveitáveis, por estarem ainda inacabados os outros. Na terra firme existiam alguns em Itapicuru. Os moradores deste lugar, prometendo fidelidade à Companhia e passando-lhe à jurisdição, abriram o seu forte ao capitão Schadde. Depois bandearam-se conosco os de Tapuitapera³⁰⁶ e os de três aldeias na ilha do Maranhão.

Era insignificante ou quase nulo o valor das nauzinhas que ali encontramos.

Razões da expedição

Comandam a expedição Lichthart e Koin, militares veteranos e ilustres

30 DE OUTUBRO DE 1641

Koin toma posse do forte